

## **Metrô 2034 – Dmitry Glukhovsky**

### **Prólogo**

É o ano 2034. O mundo encontra-se em ruínas. A humanidade está quase aniquilada. A radiação tornou as cidades destruídas inabitáveis. Além de suas fronteiras, alguns dizem, desolações queimadas intermináveis e florestas mutantes impenetráveis estendem-se eternamente.

Mas ninguém sabe exatamente o que existe além. A civilização desvanece-se. E as memórias do passado grandioso do homem lentamente recuam para contos de fadas e lendas.

Passaram-se mais de vinte anos desde que o último avião funcionou. Trilhos enferrujados dos trens levam a lugar nenhum. E, quando o operador do rádio escuta pela milionésima vez as frequências onde um dia Nova Iorque, Paris, Tóquio e Buenos Aires transmitiram, ouve nada além de um chiado solitário.

Passaram-se vinte anos desde então. Mas a humanidade já havia deixado seu reinado sobre a terra para outras espécies.

Criaturas da radiação, que são de longe muito melhor adaptadas à vida neste novo mundo.

A era do homem havia acabado.

Mas os sobreviventes não queriam admitir aquilo. Uma dezena de milhares resistiam, e eles não sabiam se exceto por eles alguém ainda estava vivo – ou se eles eram os últimos no mundo.

Eles habitam o metrô de Moscou, o maior abrigo atômico já construído por mãos humanas.

O último santuário da humanidade.

Quase todos os sobreviventes estavam no metrô naquele dia. E isto salvou suas vidas. Os seguros portões herméticos das estações os protegem contra a radiação e as

## **Metrô 2034 – Dmitry Glukhovskiy**

### **Prólogo**

É o ano 2034. O mundo encontra-se em ruínas. A humanidade está quase aniquilada. A radiação tornou as cidades destruídas inabitáveis. Além de suas fronteiras, alguns dizem, desolações queimadas intermináveis e florestas mutantes impenetráveis estendem-se eternamente.

Mas ninguém sabe exatamente o que existe além. A civilização desvanece-se. E as memórias do passado grandioso do homem lentamente recuam para contos de fadas e lendas.

Passaram-se mais de vinte anos desde que o último avião funcionou. Trilhos enferrujados dos trens levam a lugar nenhum. E, quando o operador do rádio escuta pela milionésima vez as frequências onde um dia Nova Iorque, Paris, Tóquio e Buenos

Aires transmitiram, ouve nada além de um chiado solitário.

Passaram-se vinte anos desde então. Mas a humanidade já havia deixado seu reinado sobre a terra para outras espécies.

Criaturas da radiação, que são de longe muito melhor adaptadas à vida neste novo mundo.

A era do homem havia acabado.

Mas os sobreviventes não queriam admitir aquilo. Uma dezena de milhares resistiam, e eles não sabiam se exceto por eles alguém ainda estava vivo – ou se eles

eram os últimos no mundo.

Eles habitam o metrô de Moscou, o maior abrigo atômico já construído por mãos humanas.

O último santuário da humanidade.

Quase todos os sobreviventes estavam no metrô naquele dia. E isto salvou suas vidas. Os seguros portões herméticos das estações os protegem contra a radiação e as

terríveis criaturas da superfície. Velhos filtros purificam o ar e a água. Amadores engenhosos construíram máquinas a dínamo para gerar eletricidade.

Nas fazendas subterrâneas, os humanos cultivam cogumelos e criam porcos. Os pobres não temem o sabor da carne dos ratos.

Não existe mais uma administração central. As estações transformaram-se em pequenos estados, onde os homens unem-se pela ideologia, religião e filtros de água.

Ou apenas unem-se contra ataques inimigos.

Em um mundo sem amanhã, sonhos, planos, esperanças – não há mais espaço para tudo isso. Sentimentos deram espaço aos instintos e ao mais importante de tudo –

sobreviver. A qualquer custo.

## **1 – A defesa de Sevastopolskaya**

Eles não voltaram, nem na terça-feira, nem na quarta-feira e nem na quinta-feira

– a última data estipulada. Os guardas do posto exterior estavam continuamente alertas,

e se eles somente tivessem ouvido o débil eco de um pedido de socorro ou visto o fraco

reflexo de uma lanterna nas paredes do túnel úmido e escuro, ali onde fica a Nakhimovsky Prospekt, eles teriam enviado uma equipe ofensiva imediatamente. A tensão crescia a cada hora. Os guardas – soldados perfeitamente armados e especialmente treinados para missões como aquela – não fecharam os olhos um segundo sequer. O baralho de cartas, com o qual eles matavam o tempo durante as

missões, juntava poeira de dois dias na gaveta do posto. As conversas casuais deram

espaço a curtas conversas nervosas, e agora o silêncio fatal reinava.

Cada um esperava ser o primeiro a ouvir os passos ecoantes da caravana retornando. Muita coisa dependia disso.

Todos os habitantes da Sevastopolskaya, fosse um menino de cinco anos ou um homem idoso, sabiam como manejar armas. Eles haviam transformado sua estação em

uma fortaleza impenetrável.

Mesmo que eles tivessem barricado a si mesmos atrás de suportes de metralhadoras, arame farpado, até mesmo ouriços checos feitos dos trilhos, esta fortaleza impenetrável ameaçava cair em um piscar de olhos. Seu calcanhar de Aquiles

era a escassez de munição.

Tivessem os habitantes das outras estações experimentado o que a

Sevastopolskaya suportava numa base diária, eles não teriam desperdiçado qualquer

pensamento sobre defender a si mesmos, mas teriam fugido como ratos num túnel

alagado. Até mesmo a poderosa Hanza, a federação das estações na linha do

anel, não

ordenariam forças adicionais em caso de uma emergência – devido aos custos.

Certamente, a importância estratégica da Sevastopolskaya era enorme. Mas o preço era

muito alto.

Assim como o preço pela eletricidade. Tão alto que os habitantes da

Sevastopolskaya, que criaram uma das maiores estações de energia hidrelétrica do

metrô, eram abastecidos pela Hanza com munições, e algumas vezes eram capazes de

obter um lucro. Muitos deles não recebiam simplesmente balas, mas uma vida aleijada

e curta.

A água subterrânea era uma bênção e uma maldição para a Sevastopolskaya.

Como as águas do rio Estige, fluuando ao redor do barco apodrecido de Caronte, era

a estação cercada pelas águas. A água subterrânea proporcionava, à um terço da linha

anel, luz e aquecimento, pois colocava as pás de dezenas de moinhos aquáticos em

movimento. Estes foram criados por engenheiros talentosos da estação, usando seus

próprios planos em túneis, cavernas, rachaduras subaquáticas, ou em qualquer lugar

que um pudesse ser construído.

Ao mesmo tempo, as águas corroíam incessantemente os pilares, gradualmente cedendo o cimento das rachaduras, passando bem próximas atrás das paredes da

estação, como se tentassem embalar o sono dos habitantes. A água subterrânea havia

impedido que eles explodissem partes desnecessárias dos túneis.

E exatamente por estes túneis, hordas de criaturas apavorantes moviam-se em direção à Sevastopolskaya, como uma interminável centopeia venenosa, rastejando

dentro de um túnel.

Os moradores da estação sentiam-se como a tripulação de um navio fantasma em seu curso pelo inferno. Eles estavam condenados a tapar os buracos constantemente, pois a fragata continuava vazando há bastante tempo. E um porto,

onde pudessem encontrar proteção e silêncio, não estava à vista.

Ao mesmo tempo, precisavam rechaçar um ataque após outro, porque pelo sul, por Chertanovskaya e algumas vezes por Nakhimovsky, ao norte da estação, monstros

rastejavam pela ventilação, apareciam dos esgotos lúgubres ou irrompiam dos túneis.

O mundo todo parecia estar contra Sevastopolskaya, tentando apagar seu lar e estação

do mapa do metrô. Mas eles defendiam sua estação com unhas e dentes, como se fosse

a última fortaleza de todo o universo.

Não importava quão habilidosos os engenheiros pudessem ser, quão resistente e implacável fosse o treinamento de seus soldados – sem munição, sem lâmpadas para

os holofotes, sem antibióticos e ataduras, eles não seriam capazes de manter a estação.

Obviamente eles forneciam eletricidade, e Hanza estava disposta a pagar um bom

preço. Mas enquanto a linha anel possuía fornecedores próprios e de outras estações, a

Sevastopolskaya não sobreviveria um mês sem suprimentos externos. Seu suprimento

de munição alcançara uma contagem perigosamente baixa.

Toda semana, caravanas armadas eram enviadas para Serpukhovskaya, para usar

seu crédito e pagar os mercadores de Hanza por tudo que era necessário, e retornar

imediatamente. Enquanto o planeta girasse, enquanto os rios subterrâneos fluíssem e

enquanto o metrô aguentasse, nada mudaria isso.

Desta vez o retorno da caravana estava atrasado.

E tanto, que somente havia uma explicação: algo inesperado acontecera, algo terrível, algo que até mesmo os guardas fortemente armados da caravana ou a longa e

justa relação com a liderança de Hanza não puderam impedir. A situação toda poderia

ser bem menos inquietante, se ao menos pudessem comunicar-se com a linha anel.

Mas algo estava errado com a linha telefônica para o anel; eles perderam a conexão na segunda-feira, e o esquadrão enviado para encontrar a parte defeituosa da

linha retornou sem qualquer resultado.

\*\*\*

A luminária com a lâmpada verde balançava baixa sobre a mesa redonda. Ela

iluminava papéis amarelados nos quais gráficos e diagramas estavam desenhados com

lápiz. Era um bulbo fraco, talvez 40 Watts, mas não porque precisassem economizar

eletricidade – isto certamente não era problema na Sevastopolskaya – mas porque o

dono do escritório não gostava da luz brilhante. O cinzeiro estava cheio de bitucas –

todas artesanais e de qualidade ruim. Uma fumaça penetrante cinza azulada amontoava-se sob o teto baixo.

O chefe da estação, Vladimir Ivanovich Istomin enxugou sua testa, levantou sua mão e olhou com seu único olho para o relógio – pela quinta vez em meia hora. Ele

estalou os dedos e levantou-se onerosamente.

– Uma decisão deve ser tomada. Não podemos mais adiar.

Do outro lado da mesa sentava-se um homem mais velho, mas de estrutura forte com uma jaqueta forrada camuflada e uma boina azul surrada. Ele abriu a boca para

falar algo, mas teve um acesso de tosse. De mau humor ele estreitou os olhos e dissipou

a fumaça com a mão. Então ele disse:

– Bem, Vladimir Ivanovich, novamente repito: não podemos remover mais nenhuma das forças do túnel do sul. A pressão sobre os guardas é imensa – mesmo

agora eles mal podem suportar. Apenas na semana passada eles tiveram três feridos,

um deles gravemente, e isto mesmo com as fortificações. Eu não sentarei aqui e



ficarei

vendo você enfraquecendo o sul continuamente. Especialmente quando precisamos ter

seis batedores patrulhando as ventilações e os túneis conectores o tempo todo. E no

norte precisamos proteger as caravanas que chegam, e não podemos dispensar um

soldado sequer ali. Sinto muito, mas terá que procurar por si mesmo.

– Você é o comandante do posto da guarda exterior, então procure você! –

Vladimir rosnou. – Eu lido com meus próprios assuntos. Em uma hora um grupo deve

sair. Ambos pensamos de maneiras diferentes. Isto não é apenas sobre nossos problemas aqui e agora! E se algo pior aconteceu?

– E eu acho, Vladimir Ivanovich, que você está exagerando. Temos duas caixas fechadas de munição calibre 5.45 no depósito, que durarão mais de uma semana e meia.

E também eu ainda tenho alguma coisa em casa embaixo do travesseiro. – O coronel

sorriu, e seus dentes grandes e amarelados ficaram à mostra. – Com certeza posso

conseguir outra caixa. Munição não é nosso problema, mas pessoas.

– E agora eu digo outra vez qual é o nosso problema. Se não conseguirmos mais nenhum carregamento, teremos que fechar os portões do sul, porque sem munição não

manteremos os túneis de qualquer maneira. Isso significa que não poderemos mais

manter dois terços de nossos moinhos. Apenas uma semana depois o primeiro moinho

desmorona, e Hanza não gosta de qualquer perda na entrega atual. Se eles tiverem sorte,

encontrarão um novo fornecedor imediatamente, se não... mas não me importo com a

eletricidade! Por quase cinco dias agora os túneis estão mortos e não há um porco à

vista. E se algo desmoronou? Ou quebrou? E se fomos cortados?

– Segure seu fôlego. As linhas de energia estão bem. Os contadores estão

girando, então Hanza parece estar recebendo sua eletricidade. Teríamos notado um

desmoronamento imediatamente. E se fosse sabotagem, então a eletricidade teria sido

cortada, e não a linha de telefone. Quanto ao túnel – do que está com medo? Mesmo

nas épocas boas, ninguém, ninguém mesmo embrenhava-se nos túneis, e acabava

perdido aqui. Tomando somente pela Nakhimovsky Prospekt: sem escolta, não há como passar. Mercadores estrangeiros não se arriscam a vir até nós há bastante tempo.

E os bandidos já sabem – apesar de tudo deixamos um deles sair vivo toda vez. Então

não entre em pânico.

– Fácil para você falar – rosnou Vladimir Ivanovich. Ele levantou o tapa-olho sobre sua órbita vazia e limpou o suor de sua testa.

– Eu vou te dar três homens – disse o coronel, agora um pouco mais brando. –

Mais que isso é impossível, considerando tudo. E você deveria parar de fumar. Sabe

que não é bom para mim, e além disso está envenenando a si mesmo! Eu preferia algum

chá para ser honesto...

– Por favor, será um prazer – Vladimir esfregou as mãos unidas, pegou o telefone

e bradou – Tragam chá aqui, para mim e para o coronel.

– Deixe o oficial em serviço vir também – disse o comandante da guarda exterior

enquanto pegava sua boina – Então nós esclareceremos a questão com a equipe de

busca.

Com Istomin conseguia-se sempre um chá especial, uma fina seleção da estação VDNKh. Em seu caminho do outro lado do metrô, Hanza taxa o famoso chá de cogumelo (o favorito de Vladimir Ivanovich) três vezes. Isto o fez tão caro que Istomin

não teria sido indulgente com sua fraqueza pelo chá, se não fossem suas boas conexões

em Dobryninskaya. Lá ele serviu na guerra com alguém, então quando o líder da caravana retornava de Hanza, eles sempre tinham um bom pacote para ele. Istomin

sempre pegava o chá pessoalmente. Pela primeira vez, há um ano, seu carregamento

de chá não chegou, e rumores alarmantes espalharam-se de que toda a linha laranja

estava aparentemente ameaçada por mutantes desconhecidos da superfície. Eles eram

quase invisíveis, praticamente invulneráveis e podiam ler mentes. Foi dito que a estação caíra, e Hanza, temendo uma invasão, explodiu o túnel que passava por

Prospekt Mira. O preço do chá atravessou o teto e por algum tempo era impossível

conseguir algum, o que deixou Istomin seriamente preocupado. Mas algumas semanas

depois, as ondas acalmaram, e as caravanas continuaram a trazer o famoso chá juntamente com munição e lâmpadas para a Sevastopolskaya. Não era essa sua principal especialidade de qualquer maneira?

Enquanto Istomin derramava o chá do coronel dentro da xícara de porcelana, com uma borda de ouro quebrada, ele fechou os olhos e desfrutou do vapor aromático

por um momento. Então ele pegou uma xícara para si mesmo, afundou pesadamente

em sua cadeira, e começou a misturar um sachê de sacarina no chá com uma colher de

prata.

Os homens estavam em silêncio, e por um momento o som melancólico da colher

batendo na xícara era o único som no escritório escuro e nublado de fumaça de tabaco.

Subitamente, o ambiente estava sufocado por uma campainha estridente, saindo dos alto-falantes do túnel.

– Alerta!

O comandante da guarda exterior pulou com surpreendente agilidade de seu lugar, e saiu bruscamente do cômodo.

Primeiramente, o tiro solitário de um rifle soou à distância, então uma Kalashnikov juntou-se a ele – uma, duas e depois três.

Botas militares martelaram na plataforma do trem, e era possível ouvir a voz grave do coronel, e como – mesmo a certa distância – ele vociferava as primeiras ordens.

Istomin esticou a mão, procurando a lustrosa metralhadora pendurada em seu gabinete, mas parou, suspirou, sentou de volta à mesa e tomou outro gole da xícara de

chá. Do lado oposto da mesa, o chá do coronel esfriava solitário ao lado de sua boina

– ele a havia esquecido em sua pressa. O chefe da estação fez uma careta, e começou

outra vez, agora mais audível, a discutir com o coronel ausente. Era ainda sobre o mesmo tópico – mas desta vez ele encontrou novos argumentos, os quais ele não havia

pensado no calor do momento.

\*\*\*

Em Sevastopolskaya, muitas piadas de mau gosto circulavam sobre o porquê da estação vizinha chamar-se Chertanovskaya; era possível ler a palavra Chort, demônio,

muito claramente neste nome. Os moinhos das plantas das hidrelétricas estendiam-se

bastante naquela direção, e apesar de estar supostamente abandonada, ninguém em seu

perfeito juízo pensava em ocupar ou adquirir a estação. As equipes de técnicos que

construíram os geradores externos e regularmente os mantinham sob supervisão eram

sempre cautelosos para não aproximarem-se mais que algumas centenas de

metros da

Chertanovskaya.

Quase todos em uma expedição para os geradores, que não fossem ateístas fanáticos, secretamente faziam uma cruz com as mãos, e alguns inclusive despediam-

se de suas famílias. A Chertanovskaya era uma estação ruim; qualquer um sentia a

maldade da estação por até meio quilômetro de distância. A princípio, em sua ingenuidade, os habitantes da Sevastopolskaya mandavam equipes batedoras fortemente armadas para estender seu alcance.

Se eles voltassem, as equipes estariam profundamente feridas e no mínimo desfalcadas pela metade. Então eles sentavam balbuciando, babando sobre o fogo, tão

perto que suas roupas quase pegavam fogo, mas eles nunca paravam de tremer. Eles

lutavam para lembrar suas experiências – e um relato sobre a Chertanovskaya nunca é

igual ao outro.

Dizem que além do túnel principal da Chertanovskaya, túneis secundários mergulhavam em um enorme labirinto de cavernas naturais, que supostamente fervilhavam de monstros. As pessoas da Sevastopolskaya chamavam o lugar de ‘o

portão’ – um termo arbitrário, porque ninguém no metrô, que ainda fosse vivo, havia

entrado naquela parte dele.

Embora exista uma história de quando a linha não era construída – supostamente

uma grande unidade de reconhecimento passou por Chertanovskaya e descobriu “o

portão”. Por um transmissor – um tipo de telefone a cabo – o rádio transmissor comunicou que ele caía quase verticalmente, no final de um pequeno corredor. Eles

não foram mais adiante. Nos minutos seguintes os líderes da Sevastopolskaya ouviram

gritos estridentes cheios de dor e horror. Era estranho a equipe de reconhecimento não

atirar – talvez soubessem que armas convencionais não os protegeriam. O último homem do grupo a ser silenciado era um mercenário sem escrúpulos da estação Kitay-

gorod, que cortava o dedinho dos inimigos derrotados como souvenir. Ele parecia estar

a certa distância do microfone, que escorregara das mãos do operador de rádio, porque

não podia-se ouvir suas palavras claramente. Mas após ouvir cuidadosamente, o chefe

da estação entendeu que era o homem soluçando enquanto lutava por sua vida.

Uma reza simples. Uma daquelas orações que os pais religiosos ensinam às crianças pequenas. Então a conexão foi cortada. Após este incidente todas as tentativas

posteriores de alcançar a Chertanovskaya pararam. Sim, houve planos de abandonar

Sevastopolskaya e voltar para Hanza. A estação amaldiçoada parecia ser uma daquelas

fronteiras que marcavam o final do território humano no metrô. As criaturas que empurravam essas fronteiras traziam muitos problemas aos habitantes de

Sevastopolskaya, mas elas não eram invulneráveis, e uma bem organizada defesa podia

afastar os ataques com pouca ou nenhuma perda – contanto que tivessem munição

suficiente. Alguns desses monstros somente podiam ser afastados com altos explosivos

e armadilhas de alta voltagem. Mas, na maioria dos casos, os guardas precisavam lidar

com as menos terríveis – mas ainda assim perigosas – criaturas.

\*\*\*

– Tem mais outra! Aqui em cima, no terceiro cano!

O holofote superior quebrou para fora da armação, e oscilou contorcido, como um enforcado na corda, espalhando sua luz forte no cenário fortificado: algumas vezes

iluminava as silhuetas agachadas dos mutantes assustadores, outras escondia-os na

escuridão, outras cegava os guardas com seu brilho ofuscante. Sombras traiçoeiras

corriam em volta do lugar, tornando-se menores e maiores, parecendo rostos distorcidos, de tal modo que não distinguia-se os humanos dos mutantes.

O posto estava em uma boa posição, pois neste ponto dois túneis convergiam em um. Pouco antes do apocalipse, os funcionários do metrô começaram os reparos, mas

nunca conseguiram terminá-los. Os moradores da Sevastopolskaya transformaram a

confluência em uma fortaleza: duas metralhadoras fixas, grossas paredes protetoras de

um metro e meio feitas de sacos de areia, ouriços checos feitos de trilhos,



armadilhas

de alta voltagem e um cuidadosamente pensado sistema de alarmes. Mas, quando os

mutantes chegavam em bandos, como neste dia, parecia que a fortaleza poderia ceder

a qualquer minuto.

O atirador murmurou para si mesmo em um tom monótono. Bolhas de sangue saíram de suas narinas, e ele olhou surpreso para o vermelho brilhante nas palmas das

mãos. O ar em torno da Petscheng tremeluziu por causa do calor, mas agora a maldita

arma estava emperrada. O atirador soltou um grunhido curto e apoiou-se contra o

ombro de seu vizinho, um soldado colossal com um elmo espartano fechado, e ficou

em silêncio. No segundo seguinte ouviram um grito atormentado, e a criatura atacou.

O homem com o elmo empurrou o atirador ensopado de sangue fora de seu caminho, levantou-se, ergueu sua Kalashnikov e disparou uma rajada curta. O animal

repugnante, vigoroso de pele acinzentada, já havia pulado, estendendo as garras e as

membranas voadoras, guinchando na direção deles. A rajada de balas cortou o grito, e

o animal morto continuou a voar na mesma direção. Então o corpo de cento e cinquenta

quilos chocou-se contra os sacos de areia, e criou uma espessa nuvem de poeira.

– É isso aí.

A aparente interminável investida de criaturas, saídas dos canos serrados do teto do túnel apenas um minuto atrás, cessou. Os guardas deixaram suas proteções cautelosamente.

– Uma maca! Um médico! Tragam ele para a estação, depressa!

O homem colossal, que matara o último animal, conectou uma baioneta em seu rifle, e aproximou-se das criaturas mortas e feridas que jaziam pelo campo de batalha.

Ele empurrou a cabeça do primeiro animal e atravessou a baioneta diretamente através

do olho dela, então repetiu o processo até certificar-se de que todas as criaturas estivessem mortas. Finalmente ele recostou-se contra os sacos de areia, observou o

túnel, levantou o visor do elmo e tomou um gole do seu cantil.

O reforço da estação chegou depois que tudo estava acabado. Até mesmo o comandante da guarda exterior chegou mancando, com a respiração pesada, amaldiçoando sua moléstia e com a jaqueta aberta.

– Onde consigo três homens agora? Suponho que eu deva cortá-los do meu próprio corpo?

– O quê, você está falando de Denis Mikhailovich? – um dos guardas perguntou.

– Istomin quer enviar uma equipe de reconhecimento para Serpukhovskaya. Ele teme pela caravana. Onde eu consigo três homens agora? Especialmente agora...

– Ainda nenhuma novidade? – o homem com o cantil perguntou sem virar-se.

– Nada – reafirmou o velho homem. – Mas não passou muito tempo. O que seria mais perigoso? Se enfraquecermos o sul agora, pode não haver ninguém para

receber

a caravana quando chegar.

O outro balançou a cabeça e permaneceu em silêncio. Ele não se moveu quando o coronel perguntou se algum dos guardas iria juntar-se à equipe de três homens.

Houveram voluntários suficientes. A maioria dos guardas estavam cansados de sentar-

se ali e não poderiam imaginar nada mais perigoso do que proteger os túneis do sul.

Dos seis voluntários, o coronel escolheu os que ele imaginou dispensáveis. Um pensamento razoável: nenhum deles retornaria.

\*\*\*

Passaram-se três dias desde que enviaram a equipe de reconhecimento na dresina. O comandante tinha a impressão de que os outros estavam cochichando pelas

suas costas, e olhando para ele com desconfiança. Até mesmo as discussões mais calorosas cessavam quando ele chegava, e o silêncio tenso que seguia-se parecia ser

um pedido mudo: explique-nos, justifique-se.

Mas ele apenas fazia seu trabalho – assegurar a segurança do posto exterior da Sevastopolskaya. Ele era um tático, um estrategista. Eles não tinham soldados suficientes de qualquer maneira. Que direito tinha ele de gastá-los em expedições duvidosas e insensatas?

Três dias atrás, ele estava absolutamente convicto. Mas agora, por causa de cada olhar duvidoso, receoso e desaprovador esvaziando suas certezas, ele estava começando a duvidar também. Uma equipe de reconhecimento com armas

automáticas

não precisava nem mesmo de um dia para ir e voltar de Hanza – inclusive contando

possíveis trocas de tiros e atrasos através das estações independentes. O comandante

ordenou que ninguém entrasse, fechou a porta de seu pequeno escritório, pressionou a

testa quente contra a parede fria e começou a balbuciar. Pela centésima vez ele pensou

em todas as possibilidades. O que acontecera com os mercadores? O que acontecera

com a equipe de reconhecimento?

As pessoas da Sevastopolskaya não tinham medo de humanos – exceto talvez do exército de Hanza. A má reputação da estação, as histórias inflamadas contadas pelas

poucas testemunhas oculares sobre o alto preço que os habitantes precisavam pagar

pela própria sobrevivência – tudo isso os mercadores espalhavam de boca a boca ao

longo do metrô.

E rapidamente isso mostrou resultados. Os líderes da estação compreenderam rapidamente quais vantagens uma reputação como a deles traria, e assumiram pessoalmente as fortificações da estação. Informantes, mercadores, viajantes e diplomatas eram liberados, com uma permissão oficial, a espalhar as mais horrendas

mentiras sobre a Sevastopolskaya e as estações vizinhas. Apenas alguns poucos eram

capazes de ver através deste truque de fumaça e espelhos, e perceber o

verdadeiro

potencial da estação. Em alguns casos isolados durante os últimos anos, bandidos desinformados tentaram passar pelo posto de guarda exterior, mas a máquina de guerra

da Sevastopolskaya, liderada por antigos generais, destruiu-os sem dificuldades.

A equipe de reconhecimento na dresina recebeu ordens claras: caso

encontrassem qualquer ameaça, deveriam evitar qualquer confronto e retornar imediatamente.

Obviamente havia a Nagornaya na rota – não um lugar tão terrível quanto a

Chertanovskaya, mas ainda assim fatal. E então a Nakhimovsky Prospekt, cujas portas

para a superfície não puderam ser fechadas, e que fora tomada pelos monstros da

superfície. Explodir a entrada não era uma opção para a Sevastopolskaya, porque os

exploradores usavam o acesso à superfície da Nakhimovsky para suas expedições.

Ninguém atrevia-se a atravessar a estação sozinho, mas até agora toda dresina fora

capaz de lidar com as criaturas que eventualmente espreitavam ali. Um

desmoronamento? A água subterrânea? Um ato de sabotagem? Um súbito ataque de

Hanza? Era o coronel, e não Istomin, que deveria responder às esposas da equipe de

reconhecimento, enquanto elas olhavam dentro de seus olhos, inseguras e perguntando,

esperando encontrar uma promessa de consolação. Ele teve que explicar isso para os

soldados na guarnição. Pelo menos eles não fizeram nenhuma pergunta desnecessária

e foram – até agora – leais a ele. E no fim, ele precisou acalmar todos aqueles que se

reuniram no relógio da estação após o trabalho, e queriam saber quanto tempo a caravana demoraria para voltar. Istomin disse que perguntaram à ele por que as luzes

da estação esmaeceram. Algumas vezes até pediram a ele que aumentasse as luzes ao

máximo. Mesmo que ninguém tenha sequer pensado que isso poderia desligar toda a

eletricidade, a iluminação foi ajustada ao máximo. Não era a estação, mas os corações

das pessoas que estavam sombrios, e nem mesmo lâmpadas de mercúrio poderiam

mudar este fato.

A linha telefônica para a Serpukhovskaya ainda estava silenciosa. Isto retirou do coronel um sentimento que era raro para o restante do metrô: o sentimento de proximidade com outros seres humanos. Enquanto a comunicação estivesse

funcionando, enquanto as caravanas fossem e voltassem regularmente, enquanto a

jornada para Hanza não levasse mais de um dia, todos os residentes eram livres para ir

e vir sempre que quisessem. Todos sabiam que apenas cinco túneis à frente o verdadeiro metrô começava, a civilização – a humanidade.

Os cientistas do ártico provavelmente sentiram o mesmo quando – por interesse científico ou por causa do alto salário – concordaram em suportar a luta contra o

frio e

a solidão por meses. Eles estavam há milhares de quilômetros de distância do continente, mas o rádio mantinha-se ao seu lado o tempo todo, e uma vez por mês eles

ouviam o som de um avião lançando carne enlatada. A camada de gelo flutuante, na

qual a Sevastopolskaya precariamente equilibrava-se, soltara-se do continente da humanidade, e a cada hora dirigia-se mais e mais para um oceano escuro, para o vazio

e a incerteza.

A espera continuou, e as preocupações do coronel tornaram-se certezas: ele não mais veria os homens da troika que ele enviara para Serpukhovskaya. Retirar outros

três soldados da guarda exterior, e expô-los aos mesmos perigos incertos, era impossível. Ele não poderia arcar com suas mortes certas, e não seria uma boa saída de

qualquer forma. Ele pensava ser ainda muito cedo para fechar os túneis do sul, abrir as

portas herméticas e formar uma enorme equipe ofensiva. Por que ele precisava tomar

esta decisão? Uma decisão que seria errada de qualquer maneira.

O coronel suspirou, abriu um pouco a porta, olhou ao redor rapidamente e chamou o guarda até ele.

– Você tem um cigarro para mim? Esta é a última vez, na próxima não me dê um, não importa o quanto eu implore. E não conte à ninguém.

Quando Nádia, uma mulher robusta de meia idade, faladeira, vestindo um xale de plumas cheio de furos e um avental sujo, trouxe a panela com carne e vegetais, os

guardas avivaram-se novamente. Batatas, pepinos e tomates eram considerados iguarias, e exceto por alguns mercados em Sevastopolskaya, no anel e em Polis, ninguém os oferecia mais. Isto não era apenas por causa da falta de água e a dificuldade

de cultivar as sementes, Quase ninguém possuía eletricidade suficiente no metrô para

germinar cultivos que precisavam de luz solar, como os vegetais.

Mesmo os líderes da estação não conseguiam vegetais exceto nos feriados, pois eram majoritariamente cultivados para as crianças, que precisavam dos nutrientes.

Istomin precisou discutir pesadamente com os cozinheiros e convencê-los a adicionar

algumas batatas e tomates – para melhorar o ânimo.

Quando Nádia pôs de lado seu rifle de combate e levantou a tampa da panela, as rugas nas faces dos guardas começaram a suavizar imediatamente. Ninguém queria

falar sobre a caravana desaparecida ou a equipe de batadores perdida agora – teria

arruinado seus apetites.

Um homem mais velho, com um casaco de lã de algodão e pequenos emblemas do metrô costurados nele, misturou as batatas em sua tigela e disse sorrindo.

– Hoje eu pensei em Komsomolskaya o dia todo. Eu adoraria vê-la outra vez.

Aqueles mosaicos! A mais bela estação em toda Moscou, eu acho.



– Ah pare com isso, Homero. – disse um homem gordo com a barba por fazer, usando uma ushanka de pele forrada. – Você viveu lá e é óbvio que ainda gosta dela.

Mas e os vitrais da Novoslobodskaya? E os maravilhosos pilares e o afresco da Mayakovskaya?

– Eu sempre gostei da Ploshchad Revolyutsii – admitiu um homem tímido, há pouco saído da adolescência, estipulado como o franco-atirador. – Eu sei que é estúpido,

mas eu gosto daqueles marinheiros e pilotos sombrios, os patrulheiros de fronteiras

com os cães... mesmo quando eu era criança.

– Não acho que seja estúpido de maneira alguma, – concordou Nádia enquanto recolhia as sobras do ensopado. – Especialmente alguns dos homens das estátuas sendo

tão belos! Ei, brigadeiro! Pegue algo ou ficará sem nada!

O soldado alto, de ombros largos que sentava sozinho, aproximou-se do acampamento com passos vagarosos, pegou sua ração e retornou ao seu lugar – o mais

perto possível do túnel, e o mais longe possível das pessoas.

O gordo apontou com a cabeça para as costas largas do homem que justamente retornara para a escuridão e sussurrou.

– Ele alguma vez vai até a estação?

– Não, ele está posicionado aqui por mais de uma semana – respondeu o atirador de elite tão quieto quanto o outro homem – Ele dorme em um saco de dormir... Talvez

ele precise voltar. Três dias atrás, quando as criaturas quase devoraram Rinat, ele

matou

até a última delas. Com as próprias mãos. Por quinze minutos ininterruptos.

Quando

ele voltou, suas botas e rifle estavam cobertos de sangue. E ele pareceu bastante satisfeito ao fazer isso.

– Aquilo não é um humano, mas uma máquina, – disse o atirador da

metralhadora – Eu não gostaria de dormir perto dele. Você viu o que aconteceu com o

rosto dele?

O velho, apelidado de Homero, encolheu os ombros e disse.

– Estranho, eu realmente só me sinto seguro com ele por perto. O que você quer dele? O cara está bem, ele só foi ferido. Para que precisamos de beleza, nesta ou nas

outras estações? E a propósito, sua Novoslobodskaya é o topo da montanha do mau

gosto. E eu nem consigo olhar para aqueles vidros manchados quando estou sóbrio...

Vidros manchados, ridículo!

– E um mosaico rococó sobre metade do teto não é mau gosto?

– Por favor, me diga onde você viu um mosaico rococó na Komsomolskaya?

Com isso o homem gordo começou a tagarelar.

– Toda a maldita arte soviética tem apenas um tema: a vida bucólica e nossos heroicos pilotos!

– Seryoscha, deixe os pilotos fora disso – alertou o atirador de elite.

De repente uma voz grave, profunda, falou:

– A Komsomolskaya é uma merda e a Novoslobodskaya também.

O homem gordo estava tão surpreso que ele não era capaz de dizer uma única palavra, e encarava o brigadeiro ainda sentado na escuridão. Os outros também pararam

de falar. O estranho quase nunca participava em qualquer conversa. Mesmo quando

alguém perguntava-lhe algo, se ele respondesse, era com apenas uma palavra. Ele ainda

estava com as costas viradas para eles, continuamente olhando para a boca do túnel.

– Na Komsomolskaya, o teto é muito alto e as colunas muito finas, a estação

toda é aberta. Também é muito difícil barricar todas as passagens. E na

Novoslobodskaya todas as paredes têm rachaduras, não importa o quão frequentemente

eles façam reparos. Você pode destruir a estação inteira com apenas uma granada. E os

vidros manchados já estão quebrados. Muito frágeis.

Alguém poderia contradizer muito bem este argumento, mas ninguém atreveu-

se a erguer a voz. O brigadeiro ficou silencioso por algum tempo, depois disse

casualmente:

– Estou indo até a estação. Venha comigo, Homero. O turno acaba em uma hora.

Arthur, você está no comando.

O atirador de elite levantou-se apressadamente, mesmo que o brigadeiro não

estivesse olhando para ele. Até o velho homem levantou-se e começou a pegar seus

pertences, mesmo não tendo acabado de comer. Quando o soldado voltou para o

acampamento, ele já estava completamente equipado e com sua enorme mochila.

Conforme as figuras contrastantes – o brigadeiro colossal e o delgado Homero – gradualmente entraram na parte iluminada no túnel, o atirador de elite os seguiu com

os olhos. Então ele esfregou as mãos frias e percebeu que estava tremendo.

– Estou com frio. Alguém coloque mais carvão na fogueira.

\*\*\*

Durante o trajeto, o brigadeiro não disse uma palavra. Ele somente perguntou se Homero havia trabalhado no metrô e se havia dirigido um trem. O homem mais velho

lançou primeiramente um olhar desconfiado, depois acenou com a cabeça. Ele disse

que dirigia trens na Sevastopolskaya, mas nunca mencionou que ele costumava fazer a

manutenção dos trilhos. Era um assunto constrangedor.

O brigadeiro saudou os guardas com uma saudação militar. Estes saíram do seu caminho, e ele entrou no escritório do chefe da estação sem bater. Istomin e o coronel

levantaram-se surpresos de suas cadeiras, e andaram na direção dele. Ambos pareciam

de alguma forma desganhados, cansados e perdidos.

Enquanto Homero permaneceu timidamente na entrada, mudando o peso de uma

perna para outra, o brigadeiro retirou seu elmo, colocou-o bem em cima dos papéis de

Istomin, e coçou sua cabeça completamente raspada. Podia-se ver novamente

seriamente distorcida sua face era: a bochecha esquerda contraíra-se como depois de

uma queimadura, o olho acima dela era uma pequena fenda, e uma cicatriz violeta ia

de sua boca até sua orelha. Apesar de Homero conhecer esta visão, calafrios correram

pela sua espinha, como se estivesse vendo-a pela primeira vez.

– Eu vou até o anel pessoalmente, – disse o brigadeiro.

Ele nem mesmo havia cumprimentado os dois. Um silêncio profundo seguiu-se.

Homero já sabia que o homem era um soldado extraordinário, e que isto havia lhe dado

uma reputação especial com os líderes da estação. Mas levou algum tempo para ele

perceber que, comparando com os outros habitantes da Sevastopolskaya, o brigadeiro

não seguia ordens.

Ele não esperava uma permissão dos dois homens envelhecidos e exaustos.

Quase parecia que ele estava dando ordens e esperando que eles a seguissem. Outra

vez – quantas vezes já? – Homero perguntou-se quem era este homem.

O coronel olhou para Istomin. Sua expressão ficou sombria, como se ele quisesse discutir.

– Como você quiser, Hunter – disse ele. – Ninguém o fará mudar de ideia mesmo.

## **2 – O retorno**

Homero ouvira. Hunter. Ele nunca ouvira aquele nome na Sevastopolskaya.

Soava como um apelido – como o dele mesmo, claro que seu nome não era Homero,

mas Nikolai Ivanovich. Os outros apelidaram-no por causa do escritor dos épicos grego, porque ele adorava histórias e rumores de todos os tipos.

– Seu novo brigadeiro – disse o coronel para os guardas nos túneis do sul dois meses atrás. Eles olharam para o homem de ombros largos na armadura kevlar e o

pesado elmo com desconfiança e curiosidade. Ele apenas olhou-os com indiferença, e

retornou às fortificações, como se não pudesse se importar menos. Ele apertou as mãos

daqueles que vieram apresentar-se pessoalmente, mas não disse uma palavra. Ele

balançou a cabeça silenciosamente, guardou seus nomes e soltou fumaça azul nos seus

rostos como se quisesse mantê-los à distância. Seu olho sem vida cintilou na sombra

de seu visor levantado. Nem naquele momento nem depois, os guardas atreveram-se a

perguntar seu nome, e por isso permanecera apenas como “o brigadeiro”. Parecia que

a estação contratara um mercenário que não precisava de um nome.

Hunter.

Enquanto Homero permaneceu indeciso na entrada do escritório de Istomin, ele formou a estranha palavra silenciosamente com os lábios. Não ajustava-se a um humano – mais a um pastor hound. Ele não conseguiu esconder um sorriso: na verdade

havia tais cães ali. De onde viera esse pensamento?

Uma raça militar, com um rabo curto e orelhas caídas – nada excessivo.

Mas quanto mais ele repetia o nome, mais ele achava que já ouvira. Onde ele escutara? Provavelmente ficou preso nas intermináveis névoas das lendas e rumores, e

afundou para seu inconsciente. Ao mesmo tempo, uma densa camada de nomes, fatos,

rumores e números apareceram em sua mente – tudo informação inútil sobre as vidas

das outras pessoas, que Homero havia escutado avidamente e tentava lembrar-se fielmente.

Hunter... um criminoso com a cabeça a prêmio em Hanza? Homero lançou uma pedra no lago turvo de sua mente e esperou. Não. Um explorador? Não combinava com

sua aparência. Um comandante de batalha? Mais provável. E aparentemente uma lenda

também. Homero estudou secretamente as feições do brigadeiro. O nome de cachorro

surpreendentemente era bastante adequado.

– Eu ainda vou precisar de dois homens. Homero vem comigo, ele conhece os túneis. – O brigadeiro não pediu sua aprovação ou virou-se para ele. – E um corredor,

um mensageiro. Eu parto hoje. – Istomin acenou com a cabeça, mas então deu ao

coronel um olhar inquisidor.

O coronel murmurou sua aprovação, apesar de ter lutado como um gato

selvagem com o comandante pelo mesmo motivo. A opinião de Homero não parecia

interessar a ninguém, mas ele não pensou em protestar de qualquer maneira.

Apesar de

sua idade, ele nunca recusara qualquer missão como esta. Ele tinha suas razões.

O brigadeiro pegou seu elmo da mesa e moveu-se para a saída. Ele segurou a porta por um momento e disse na direção de Homero:

– Despeça-se de sua família. Equipe-se para a longa caminhada. Não leve munição, eu te darei. – Então ele desapareceu.

Homero correu atrás de Hunter, para saber o que a expedição esperava dele. Mas

quando ele pisou na estação, descobriu que Hunter já havia partido. Era inútil tentar

alcançá-lo. Homero procurou-o com os olhos e balançou a cabeça.

Contrariando seu hábito, o brigadeiro não colocou seu elmo. Talvez estivesse pensando ou precisasse de ar. Ele passou por algumas jovens mulheres que sentavam

na plataforma. Eram pastoras de porcos de folga. Uma delas sussurrou:

– Vejam, que monstro.

\*\*\*

– De onde você o desenterrou? – perguntou Istomin. Aliviado, ele afundou em sua cadeira e alcançou um pacote de seu amado tabaco.

Os cigarros que fumavam na estação foram teoricamente achados por um explorador, perto do parque Bitzevsky. Uma vez, o coronel colocara um contador Geiger perto dos cigarros e ele começou a mexer.

Depois disso ele decidiu parar de fumar imediatamente, e a tosse que havia assombrado suas noites enquanto sonhava sobre câncer de pulmão tornaram-se



menos

frequentes. Istomin, por outro lado, recusou-se a dar crédito para a história da radiação.

E ele não estava errado – quase nada no metrô não radiava pelo menos um pouco.

– Nos conhecemos desde sempre – respondeu o coronel relutante. Após uma curta pausa, ele adicionou: – Antes ele era diferente. Algo deve ter acontecido com ele.

– Julgando pelo seu rosto, com certeza alguma coisa aconteceu com ele.

Istomin tossiu e lançou um olhar nervoso para a entrada, como se temesse que Hunter pudesse ouvir suas palavras.

O comandante do posto exterior não queria reclamar que o brigadeiro emergira das brumas do passado; no fim das contas, ele imediatamente transformara-se no mais

importante apoio da guarda sul. Mas Denis Mikhailovich ainda não podia acreditar

inteiramente no retorno de seu antigo amigo.

As notícias sobre a estranha e terrível morte de Hunter espalharam-se pelos túneis como um eco durante o ano passado. E quando ele apareceu em frente à porta

do coronel, sem aviso, ele fizera uma cruz com as mãos. Como ele passara pelos guardas sem ser notado – como se ele tivesse passado direto por eles – aumentou a aura

sobrenatural de Hunter.

A silhueta que vira através do olho mágico era familiar: os ombros largos, a cabeça raspada, e o nariz levemente amassado. Mas o visitante noturno permaneceu

onde estava; sua cabeça, de maneira peculiar, virou para o lado.

Ele não tentou quebrar o silêncio tenso. O coronel olhou para a garrafa de vinho adocicado em sua mesa com arrependimento, suspirou profundamente e destrancou a

porta. Seu código obrigava-o a ajudar qualquer um da sua espécie – independentemente

se estavam vivos ou mortos.

Hunter levantara os olhos pela primeira vez quando passou pela porta. Tornara-se óbvio porque ele havia virado o rosto. Ele provavelmente temera que o coronel não

o reconheceria de outra forma. Denis Mikhailovich havia visto muita coisa enquanto

comandava a guarnição, mas o ferimento de Hunter ainda o deixava transtornado.

Então ele rira de forma insegura, como se quisesse desculpar-se por seu comportamento indisciplinado.

O visitante não esboçou nem uma insinuação de um sorriso. Nesta noite, ele não sorria nenhuma vez. Seus ferimentos horríveis haviam curado nos últimos meses, mas

este homem não possuía nada em comum com o Hunter de que Denis Mikhailovich

lembrava-se.

Ele não deixou passar nenhum detalhe sobre seu resgate milagroso, sua longa ausência e ele também parecia não ouvir as perguntas atônitas do coronel. Ao invés

disso ele pediu que Denis Mikhailovich não dissesse a ninguém sobre seu retorno. Se

o coronel tivesse seguido seus instintos, teria informado os anciãos imediatamente

mas ele tinha um antigo débito a pagar com Hunter, então ele deixou-o em paz.

No entanto, Denis Mikhailovich começou a pesquisar secretamente. Na verdade, todos achavam que seu convidado estivesse morto. Ele não estava envolvido em nenhum crime, ou era procurado. Nunca encontraram o corpo de Hunter – isto era

certeza – de outro modo ele certamente teria tentado contatar os anciãos. O coronel

concordou.

Mas ele surgira, ou melhor, sua indistinta sombra – e neste caso normal – surgira em uma boa dúzia de mitos e histórias meio verdadeiras. Ele parecia gostar de seu

papel, e de manter seus companheiros acreditando que estava morto. Denis

Mikhailovich lembrou-se de sua velha dívida, e chegou a uma conclusão: apenas relaxar e entrar no jogo.

Quando outros estavam com eles, ele nunca usava o nome verdadeiro de Hunter.

Ele disse a verdade apenas para Istomin, mas não entrou em detalhes. Não muitos

importaram-se, pois o brigadeiro mereceu sua ração diária de sopa muitas e muitas

vezes. Ele protegia os túneis do sul dia e noite; na estação, ele aparecia talvez uma vez

por semana – no dia do banho. E mesmo que ele tenha simplesmente surgido neste fim

de mundo para esconder-se de seus perseguidores, Istomin não importava-se. Ele sabia

apreciar o serviço dos legionários com passados sombrios – a única coisa que ele exigia

deles era que lutassem, e neste caso isso não era mesmo um problema.

Os guardas que reclamaram da natureza indulgente do novo brigadeiro ficaram silenciosos após a primeira batalha. Quando viram quão metodicamente, submerso em

algum tipo de frenesi insensível, ele destruía tudo que havia para ser destruído, todos

chegaram às suas próprias conclusões.

Ninguém queria tornar-se seu amigo, mas todos obedeciam suas ordens sem

qualquer reclamação, de modo que ele nunca precisava elevar sua voz rouca. Havia

algo em sua voz, algo como o hipnotizante sibilo de uma cobra, e até o chefe da estação

balançava a cabeça obediamente sempre que Hunter falava com ele – mesmo que

ele não tivesse acabado de falar, por garantia.

\*\*\*

Pela primeira vez em eras, o ar do escritório de Istomin parecia muito mais leve – como se uma tempestade silenciosa, criada pela tensão, houvesse passado. Não havia

mais motivo para discussões, pois não havia melhor guerreiro que Hunter. Mas se ele

morresse nos túneis, não haveria outra opção para a Sevastopolskaya.

– Devo ordenar as preparações para a operação? – perguntou Denis Mikhailovich.

– Você tem três dias. Deve ser o suficiente.

Istomin fechou seu isqueiro e seus olhos.

– Não podemos mais esperar por eles. Quantas pessoas precisamos?

– A equipe ofensiva está pronta. Eu cuidarei da segunda, que deve ser de vinte homens. Se não ouvirmos nada sobre eles depois de amanhã – ele apontou a saída com

a cabeça. – Então você deve deixar todos preparados para partir. Tentaremos atravessar.

Istomin ergueu a sobrelanceira, mas não respondeu. Ele apenas continuou fumando seu cigarro artesanal. Denis Mikhailovich pegou alguns papéis e começou a

circular nomes, usando um sistema que somente ele entendia.

Tentar atravessar? O coronel olhou através do pescoço grisalho de Istomin e da fumaça do tabaco, para o mapa do metrô pendurado na parede. Amarelado, sujo e

coberto de pequenas marcações, este plano era a crônica do último século. Flechas para

missões de reconhecimento, círculos para emboscadas, estrelas para postos da guarda

e pontos de exclamação para zonas proibidas. Dez anos estavam documentados neste

plano, dez anos, e nem um só dia passara sem derramamento de sangue.

Abaixo da Sevastopolskaya, logo atrás da estação chamada Yuzhnaya, as marcas cessavam. Pelo que Istomin lembrava, ninguém havia retornado de lá. A linha descia

com várias áreas brancas, como um dos velhos mapas que os primeiros conquistadores

espanhóis possuíam quando chegaram ao litoral da Índia. Como uma raiz

ramificada.

Mas conquistar toda a linha era grandioso demais para as pessoas da Sevastopolskaya

– a exaustão irradiada pelas pessoas deveria ser suficiente.

E no momento a bruma branca da incerteza cobria sua linha negligenciada que ia para Hanza, para a humanidade. Se o coronel ordenasse que todas as pessoas lutassem, ninguém recusaria. Na Sevastopolskaya, a guerra pela destruição da humanidade, que durava duas décadas, não cessara por um minuto. Se você vive por

muito tempo na face da morte, o medo abre espaço para o fatalismo, talismãs, crenças

e instintos.

Mas quem saberia o que os esperava entre a Nakhimovsky Prospekt e a

Serpukhovskaya? Quem saberia se poderiam eles atravessar os obstáculos misteriosos,

ou se ainda havia algo além deles pelo qual ainda valeria a pena lutar?

Istomin pensou sobre sua última viagem à Serpukhovskaya: mercados, mendigos em bancos e aqueles que ainda possuíam alguma coisa, dormiam atrás de cortinas. Esta

estação não produzia nada; eles não possuíam qualquer animal, fazenda ou estufa. Os

moradores da Serpukhovskaya era ladrões, mas eram espertos. Viviam da especulação,

vendendo produtos expirados que compravam de caravanas anteriores por quase nada.

Eles também ofereciam aos habitantes da linha e serviços que poderiam levá-los à

corde de Hanza. Esta estação era um parasita, um fungo, um tumor crescendo dentro da

poderosa Hanza.

Era a última união das ricas estações comerciais, apropriadamente nomeada após

o modelo germânico, um reduto da civilização no metrô. Todo o resto afundou no

barbarismo e pobreza. Havia um verdadeiro exército em Hanza, luz elétrica, e até

mesmo nas partes mais pobres havia um pedaço de pão para todos que haviam ganhado

o muito solicitado selo de cidadania. Mesmo no mercado negro estes custavam uma

fortuna, e se a patrulha fronteira pegasse alguém com um passaporte falso, lhe custaria a cabeça.

Hanza devia sua riqueza e poder à sua extraordinária localização: a linha anel unia todas as outras linhas do complexo em forma de estrela, e tinha a possibilidade de

mudar de uma linha para qualquer outra. Mercadores viajantes que levavam o chá da

VDNKh, vagões que levavam a munição das forjas de Baumskaya – todos descarregavam suas cargas no pedágio mais próximo de Hanza e retornavam para casa.

Sempre fora mais fácil para eles venderem suas mercadorias na segurança de Hanza do

que embarcar numa caçada por maiores lucros através de todo o metrô, o que geralmente provou-se fatal.

Ocorreu algumas vezes de Hanza afiliar estações vizinhas, mas na maioria das

vezes, estas eram deixadas à sua própria sorte – uma área cinza tolerada, nas quais os

líderes de Hanza não queriam envolver-se. Obviamente estas “estações radiais” eram

cheias de espões de Hanza, e para ser exato – as estações haviam sido compradas há

muito tempo pelos empresários de Hanza. Mas elas mantiveram-se, formalmente,

independentes. Era este o caso da Serpukhovskaya.

Em um dos túneis entre esta estação e a Tulsкая, um trem quebrara há muito tempo atrás. Istomin marcou o lugar com uma cruz católica, pois o vagão que permanecera no meio do túnel era habitado por membros do grupo cristão. Eles transformaram aquela parte sem vida do túnel em um oásis no meio de um deserto

escuro.

Istomin não tinha nada contra o grupo. Seus missionários permaneciam nas estações vizinhas, tentando salvar as almas perdidas, mas estes pastores nunca vieram

à Sevastopolskaya ou abordaram os viajantes com sua conversa doutrinária. O túnel

vazio e limpo entre Tulsкая e Serpukhovskaya eram preferidos pelas caravanas.

Mais uma vez Istomin observou ao longo da linha. A Tulsкая? Seus moradores sobreviviam do que os comboios de passagem da Sevastopolskaya e os ardilosos mercadores da Serpukhovskaya deixavam para trás. Eles consertavam qualquer peça

de sucata possível e outros procuravam empregos diários. Durante dias, eles sentavam-



se e esperavam por um capataz oferecendo trabalho escravo. Eles também eram pobres,

mas pelo menos não possuíam o engordurado olhar trapaceiro das pessoas de Serpukhovskaya. E nessa estação havia ordem, os perigos externos uniam as pessoas.

A próxima estação era a Nagatinskaya. No mapa de Istomin, estava marcada com uma linha fina, significando que estava inabitada. Mas isto era apenas meia verdade. Ninguém permanecia ali por muito tempo. Apenas figuras desonestas moravam ali, como animais. Escuridão absoluta reinava ali, e pequenos grupos escondiam-se de estranhos. Dificilmente o brilho fraco de uma fogueira acesa entre os

pilares iluminava as figuras escuras, que pareciam realizar uma reunião secreta. Apenas

os corajosos e os ignorantes passavam a noite ali, pois nem todos os moradores desta

estação eram humanos. Na sussurrante escuridão da Nagatinskaya, as vezes podia-se

deslumbrar as silhuetas grotescas das criaturas vasculhando no escuro. Outras vezes, o

grito estridente de um mendigo enchia os moradores restantes de medo, até que a vítima

fosse arrastada para uma caverna e devorada.

Ninguém atrevia-se a ir além de Nagatinskaya, por isso a área entre esta estação e a fortaleza de Sevastopolskaya era uma vazia desolação. Não era inteiramente vazia,

entretanto – os batedores da Sevastopolskaya tentavam não encontrar com as criaturas

espreitando por lá.

Mas agora, algo novo emergia dos túneis. Algo desconhecido. Algo que engolia todos que tentassem atravessar por esta rota supostamente explorada. Como Istomin

saberia se sua estação, mesmo que todos os residentes pegassem uma arma, formariam

um exército grande o suficiente para lidar com este perigo oculto? Ele levantou-se,

sobrecarregado, andou até o mapa e marcou a área entre Serpukhovskaya e

Nakhimovsky Prospekt com uma caneta. Bem ao lado desta, ele colocou um grande

ponto de interrogação. Ele pretendia posicioná-lo ao lado da palavra “Prospekt”, mas

de alguma forma posicionou-o ao lado de Sevastopolskaya.

\*\*\*

À primeira vista, qualquer um poderia acreditar que a Sevastopolskaya era inabitada. Não havia traço de tendas do exército que serviam de casas na maioria das

estações. Mas ao invés disso, eles possuíam barricadas de sacos de areia, que pareciam

imensas colinas de formigas na luz fraca das lâmpadas. Estas barricadas nunca eram

conservadas, e os pilares quadrangulares estavam cobertos com uma densa camada de

poeira. Tudo era construído de maneira que um estranho de passagem pensasse que

esta estação era abandonada.

Mas assim que o convidado indesejado apenas pensasse em permanecer ali, ele

arriscava permanecer para sempre. Suas equipes de metralhadores e franco-atiradores,

que ficavam na vizinha Kakhovskaya, podiam estar a postos em segundos e, ao invés

das fracas lâmpadas, poderosos holofotes de mercúrio no teto eram ativados, queimando os olhos de todos os invasores, humanos ou monstros. Ambos eram desacostumados com a luz forte.

A estação de trem era a última linha de defesa, cuidadosamente planejada, da Sevastopolskaya. Suas casas eram localizadas no ventre desta enganosa estação – abaixo dela. Sob a enorme lâmina de granito, invisível aos olhos estranhos havia outro

piso, não muito menor que a estação acima, mas dividido em células menores. Lá

ficavam os apartamentos acesos, aquecidos e secos, o zumbido estável dos filtros de ar

e purificadores de água, estufas hidropônicas... Parecia que os moradores desta estação

apenas sentiam-se seguros e confortáveis quando recuavam mais fundo no solo.

Homero sabia que a batalha crucial não esperava-o no túnel, mas em casa.

Enquanto andava pelo corredor estreito, percorrendo as portas meio abertas dos antigos

quartos de serviço que eram agora onde os residentes de Sevastopolskaya vivam, seus

passos foram diminuindo mais e mais. Ele pensou em suas estratégias e reexaminou

suas respostas enquanto o tempo corria.

– O que eu deveria fazer? Ordens são ordens. Você mesma conhece a situação.

Eles nem mesmo me perguntaram. Não faça tempestade em copo d'água – isso é

ridículo! Não, eu não fui voluntário. Recusar? Fora de questão. Isto seria deserção,

entende? – Ele murmurava continuamente, algumas vezes ultrajado e determinado,

outras gentil e suplicante. Na porta de seu apartamento ele repassou tudo outra vez.

Parecia que uma discussão seria inevitável, mas ele não voltaria atrás. Ele assumiu uma

expressão sombria e abriu a porta, pronto para uma briga.

O apartamento de nove e meio metros quadrados – muito luxuoso, ele esperara por um por quatro anos, enquanto vivia numa barraca imunda – era ocupado por uma

beliche militar, uma pequena e limpa mesa de jantar, e três grandes pilhas de jornais

que alcançavam o teto. Se ele fosse solteiro, aquela montanha já o teria enterrado. Mas

quinze anos antes, ele havia conhecido Yelena, que tolerava os velhos papéis

empoeirados em seu pequeno apartamento, mantinha-os ordenados e longe do fogão;

de outro modo, esta montanha teria sido transformada em uma Pompeia de papel há

muito tempo.

Ela também tolerava muitas outras coisas. As partes alarmantes intermináveis dos jornais com títulos como “A corrida armamentista continua”, “Americanos testam

sistema antimísseis”, “Nosso escudo de foguetes cresce”, “Adeus para a paz” e

“O

tempo da paciência terminou” que cobriam as paredes como papel de parede;  
ele

ficando a noite toda pairando sobre uma pilha de cadernos, uma caneta roída na  
mão –

usando luz elétrica ao invés de velas, uma não-opção com todos os jornais ao  
redor;

seu apelido debochado, que ele carregava com orgulho, mas que evocava um  
sorriso

escarnecido por todos que diziam-no.

Ela tolerava muito, mas não tudo. Não sua ânsia e curiosidade juvenis, que o  
colocavam no meio de problemas vez ou outra – e isto com quase sessenta anos  
de

experiência! Ou a facilidade com que ele aceitava todas as ordens superiores,  
sem

pensar na última expedição que quase custava sua vida.

Se ele tivesse morrido... ele não queria pensar nisso.

Quando Homero partia para seu dever na guarda uma vez por semana, ela nunca  
ficava na casa. Ela fugia com seus pensamentos perturbados para os vizinhos ou  
ia para

o trabalho, mesmo que ela não precisasse – não importava onde, qualquer lugar  
era

bom se a distraisse de pensar que seu marido já estava morto, deitado no chão,  
gelado.

Ela achava sua compostura tipicamente masculina diante da morte estúpida,  
egoísta, e

até mesmo criminosa.

O destino quis que ela já tivesse retornado do trabalho para mudar suas roupas.

Ela havia acabado de colocar os braços nas mangas de seu casaco remendado quando

ele entrou. Seu cabelo escuro, levemente grisalho – ela ainda não fizera cinquenta anos

– estava despenteado, e podia-se ver o medo em seus olhos castanhos.

– Kolya... aconteceu alguma coisa? Pensei que estivesse de guarda até tarde da noite?

Sua coragem de começar a argumentar dissolveu-se imediatamente.

Obviamente, desta vez a culpa era de outros, ele poderia dizer que fora forçado, com a

consciência limpa. Mas agora ele hesitou. Talvez ele devesse acalmá-la primeiro e

mencionar aquilo depois – casualmente – durante o jantar?

– Estou pedindo apenas uma coisa para você: não minta para mim. – ela avisou-o, encarando seus olhos vagos, desesperados.

– Lena – ele começou. – Eu preciso dizer uma coisa...

– Alguém... – ela perguntou a mais importante, mais temida questão diretamente.

Alguém morreu, mas ela não disse em voz alta, como se temesse que suas palavras

fariam isso acontecer.

– Não! Não... – Homero balançou a cabeça e completou. – Eles me liberaram da guarda. Estão me mandando para Serpukhovskaya. Não pense que será perigoso.

– Mas... – Yelena não sabia o que dizer. – Mas isso quer dizer... eles já retornaram...

– Isso é tudo absurdo – ele a interrompeu apressadamente. – Não há nada errado.

– A conversa tomou uma direção inesperada. Ao invés de lidar com maldições onde

ele tentava bancar o herói e esperar por um bom momento para a reconciliação, ele

agora precisava encarar um teste muito mais difícil.

Yelena virou-se, andou até a mesa, colocou o sal que estava sobre a mesa em outro lugar, e alisou uma ruga na toalha.

– Eu tive um sonho... – ela parou e limpou a garganta.

– Você sempre tem um.

– Um pesadelo. – ela falou com teimosia. Então começou a chorar.

– O quê? O que eu fiz.. foi uma ordem. – Ele gaguejou e alisou os dedos dela.

Ele percebeu que seus discursos não valiam um centavo agora.

– O caolho deveria ir ele mesmo! – ela vociferou nervosamente, e retirou a mão.

– Aquele demônio de boina! Eles só conseguem mandar nos outros... o que ele tem a

perder? Ele é casado com o próprio rifle! O que ele sabe?

Quando você faz uma mulher chorar, a única solução é segurá-la nos braços.

Homero estava envergonhado de si mesmo, ele estava realmente arrependido. Mas era

muito fácil desistir agora, jurar que ele não seguiria aquela ordem, acalmá-la e enxugar

suas lágrimas – e lembrar-se desta chance perdida eternamente. Talvez a última chance

em sua longa vida.

Então ele permaneceu calado.

Era o momento de reunir os oficiais e instruí-los melhor. Mas o coronel ainda estava sentado em seu escritório. A fumaça do cigarro não incomodava-o mais, mas

ainda era uma tentação para ele.

Enquanto o chefe da estação movia seus dedos pela linha da Sevastopolskaya, em seu mapa do metrô, e murmurava para si mesmo, submerso em pensamentos, Denis

Mikhailovich tentava entender o que estava por trás do misterioso retorno de Hunter

para a Sevastopolskaya. Por que ele decidira ficar ali, e por que ele usava seu elmo em

público na maior parte do tempo? Tudo isso significava que Istomin estava certo:

Hunter estava escondendo-se de alguma coisa, e havia escolhido o posto de guarda sul

como seu esconderijo. Ali ele substituíra uma brigada completa e tornara-se

insubstituível. Quem quer que exigisse seu retorno, qualquer fosse o preço pela sua

cabeça, nem Istomin nem o coronel o teriam entregado.

Seu esconderijo era brilhante. Não haviam estranhos na Sevastopolskaya, e comparada com outras caravanas que viajavam pelo “Grande Metrô”, qualquer um

passando por esta estação mantinha a língua entre os dentes. Nesta pequena Esparta,

que desesperadamente agarrava-se ao seu pedaço de terra no fim do mundo, o mais

importante era ser confiável e incansável em batalha. Aqui, segredos ainda



importavam.

Mas por que Hunter desistira disso tudo outra vez? Por que ele viajaria para

Hanza por sua própria vontade, ariscando ser reconhecido? Ele fora voluntário para

esta operação; Istomin não se atreveria a apontá-lo para ela. Provavelmente não era o

destino da equipe perdida que interessava ao brigadeiro. Ele não lutava por

Sevastopolskaya porque amava a estação, mas pelas suas próprias razões que apenas

ele conhecia.

Provavelmente ele precisava cumprir uma missão? Isto explicaria muitas coisas:

sua aparição repentina, seu sigilo, a estamina com a qual ele mantinha o posto da

guarda, e obviamente sua decisão de ir para Serpukhovskaya imediatamente.

Mas então

por que ele proibira-o de informar aos outros? Quem o teria mandado procurar por

eles?

Não, isto era impossível. Ele era da Ordem. Um homem que dúzias, se não

centenas de pessoas – inclusive Denis Mikhailovich – deviam suas vidas, alguém

incapaz de cometer uma traição.

Mas seria este Hunter, saído do nada, o mesmo? Se ele trabalhava para alguém,

ele recebera um sinal? Significaria isto que o desaparecimento da equipe de

reconhecimento não foi acidental, mas uma operação bem planejada? E que papel tinha

o brigadeiro em tudo isso?

O coronel balançou a cabeça com força, como se quisesse livrar-se das suspeitas

com a sacudida, suspeitas que agarravam-se a ele como sanguessugas, tornando-se

cada vez maiores. Por que ele pensaria isso do homem que salvou sua vida?

Hunter

servira a estação sem cometer nenhum erro, e nunca dera a ele o menor motivo para

suspeitas. Assim, Denis Mikhailovich proibiu-se de pensar no brigadeiro como um desertor, espião ou outra coisa. Ele tomara uma decisão.

– Outro chá e então eu irei encontrar os rapazes, – ele disse energeticamente e estalou os dedos.

Istomin ergueu-se de seu mapa do metrô e sorriu cansado. Ele queria discar o número do ajudante, quando o telefone tocou. Ambos ficaram surpresos e olharam para

o outro. Eles não ouviram este som por uma semana. Se o oficial em serviço queria

alguma coisa, ele batia na porta, e não havia ninguém mais na estação capaz de ligar

para o capataz diretamente.

– Istomin falando – ele respondeu cuidadosamente.

– Vladimir Ivanovich! A Tulskeya está ao telefone, – ele ouviu a voz hesitante do ajudante – mas a conexão está muito ruim... provavelmente nossos homens... mas a

conexão...

– Coloque-me na linha já! – Istomin gritou no receptor, e martelou o punho na mesa com tamanha força, que o telefone soou dolorido.

O ajudante ficou silencioso imediatamente. Istomin podia ouvir um som

estridente, então estática e então ele ouviu à distância uma voz quase irreconhecível.

\*\*\*

Yelena virou o rosto para a parede, escondendo as lágrimas. O que ela ainda podia fazer para segurá-lo? Porque ele sempre alcançava a primeira oportunidade de

deixar a estação? Suas desculpas precárias “Ordens de cima” e “Deserção” – ela ouvira-

as centenas de vezes. O que ela não daria, o que ela não tentaria para tirar dele sua

estupidez nestes últimos quinze anos? Mas outra vez, ela atraía-o para os túneis, como

se ele esperasse encontrar neles algo que não fosse escuridão, vazio e condenação. O

que ele buscava?

Homero sabia exatamente o que ela pensava, como se ela tivesse dito em voz alta. Ele sentiu-se miserável, mas era tarde demais para recuar. Ele abriu a boca para

dar alguma desculpa, algo caloroso, mas manteve-se em silêncio, qualquer palavra dele

apenas adicionaria óleo no fogo.

Sobre a cabeça de Yelena, Moscou chorava. Uma imagem cuidadosamente emoldurada da rua Tverskaya, brilhando na chuva translúcida do verão, cortada de um

almanaque reluzente, estava pendurada na parede. Há muito tempo, quando ele era

capaz de mover-se livremente pelo metrô, toda sua fortuna eram suas roupas e esta

imagem. Outros carregavam páginas amassadas, rasgadas de revistas masculinas em

seus bolsos. Mas para Homero, aquilo era insubstituível. Aquela imagem lembrava-o

de algo indescritivelmente belo... algo que estava perdido para sempre.

Desamparadamente, ele sussurrou “perdoe-me”, saiu para o corredor, fechou a porta

cuidadosamente atrás dele, e sentou-se em frente ao seu apartamento. A porta do apartamento vizinho estava aberta, e duas crianças doentiamente pálidas brincavam na

soleira – um menino e uma menina. Quando viram Homero, eles pararam. O urso de

pelúcia remendado, pelo qual as crianças discutiam apenas um segundo antes, caiu no

chão.

– Tio Kolya, tio Kolya! Conte-nos uma história! Você prometeu contar uma história quando voltasse.

Homero não conseguiu segurar um sorriso. Ele esqueceu a discussão com Yelena imediatamente.

– Sobre o quê?

– Mutantes sem cabeça! – gritou o menino, animado.

– Não! Eu não quero mutantes! – disse a menina, assustada. – Eles são horríveis, eles me assustam!

– Que história você quer, Tany usha? – Homero suspirou.

Mas o menino respondeu antes dela:

– Então sobre os fascistas! Ou os guerrilheiros!

– Eu quero a história da Cidade das Esmeraldas! – Tanya disse e sorriu.

– Mas eu contei esta ontem. Que tal sobre a guerra de Hanza contra os Vermelhos?

– Cidade das Esmeraldas, Cidade das Esmeraldas! – ambos gritaram.

– Está bem – concordou Homero. – Em algum lugar, além da linha

Sokolnicheskaya, atrás das sete estações abandonadas, as três pontes destruídas e mil

vezes mil portas, lá existe uma misteriosa cidade secreta. É tão mágica que nenhum

humano pode entrar. Magos vivem lá e somente eles podem sair e entrar pelos portais

da cidade. No topo dela, na superfície, existe um castelo, com torres onde uma vez os

magos viviam. O castelo chamava-se...

– Versidade! – gritou o pequeno menino, e olhou triunfante para a irmã.

– Universidade – Homero concordou com a cabeça. – Quando a guerra começou

e as bombas atômicas foram lançadas na terra, os magos recuaram para o castelo e

colocaram um feitiço na entrada para que os humanos maus, que começaram a guerra,

não pudessem alcança-los. Então eles viveram... Homero parou e limpou a garganta.

Yelena estava debruçada no batente, ela escutara. Ele não vira-a sair para o corredor.

– Vou empacotar suas coisas – disse ela com a voz rouca.

Homero andou até ela e segurou sua mão. Ela colocou os braços ao redor dele

desajeitadamente, era embaraçoso para ela na frente das crianças, e perguntou silenciosamente:

– Vai voltar logo? Nada vai acontecer com você, certo?

Pela milésima vez em sua longa vida, ele percebeu como as mulheres esperavam

por promessas – não importava se ele poderia cumpri-las ou não.

– Tudo vai ficar bem.

– Vocês são tão velhos e ainda beijam como se tivessem acabado de casar – disse

a menina, fazendo uma careta. O menino gritou para eles, convencido:

– Papai diz que nada nesta história é verdade. Não existe Cidade das Esmeraldas!

– Talvez – Homero soltou os ombros. – É um conto de fadas. O que faríamos sem contos de fadas?

\*\*\*

A conexão estava mesmo ruim. Uma voz vagamente familiar lutava contra a terrível estática: parecia alguém da troyka que mandaram para Serpukhovskaya na

dresina.

– Na Tulsckaya... podemos... Tulsckaya – ele tentava informar sua posição.

– Entendido, vocês estão na Tulsckaya – Istomin berrou no receptor. – O que aconteceu? Por que não retornaram?

– Tulsckaya... aqui... vocês não podem... tudo exceto... – de novo e de novo sua sentença era engolida pela estática.

– O que não podemos fazer? Repita, o que não podemos fazer?

– Não invadam a estação! Tudo exceto invadir a estação! – o telefone soou claramente pela primeira vez.

– Por que não? – perguntou Istomin. – O que diabos está acontecendo?

Mas a voz não era mais audível. A estática se tornou cada vez mais alta, e então a linha morreu. Istomin primeiro não quis acreditar, e manteve o telefone em sua mão.

– O que está acontecendo por lá? – ele sussurrou.

### **3 – Vida após a morte**

O olhar que o guarda do posto norte dera a ele, Homero nunca esqueceria enquanto vivesse. Um olhar cheio de admiração e melancolia, como por um herói

caído. Ele podia ouvir os tiros de saudação do regimento de honra ao fundo. Como uma

despedida eterna.

Os vivos não recebiam aqueles olhares. Homero sentiu-se escalando a escada vacilante da pequena cabine de um avião, incapaz de pousar, que os engenheiros japoneses sobrecarregaram com bombas. A bandeira do imperador, com as listras

vermelhas no vento salgado, no aeroporto de veraneio, virou-se, os motores rugiram e

um grosso general com olhos úmidos, cheios de inveja do kamikaze, ergueu sua mão

em uma saudação militar...

– Por que você está tão animado? – perguntou Achmed amargamente. Ele, por outro lado, não estava ansioso para descobrir o que aconteceu em Sevastopolskaya.

Sua esposa estava parada perto do trilho do trem, seu filho mais velho em uma mão, um pacote barulhento na outra, segurando-o com cuidado.

– É como um ataque surpresa suicida: você espera e corre diretamente até as metralhadoras, – Homero tentou explicar. – Coragem retirada do perigo. À nossa frente

encontra-se um ataque mortal...

– Não é surpresa chamarem de ataque suicida – vociferou Achmed, e olhou outra

vez para a pequena luz brilhante no fim do túnel – A coisa certa para alguém louco

como você. Um ser humano normal não corre diretamente para uma metralhadora.

Estes atos heroicos não levam ninguém muito longe.

O homem mais velho não respondeu imediatamente.

– Bem, aí é que está. Quando você sente que seu tempo acabou, você começa a pensar: o que restará quando eu me for? O que eu realizei?

– Hum. Não sei quanto a você, mas eu tenho meus filhos. Eles não vão me esquecer. – Após uma pequena pausa, ele adicionou – Pelo menos não o mais velho.

Homero queria responder, aborrecido, mas a última frase de Achmed retirou o ar de seus pulmões. Claro que era mais fácil para ele arriscar sua pele velha e sem prole.

Aquele garoto, por outro lado, tinha a vida toda pela frente e não precisava pensar sobre

alcançar a imortalidade ainda.

Eles passaram a última lamparina; uma garrafa de vidro com uma lâmpada fraca



e um pó feito de aço, cheia de insetos queimados e baratas com asas. O corpo de quitina

moveu-se quase despercebidamente – alguns insetos ainda estavam vivos, tentando

arrastar-se para fora da cova – como soldados moribundos tentando arrastar-se para

fora de um túmulo coletivo.

Por um segundo, Homero prendera-se à luz tremeluzente, abrangente, fracamente amarelada, parecendo que expandira de uma lâmpada de cemitério. Ele

respirou fundo, mergulhou na escuridão profunda que alcançava desde

Sevastopolskaya até Tulskaia – se a estação ainda existisse.

\*\*\*

Parecia que a mulher triste e suas crianças fundiram-se com o chão de granito.

Eles não eram os únicos: pouco ao lado deles, um homem caolho com os ombros de

um lutador olhava para o grupo que desaparecia escuridão adentro. Atrás dele, um

homem magro num casaco militar falava em voz baixa com o ajudante.

– Não, podemos apenas esperar. – Istomin disse, enquanto amassava o cigarro artesanal.

– Você pode esperar – respondeu o capitão, irritado. – Eu farei o que preciso fazer.

– Aquele era Andrey. O líder da dresina que mandamos. – Vladimir Ivanovich podia ouvir a voz saindo do receptor; ele não conseguia tirá-la da cabeça.

– E? – o coronel levantou a sobrancelha. – Talvez ele tenha dito sob tortura. Há

especialistas que conhecem certos métodos.

– Improvável. Você não ouviu a voz dele. Há algo diferente acontecendo. Algo inexplicável. Um ataque surpresa não vai importar...

– Posso explicar para você – assegurou Denis Mikhailovich. – Existem bandidos na Tulskaia. Eles apoderaram-se da estação, mataram alguns dos nossos e pegaram os

outros como reféns. Eles não cortaram a energia, claramente, pois também precisam

dela e não gostariam de irritar Hanza. Eles provavelmente apenas desligaram o telefone. Como você explicaria o telefone funcionar algumas vezes e outras não?

– Mas a voz dele estava tão... – murmurou Istomin, como se ele não tivesse ouvido o coronel.

– Tão como? – explodiu o coronel. O ajudante cuidadosamente deu alguns passos para trás. – Quando eu enfio uma agulha embaixo da sua unha, você grita diferente! E com um alicate, posso tornar um baixo em um soprano para sempre! – ele

sabia o que devia fazer, ele havia tomado sua decisão. Agora que ele havia derrotado

suas incertezas, ele estava em um novo patamar, e seus dedos torceram-se às suas

palavras. Istomin podia reclamar o quanto quisesse.

Istomin não respondeu imediatamente. Ele queria dar ao coronel tempo para acalmar-se.

– Vamos esperar – ele finalmente disse. Souo garantido, mas implacável.

Denis Mikhailovich cruzou os braços na frente do peito.

– Dois dias.

– Dois dias – Istomin concordou com a cabeça.

O coronel deu meia volta e retornou ao quartel. Ele não tinha a intenção de desperdiçar valiosas horas. Os oficiais de comando das equipes ofensivas já haviam

esperado por cerca de uma hora na mesa longa. Apenas duas cadeiras estavam vazias:

a dele e a de Istomin. Mas desta vez, eles teriam que começar sem seus líderes.

\*\*\*

O chefe da estação não percebeu que o coronel já havia saído.

– Estranho como nossos papéis se inverteram, não? – disse Istomin, perdido em pensamentos.

Quando ele não recebeu nenhuma resposta, ele virou-se e viu o olhar

desamparado do ajudante. Ele fez um gesto com a mão, dizendo que ele podia ir. Ele

não reconhecia mais o coronel, pensou. Normalmente ele sempre recusava desistir de

qualquer batalha. Ele sentiu algo naquele velho lobo. Mas poderia ele confiar em seu

olfato desta vez?

Os instintos de Istomin diziam algo completamente diferente: mantenha-se

calmo. Espere. A pesada infantaria de Sevastopolskaya encontraria um tipo de inimigo

misterioso e invencível em Tulskaia.

Vladmir Ivanovich vasculhou seus bolsos, encontrou seu isqueiro e acendeu-o.

Anéis de fumaça subiram por ele, e ele olhava diretamente na boca do túnel,

hipnotizado – como um coelho olhando para a tentadora boca de uma cobra.

Quando

ele terminou de fumar, ele balançou a cabeça outra vez, e retornou para seu escritório.

O ajudante libertou-se das sombras de um dos pilares e seguiu-o, mas manteve-se à

distância.

\*\*\*

Ouviu-se um úmido som de chocalho, e um feixe de luz iluminou os primeiros cinquenta metros do túnel estriado; A luminária de Hunter era grande e poderosa como

um holofote. Homero suspirou silenciosamente. Nos últimos minutos, ele pensou que

o brigadeiro nunca acenderia a luz.

Desde que mergulharam na escuridão, o brigadeiro não possuía mais nada em comum com um ser humano normal. Seus movimentos eram fluidos e rápidos, como

os de um animal. Parecia que ele apenas acendera a luz para seus seguidores, Hunter

seguia apenas seus instintos. Ele havia retirado seu elmo e escutava os sons do túnel

várias vezes. Ocasionalmente, ele inspirava o ar enferrujado, como se pudesse farejar

algo, o que apenas deixava suas suspeitas mais fortes.

Hunter pisava pelo túnel sem fazer qualquer som, e não olhava para trás. Parecia que ele havia esquecido a existência deles. Achmed, que apenas ocasionalmente fazia

a guarda do posto sul, e por isso não conhecia os hábitos do brigadeiro, cutucou a

costela do homem mais velho.

– Qual o problema dele?

Homero deu de ombros. Como poderia explicar isso para ele em duas palavras?

Por que ele sequer precisava deles? Hunter parecia sentir-se consideravelmente mais

seguro nestes túneis do que Homero. Ao mesmo tempo, ele pensava em si mesmo como

o guia para o grupo. Se ele tivesse perguntado ao velho homem, ele poderia ter lhe

falado muito sobre esta região. Lendas, mas também histórias verdadeiras, que em sua

maioria eram mais terríveis e bizarras que as histórias improváveis que os guardas

contavam na fogueira solitária da guarda, quando estavam entediados.

Homero possuía um projeto diferente do metrô em sua mente – o mapa de

Istom in não era nada comparado com ele. Ele poderia ter preenchido todas as partes

em branco com suas próprias marcas e anotações. Eixos verticais, abertos, até mesmo

alguns quartos do serviço operacional e linhas conectadas como teias de aranha. Como

um exemplo de seu projeto, havia uma junção entre a Sevastopolskaya e a Yuzhnaya,

então uma estação ao sul terminava como uma gigantesca mangueira em um gigantesco

depósito de trens, uma Varsóvia que reunia dúzias de desvios, como pequenas veias.

Homero, que possuía uma admiração sagrada por trens, via este depósito como

um lugar escuro, mas também misterioso, como um cemitério de elefantes; ele poderia

falar sobre isso por horas, contanto que tivesse ouvintes.

Ele achava que a divisão entre a Sevastopolskaya e a Nakhimovsky Prospekt era especialmente difícil. Na impossibilidade de uma mente humana saudável, exigia-se

que eles ficassem unidos, movendo-se em frente devagar, cautelosamente, atentos às

paredes e ao chão o tempo todo. Não era possível nem mesmo manter o túnel, onde

todas as ventilações e rachaduras foram emparedadas e seladas pelas equipes construtoras da Sevastopolskaya, fechadas por trás, fora da vista.

A escuridão era rasgada apenas pela luz, por um curto período de tempo, e já havia crescido em conjunto com uma densa névoa. O eco dos seus passos retornava

das rachaduras dos segmentos do túnel, e em algum lugar à distância, um vento solitário

uivava pela ventilação. Gotas grandes, pesadas, uniam-se nas rachaduras do teto e

caíam. Talvez fossem feitas apenas de água, mas Homero preferiu desviar delas. Somente por precaução.

\*\*\*

Nos velhos tempos, quando a cidade monstruosamente inchada vivia sua vida, e o metrô era nada além de um tráfego sem alma para os incansáveis habitantes da cidade,

um jovem Homero, que todos chamavam de Kolya, andava com sua lanterna e caixa

de ferramentas pelos túneis.

Aquele caminho era proibido para os simples mortais. As únicas coisas feitas para eles, eram os cerca de cento e cinquenta pilares de mármore polido apertados,

cobertos por propagandas coloridas. Mesmo que eles passassem duas ou três horas nos

velozes trens do metrô, milhões de pessoas eram inconscientes de que viam apenas um

centésimo deste inimaginavelmente imenso reino subterrâneo face a face. E tanto que

eles não começariam a pensar sobre sua real extensão, ou sobre para onde as imperceptíveis portas e bloqueios de ferro levavam, os escuros túneis secundários e as

passagens que haviam sido fechadas por meses, por causa da contaminação por chumbo; eles mudavam sua atenção para os pôsteres conspícuos, que conduziam os com

propagandas provocativas, porém burras, a lugar nenhum, e até perseguia-os nas escadas rolantes com anúncios publicitários de madeira nos alto-falantes. Era assim

que parecia para Kolya, depois de ele começar a lidar com os segredos desde país

dentro de um país.

O projeto colorido do metrô deveria convencer mentes curiosas que eles lidavam com um objeto civil ali. Mas na verdade, as linhas nestas cores alegres eram cruzadas

por invisíveis linhas de túneis militares, que levavam à abrigos do governo e depósitos

militares. Mesmo algumas linhas eram conectadas por um labirinto de

catacumbas,

escondidas em alguns lugares da cidade.

Quando Kolya era bem jovem, e seu país era pobre demais para competir com as ambições dos outros, os abrigos subterrâneos e abrigos antiaéreos, construídos para

o dia do julgamento, juntavam poeira. Mas com o dinheiro, as pessoas retornaram com

as más intenções. Enferrujadas, pesando toneladas, as portas abriram-se rangendo,

suprimentos de comida e medicamentos foram renovados, e os filtros de ar e água

foram reparados e modernizados. Bem a tempo.

O trabalho no metrô era como as boas-vindas à sociedade dos maçons. Ele sentia-se assim, pois viera de uma cidade pequena. Antes um desempregado solitário,

agora um membro de uma das mais poderosas organizações, que recompensava seu

modesto serviço generosamente, e o pusera na mira de um dos mais profundos segredos

da ordem mundial. Ele também gostava da remuneração do seu trabalho; eles não

exigiam muito dos futuros empregados.

Levou algum tempo para ele perceber, pelas explicações hesitantes de seus colegas, porque a organização de metrô precisava atrair seus empregados com altos

salários e dinheiro extra para o trabalho perigoso. Não, não era por causa dos apertados

turnos e o sacrifício voluntário da luz do dia, Era sobre perigos totalmente



diferentes.

Homero, um homem cético, nunca prestou muita atenção nos rumores que nunca

morriam, ou até nos contos sombrios sobre as atividades demoníacas no túnel. Mas,

um dia, um dos seus colegas não retornara de sua inspeção nos túneis de serviço. Como

o homem, todos os documentos mostrando que ele trabalhava no metrô, desapareceram.

Apenas Kolya, ainda jovem e ingênuo, não queria aceitar o desaparecimento de seu colega. Até que um dos funcionários mais velho puxou-o num canto e sussurrou,

olhando apressado ao redor, que eles “pegaram” seu amigo. Kolya percebeu muito bem

que algo sinistro acontecia no subterrâneo de Moscou, e isso bem antes do apocalipse

irromper na imensa cidade e destruir todas as vidas com sopro de fogo.

A perda do amigo e a iniciação neste conhecimento proibido deveria ter assustado Kolya. Ele devia ter deixado seu emprego e procurado outro. Mas seu casamento arranjado com o metrô progredira para um caso apaixonado. Quando ele

estivesse extenuado da infinita peregrinação pelos túneis, ele deixava-se ser treinado

como maquinista substituto, garantindo a si mesmo um lugar sólido na complexa hierarquia do metrô.

Quanto mais estreito seu conhecimento deste maravilhoso mundo ignorado, mais nostálgico ele tornava-se. Conforme observava este labirinto grotesco, esta

cidade

ciclônica e sem autoridade, um reflexo de cabeça para baixo da superfície de Moscou,

mais apaixonava-se por ela. Este tártaro, criado por mãos humanas, era digno das artes

poéticas de um Homero real, ou, ao menos, a pluma de um Jonathan Swift, e seria para

ele mais impressionante que a ilha flutuante de Laputa... Mas apenas Kolya venerava

o metrô em segredo, e cantava desajeitadamente sobre sua grandeza. Nikolai Ivanovich

Nikolayev. Que ridículo.

Era possível amar não a rainha da montanha de cobre, mas a montanha de cobre em si? E, na verdade, esta relação era baseada em um amor mútuo, a ponto de despertar

o ciúme. Roubara a família de Kolya, mas salvara sua vida.

\*\*\*

Hunter parou tão repentinamente que Homero não foi capaz de levantar de sua cama macia de lembranças rápido o suficiente, e esbarrou diretamente nas costas do

brigadeiro. Sem dizer uma palavra, ele empurrou o homem mais velho para trás e parou

outra vez, abaixou a cabeça e encostou a orelha deformada no túnel. Como um morcego

cego enxergando o ambiente ao redor, Hunter parecia escutar uma frequência sonora

inaudível para os demais. Homero, por outro lado, sentiu algo diferente: o cheiro da

Nakhimovsky Prospekt, um odor que não poderia ser confundido com nenhum outro.

A caminhada pelo túnel fora rápida... Por sorte, não precisaram pagar um preço para

chegar até ali sem encontrar oposição...

Achmed, como se ouvisse os pensamentos de Homero, pegou seu fuzil de suas costas, e desativou a trava de segurança.

– Que criaturas são aquelas? – Hunter sussurrou para Homero.

Homero sorriu secretamente: quem saberia o que o diabo havia trazido até eles?

Pelas portas escancaradas da Nakhimovsky Prospekt, criaturas horríveis caíam do teto

como de um funil. Mas também haviam moradores permanentes nesta estação. Mesmo

que eles não aparentassem ser perigosos, Homero sentia por eles algo específico: uma

mistura pegajosa de medo e repugnância.

– Pequenas... sem pelos – o brigadeiro tentava descrevê-los.

Aquilo bastou para Homero. Ali estavam eles.

– Necrófagas – respondeu silenciosamente.

Entre a Sevastopolskaya e a Tulsкая, talvez em outras regiões do metrô

também, esta palavra, que era um xingamento em russo, passou a ser usada em seu

sentido literal nos últimos anos.

– Eles comem carne? – Hunter perguntou.

– Mais para carniça – respondeu o mais velho, inseguro.

Estas criaturas repugnantes – primatas aracnídeos – não atacavam os humanos;

alimentavam-se da carniça que arrastavam da superfície. E um grupo grande havia feito

seu ninho na Nakhimovsky Prospekt. Este era o motivo de poder-se sentir o cheiro nauseantemente adocicado da carne apodrecendo nos túneis adjacentes; na estação, o

cheiro era tão forte que podia fazer sua cabeça girar, pois reuniam corpos mortos para

comer. Alguns equipavam suas máscaras de gás muito antes de chegarem à estação,

para tolerar, em parte, o odor.

Homero, que lembrava-se muito vividamente deste aspecto especial da

Nakhimovsky, alcançou rapidamente sua máscara, colocando-a sobre o nariz e a boca.

Achmed, que não tivera muito tempo para preparar-se, olhou-o com inveja, e cobriu o

nariz com o braço. O miasma que avolumava-se nesta estação envolveu-os, cercou-os

e perseguiu-os adiante. Hunter parecia não experimentar nada igual aos outros.

– Algo tóxico? Esporos? – perguntou Hunter.

– O cheiro – disse Homero por baixo da máscara.

O brigadeiro olhou para Homero, como se quisesse ter certeza de que ou outro não estava fazendo uma piada às suas custas. Então ele encolheu os ombros, e disse:

– O mesmo de sempre, então.

Ele segurou seu fuzil de modo mais confortável, e deixou claro que eles

deveriam segui-lo, e continuou com os passos suaves. Após cerca de cinquenta metros,

um sussurro quase imperceptível uniu-se ao cheiro hediondo. Homero esfregou o suor

quente de sua testa, e tentou acalmar o coração galopante. Eles estavam próximos.

Finalmente, a luz da lanterna iluminou alguma coisa, os faróis quebrados de um trem,

uma moldura azul, que tentava bravamente lutar contra a ferrugem, seus faróis dianteiros encarando cegamente a escuridão; um para-brisa espatifado... À frente deles,

estava o primeiro vagão de um trem, que bloqueava o túnel como uma rolha gigantesca.

O trem permanecia desesperançosamente morto por um longo tempo, mas

Homero, todas as vezes que o via, desejava infantilmente subir na empoeirada cabine

do maquinista, apertar os botões do painel e imaginar, com os olhos fechados, que ele

acelerava pelo túnel, atrás dele uma comitiva de vagões acesos brilhando, cheios de

pessoas, que liam, dormiam, olhavam os anúncios e tentavam conversar acima do

barulho do trem em movimento. Quando o sinal de alarme soar, vocês devem ir até a

próxima estação. Lá, devem chefiar a estação. As portas serão abertas. As equipes civis

devem assegurar a evacuação dos feridos e o fechamento hermético das estações do

metrô. Ele possuía instruções claras e fáceis para o dia do julgamento. Elas foram

seguidas em todos os locais possíveis. A maioria dos trens quebrou nos trilhos, e

caiu

em um sono letárgico, e haviam sobreviventes neles, homens e mulheres, que ao invés

das poucas semanas que foram prometidas à eles, precisaram ficar ali para sempre. A

maior parte dos trens fora desmantelada para criar equipamentos, e para partes sobressalentes.

Em alguns lugares, os trens eram usados como casas, mas Homero, que via nos trens seres vivos, achava que eles estavam vandalizando um cadáver, como se tivessem

empalhado seu gato favorito. Em locais inabitáveis, como a Nakhimovsky Prospekt, o

tempo e os vândalos deixaram suas marcas no trem, mas ele mantivera-se intacto.

Homero não conseguia desviar os olhos. Os sussurros e sibilos que aproximavam-se

da estação desvaneceram-se ao fundo, e mais uma vez ele ouviu o fantasmagórico

alarme uivante, o sinal profundo do trem que espalhava a mensagem inaudível, um bip

longo e dois curtos: “ataque nuclear”. Freios guincharam, e pelos alto-falantes viera

uma mensagem confusa: Prezados passageiros, por causa de uma emergência técnica,

o trem não pode continuar seu percurso...

Nem o maquinista murmurando ao microfone, nem seu assistente Homero, conheciam a extensão total da desesperança opressiva desta sentença formal. O exaustivo ranger dos portões herméticos... eles separavam os vivos dos mortos,

de uma

vez por todas. O protocolo exigia que as portas fossem fechadas seis minutos depois

do alarme ter soado, e deveriam ser fechadas para sempre, não importava quantas

pessoas ainda estivessem do lado de fora. Aqueles que resistissem ao fechamento dos

portões eram alvejados imediatamente.

Seria o pequeno policiamento, que afugentava bêbados e mendigos para fora da estação, capaz de atirar no ventre de um homem que impedisse o fechamento de uma

tonelada de maquinaria, apenas para que sua esposa, com seu salto alto quebrado, fosse

capaz de deslizar para dentro? Poderia a velha bilheteira, mulher determinada, em seu

uniforme e chapéu, que checava os bilhetes e que havia, em trinta anos de serviço, feito

nada além de fechar portas e espantar vândalos com seu apito, entrar no metrô e cortar

um idoso ofegante, que tentava passar pelas portas? As instruções davam seis minutos

para um ser humano tornar-se uma máquina. Ou um monstro.

Os gritos das mulheres, os berros dos homens, o choro descontrolado das crianças, os sons das pistolas e disparos de metralhadoras... De cada alto-falante, o

pedido para permanecer calmo soava metálico e apático. Algum desinformado lia-o,

pois ninguém poderia ser tão controlado e indiferente, repetindo a mesma

sentença

diversas vezes: Por favor, mantenham a calma. Choros, súplicas... mais tiros. E exatamente seis minutos após o alarme, um minuto antes do apocalipse – com o som

lento de um sino de igreja – as portas fecharam-se. O som das fechaduras trancando-

se.

Silêncio. Como uma tumba.

\*\*\*

Para mover-se ao redor do vagão, precisaram andar encostados à parede. O maquinista freara muito tarde, talvez distraído por algo nos trilhos. Eles subiram por

uma escada de ferro e encontraram-se em uma entrada espaçosa. Não havia pilares,

mas um teto abobadado, com nichos ovais para as luminárias. A entrada era grandiosa;

incluía a estação de trem e ambos os trilhos, com os trens. Uma construção simples,

inacreditavelmente elegante e lacônica. Apenas não olhe para baixo, abaixo de

pés ou à frente. Não olhe para o que a estação se tornou. Uma grotesca clareira de

corpos, onde nenhum deles jamais encontrara a paz, uma pradaria tenebrosa de cadáveres, coberta de esqueletos roídos, corpos apodrecendo e partes desmembradas.

Criaturas grotescas arrastavam gananciosamente tudo que encontravam para seu pequeno reino, muito mais do que poderiam comer, como estoque. Estes estoques



apodreciam e desintegravam, mesmo assim, elas continuavam a recolher mais.

As montanhas de carne apodrecendo moveram-se, como se respirassem, ignorando as leis da natureza, e de todos os lugares ouvia-se um asqueroso som de

raspagem. O brilho da lanterna alcançou uma das criaturas: longas pernas e braços com

nódulos, pele cinzenta enrugada, flácida, e uma corcova. Os olhos turvos vasculhavam

semicegos pelo ambiente, e as orelhas grandes moviam-se como se possuíssem vida

própria.

A criatura soltou um grito rouco, e recuou devagar sobre todos os membros,

voltando à porta aberta do trem. Igualmente lentas, as outras necrófagas começaram a

descer as montanhas de corpos. Irritadas, mostraram os dentes e rosnaram para o grupo.

Sobre os pés, elas não seriam capazes de alcançar o peito de Homero, e ele sabia que

as criaturas covardes não atacariam um ser humano forte e saudável. Mas o horror

irracional que sentiu destas criaturas uniu-se com seus pesadelos noturnos: fraco e

abandonado, estendido solitário na estação vazia, com os monstros chegando cada vez

mais perto. Como uma gota de sangue no oceano atraía inúmeros tubarões, estas criaturas podiam sentir a morte cercando um estranho e apressavam-se a buscá-lo. O

medo de envelhecer, Homero disse a si mesmo, condescendente. Na juventude,

ele

havia lido livros sobre psicologia. Se eles apenas fossem úteis agora. As necrófagas,

por outro lado, tinham medo dos humanos. Desperdiçar uma só munição nestas criaturas inofensivas era considerado um crime na Sevastopolskaya. As caravanas

nômades tentavam ignorá-los, apesar das criaturas gostarem de provocá-las. Nesta

estação, elas reproduziram-se em quantidade, e quanto mais o grupo progredia, enquanto os ossos esmigalhavam sob seus pés com um som asqueroso de fratura, mais

necrófagas abandonavam relutantes sua refeição, e recuavam para suas tocas. Suas

teias ficavam dentro dos trens. E por isso, Homero as detestava ainda mais. As portas

herméticas da Nakhimovsky Prospekt estavam abertas. Dizia-se que, se você passasse

pela estação rapidamente, apenas uma pequena dose da radiação insalubre o atingiria,

mas você não deveria permanecer ali por muito tempo. Por isso alguns dos trens ainda

estavam preservados: os para-brisas e janelas não estavam quebrados, pelas portas

abertas via-se os bancos sujos, mas intactos, e a tinta azul dos trens ainda estava ali.

No meio do saguão, estava uma verdadeira montanha de corpos retorcidos, deixados

irreconhecíveis pelas criaturas. Quando Hunter alcançou-as, ele parou de repente.

Achmed e Homero olharam um para o outro, preocupados, e tentaram ver de onde

vinha o perigo. Mas a razão do atraso era outra. No topo da montanha de corpos, duas

pequenas necrófagas roíam o esqueleto de um cachorro – podia-se ouvir como elas

guinchavam e rosnavam de prazer. Elas não foram capazes de esconder-se a tempo.

Talvez elas não tivessem terminado sua refeição, ou não entenderam os sinais das criaturas mais velhas, ou sua ganância subjugará-as. Cegas pela luz da lanterna, mas

ainda encolhendo-se, elas começaram seu lento recuo para o vazio ao lado, quando

ambas tropeçaram com um som aborrecido, e caíram contra o chão como dois sacos de

areia. Homero olhou surpreso para Hunter, que guardou a pesada pistola do exército e

o longo supressor de volta no coldre em seu ombro. O rosto do brigadeiro estava impassível e impenetrável como sempre.

– Acho que elas estavam com muita fome – murmurou Achmed, um pouco enojado, um pouco curioso, para as poças escuras onde jaziam os restos de seus carnudos esqueletos mortos.

– Concordo – respondeu Hunter com uma voz incerta, e Homero estremeceu.

Sem virar-se, Hunter continuou caminhando, e Homero sentia que podia ouvir rosnados silenciosos. Era exaustivo, tentar não atirar na cabeça de outra criatura! Ele

reassegurara a si mesmo, até que era o mesmo outra vez. Ele precisava provar a si

mesmo que era um homem adulto, e que podia controlar seus pesadelos, sem agir como

louco. Hunter não parecia suprimir seus desejos. Mas o que ele realmente desejava? A

morte silenciosa das duas necrófagas movimentou o restante do bando: o cheiro de

morte recente afugentou as mais ousadas e lentas dos trilhos. Lentamente, grasnando e

gemendo, recuaram para os dois trens, espremeram-se contra as janelas ou amontoaram-se nas portas, e esperaram. Mas não se moveram. As criaturas não pareciam sentir raiva, e não era possível reconhecer qualquer intenção de vingarem

suas irmãs mortas, ou defenderem-se. Assim que o grupo deixasse a estação, elas iriam

devorar as duas necrófagas mortas sem hesitação. Agressão é um traço de caçadores,

pensou Homero. Aqueles que sobrevivem de carniça não precisavam atacar, pois não

precisavam matar. Tudo que vive, morre um dia, e torna-se comida. Elas só precisavam

esperar.

Na claridade da luz, eles podiam enxergar suas monstruosas carrancas

observando-os através do vidro esverdeado e sujo das janelas, os corpos de compleição

tombada, as mãos com longas garras, era com se olhasse para um aquário demoníaco.

Em silêncio absoluto, centenas de pares de olhos observavam cada movimento da

pequena comitiva, as cabeças das criaturas viravam-se sincronizadas com o movimentos dos humanos de passagem. Certamente, os fetos nos vidros com formaldeído olhariam os visitantes do Museu Natural de São Petersburgo da mesma

forma, se seus olhos não tivessem sido costurados por precaução.

Mesmo que a hora da expiação de sua visão ateística do mundo chegasse cada vez mais perto dele, não poderia forçar a si mesmo a acreditar em deus ou no diabo. Se

o purgatório existia, Homero estava olhando diretamente para ele. Sísifo fora condenado a lutar contra a gravidade, Tântalo sentenciado à tortura pela sede eterna.

Para Homero, em seu uniforme amassado de maquinista, havia uma estação morta

esperando por ele, com seus monstruosos trens fantasmas, cheios de seus habitantes,

que lembravam-no das gárgulas medievais, e o riso e a zombaria de todos os deuses

que buscavam vingança. E quando o trem deixasse a estação, o túnel se transformaria

– como nas antigas lendas do metrô – em uma fita de Möbius, ou uma Ouroboros.

\*\*\*

Hunter perdera todo o interesse na estação e seus habitantes. Ele abandonara o restante do salão com passos rápidos. Achmed e Homero acharam difícil acompanhar

o brigadeiro apressado. O homem mais velho desejava voltar, gritar e atirar, fazer

qualquer coisa para espantar essas crias atrevidas, assim como seus pensamentos

pesarosos. Mas ao invés disso, ele seguiu com a cabeça baixa, tentando não pisar em

qualquer pedaço de corpo apodrecido. Achmed fez o mesmo. Enquanto eles escapavam

da Nakhimovsky Prospekt, ninguém pensou em olhar para trás. A mancha de luz da

lanterna de Hunter fluuava de um ponto para o próximo, como se seguisse um acrobata

invisível por um circo mortal, mas mesmo o brigadeiro não prestava mais atenção ao

que a lanterna iluminava. Na luz da lanterna, era possível enxergar os ossos frescos, e

definitivamente, uma cabeça humana roída por um segundo, e então eles

desapareceram na escuridão. Ao lado daquilo, como uma concha inútil, estava um

capacete e um colete à prova de balas. Ainda era possível ver nele as palavras pintadas

em branco: SEVASTOPOLSKAYA.

#### **4 – Laços**

– Pai... pai! Sou eu, Sasha! – Ela soltou as tiras do capacete de seu pai de seu queixo inchado. Então estendeu a mão para a borracha da máscara de gás, puxou-a de

seu cabelo suado e a lançou fora do enrugado escalpo grisalho. Seu peito subia e descia

pesadamente, seus dedos arranharam o concreto, e seus olhos úmidos olharam-na sem

piscar. Ele não respondeu.

Sasha deitou uma sacola embaixo da cabeça dele e saiu apressada para o portão.

Ela empurrou o ombro magro contra o enorme portão, respirou fundo e rangeu os

dentos. Apesar da montanha de ferro cedeu relutante, virou-se e caiu com estrondo em

sua fechadura. Sasha olhou outra vez e afundou no chão. Um minuto, tudo que ela

precisava era de um minuto para recuperar o fôlego... em breve ela retornaria para ele.

Cada expedição custava mais forças à seu pai. Era quase desesperador, levando em conta sua colheita frugal. Cada expedição encurtava sua vida não em dias, mas em

semanas, talvez meses. Mas era a necessidade que o forçava a seguir. Quando eles não

possuísem mais nada para vender, havia apenas uma coisa a fazer, comer o rato de

estimação de Sasha, a única criatura viva na estação hostil, e atirar em si mesmos. Se

ele deixasse, ela teria ido em seu lugar. Quantas vezes ela pedira a máscara de gás, para

que ela subisse por si mesma, mas ele manteve-se inflexível. Ele provavelmente sabia

que este pedaço furado de borracha, com seus filtros cheios, não era melhor que um

talismã, mas ele jamais admitiria isso. Ele mentira que sabia como limpar os filtros, e

mesmo após horas de exploração ele agia como se estivesse se sentindo bem, e quando

ele não queria que ela o visse vomitando sangue, ela a mandava embora para

ficar

sozinho.

Sasha não tinha poder para mudar alguma coisa. Eles haviam levado Sasha e seu pai à esta parte abandonada do metrô, e os deixaram vivos, não por piedade, mas por

curiosidade sádica. Eles provavelmente pensaram que não sobreviveriam uma semana,

mas a força de vontade e estamina de seu pai os provera com o que precisavam, e eles

sobreviveram por anos. Eles os odiavam, os menosprezavam, mas traziam comida

regularmente. Obviamente, não de graça.

Nas pausas entre as expedições, nos raros minutos quando ambos sentavam próximos ao esparso fogo aceso, seu pai amava falar sobre o passado. Anos antes, ele

percebeu que não precisava enganar a si mesmo, mas mesmo que ele não tivesse um

futuro, então pelo menos ninguém poderia tirar dele seu passado.

– Antigamente, meus olhos eram da cor dos seus – ele dizia à ela. A cor do céu...

e Sasha acreditava lembrar desses dias, dias quando o tumor não havia inchado sua

cabeça, e seus olhos não haviam desvanecido, mas quando eles brilhavam como os dela

agora.

Quando seu pai dizia “a cor do céu”, obviamente ele queria dizer o azul-celeste, e não as incandescentes nuvens vermelhas de poeira que alcançavam sua cabeça quando ele subia à superfície. Ele não havia visto a luz do dia verdadeira por mais



de

vinde anos, e Sasha nunca a tinha visto. Ele apenas via em seus sonhos, mas ele não

sabia se o que via era real. O que experimentam as pessoas cegas de nascença: sonham

com um mundo similar ao nosso? Eles sequer veem alguma coisa em um sonho?

\*\*\*

Quando crianças pequenas fecham os olhos, elas acreditam que o mundo inteiro afundou na escuridão; elas acreditam que todos ao seu redor estão tão cegos quanto

elas. Nos túneis, os humanos são tão inexperientes quanto estas crianças, Homero pensou. Ele imaginava que a luz reinava sobre a escuridão toda vez que ele ligava sua

lanterna, e a desligava de novo. Mesmo a escuridão mais impenetrável podia ser repleta

de olhos espreitando. Desde o encontro com as necrófilas, ele não conseguia pensar em

outra coisa. Uma distração. Ele precisava de uma distração.

Era estranho Hunter não saber o que os esperava na Nakhimovsky Prospekt.

Quando o brigadeiro aparecera na Sevastopolskaya, dois meses atrás, nenhum dos

guardas conseguia explicar como um homem com estatura tão extraordinária passara

todos os postos do norte sem ser notado. Sorte deles que o comandante não queria uma

explicação de como Hunter passou despercebido. Mas se ele não chegou à

Sevastopolskaya pela Nakhimovsky Prospekt, como ele chegou lá? Todas as outras

passagens pelo metrô já haviam sido cortadas. A linha Kakhovskaya, abandonada, não

havia visto um único ser vivo nos últimos anos. Impossível. A Chertanovskaya?

Ridículo. Nem mesmo um lutador hábil e implacável como Hunter passaria pela estação amaldiçoada. Também era impossível chegar lá sem passar pela

Sevastopolskaya primeiro. Então o norte, sul e leste estavam fora de questão.

Agora Homero tinha apenas uma hipótese sobrando: o convidado misterioso viera da superfície. Claro que todas as entradas e saídas da estação foram

cuidadosamente barricadas, e eram vigiadas o tempo todo, mas... ele poderia ter aberto

uma das ventilações. Os habitantes da Sevastopolskaya não suspeitavam que ainda

houvesse alguém inteligente o suficiente para enganar seu sistema de alarmes

localizado nas ruínas de concreto queimado. Um interminável tabuleiro de xadrez, feito

de vários andares de complexos de apartamentos demolidos pelos estilhaços de ogivas,

que estavam abandonados e vazios. Os últimos jogadores haviam desistido de jogar

décadas atrás, e deixaram as figuras distorcidas e assustadoras se arrastarem na

superfície. Eles agora jogavam seu próprio jogo, com suas próprias regras. Olhando do

ponto de vista humano, uma revanche era impossível.

Curtas expedições procuravam, apressadamente, por qualquer coisa útil que não

havia se decomposto nos últimos vinte anos; invasões vergonhosas às suas próprias

casas eram o máximo que eram capazes. Em trajes de borracha, que protegiam os

rastreadores da radiação, eles subiam para procurar esqueletos de antigos edifícios pela

centésima vez, mas ninguém se atrevia a lutar com os atuais habitantes o suficiente

para exterminá-los. Você podia descarregar uma pistola automática neles, recuar para

um apartamento sujo por perto, e correr direto para a entrada de resgate do metrô

quando o perigo passasse.

Os antigos mapas do capitólio perderam toda a referência à realidade. Onde antes

havia carros presos no trânsito por quilômetros, agora havia desfiladeiros cobertos

por um negro matagal impenetrável. Onde antes havia áreas residenciais, agora eram

pântanos ou devastações queimadas. Apenas os rastreadores mais audazes desafiavam

venturar-se mais longe que um quilômetro de suas entradas do metrô, a maioria se

contentava com menos.

As estações depois da Nakhimovsky Prospekt – Nagornaya, Nagatinskaya e

Tulskaya – não tinham entradas, e os humanos nestas estações nem mesmo pensavam

em ir até a superfície. Então, de onde nesta devastação Hunter poderia ter emergido,

era um mistério completo para Homero. Mas havia uma última possibilidade de onde

o brigadeiro poderia ter vindo. Esta possibilidade deixou o velho ateu incapaz de respirar, seguindo a silhueta escura de Hunter, que movia-se pela escuridão como se

não tocasse o solo.

Ele viera do subsolo.

\*\*\*

– Eu tenho um mau pressentimento sobre isso – disse Achmed, hesitante e tão baixo, que Homero quase não pôde ouvi-lo. – Não é o momento certo para estar aqui.

Acredite em mim, tenho viajado com muitas caravanas. Há algo reproduzindo-se na

Nagornaya...

Os pequenos grupos de bandidos, após cada ataque, imediatamente tratavam de recuar o máximo possível a partir da linha anel, descansavam nas estações escuras, mas

nunca se atreveram a atacar as caravanas da Sevastopolskaya. No instante em que

ouviam o estrondo constante das botas com pregos, que anunciava a chegada da infantaria pesada da Sevastopolskaya, eles saíam de seu caminho imediatamente. Não

era por causa dos bandidos, ou das necrófagas na Nakhimovsky Prospekt, que essas

caravanas eram tão bem protegidas.

Seu duro treinamento, destemor absoluto, sua capacidade de fechar-se a um punho de ferro em segundos, e destruir qualquer ameaça possível em uma saravada de

balas, tudo isso poderia ter feito os comboios da Sevastopolskaya os governantes

indiscutíveis dos túneis até a Serpukhovskaya – se não existisse a Nagornaya.

Os horrores da Nakhimovsky Prospekt ficaram atrás deles, mas nem Homero ou

Achmed sentiram o menor alívio. A aparentemente discreta e feia Nagornaya havia se

tornado a estação final de muitos viajantes que não a trataram com cautela. Aqueles

pobres tolos, que acabavam chegando à vizinha Nagatinskaya, coincidentemente ficavam o mais longe possível da boca voraz da Nagornaya. Como se isso fosse salvá-

los. Como se aquilo que arrastava-se para fora do túnel, à procura de presas, fosse

demasiado lento para rastrear um pouco mais adiante e escolher a vítima de seu gosto...

Assim que você entra na Nagornaya, você não pode confiar em nada além da sua

sorte, porque esta estação não joga pelas regras. Às vezes, os deixava passar em silêncio, e os viajantes viam horrorizados as marcas sangrentas nas paredes e pilares

em que alguém tinha tentado escalar desesperadamente. E, somente minutos mais tarde

após alguém atravessar com segurança a estação, um outro grupo poderia receber uma

saudação tão calorosa, que a perda de metade dos homens era considerada como uma

vitória.

A estação estava sempre faminta. Não favorecia ninguém. Não deixava ninguém explorá-la. Para os habitantes das estações vizinhas, a Nagornaya incorporava a pura

arbitrariedade do destino. Ela era o maior desafio para todos que embarcavam em seu

caminho a partir da Sevastopolskaya para a linha anel, e vice-versa.

– Tantos desaparecidos... não poderia ser apenas a Nagornaya sozinha – Achmed disse com superstição. Como muitos moradores da Sevastopolskaya, ele referia-se à

Nagornaya como se fosse uma criatura viva, e não uma estação de metrô.

Homero sabia o que Achmed queria dizer. Ele pensara nisso por muitas vezes, se não fora a Nagornaya a responsável pelo desaparecimento da equipe de reconhecimento. Ele balançou a cabeça e acrescentou:

– Se assim foi, espero que eles tenham conseguido sufocá-la.

– O que você disse? – sibilou Achmed, irritado. Suas mãos contorceram-se em direção à Homero, como se quisesse acertar o velho homem, mas não o fez – Ela não

seria sufocada por você, com toda certeza!

Homero recebeu o insulto em silêncio. Ele não acreditava que a Nagornaya ainda

poderia ouvi-los. Com sorte, ela não ficaria irritada. Pelo menos não à esta distância...

Superstição! Nada além de superstição! Era impossível contar toda a idolatria do metrô

– você sempre pisaria o calo de alguma. Homero não pensava mais nelas. Achmed, por

outro lado, tinha outra opinião. Ele pegou um rosário, feito de cartuchos vazios de uma

Makarov, do bolso de seu casaco, e começou a deslizar o chumbo pelos dedos sujos.

Ao mesmo tempo, seus lábios moviam-se silenciosamente em sua própria linguagem;

ele provavelmente pedia à Nagornaya perdão pelos pecados de Homero.

Hunter sentira algo com sua percepção sobrenatural. Ele deu a eles um sinal com as mãos, diminuiu a velocidade e ajoelhou-se.

– Brumas – murmurou Hunter, enquanto respirava o ar frio pelo nariz – O que há ali?

Homero e Achmed trocaram olhares. Ambos sabiam o que ele queria dizer: era a temporada aberta. Agora eles precisavam de ainda mais sorte para chegar vivos à

fronteira norte da Nagornaya.

– Como eu poderia explicar para você – respondeu Achmed de má vontade. – É o hálito...

– Hálito de quem? – perguntou Hunter nada impressionado. Ele colocou a bolsa no chão, para poder escolher a melhor arma para o trabalho.

Achmed sussurrou:

– O hálito de Nagornaya.

– Veremos – disse Hunter desdenhosamente, e fez uma careta. Apesar de parecer

que o rosto distorcido de Hunter voltara à vida; na verdade, estava tão imóvel como

sempre – era apenas um truque da luz.

Eles podiam ver agora, algumas centenas de metros após Hunter ter visto: uma névoa espessa, pálida, que rastejava até eles pelo chão, dançava ao redor de seus pés,

agarrava suas pernas e enchia o túnel até suas cinturas... parecia que eles andavam por

um oceano hostil e gelado. Eles entraram mais profundamente nela, até o “hálito” turvo

como água finalmente ultrapassasse suas cabeças.

Não era possível enxergar mais nada. Os feixes das lanternas prendiam-se na

bruma como insetos na teia de uma aranha. Após terem lutado para atravessar pelo

vazio, eles sentiram-se exaustos e derrotados. Um ruído, como se fosse abafado por um

travesseiro, atravessou a bruma. Cada movimento custava-lhes muito esforço, como se

andassem não sobre o concreto, mas uma lama espessa. Sua respiração tornou-se

pesada, não por causa da umidade, mas por causa do azedume no ar. Eles precisavam

forçar a si mesmos a respirar, e não podiam livrar-se do sentimento de estar respirando

o hálito de uma criatura gigantesca e estranha, que removia o oxigênio do ar e o substituía por vapores tóxicos.

Homero colocou a máscara, por precaução. Hunter lançou a ele um olhar breve,

alcançou sua mala e colocou sua máscara de borracha genérica também. Apenas

Achmed estava, outra vez, sem máscara. O brigadeiro parou, e escutou a Nagornaya

com a orelha deformada, mas a densa sopa branca impedia-o de decifrar os sons da

estação, e criar uma imagem da situação. Parecia que, ao longe, algo pesado



havia caído

no chão, seguido por um longo suspiro, num tom que era muito baixo para o ouvido

humano, ou o ouvido de qualquer outra criatura. Eles ouviram algo arranhando e guinchando histericamente, como se mãos gigantes tivessem torcido os canos grossos

de ferro do teto em um nó.

Hunter virou a cabeça, como se estivesse tentando chacoalhar a sujeira dela, e ao invés da pequena pistola automática, estava agora segurando uma Kalashnikov do

exército, com duplo carregador, e um lançador de granadas instalado.

– Finalmente – disse ele.

No começo, eles não perceberam que já haviam entrado na estação; a bruma na Nagornaya estava grossa como leite. Enquanto Homero olhava pelo vidro de sua máscara de gás, ele sentiu-se como um mergulhador a bordo de um cruzeiro afundado.

Era possível ver o mosaico pela névoa por apenas alguns segundos, antes dela engoli-

lo novamente: eram gaivotas pressionadas grosseiramente com modelos soviéticos de

metal. Fósseis, pensou Homero, a sina da humanidade e suas criações... mas alguém

iria desenterrá-los algum dia?

A bruma ao redor deles estava viva, flutuando em diferentes direções,

contorcendo-se. Algumas vezes, imagens escuras emergiam dela, um vagão amassado

de um trem e uma cabine enferrujada, um corpo escamado ou a cabeça de

alguma

criatura mitológica. Homero estremeceu, enquanto pensava nas pessoas que ocuparam

estes assentos, todas essas décadas atrás. Ele ouvira muito sobre o que acontecia na

Nagornaya, mas nunca havia visto nada frente a frente...

– Ali, à direita! – gritou Achmed, agarrando a manga do velho. Um som abafado irrompeu da arma dele, enquanto a bala atravessava o silenciador artesanal.

Homero virou-se, tão rapidamente que ninguém suspeitaria que ele ainda tivesse alguma velocidade no corpo reumático. Seu feixe de luz turvo iluminou apenas uma

parte dos pilares cobertos de metal.

– Atrás! Atrás de nós! – Achmed atirou outra rodada. Mas suas balas apenas retalharam o restante do mármore, que uma vez decorara as paredes da estação. O que

quer que ele tivesse visto através da fraca luz, já havia desaparecido, aparentemente

ileso.

Ele deve ter respirado muito daquela coisa, pensou Homero. Mas, um segundo depois, ele avistou algo no canto do seu campo de visão... algo gigantesco, agachado,

porque o teto de quatro metros de altura da estação era muito baixo para seu tamanho,

incrivelmente maleável. Por um instante, a coisa emergiu da bruma, tornou-se visível,

e desapareceu novamente, muito antes do velho conseguir apontar o fuzil para ela.

Homero procurou ao redor desesperadamente pelo brigadeiro. Ele não podia vê-lo em

lugar algum.

– Está tudo bem. Não tenha medo – ele repetiu diversas vezes. Ele tentou acalmar

sua respiração. – Sabe... existem pessoas muito piores que nós... – ele tentou sorrir,

mas apenas conseguiu fazer uma horrível careta, como se sua mandíbula tivesse caído.

\*\*\*

Sasha sorriu de volta, uma lágrima escorrendo sobre sua bochecha pontuda e suja. Pelo menos, seu pai estava consciente outra vez, por algumas horas pelo menos,

o suficiente para ela pensar em tudo.

– Desta vez não pude achar nada – ele resmungou. – Me perdoe. No fim, fui até mesmo para as garagens. Era mais longe do que pensei. Mas encontrei uma intacta ali.

A fechadura era de aço inoxidável, estava até lubrificada. Quebrar seria impossível,

então usei a carga de demolição. Pensei que talvez houvesse um carro ali, partes extras,

enfim. Deixei explodir, entrei: vazia. Porque trancaram então, aqueles bastardos? Todo

aquele barulho, rezei para que ninguém tivesse me ouvido. Mas quando saí da garagem,

lá estavam todos aqueles cachorros. Pensei, acabou... acabou. – Ele fechou os olhos e

permaneceu em silêncio.

Sasha segurou sua mão, preocupada, mas ele sacudiu a cabeça

imperceptivelmente, sem abrir os olhos.

– Não tenha medo, está tudo bem. – ele nem mesmo tinha forças para falar mais,

mas queria contar tudo à ela, porque ele retornou de mãos vazias, porque eles passariam

fome por uma semana, até que ele pudesse levanta-se de novo.

Mas antes que ele pudesse fazer isso, ele caiu em um sono profundo. Sasha

checou os curativos da perna despedaçada, úmida com sangue escuro. Depois de fazer

uma compressa fresca, ela levantou-se, foi até a jaula do rato e abriu a pequena porta.

O animal olhou para fora da jaula desconfiado. Tentou primeiramente esconder-se,

depois pulou no trilho do trem e correu por eles. Podia-se confiar nos sentidos de um

rato: não havia perigo no túnel. Mais calma, a mulher retornou para a maca.

– Com certeza você vai se sentir melhor outra vez. Você vai ser capaz de andar

de novo. – ela sussurrou para o pai. – E vai encontrar uma garagem com um carro novo

dentro. Vamos entrar nele juntos e dirigir para longe daqui. Dez, talvez quinze estações

de distância. Em algum lugar, onde eles não nos conheçam, onde somos estranhos.

Onde ninguém nos odeie. Se existir tal lugar...

Agora, era ela quem contava as histórias mágicas que ouvira dele tantas vezes.

Ela repetia palavra por palavra, e agora que dissera em voz alta o velho mantra de seu

pai, ela acreditou nele centenas de vezes mais. Ela iria restaurar sua saúde, curá-lo. Em

algum lugar neste mundo, deveria existir um lugar onde os outros não se importassem

com eles. Um lugar onde pusessem ser felizes.

\*\*\*

– Está lá! Está olhando para mim! – Achmed berrou como se ele já tivesse sido agarrado. Ele nunca havia gritado assim. Mais uma vez, ele disparou seu fuzil até ele

travar. Não havia restado nada da sanidade de Achmed: tremendo, tentou recarregar

um novo clipe. – Está me perseguindo... me perseguindo...

De repente, podia-se ouvir o som de chocalho de outro fuzil. Ele ficou em silêncio por um segundo e continuou, desta vez quase inaudível, com uma descarga de

três tiros. Então Hunter ainda estava vivo, ainda havia esperança.

O som de batida distanciou-se e retornou, por isso era impossível dizer se as

balas encontraram seu alvo. Homero esperava os gritos furiosos de um monstro ferido,

mas a estação cobriu-se de um silêncio misterioso; seus habitantes pareciam ser incorpóreos, ou invioláveis.

O brigadeiro continuou sua estranha luta na outra extremidade da estação, de vez em quando as brilhantes marcas arredondadas cortavam através da bruma, embriagado

da luta contra o fantasma de Nagornaya. Ele havia deixado seus companheiros sozinho.

Homero respirou fundo, e inclinou a cabeça para trás para olhar para o teto. Há algum tempo ele sentia a necessidade; ele sentia o olhar frio e pesado com a sua pele,

cabeça, cabelo e costas. Agora, ele não podia mais ignorar seu pressentimento.

Diretamente abaixo do teto, bastante acima de suas cabeças, uma cabeça grandiosa pairava na bruma, tão grande que Homero não identificou o que ele estava

vendo no início. O resto do corpo gigantesco permanecia na escuridão da estação. Sua

face enorme dependurava-se acima dos humanos minúsculos, que tentavam defender-

se com suas armas inúteis. A criatura não tinha pressa – apenas deu-lhes um pouco de

tempo antes de atacar.

Mudo de terror, Homero caiu de joelhos. Seu fuzil caiu de suas mãos, e atingiu o chão com um som límpido. Achmed gritou, como se estivesse sendo torturado. Sem

pressa, a criatura aproximou-se e encheu todo o espaço à frente com seu corpo escuro,

grande como uma montanha. Homero fechou os olhos, preparou-se, e despediu-se.

Apenas uma coisa passou por sua mente, um pensamento amargo de arrependimento

perfurando sua consciência: ele não havia conseguido...

O lançador de granada de Hunter cuspiu uma chama, a onda de choque

amorteceu seus ouvidos; a explosão deixou um fino zumbido contínuo, enquanto partes

em chamas de carne desfiada choviam sobre eles. Achmed foi o primeiro a sair

do

transe. Ele ajudou Homero a levantar-se e arrastou-o com ele.

Eles correram, tropeçaram sobre os trilhos e levantaram outra vez, não sentindo nenhuma dor. Eles seguraram um no outro pois, por causa da sopa leitosa, não podiam

enxergar um palmo à frente. Eles correram, ameaçados não apenas pela morte, mas

algo mais terrível: absoluta, final, imutável, encarnação absoluta da destruição física e

mental.

Invisíveis e quase inaudíveis, apenas alguns passos atrás deles, os demônios seguiam, acompanhando-os sem atacá-los... Pareciam brincar com eles, dando a ilusão

de uma possível salvação. Então os dois homens viram as paredes de mármore fragmentadas, e depois delas, o segmento dos túneis. Eles haviam saído da Nagornaya!

Os guardiões da estação recuaram, como se estivessem acorrentados à estação. Mas era

muito cedo para sentir alívio. Achmed correu em frente, procurando com as mãos os

canos da parede, e puxou Homero à frente dele. Eles tropeçaram juntos, desejando

sentar-se.

– E o brigadeiro? – rosnou Homero após retirar a máscara de gás gosmenta do rosto enquanto andava.

– Assim que passarmos a bruma, vamos parar e esperar por ele. Está perto, talvez

duzentos passos. Fora dela, precisamos sair da bruma. – repetiu Achmed, misterioso. –

Eu contarei os passos...

Mas nem após duzentos e nem trezentos passos a bruma encolheu. E se ela tivesse se espalhado até Nagatinskaya? E se tivesse engolido a Tulsкая e também a

Nakhimovsky?

– Não era possível... Tem que acabar... Mais um pouco... – murmurou Achmed pela centésima vez. Ele parou repentinamente.

Homero trombou com ele, e ambos caíram no chão.

– A parede acabou – Achmed pisou sobre os trilhos e o chão de concreto molhado, como se temesse que eles iriam desaparecer sob seus pés.

– A parede está bem aqui, o que você está dizendo? – Homero sentiu o segmento da parede do túnel, e levantou-se do chão.

– Desculpe – Achmed respondeu silenciosamente. – Sabe, lá na estação... Pensei que nunca sairia de lá. A maneira que ela olhou para mim... Eu, entende? Ela havia

decidido me levar. Pensei que ficaria lá para sempre. Você não pode nem mesmo ter

um enterro digno. – Ele falou devagar, tentando reprimir o choro.

Ele tentou justificar a maneira que falava, mesmo que não precisasse disso.

Homero balançou a cabeça.

– Está tudo bem; eu me borrei também. Não importa. Vamos, não deve estar longe agora.

A caçada parecia terminada, e eles podiam respirar outra vez. Mesmo se não



estivesse, não poderiam correr de qualquer maneira. Por isso, continuaram andando

devagar, sentindo seu caminho com a mão na parede, meio cegos. Passo a passo em

direção à salvação. A pior parte ficara para trás, e mesmo que a bruma não tivesse

desaparecido, logo o ar do túnel a desmancharia e seria levada pela ventilação. Logo

eles alcançariam a civilização, e esperariam pelo seu oficial. Aconteceu antes do que

pensavam. Será que o espaço-tempo se dobrara na bruma também? Uma escada de

ferro passava rente pela parede; o túnel arredondado se tornara quadrado, e ao lado dos

trilhos eles podiam ver a reentrância que havia salvado incontáveis vidas.

– Olhe! – sussurrou Homero. – Parece uma estação. Uma estação!

– Ei! Tem alguém aí? – Achmed gritou o mais alto possível. – Irmãos, tem alguém aí? – Achmed caiu em uma risada inútil, triunfal.

A luz fraca das lanternas revelaram o que a escuridão escondera, paredes de mármore, que não eram tocadas pelo homem há muito tempo. Parecia que nenhum dos

vitrais coloridos, que foram o orgulho da Nagatinskaya, sobreviveram. E o que aconteceu com o mármore ao redor dos pilares? Não era possível... Mesmo que

Achmed não tivesse recebido qualquer resposta, ele continuava a gritar e gargalhar:

obviamente eles haviam ficado com medo da bruma, e correram como loucos, mas eles

não se importavam mais com isso. Homero, por outro lado, estava preocupado, e

vasculhava a parede com a fraca luz da lanterna. Suas suspeitas deixaram gotas geladas

escorrendo em suas costas. Finalmente, ele encontrou: as letras de ferro para fusadas no

mármore detonado.

NAGORNAYA.

\*\*\*

Você nunca volta para o mesmo lugar por coincidência.

O pai dela sempre dizia isso. Você retorna para mudar alguma coisa, desculpar-se por algo. Certas vezes, os deuses nos pegam e nos levam de volta ao lugar onde nos

esqueceram da última vez. Eles fazem isso para tomarmos uma decisão, ou para nos

dar uma segunda chance. Seu pai explicou para ela; ele nunca seria capaz de retornar

para seu lar-estação. Ele não tinha mais forças para se vingar, lutar ou provar alguma

coisa. Ele não mais esperava por perdão.

Era uma velha história, que quase custara a vida dele. Mas ele estava certo de que todos receberiam o que mereciam. Agora eles viviam em exílio eterno, porque o

pai de Sasha não tinha mais nada para realizar, e nenhuma divindade vivia nesta estação. O plano para o resgate deles, encontrar um carro em bom estado na superfície,

consertá-lo, conseguir combustível suficiente para quebrar este ciclo vicioso que o

destino desenhou, se tornara um conto de fadas há muito tempo. Para Sasha,

havia

outro caminho para o grande metrô.

Quando ela deixava as máquinas consertadas, joias antigas, ou livros decadentes nos trilhos, os mercadores ofereciam mais: comida e munição. Eles iluminavam sua

figura pequena e magra com as luzes de seus carrinhos, piscavam entre si, tentavam

falar com ela, e faziam muitas promessas. A garota encarava-os de maneira selvagem,

silenciosa e desconfiada, pronta para atirar a faca atrás de suas costas. Seu casaco era

grande, mas não escondia seu tamanho. A sujeira e graxa em seu rosto faziam seus

olhos azuis brilharem mais intensamente. Tão brilhante que alguns não podiam encará-

los. Cabelo loiro, cortado desigual com a faca que ela segurava, não chegavam até suas

orelhas. Seus lábios nunca sorriam.

Os homens da dresina sabiam que não podiam domar este lobo com riquezas, então tentavam com a liberdade. Ela nunca respondeu. Por isso, pensavam que ela não

podia falar, o que tornava tudo mais fácil. Mas Sasha sabia de uma coisa: não importasse o que fizesse, nunca poderia comprar dois assentos na dresina. Seu pai tinha

uma história com essa gente que ela nunca poderia mudar. Da maneira que eles estavam

parados à frente dela, o rosto coberto com as máscaras de gás negras, pareciam ainda

mais com inimigos para ela. Ela não encontrava nada neles que poderia ter sonhado,

nem mesmo quando estava dormindo. Então ela colocava os telefones, ferros e bules

nos trilhos, recuava e esperava os mercadores coletarem os objetos. Depois disso, eles

jogavam alguns pacotes de carne de porco seca e um punhado de balas nos trilhos,

apenas para vê-la se arrastar para pegá-los. Em seguida, a dresina ia embora lentamente, e desaparecia de volta ao mundo real.

Sasha virava-se e voltava para casa, onde a montanha de máquinas quebradas, uma chave de fenda, um maçarico e uma máquina a dínamo, feita de uma bicicleta

reciclada, esperavam por ela. Ela sentava-se no selim, fechava os olhos e pedalava para

bem longe. Ela quase esquecia que não estava se movendo. E o fato de que ela não

escolhera a saída fácil dava à ela mais forças.

\*\*\*

– Que diabos? Como voltamos para cá outra vez? – Como em um delírio, Homero tentava encontrar uma explicação para o que aconteceu.

De repente, Achmed ficou em silêncio; ele havia visto para onde Homero apontou sua lanterna.

– Não está me deixando sair... – Ele sussurrou baixo, quase sem nenhum som.

A bruma ao redor dos homens tornava-se cada vez mais densa, eles quase não podiam mais ver o outro. Sem pessoas, a Nagornaya havia dormido, mas estava

acordada outra vez, para uma nova vida: o ar pesado reagiu às palavras com flutuações

quase imperceptíveis, e sombras imprecisas moveram nas profundezas. Nenhum sinal

de Hunter... um ser de carne e osso não venceria uma luta contra estes fantasmas; assim

que a estação brincasse o suficiente com eles, ela os engoliria como um todo.

– Vá – disse Achmed. – Ela me quer. Você não entenderia. Você não esteve aqui tanto quanto eu.

– Pare com isso – Homero gritou, surpreso com o volume da própria voz – Nos perdemos na bruma. Vamos embora.

– Não podemos ir embora. Podemos correr o quanto quisermos, voltaremos para este lugar todas as vezes, enquanto estiverem comigo. Vocês sairão por si mesmos.

Vão, eu imploro.

– Basta! – Homero agarrou a mão de Achmed e o puxou atrás dele para o túnel.

– Em uma hora você vai me agradecer!

– Diga à minha esposa...

Uma força inacreditável arrancou Achmed do aperto de Homero, para a bruma, para o nada. Ele não foi capaz nem mesmo de gritar, apenas desapareceu, como se de

um segundo para o outro, ele tivesse desintegrado e deixado de existir. Homero gritou,

virou-se e disparou suas preciosas balas, um cartucho após o outro. Subitamente, ele

sentiu uma explosão às suas costas, tão forte que só poderia ser um daqueles demônios.

## 5 – Memórias

Sasha correu até a janela e abriu. O ar fresco e a luz suave entraram no cômodo.

A janela estava pendurada sobre um abismo preenchido pela macia neblina da manhã.

Com os primeiros raios de sol, ela desapareceria, e eles seriam capazes de ver montes

cobertos de abetos, no lugar do abismo, pastos verdes atrás deles, edifícios altos e campanários. O início da manhã era a hora favorita deles. Ela sentiu a madrugada

aproximando-se, e levantou-se meia hora mais cedo, para chegar no topo das montanhas a tempo. Atrás da pequena cabana, simples, mas limpa e aconchegante, um

caminho pedregoso subia o morro, cercado por flores amarelas brilhantes. Sasha escorregou várias vezes durante a subida, e machucou o joelho.

Em seus pensamentos, ela enxugou o peitoril da janela, que ainda estava molhado do sopro da noite, com sua manga. Ela havia sonhado com algo escuro, desastroso, que atravessara sua vida feliz, mas os restos desta visão inquieta desapareceram imediatamente, quando o vento frio começou a soprar sobre sua pele.

Agora, ela não queria mais pensar sobre o que a incomodara em seu sonho. Ela teve

que apressar-se para chegar ao topo da montanha a tempo para saudar o sol, e depois

descer deslizando o caminho, voltar para a cabana, preparar o café da manhã, acordar

seu pai e empacotar suas provisões. Em seguida, Sasha ficaria sozinha o dia todo, enquanto seu pai estava caçando. Ela iria caçar as lentas libélulas e insetos

voadores

entre as flores, que eram tão amarelas quanto os papéis de parede texturizados dos

trens. Na ponta dos pés, ela deslizou sobre as tábuas rangentes, abriu um pouco a porta,

e riu silenciosamente.

\*\*\*

Havia vários anos desde que o pai de Sasha vira pela última vez um sorriso feliz

no rosto de sua filha. Ele não quis acordá-la. Sua perna estava inchada, entorpecida e

não parava de sangrar. Dizia-se que a mordida de um cão de rua nunca cicatrizava...

Ele deveria chamá-la? Ele não esteve em casa por um dia inteiro, porque antes

dele ter saído para as garagens, ele havia entrado em um complexo de apartamentos,

um "cupinzeiro", localizado a duas quadras da estação. Lembrou-se de desmaiar no

décimo quinto andar. Todo esse tempo, Sasha provavelmente não tinha pregado os

olhos – sua filha nunca dormia enquanto ele estava fora – ela merecia o descanso.

Todos eles mentiram, ele pensou. Nada vai acontecer comigo.

Ele realmente teria gostado de saber o que ela sonhava. Ele não conseguia nem relaxar em seus sonhos. Apenas raramente, sua consciência o deixava revisitar sua

juventude sem sofrimento; normalmente, em seus sonhos ele vagava entre as familiares

casas mortas, com seus interiores vazios, e um sonho bom era quando encontrava

um

apartamento intocado, cheio de máquinas e livros miraculosamente preservados.

Toda vez que ele adormecia, ele tinha esperança de sonhar com o passado.

Aqueles tempos quando ele tinha acabado de conhecer a mãe de Sasha. Quando ele

tinha apenas vinte anos, ele tornara-se o comandante da guarnição da estação. Naquela

época, os habitantes viam o metrô como uma casa provisória, e não como um quartel

glorificado para o trabalho forçado que eles enfrentavam, onde encontraram uma

sentença de prisão perpétua. Ao contrário, ele sempre acabava nos eventos passados há

cinco anos. Naquele dia, que havia determinado o seu destino, e ainda pior, o destino

de sua filha...

Mais uma vez, ele ficou parado à frente de seus combatentes. Ele segurou a

Kalashnikov, de maneira que ela ficasse pronta para disparar. As pistolas Makarov de

seus oficiais serviram para pouco além de enfiar uma bala em sua cabeça. Além destas

duas dezenas de atiradores da polícia militar, não havia um único ser humano na estação que ainda fosse leal a ele.

A multidão enfureceu-se, aumentou de tamanho, e balançou a barricada com dezenas de mãos. As primeiras vozes caóticas transformaram-se em um coro rítmico,

controlado por um regente invisível. Eles ainda exigiam que ele resignasse, mas logo



eles iriam exigir a sua cabeça. Isso não era manifestação espontânea. Este era um

trabalho de provocadores. Ele poderia ter tentado identificar e liquidar cada um deles,

mas agora já era tarde demais. Se ele quisesse parar a rebelião e permanecer no poder,

só havia uma coisa a fazer: abrir fogo contra o grupo. Não era tarde demais para isso

...

Seus dedos envolveram um cartucho invisível; sob a pálpebra inchada, suas pupilas contraíam-se inquietas de um lado para o outro, seus lábios moviam-se e formavam ordens silenciosas. A poça de sangue escuro onde ele estava deitado crescia

cada vez mais, e com ela a vida esvanecia de sua alma.

\*\*\*

– Onde elas estão?

Algo arrancou Homero para fora do mar escuro da inconsciência. Ele sacudiu-se como um peixe em um anzol, engasgou, lutou pelo ar, e olhou para o brigadeiro. Os

colossos ciclopes ainda elevavam-se sobre ele, os guardiões da Nagornaya, e esticaram

seus longos dedos; sem qualquer luta, arrancariam suas pernas ou esmagariam suas

costelas. Eles apenas desapareceram lentamente, mesmo a contragosto, quando ele

abriu os olhos de novo.

Ele tentou levantar-se novamente, mas a mão do estranho, que antes segurava

seu ombro com um aperto frouxo, agora o apertava como um anzol de ferro, que o

puxava para fora de seus pesadelos. Ele começou a respirar normalmente, e concentrou-se no rosto coberto de graxa e cheio de cicatrizes, com olhos brilhantes...

Hunter. Ele ainda estava vivo?

Homero cuidadosamente virou a cabeça para a esquerda, depois para a direita: eles ainda estavam na amaldiçoada estação? Não, este era um túnel vazio e limpo.

Quase já não se via a bruma da Nagornaya, que cobria as saídas para qualquer lugar.

Hunter deve tê-lo carregado por mais de um quilômetro. Tranquilizado, Homero desabou. Ele perguntou-lhe de novo, só para ter certeza:

– Onde elas estão?

– Não há nada aqui. Você está seguro.

– Aquelas criaturas... elas me deixaram inconsciente? – ele imaginou enquanto segurava a parte de trás da cabeça.

– Não, fui eu. Tive que desacordá-lo, ou não poderia tirá-lo de lá em seu pânico. Você poderia ter me ferido.

Finalmente, Hunter afrouxou o punho de ferro, levantou-se rigidamente e moveu a mão ao seu cinto de oficial, onde sua Stechkin estava pendurada. Do outro lado, levava uma caixa de couro misteriosa. O brigadeiro abriu-a, e tirou dela um cantil

achatado. Ele sacudiu-o, abriu-o e tomou um gole profundo, sem perguntar se o velho

queria também. Homero tentou fechar os olhos por um segundo. Seu olho

esquerdo

não fechava.

– Onde está Achmed? O que aconteceu com ele? – Calafrios percorreram sua espinha.

– Ele está morto – a resposta dele soava quase indiferente.

– Morto – Homero ecoou mecanicamente.

No momento em que a mão gigante arrancou a mão de seu companheiro da sua, Homero soube: nenhum ser vivo poderia escapar de seu controle. Homero tivera apenas

sorte que a Nagornaya não o escolhera. O velho virou-se novamente. Ele ainda não

podia acreditar que Achmed se fora para sempre. Ele olhou para a mão dele, arranhada

e sangrenta. Ele não foi capaz de segurá-lo. Ele não teve forças.

– Ele sabia que ia morrer – Homero disse silenciosamente. – Por que ela o pegou,

dentre nós todos, e não a mim?

– Ainda havia vida nele – respondeu o brigadeiro. – Elas se alimentam da vida humana.

Homero balançou a cabeça.

– Isso não é justo. Ele tinha crianças pequenas. Tantas coisas o prendem aqui... bem, o prendiam aqui...mas eu tenho buscado por elas por uma eternidade...

– Se você fosse a Nagornaya, comeria carne velha? – Hunter cortou Homero e terminou a conversa, colocando-o sobre seus pés. – Precisamos nos mover. Estamos

atrasados.

Enquanto Homero corria atrás de Hunter, tentava descobrir por que ele e

Achmed voltaram para a Nagornaya. Como uma orquídea carnívora, a estação havia

nublado sua mente com seu miasma, e os atraído de volta. Mas eles não tinham dado a

volta uma única vez, Homero tinha muita certeza disso. Então agora ele começaria a

acreditar na distorção do espaço nos túneis, como aqueles companheiros de pensamento simplório do seu plantão? A solução era muito mais simples. Ele parou e

deu um tapa na testa: o trilho de conexão! Algumas centenas de metros atrás da

Nagornaya, havia um trilho para os trens darem a volta. Ele virava em um ângulo

agudo, e é por isso que eles tatearam cegamente a parede, atingiram a pista paralela e,

em seguida, quando a parede desapareceu de repente, voltaram para a estação. Quanta

mágica! Mas ainda havia outra coisa que precisava de explicação.

– Espere – ele gritou atrás de Hunter.

Mas ele apenas continuou a marchar em frente, como se fosse surdo, e o velho homem precisou alcançá-lo, respirando pesadamente. Quando ele alcançou o brigadeiro, ele tentou olhá-lo nos olhos e disse:

– Por que você nos deixou à nossa própria sorte?

– Eu, deixar vocês dois? – Havia um tom sarcástico em sua voz metálica e sem emoção. Homero mordeu a língua. Verdade, foram ele e Achmed que correram da

estação e deixaram o brigadeiro sozinho com os demônios...

Quanto mais Homero pensava em como Hunter havia lutado em Nagornaya, feroz e solitário, mais ele percebia que os habitantes da estação não lutaram a batalha

que Hunter havia forçado à eles. Por medo? Ou eles o viam como parte da família?

Homero juntou sua coragem – havia só mais uma questão, a mais difícil de todas.

– Em Nagornaya... por que elas ignoraram você?

Muitos minutos passaram; Homero não se atreveu a perguntar outra vez. Mas Hunter deu-lhe uma resposta curta, mal-humorada, e quase inaudível.

– Você comeria carne infectada?

\*\*\*

Uma vez seu pai dissera, em tom de brincadeira, que sua beleza iria redimi-la para o mundo. Sasha colocou o saquinho colorido de chá de volta no bolso de sua jaqueta, corando. O pequeno quadrado de plástico, que ainda exalava um leve aroma

de chá verde, era o seu maior tesouro. E um lembrete de que o universo não era apenas

o corpo da estação e seus quatro túneis enterrados vinte metros abaixo do cemitério

que um dia fora Moscou. O saquinho de chá era uma espécie de portal mágico, que

levava Sasha de volta por séculos e milhares de quilômetros. Era muito mais que um

saquinho, algo extremamente importante.

No clima úmido do metrô, o papel decompunha-se apodrecia rapidamente.

Decadência e mofo não apenas devoravam livros e brochuras, eles destruíam todo o

passado. Sem fotos e crônicas, a já aleijada mente humana tropeçava e corria na direção

errada, como um homem sem suas muletas. A embalagem do saquinho de chá era feita

de um material que o mofo e o tempo não podiam destruir. O pai de Sasha disse uma

vez que levariam milhares de anos antes deste material começar a se decompor. Assim,

até mesmo os seus descendentes um dia herdariam esse saquinho de chá, ela pensou.

E a figura impressa no saquinho de chá era, apesar de em miniatura, uma imagem

real. Uma moldura dourada, que continuava tão brilhante como no dia em que veio da

esteira transportadora. Ele mostrava uma visão que deixava Sasha sem fôlego. Paredes

íngremes de pedra, cobertas de névoa onírica, uma floresta de pinheiros de grande

envergadura que cobriam as montanhas quase verticais, cachoeiras barulhentas que

caíam do alto da ponta da montanha em um abismo, um brilho púrpura que escapou da

madrugada que aproximava-se... em toda a sua vida, ela nunca havia visto nada mais

bonito.

Ela poderia ficar sentada ali por um longo tempo, com o saquinho de chá na mão,

apenas olhando para ele. A névoa da manhã, que cobria as montanhas, prendia magicamente sua atenção. E, mesmo que ela tenha lido todos os livros que seu pai

trouxera de suas expedições antes de vendê-los, as palavras não eram suficientes para

descrever o que sentia olhando para estas altas montanhas de um centímetro, sentindo

o cheiro dos pinheiros pontudos. Era um mundo tão longe de sua realidade, mas que

possuía uma forte atração...

A doce espera e a eterna expectativa sobre o que o sol veria primeiro... os

pensamentos intermináveis sobre o que estava por trás da placa com a marca do chá:

uma árvore estranha? Um ninho de uma águia? Uma dessas casas que ficavam na

encosta da montanha, e na qual ela logo viveria com seu pai? Fora ele que trouxera o

chá para ela, quando ela tinha cinco anos. Naquela época, o conteúdo do saquinho era

uma verdadeira raridade. Ele queria surpreendê-la com chá de verdade. Ela precisou

juntar sua coragem para beber, como se fosse um remédio.

Mas a embalagem de plástico a tinha fascinado desde o início. Naquela época,

ele havia explicado a ela que não era uma ilustração muito artística: uma província

chinesa convencional, apenas boa o suficiente para a impressão de um saquinho de chá.

Mas, dez anos mais tarde, Sasha ainda o via com os mesmos olhos do dia em que

ganhara o presente de seu pai.

Seu pai, por outro lado, pensava que o saquinho de chá era apenas um substituto maltrapilho para o mundo inteiro. Cada vez que ela caía em transe e olhava para essa

fantasia mal desenhada, ele sentia a acusação não falada por sua vida mutilada, exangue. Ele tentava evitar que ela olhasse para a figura todas as vezes, sem qualquer

sucesso. Com um pouco de raiva, ele perguntava a ela pela centésima vez o que ela

gostava sobre esta antiga embalagem de um grama de chá. Pela centésima vez, ela o

colocava de volta em seu bolso, e respondia envergonhada:

– Eu acho ela bonita, pai!

\*\*\*

Hunter não parava por um momento, nenhum segundo de descanso. Se Hunter não estivesse ali, Homero levaria três vezes mais tempo, fazendo lentamente seu caminho túnel abaixo. Ele nunca teria movido-se tão seguro e autoconfiante através do

túnel. O grupo teve que pagar uma taxa alfandegária terrível em Nagornaya, mas, pelo

menos, dois dos três passaram. E todos os três poderiam ter sobrevivido, se não tivessem ficado perdidos no nevoeiro. O preço não fora maior do que o habitual: não

aconteceu nada lá que já não tivesse acontecido antes, tanto em Nakhimovsky Prospekt

como em Nagornaya.

Portanto, não era por causa dos túneis que levam à Tulskeya? No momento, eles



estavam completamente em silêncio, mas era um silêncio desastroso e tenso. Era óbvio:

mesmo em uma estação totalmente desconhecida, Hunter conseguiu sentir os perigos

que os aguardavam, centenas de metros com antecedência. Mas era possível que sua

intuição iria deixá-lo exatamente aqui, no local onde pelo menos uma dúzia de

combatentes experientes sofreram o mesmo destino? Aproximando-se de

Nagatinskaya, ele esperava ter a solução para todos os mistérios ... Homero se esforçou

para manter seus pensamentos coerentes, porque eles fugiam fugazmente de sua cabeça.

Ainda assim, ele tentou pensar sobre o que os esperava na estação que ele tanto

amou um dia. O contador de histórias imaginava que a lendária legião demoníaca havia

emergido em Nagatinskaya, ou que os habitantes foram devorados por ratos

migratórios em seu caminho em busca de alimentos, através dos túneis que os humanos

não conseguiam passar. Mesmo que Homero estivesse sozinho, ele não teria dado meia

volta por nada no mundo. Em todos estes anos em Sevastopolskaya, ele tinha esquecido

como temer a morte. Quando ele embarcou nesta viagem, sabia que poderia ser sua

última viagem; e ele estava pronto a sacrificar o seu tempo restante por ela.

Uma mera meia hora após o encontro com os monstros em Nagornaya, eles

tornaram-se horrores de suas memórias. Enquanto ouvia seus pensamentos, sentiu o

movimento fraco nas profundezas de sua alma: em algum lugar lá no fundo, algo dentro

dele foi despertado, a única coisa que ele queria tanto: aquilo que ele procurara em suas

aventuras perigosas, que ele nunca tinha sido capaz de encontrar em casa...

Agora ele tinha um motivo real para atrasar a morte com todas as suas forças.

Ele a deixaria pegá-lo após seu trabalho estar terminado.

\*\*\*

A última guerra havia sido mais brutal do que tudo o que viera antes, e levava apenas alguns dias. Desde a Segunda Guerra Mundial três gerações se passaram, os

últimos veteranos já eram mortos, e os vivos não temiam mais a guerra. A insanidade

coletiva que tinha roubado milhões de seres humanos de sua humanidade, mais uma

vez tornara-se um simples instrumento político. O jogo fatal tornara-se mais rotina a

cada dia que passava e, no final, não havia mais tempo para tomar a decisão certa. A

proibição do uso de armas atômicas foi abandonada debaixo da mesa, no calor da luta.

No primeiro ato da peça, eles penduraram seus rifles na parede, e no penúltimo, eles

realmente dispararam. Não importava mais quem puxou o gatilho primeiro.

Todas as metrópoles do planeta foram transformadas, ao mesmo tempo, em cinzas e entulho. Mesmo as poucas que possuíam um escudo antimíssil foram destruídas; elas permaneceram intactas por fora, mas a radiação, as armas

químicas e

biológicas, mataram a maioria da população instantaneamente. A transmissão instável

via rádio entre os poucos sobreviventes, terminaram depois de alguns anos. A partir

desse momento, o mundo acabara para os habitantes das linhas de metrô vizinhas.

Enquanto antes a Terra havia sido explorada e colonizada, agora ela afundara no oceano sem fronteiras do caos dos tempos antigos. As pequenas ilhas de civilização

afundaram no abismo uma após a outra, e sem petróleo ou poder, a humanidade retornada à Idade da Pedra.

Uma era de terror havia começado. Durante séculos, os cientistas tentaram restaurar a história de seus papiros, pergaminhos e páginas quase destruídos. Com a

invenção da prensa, os jornais continuaram a tecer a trama da história. E então, as

crônicas dos últimos séculos quase já não possuíam quaisquer lacunas nelas.

Praticamente cada gesto, cada movimento daqueles que controlavam o mundo, foram

cuidadosamente documentados. Agora, todas as prensas do mundo foram

abandonadas, destruídas com uma única explosão. Os teares da história pararam. Em

um mundo sem futuro, eles já não eram necessários. Os pedaços deste tecido eram

mantidos unidos por um único fio tênue.

Nos primeiros anos após o desastre, Nikolai Ivanovich tentou encontrar sua

família nas estações superlotadas. Foi em vão. Ele já havia abandonado toda a esperança, mas sozinho e perdido como ele estava, agora tropeçava através da escuridão do subsolo, porque neste tipo de vida após a morte, ele não sabia o que fazer

consigo mesmo. O fio de Ariadne – o sentido da vida – que poderia ter-lhe mostrado a

saída do labirinto interminável, tinha caído de sua mão. Em sua saudade do passado,

ele começou a recolher os jornais, para lembrar-se e para sonhar. Ele vasculhou os

artigos e relatórios, para descobrir se eles poderiam ter evitado o apocalipse. Um dia,

ele começou a escrever os eventos em sua estação, em um tipo de artigo.

E assim aconteceu que Nikolai Ivanovich tinha encontrado um novo fio: ele

decidiu tornar-se cronista do metrô, autor da nova história, desde o fim do mundo à sua

própria. Sua coleção desorganizada e sem critério agora tinha um propósito: restaurar

o tecido danificado de tempo, e continuar a tecê-lo ainda mais.

Os outros viam a paixão de Nikolai Ivanovich como uma tolice inofensiva. Por

vontade própria, ele sacrificava sua remuneração por jornais velhos, e transformou

todos os cantos de seu espaço pessoal em um arquivo. Ele se ofereceu para o serviço

da guarda, porque lá na fogueira dos trezentos metros, homens selvagens contavam as

mais loucas histórias como meninos, onde ele retirava cada grânulo da verdade sobre

o restante do metrô. Da miríade de rumores, ele filtrava os fatos, e as escrevia em seus

livros.

Mesmo que esse trabalho o distraísse, ele sabia que era inútil. Após sua morte, todos estes relatórios virariam pó, sem qualquer cuidado. O dia em que ele não voltasse

para casa, eles seriam bons apenas como mais alguns segundos de fogo. Do papel

amarelado, apenas restariam fumaça e cinzas, os átomos entrariam em novas conexões

e formas. Eles ficariam intactos em algum outro tipo de matéria. Mas o que ele realmente tentou preservar não ficaria. Toda aquela informação inimaginável, etérea,

que estava naquelas páginas, seria perdida para sempre.

Os seres humanos funcionavam dessa forma; o que estava nos livros da escola, permaneciam em suas cabeças até a formatura. E quando eles esqueciam o material

mais tarde, eles faziam isso com uma verdadeira sensação de alívio. As memórias dos

homens eram como a areia do deserto. Números, datas e nomes de pessoas sem importância desapareciam nela sem deixar vestígios, como se alguém atirasse uma

pedra em uma duna de areia. Algo somente permanece, quando consegue conquistar a

fantasia dos homens: fazer os corações palpitem mais rápido, movê-los, fazê-los

sentir alguma coisa. Uma história emocionante de um herói ou de um grande amor

pode sobreviver a uma civilização inteira, porque permanece no cérebro, e é contada

de geração em geração. Quando ele percebeu, transformara-se de um cientista amador

em um alquimista – e saindo de Nikolai Ivanovich, emergiu Homero.

E a partir dali, ele já não passava as noites em claro criando algumas crônicas, mas procurando a fórmula para a imortalidade. Por uma história tão longa quanto

Gilgamesh, e tão indelével quanto Ulisses. No fio desta história, ele iria anexar todo o

seu conhecimento acumulado. E, em um mundo onde o papel era transformado em

calor, onde o passado era descuidadamente sacrificado por um pequeno momento no

presente, a lenda deste herói iria invadir os corações das pessoas e redimi-las de sua

amnésia coletiva.

Mas ele teve que esperar pelo principal reagente da fórmula; o herói

simplesmente não queria pisar no palco. A cópia dos artigos de jornal não ensinaram a

Homero como criar mitos, como dar vida a este golem, e tornar sua história criada em

algo mais interessante do que a realidade. Sua mesa de trabalho parecia ser o laboratório de Frankenstein: páginas amarrotadas, com fragmentos dos primeiros capítulos de sua saga, com personagens que não eram convincentes, incapazes de sobreviver. As únicas coisas que obteve desses trabalhos noturnos, foram olheiras sob

seus olhos, e um lábio dolorido das mordidas.

Ainda assim, Homero não desistiu de sua nova empreitada tão facilmente. Ele afugentou cada suspeita de que ele não era adequado para ela, que ela necessitava de

um talento para criar mundos, com o qual Homero não fora agraciado. Ele só precisava

esperar por uma inspiração, disse a si mesmo ... e de onde ela deveria vir? A partir da

umidade do ar na estação, talvez? Do ritual do chá em sua casa, ou durante o seu turno

fazendo a agricultura? Ou, durante o serviço da guarda, que se tornava mais escasso

para ele, por causa de sua idade? Não, ele precisava de emoção, aventura e da tempestade de paixão. Talvez então as barragens de sua mente quebrassem, e ele poderia iniciar sua criação...

\*\*\*

Mesmo nos momentos mais difíceis, Nagatinskaya nunca fora abandonada completamente. Claro que não era um lugar ideal para viver. Nada crescia aqui, e as

saídas estavam fechadas. Mas muitos usavam a estação para desaparecer sob o radar

por um tempo, ou para algum momento íntimo com sua amante.

Mas agora, a estação estava vazia.

Hunter subiu as escadas, movendo-se com passos silenciosos até os trilhos, e parou em seguida. Homero seguiu-o, respirando pesadamente, olhando em volta nervosamente, para todos os lados. A estação estava escura, apenas o pó disperso no ar

cintilava no brilho de suas lanternas. As colinas esparsas de trapos e papelão picado,

onde os habitantes da Nagatinskaya dormiam, estavam espalhadas por todo o chão.

Homero apoiou as costas contra um pilar e deslizou para o chão lentamente. A

Nagatinskaya fora, certa vez, uma de suas estações favoritas, por causa dos mosaicos

de mármore elegante e colorido. Agora, a estação estava obscura e sem vida. Ela não

era nada como ele lembrava-se. Como o retrato de um morto, em um túmulo, feito a

partir de uma foto antiga, tomada num momento que ele não sabia que olharia não

somente para a câmera, mas para toda a eternidade.

– Nenhuma alma viva aqui – Homero disse hesitante.

– Exceto uma – Hunter balançou a cabeça em direção à Homero.

– Eu quis dizer... – Homero começou, mas Hunter o cortou com um gesto de mão.

No final da estação, onde a fileira de pilares terminava, e mesmo o holofote do brigadeiro não podia alcançar, algo rastejou devagar para a plataforma...



Homero caiu no chão ao lado dele, amorteceu sua queda com os braços, e levantou-se desajeitadamente. Hunter desligou sua lanterna, e o próprio brigadeiro

desapareceu no ar. Suando por causa de seu medo, Homero mudou seu rifle para o

disparo automático e apertou o gatilho, o rifle estremeceu contra seu ombro. Na

distância, ele ouviu dois tiros suprimidos.

Encorajado, ele olhou para além do pilar e moveu-se apressado para frente. No meio da plataforma, Hunter colocou-se na posição vertical. A seus pés estava deitada,

difícil de enxergar, uma figura magra e lastimável. Parecia ser feita de papelão e trapos,

e só possuía a leve semelhança de um ser humano. Mas era um. Você não poderia

determinar a sua idade ou sexo – em seu rosto sujo, só era possível ver seus olhos. Ele

suspirou, quase inaudível, e tentou se arrastar para longe do brigadeiro. Ele parecia ter

atirado em ambas as suas pernas.

– Onde estão todos? Por que não tem ninguém aqui? – Hunter pôs seu pé sobre o pacote fedorento de trapos rasgados.

– Todos eles se foram... me deixe em paz. Me deixe sozinho – ele resmungou.

– Para onde foram?

– Para Tulskaia...

Homero alcançou ambos e entrou na conversa imediatamente:

– O que está acontecendo aqui?

– Como eu poderia saber? – o mendigo fez uma careta. – Todos que foram para lá, morreram lá. Vá e pergunte à eles. Eu não tenho mais forças para me mover por

esses túneis. Prefiro morrer aqui.

O brigadeiro não desistiu:

– Por que eles foram embora?

– Eles estavam com medo, patrão. A estação ficou mais e mais vazia ao longo do tempo. Então eles decidiram atravessar. Ninguém retornou.

– Nenhum? – Hunter levantou a pistola.

– Nenhum. Só um. – A pilha de farrapos corrigiu-se. Quando ele percebeu que o cano da arma ainda estava apontado para ele, ele chafurdou no chão, como uma

formiga sob uma lupa.

– Ele foi para Nagornaya. Eu estava dormindo. Não poderia imaginar.

– Quando?

O mendigo balançou a cabeça.

– Não tenho um relógio. Talvez ontem, talvez semana passada.

Nenhuma outra pergunta surgiu, mas o cano da pistola ainda estava apontado para a testa do homem interrogado. Hunter estava em silêncio. Estranho, mas ele estava

respirando pesadamente; parecia que a conversa com o vagabundo custava-lhe muita

força.

– Posso...? – perguntou o mendigo.

– Aqui, coma! – rosnou o brigadeiro, e antes que Homero soubesse o que estava

acontecendo, ele tinha puxado o gatilho duas vezes. O sangue escuro saindo do buraco

na testa do homem azarado fez o seu caminho por seus olhos bem abertos. Ele caiu no

chão – mais uma vez, nada além de trapos e papelão. Sem olhar para cima, Hunter

recarregou mais quatro balas no clipe da Stechkin, e saltou sobre os trilhos. – Vamos

descobrir por nós mesmos em breve – ele gritou para o velho homem.

Homer abaixou-se de má vontade sobre o corpo, pegou um pedaço de pano sujo e o colocou sobre a cabeça destruída do sem-teto. Suas mãos não haviam parado de

tremer.

– Por que você o matou? – ele perguntou fracamente.

– Pergunte a você mesmo – Hunter respondeu em uma voz aborrecida.

\*\*\*

Mesmo reunindo todas as suas forças, a única coisa que ainda podia fazer era abrir e fechar os olhos. De qualquer maneira, era estranho ele sequer ter acordado... ele

estivera deitado ali, inconsciente, por cerca de uma hora, e sentia seu corpo tão insensível como se estivesse coberto com uma camada de gelo. Sua língua secou em

sua boca, e uma tonelada de peso jazia sobre seu peito. Não, ele não poderia nem mesmo dizer adeus à sua filha, que era a única coisa pela qual valia a pena adiar o fim

de sua eterna luta pela sobrevivência.

Sasha não sorria mais. Parecia que seu sonho agora era irrequieto, enrolada em

seu saco de dormir, ambos os braços cruzados na frente do peito. Mesmo quando ela

era criança, ele sempre acordava quando ela era atormentada por pesadelos, mas agora

ele só tinha força suficiente para lentamente mover suas pálpebras.

E então, mesmo isso tornava-se cada vez mais difícil. O que ele podia fazer era ficar imóvel até Sasha acordar, e continuar lutando. Durara mais de vinte anos agora,

a cada dia, a cada minuto, e ele estava malditamente cansado disso. Cansado de lutar,

esconder, caçar, demonstrar, esperar e deitar.

Enquanto sua mente obscurecida, ele só tinha dois desejos: ver os olhos de Sasha mais uma vez e, em seguida... finalmente encontrar a paz. Mas ele não podia fazer isso.

Mais uma vez, as imagens do passado a floraram na frente de seus olhos e misturaram-

se com a realidade. Ele tinha que tomar uma decisão. Destruir outros ou ser destruído.

Punir ou ser punido...

Os guardas fecharam as linhas. Cada um deles era leal apenas a ele. Prontos para

a morte aqui e agora, a deixarem-se ser dilacerados pelas massas, ou atirar nos inocentes. Ele era o comandante da última estação inquebrável do metrô, presidente de

uma confederação não existente. Sua autoridade era inquestionável para seus soldados,

inequívoca, cada uma de suas ordens era executada imediatamente, sem questionamento. Ele iria assumir total responsabilidade por isso, como ele sempre

fizera.

Se ele renunciasse agora, primeiro a estação afundaria na anarquia e, em seguida,

seria engolida pelo borbulhante Império Vermelho, que havia aumentado suas fronteiras habituais, e anexava mais e mais territórios. Se ele abrisse fogo contra os

manifestantes, o poder permaneceria em suas mãos – pelo menos por algum tempo. E,

se ele não tivesse escrúpulos, talvez pudesse mantê-lo, com execuções em massa e

torturas, para sempre.

Ele apontou o rifle. Um momento depois, toda a unidade fez o mesmo.

Então eles enfureceram-se, não apenas algumas centenas de manifestantes, mas uma massa humana gigante, sem rosto: os dentes arreganhados, os olhos bem abertos,

os punhos levantados. Ele destravou a arma. Sua unidade respondeu com o mesmo

clique. Era hora de agarrar o destino em suas próprias mãos. Ele levantou o rifle e

puxou o gatilho. Pó de gesso caiu do teto. Por um momento, as massas ficaram em

silêncio. Ele sinalizou a seus combatentes para abaixar suas armas, e feito isso, deu um

passo em direção aos manifestantes. Ele havia tomado sua decisão. E, finalmente, sua

memória o deixou em paz.

Sasha ainda estava dormindo. Ele deu seu último suspiro, tentou olhar para ela

uma última vez, mas ele não conseguia mais levantar as pálpebras... mas ao invés da

eterna escuridão impenetrável, ele vislumbrou um céu azul inimaginável – claro e

brilhante, como os olhos de sua filha.

\*\*\*

– Pare!

Homero quase pulou e levantou as mãos, tão facilmente assustado estava. Mas ele manteve a compostura. A voz – provavelmente a partir de um megafone – viera das

profundezas do túnel e o surpreendera. O brigadeiro não ficou nem um pouco surpreso.

Tenso como uma cobra antes do bote, ele pegou o pesado rifle automático de suas

costas em silêncio.

Hunter não apenas acabara de recusar-se a responder qualquer das perguntas do velho homem, mas não disse uma única palavra sequer. O um quilômetro e meio da

Nagatinskaya à Tuskaya, parecia tão infinito quanto a viagem para o Gólgota. Ele

temia que a morte o esperava no fim do túnel, e estava ficando mais difícil para ele

manter a velocidade de Hunter.

Pelo menos, ele tinha tempo para preparar-se para a morte, e pensar sobre os velhos tempos. Ele pensou em Yelena, amaldiçoou-se por seu egoísmo, e pediu a ela

para perdoá-lo. Certa vez, ele viu a luz suave, triste e mágica daquele dia de verão,

ligeiramente chuvoso, na Tverskaya. Ele lamentou não ter dito para seus jornais o que

iria acontecer, antes de ter partido.

Ele estava preparado para morrer – ser dilacerado por monstros, devorado por ratos gigantes, envenenado por algum tipo de gás... Que outra explicação teria para o

porquê de Tulskeya ter transformado a si mesma em um buraco negro, que engolia tudo

que chegava até ali, e não deixava partir?

Mas, quando ele ouviu a voz humana misteriosa, mas familiar, ele não sabia mais o que pensar. Teria a Tulskeya sido capturada agora? Mas quem seria capaz de destruir

todas as equipes de reconhecimento da Sevastopolskaya? Vagabundos que viajavam

através dos túneis sistematicamente, nem mesmo poupando mulheres e idosos?

– Trinta passos à frente! – disse a voz à distância.

Soava vagamente familiar, e se ele tivesse tido tempo para pensar sobre isso, ele teria sido capaz de determinar de quem era a voz. Não era alguém da Sevastopolskaya?

Hunter segurou sua Kalashnikov em uma mão e, com cuidado, contou seus passos: para os trinta passos de Hunter, Homero precisou de cinquenta. À frente deles,

estava uma barricada bagunçada, construída a partir de objetos aleatórios.

Estranhamente, os defensores não utilizavam qualquer luz..

– Lanternas apagadas! – alguém comandou por detrás da pilha. – Um de vocês, vinte passos à frente.

Hunter destravou o rifle e moveu-se à frente. Homero ficou para trás, sozinho de novo; ele não atreveu-se a desafiar aquelas ordens. Na escuridão profunda que reinava

agora, ele cuidadosamente sentou-se no chão, estendeu-se até a parede, e escorou-se a

ela com o ombro.

Os passos do brigadeiro silenciaram na distância esperada. Alguém perguntou a ele algo inaudível, e ele rosnou uma resposta. Em seguida, a situação ficou tensa: ao

invés do primeiro contato neutro, agora você podia ouvir os insultos e grosserias.

Parecia que Hunter exigia algo que o guarda invisível negava. Agora eles praticamente gritavam um com o outro, e Homero quase podia distinguir palavras

individuais... mas ele conseguiu distinguir uma única palavra:

– Punição!

Neste momento, a saraivada da Kalashnikov terminou a discussão, e uma forte saraivada de uma metralhadora Petscheng respondeu. Homero atirou-se ao chão,

destravou o rifle mas não atirou, ele não sabia se o faria ou não, e contra quem.

Mas estava terminado antes de começar; Homero não teve tempo nem mesmo de mirar seu rifle. Nas pequenas pausas entre as saraivadas das metralhadoras, que

soavam quase como sinais de Morse, o estômago do túnel fez um longo som agudo,

que Homero jamais confundiria com outra coisa: as portas herméticas estavam fechando! Toneladas de aço chocaram-se, abafando os gritos das metralhadoras.



A única entrada do metrô estava fechada. Agora não havia mais esperança alguma para a Sevastopolskaya.

## **6 – Do outro lado**

Um momento após o ocorrido, Homero quase acreditou que havia imaginado tudo: o esboço vago das barricadas no fim do túnel, a voz distorcida de alguma forma

familiar... Quando as luzes apagaram-se, todos os outros sons desapareceram também.

Sentiu-se como um condenado, cujo rosto fora coberto por um saco imediatamente

antes da execução. Na escuridão absoluta e silêncio repentino, o mundo inteiro parecia

ter desaparecido. Homero tocou o próprio rosto para assegurar-se de que ele não tinha

desaparecido nesta escuridão cósmica também. Em seguida, ele acalmou-se novamente, tentou encontrar a sua lanterna, e segurou o feixe de luz trêmula à frente

dele, onde há alguns segundos a batalha invisível ocorreu.

Cerca de trinta metros de onde ele protegeu-se durante a luta, o túnel terminava.

A porta de aço cortava através do túnel como a lâmina de uma guilhotina. Então, ele

tinha ouvido direito: alguém realmente ativara a porta hermética. Homero sabia de sua

existência, mas ele não pensava que ela ainda era funcional. Mas, aparentemente ainda

funcionava. Seus olhos, enfraquecidos pelo trabalho com os papeis, não viu imediatamente a figura humana que debruçava-se sobre o muro de ferro.

Homero

apontou o rifle para a frente e deu um passo para trás. A princípio, pensou que um dos

homens do outro lado ficara de fora na confusão, mas depois ele reconheceu Hunter. O

brigadeiro não moveu-se. Homero começou a suar.

Hesitante, ele aproximou-se de Hunter. Provavelmente veria sangue no muro...

Mas não. Mesmo que eles tenham atirado em Hunter em um túnel vazio com uma

metralhadora, ele estava completamente ileso. Ele pressionou a orelha mutilada no

metal, e escutou os sons que apenas ele podia ouvir.

– O que aconteceu? – Homero perguntou com cuidado e aproximou-se.

O brigadeiro não prestou nenhuma atenção nele. Ele sussurrou algo para si mesmo, repetindo as palavras que foram ditas do outro lado da porta fechada. Vários

minutos passaram até que ele afastou-se da porta e virou-se para Homero:

– Vamos voltar.

– O que aconteceu?

– Bandidos. Precisamos de reforços.

– Bandidos? – o velho perguntou, confuso. – Aquela voz parecia...

– Tulskeya inteira está nas mãos do inimigo. Precisamos invadir. Para isso, precisamos de reforços com lança-chamas.

– Por que lança-chamas?

– Por precaução. Vamos voltar. – Hunter deu a volta e afastou-se de Homero.

Antes de Homero seguir Hunter, ele observou a porta, até mesmo pressionou a própria orelha contra o metal frio, na esperança de ouvir uma parte da conversa também. Mas ele ouviu apenas o silêncio.

E, de repente, Homero percebeu que não acreditava em Hunter. Quem quer que fosse este inimigo que havia capturado a estação, se comportava de maneira completamente incompreensível. Por que eles ativaram a porta hermética? Para protegerem-se de duas pessoas? Que tipo de bandidos negociavam com dois homens

armados, em vez de abatê-los? E mais: qual era a “punição” que o guardião misterioso

mencionara?

\*\*\*

Nada é mais importante que a vida humana, o pai de Sasha dissera uma vez. Para

ele, não eram apenas palavras vazias, e nem apenas um ditado. Houvera um tempo em

que ele pensava de maneira diferente, ele não tinha sido o mais jovem comandante

militar em toda a linha à toa.

Quando alguém tem vinte anos, não pensa muito sobre assassinato e morte. Toda a sua vida parece um jogo e, no pior cenário, você apenas começa de novo. Não era

por acaso que os exércitos do mundo recrutavam homens jovens, que foram estudantes

há pouco tempo. E aqueles meninos, que brincavam de guerra, eram apenas setas

vermelhas e azuis para um único homem, que comandava milhares. Um que não

pensava sobre pernas amputadas, tripas e crânios esmagados, quando ele decidia sacrificar um regimento.

Houve um tempo em que seu pai odiara seus inimigos, tanto quanto a si mesmo.

Naquela época, ele encarava as tarefas que o colocavam em perigo com uma frivolidade estranha. Apesar disso, ele nunca avançava toalmente, mas com cálculos

rigorosos. Inteligente, esforçado e indiferente com sua vida, ele não podia sentir a realidade, não desperdiçava um pensamento com as consequências, e não sentia nenhum arrependimento. Ele nunca atirara em mulheres e crianças, mas ele havia

executado desertores com as próprias mãos, e era sempre o primeiro a invadir fortificações dos inimigos. A dor não poderia prejudicá-lo. Na maioria das vezes, ele

não se importava.

Até conhecer a mãe de Sasha.

Ela o derrotou; ele, que era acostumado com a vitória, com sua indiferença. Sua única fraqueza, seu amor-próprio, que antes o conduzia contra metralhadoras, agora o

conduzira a um ataque desesperado, que transformara-se em um longo cerco.

Por um longo tempo, ele não precisava esforçar-se quando o assunto eram as mulheres. Elas sempre vieram até a ele. Corrompido pela complacência delas, ele

sempre satisfazia seus desejos na primeira noite, o que tornava a seduzida

desinteressante para ele, antes que ele pudesse apaixonar-se por ela. Sua natureza tempestuosa e sua fama nublava os olhos das meninas, e ninguém tentou a boa e velha

estratégia de deixar o homem esperar, para que ele a pudesse conhecer melhor.

Ele não conseguiu impressionar a mãe de Sasha com seus prêmios, sua posição e seus triunfos, tanto no verdadeiro campo de batalha quanto no campo de batalha do

amor. Ela não reagiu à sua aparência, e suas piadas só a fizeram balançar a cabeça.

Conquistar esta jovem seria um desafio. Um desafio mais importante do que qualquer

conquista de alguma estação vizinha.

Ela deveria ter sido apenas outra marca no cartucho de seu rifle. Mas logo ele entendeu: Quanto mais a figura dela desaparecia na distância, mais importante ela se

tornava para ele. Estar com ela cerca de uma hora por dia, era um triunfo para ele. Mas

parecia que ela só concordara com isso para atormentá-lo. Ela duvidava de seu serviço,

ria de seus princípios, amaldiçoava sua frieza e balançava a consciência dele até o fim

de suas forças.

Ele suportou tudo. Ele até gostou. Com ela, ele começou a pensar. A questionar.

E então a sentir: desamparo, quando ele não soube como se aproximar dela, arrependimento por todos os minutos que ele não poderia passar perto dela, o medo de

perder o que nunca tinha ganhado. Amor. Então, ela o recompensou com um sinal. Um

anel de prata.

Apenas quando ele não sabia mais como seguir sem ela, ela desistiu.

Um ano depois, Sasha nasceu.

Ele nunca mais poderia abandonar estas duas vidas, e ele não poderia mais deixar-se simplesmente ser morto.

Quando você comanda o exército mais poderoso de sua parte conhecida do mundo, com a idade de vinte e cinco anos, é muito difícil livrar-se da noção de que a

terra iria parar de girar, se você a mandasse parar. Para tirar a vida de um ser humano,

realmente não precisa-se de muita energia; trazer alguém de volta à vida, porém, não

estava nas mãos de ninguém.

Ele sabia disso muito bem: a tuberculose matara sua esposa, e ele não fora capaz de salvá-la. Naquele momento, algo nele quebrou.

Sasha acabara de completar quatro anos, mas ainda lembrava-se de sua mãe muito bem. Ela lembrou-se do vazio horrível dos túneis depois que ela morreu. A chega

da morte de sua mãe abrira um abismo sem fundo em seu pequeno mundo, e ela olhara

diretamente para ele. As bordas do abismo só fecharam-se outra vez lentamente – dois

ou três anos passaram-se, até que ela já não gritesse por sua mãe em seu sono.

Seu pai ainda fazia isso até hoje.

\*\*\*

Talvez Homero não tivesse olhado a coisa toda pelo ângulo certo. E se o herói de seu épico não queria aparecer, então por que ele não poderia começar a história com

sua futura amada? E se a jovem, com sua beleza e juventude, fizesse o herói aparecer?

Quando Homero começasse a desenhar o primeiro esboço dela, seu herói daria um passo à frente, saído do nada? Para seu amor completar-se, estas duas figuras precisavam complementar-se de maneira ideal. Assim, o herói do épico de Homero

surgiria, como um personagem finalizado e completo.

Em seus pensamentos e facetas, as suas personagens combinariam entre si como os fragmentos dos vitrais da Novoslobodskaya. Então, quando eles estivessem inteiros,

eles estariam determinados a tornarem-se um só outra vez.. Homero não viu nada de

ruim em “roubar” aquele enredo dos velhos clássicos.

Era mais fácil falar do que fazer. Criar uma jovem mulher de papel e tinta era uma tarefa que Homero não achava-se capaz de realizar. Ele também duvidava que

seria capaz de descrever sentimentos de forma convincente.

Sua relação com Yelena era de suavidade; ele aprendeu tarde demais como amar

sem reservas. Em sua idade, já não era sobre satisfazer suas paixões, mas unir-se e

deixar as sombras do passado no esquecimento, e aliviar sua solidão.

Nikolai Ivanovich deixou o seu primeiro e único amor verdadeiro na superfície de Moscou. Mas as facetas de sua personalidade haviam desaparecido ao longo dos

séculos, de modo que não havia mais nenhum exemplo para seu romance. Também não

havia nada de heroico na sua relação com sua esposa.

No dia em que a tempestade atômica caiu sobre Moscou, eles ofereceram a

Nikolai o lugar do maquinista Serov, que aposentara-se pouco antes. Isso significava o

dobro do salário. Antes que ele assumisse o novo cargo, ele tirou alguns dias de folga.

Ele ligou para sua esposa, e ela disse que iria assar um bolo de maçãs, em seguida sairia

de casa para comprar um vinho, e dar um passeio com as crianças.

Mas antes que ele pudesse sair de férias, ele precisava cumprir mais um turno.

Nikolai Ivanovich entrou na cabine do condutor do trem, do qual ele sabia que seria o

maquinista, seu casamento feliz, no início de um túnel que levaria a um futuro belo e

brilhante. Meia hora mais tarde, ele envelheceu vinte anos. Quando ele chegou ao final

da linha, Nikolai era um homem destruído, pobre e solitário. Talvez tenha sido por isso

que cada vez que ele tropeçava em um trem miraculosamente preservado, ele sentia a

estranha necessidade de tomar o lugar do maquinista, deixando suas mãos deslizarem

sobre os instrumentos no painel, olhar através do para-brisa dianteiro para a rede de

túneis. Imaginar dar partida no veículo outra vez...

E colocar o trem e sua vida no reverso...

\*\*\*

Era como se o brigadeiro houvesse colocado algum tipo de escudo, que os



defendia de todos os perigos. E ele parecia saber disso. Eles não levaram nem uma hora

para chegar em Nagornaya. Desta vez, a estação não se opusera à eles.

Homero sentira outra vez: exploradores, comerciantes da Sevastopolskaya ou qualquer outro ser humano, assim que aventuravam-se nos túneis, tornavam-se corpos

estranhos no fluxo sanguíneo do metrô. Assim que eles deixavam a sua estação, a atmosfera ao redor deles queimava, a realidade rachava, e criaturas incríveis surgiam

aparentemente do nada, lançando-se contra os seres humanos do metrô.

Hunter, por outro lado, não era um corpo estranho para os túneis escuros, e ele não parecia incomodar o leviatã, dentro do qual aquelas veias moviam-se. Ele até

mesmo desligou a sua luz, para fundir-se na escuridão que enchia os túneis. Então,

parecia que ele estava dominado por uma corrente invisível, e movia-se duas vezes

mais rápido. Mesmo que Homero o estivesse seguindo com todas as suas forças, ele

ficou para trás, e teve que gritar para que Hunter esperasse pelo velho homem.

Em seu caminho de volta, passaram por Nagornaya, sem serem perturbados. A bruma desaparecera, e a estação dormia.

Agora, era possível ver de uma extremidade da estação a outra. Onde os gigantes fantasmagóricos se escondiam, era um enigma que Homero não era capaz de resolver.

Era uma parada comum, abandonada: sal formava-se no teto úmido, uma suave camada

de poeira estava na plataforma; aqui e ali, alguém escreveu algo indecente nas paredes

com carvão, e as paredes estavam enegrecidas de fumaça. Apenas um segundo olhar

poderia observar as marcas estranhas no chão, fazendo algum tipo de dança estranha

através da estação, e as manchas marrons secas sobre os pilares e teto, que estavam

quebrados e rachados, como se algo tivesse arranhado.

Mas mesmo a Nagornaya passou rapidamente por suas lanternas e, em seguida, foi deixada para trás. Eles passavam rapidamente. Enquanto Homero seguia o brigadeiro, seu casulo mágico de invencibilidade parecia envolvê-lo também. O velho

começou a perguntar a si mesmo, de onde ele tirava forças para este grande marcha?

Ele não tinha fôlego suficiente para falar, e Hunter provavelmente não teria respondido.

Pela centésima vez, Homero perguntou-se por que ele juntou-se ao brigadeiro silencioso e implacável, que parecia esquecer dele, de novo e de novo.

O cheiro entorpecente da Nakhimovsky aproximou-se. Homero gostaria de deixar esta estação para trás o mais rapidamente possível, mas o brigadeiro desacelerou. Enquanto o velho só era capaz de suportar o cheiro através da sua máscara

de gás, Hunter ainda farejou ao redor, como se ele pudesse sentir algo além do grosso

ar, podre e pesado.

Outra vez, as necrófagas recuaram para longe deles respeitosamente, livraram-

se de seus ossos meio roídos e cuspiram os pedaços de carne no chão. Hunter escalou

a montanha no meio da estação, afundando nas partes de corpos em decomposição até

os tornozelos, varrendo a área com os olhos. Não encontrou o que estava procurando

e, satisfeito, fez um gesto com a mão em direção à Homero, e continuou a marchar

adiante.

Homero, por outro lado, encontrara algo. Ele tropeçou e caiu no chão,

afugentando uma jovem necrófaga, que havia pouco estripado um colete à prova de

balas molhado. Ele viu um elmo da Sevastopolskaya que rolava de lado. Um momento

depois, o vidro da máscara de gás embaçou – ele estava coberto de suor frio.

Ele tentou desesperadamente lutar contra a náusea, se arrastou até os ossos e

começou a pescar as placas de identificação. Ao invés disso, ele encontrou um pequeno

diário, manchado de vermelho-escuro. A primeira página que ele abriu foi uma das

últimas entradas: Não ataquem a estação, sob nenhuma circunstância!

\*\*\*

Mesmo quando ela era apenas uma criança, seu pai a ensinara a não chorar, mas

não restava a ela mais nada para opor-se ao destino. As lágrimas corriam

automaticamente por seu rosto, e de seu peito podia-se ouvir um fino, doloroso

lamento. Ela percebeu imediatamente o que acontecera, e tentava lidar com isso

durante as últimas horas.

Será que ele a chamara para ajudá-lo? Será que ele quisera dizer-lhe algo importante? Ela não lembrava-se exatamente quando adormeceu, e não sabia se estava

acordada agora. Talvez houvesse um mundo onde seu pai estava vivo. Onde ela não o

matara com seu sono, sua fraqueza e egoísmo. Sasha segurou a mão fria, mas ainda

suave de seu pai, para aquecê-la, e conversou consigo mesma:

– Você vai encontrar um carro. Nós vamos sair lá para cima, sentar dentro dele, e dirigir para longe. Você vai rir de novo, como no dia em que trouxe o tocador com

os cds de música...

Primeiramente, seu pai estava sentado, encostado no pilar, seu queixo

pressionado contra o peito, de modo que parecia estar dormindo. Mas, em seguida, seu

corpo escorregara para a poça de sangue. Como se ele estivesse cansado de fingir estar

vivo, não mais querendo interpretar para ela.

As rugas que corriam pelo rosto de seu pai suavizaram. Ela soltou sua mão, o colocou sentado de maneira mais confortável, e o cobriu da cabeça aos pés com um

cobertor rasgado. Não havia nenhuma maneira de enterrá-lo. Claro, ela poderia tê-lo

deixado na superfície, onde ele poderia ver o céu quando este se iluminasse um dia.

Mas muito antes disso, seu corpo teria sido vítima das criaturas.

Na estação, ninguém iria tocá-lo. Fora dos túneis perdidos ao sul, não havia

perigo a ser temido, as únicas criaturas que viviam ali eram baratas voadoras. Ao norte,

o túnel terminava em uma ponte enferrujada do metrô, meio quebrada. Seres humanos

viviam lá, mas eles nunca pensariam em cruzar a ponte. Todo mundo sabia que não

havia nada do outro lado, apenas desolação queimada. E, na borda desta desolação,

havia uma estação de guarda, onde dois náufragos esperavam sua sentença de morte.

Seu pai nunca teria permitido que ela ficasse ali por si só, e agora era

completamente desnecessário. Sasha também sabia: não importava a distância que ela

fugisse, não importava o quão desesperadamente ela tentasse escapar, ela nunca seria

capaz de libertar-se dessa masmorra amaldiçoada. Não mais.

– Pai... Me perdoe... – ela soluçou. Não havia nada mais lá com o que ela poderia ganhar o seu perdão.

Ela puxou o anel de prata de seu dedo, e o deixou cair no bolso de seu macacão.

Então, ela pegou a gaiola com o rato, que ainda estava inquieto, e caminhou lentamente

para o norte. Suas botas deixaram impressões sangrentas no granito.

Ela já havia pisado sobre os trilhos e entrado no túnel, quando de repente, na

estação vazia, algo surpreendente aconteceu. Uma longa labareda de fogo alcançou o

corpo de seu pai. Mas o fogo não o alcançou, e recuou voluntariamente de volta à escuridão profunda, como se respeitasse o direito dele de ter seu último repouso.

– Eles estão voltando! Eles estão voltando! – o alto-falante anunciou.

Istomin retirou o receptor do ouvido, e olhou para ele desacreditado.

– Quem são eles? – O comandante Denis Mikhailovich pulou de sua cadeira, derramando seu chá. Uma mancha escura espalhou-se em suas calças. Ele amaldiçoou

o chá e repetiu a pergunta.

– Quem são eles? – Istomin perguntou outra vez mecanicamente.

– Homero e o brigadeiro, Achmed está morto – o receptor soou através da estática.

Vladimir Ivanovich Istomin limpou o suor da testa com um lenço, e coçou-se sob a borracha preta de seu tapa-olho. Sempre que um soldado morria, era sua responsabilidade informar sua família. Desligando o telefone, ele colocou a cabeça

para fora da porta e gritou para o ajudante:

– Mandem ambos para minha sala, imediatamente! E deixe a mesa pronta!

Ele entrou em seu escritório, endireitou os quadros na parede por algum motivo, parou no mapa do metrô, sussurrou algo para si mesmo e, em seguida, virou-se para

Denis Mikhailovich, que estava os braços cruzados na frente do peito, e um largo sorriso estampado em seu rosto.

– Vladimírzinho, está agindo como uma garota na noite de núpcias – disse o coronel sorrindo.

– E você não está nem um pouco nervoso? – respondeu o chefe da estação. Ele

apontou a calça molhada do coronel com a cabeça.

– Eu? Estou pronto. As duas equipes atiradoras estão prontas. Mais um dia e podemos ir.

Denis passou o dedo sobre a boina azul, levantou-se e a colocou em sua cabeça.

Ele parecia mais oficial dessa forma.

Eles ouviram passos apressados no corredor; o ajudante olhou para eles, segurando uma garrafa de vidro escuro com algum tipo de álcool, através da fresta da

porta. Istomin fez um gesto com as mãos:

– Depois, mais tarde!

Em seguida, eles finalmente podiam ouvir a voz familiar; a porta abriu-se e uma figura ampla entrou. Atrás do brigadeiro, o velho contador de histórias, que Hunter

carregou com ele por algum motivo.

– Bem vindos! – Istomin sentou em sua cadeira, levantou e sentou outra vez.

– O que é isso agora? – O coronel perguntou. O brigadeiro olhou de um homem para o outro, e virou para Istomin.

– A Tulskeya foi capturada por um grupo errante de bandidos. Eles mataram todo mundo.

Denis Mikhailovich levantou a sobrancelha peluda.

– Nossos homens também?

– Pelo que posso dizer. Chegamos apenas à porta da estação. Lá tivemos uma briga e eles fecharam a porta hermética.

– A porta hermética? – Istomin segurou na borda da mesa e levantou-se. – O que

devemos fazer agora?

– Invadir a estação. – O brigadeiro e o coronel responderam, completamente sincronizados.

– Não. Não podemos invadir a estação – a voz de Homero soou ao fundo.

\*\*\*

Ela só precisou esperar pela hora certa. Se ela não tivesse confundido os dias, a dresina logo emergiria da névoa úmida da noite. A cada minuto que passava, ela permanecia neste lugar, neste abismo, onde o túnel emergia da terra como uma veia

aberta que um dia lhe custaria a vida. Mas não havia nada a fazer a não ser esperar. Do

outro lado dessa ponte interminável, encontraria uma porta hermética fechada, que só

abria do outro lado. E apenas uma vez por semana, no dia do mercado.

Hoje Sasha não tinha nada a oferecer, mas desta vez ela precisava comprar mais do que nunca. Ela não importava-se com o que as pessoas na dresina iriam querer em

troca da passagem para o mundo dos vivos – o túmulo frio e sem vida, e a falta de

emoção de seu pai passaram para ela. Quantas vezes ela sonhara que um dia chegaria

em outra estação, para ser cercada por outras pessoas, criar amizades e encontrar

alguém especial...

Ela perguntava a seu pai sobre sua juventude, não só para voltar para sua infância

iluminada, mas porque em vez de sua mãe ela via a si mesma, e em vez de seu



pai, ela

via a foto embaçada de um jovem bonito, em sua própria imaginação ingênua do amor.

Ela duvidava que seria capaz de conviver com outras pessoas, se um dia ela seria capaz

de voltar para o metrô. Sobre o que essas pessoas conversariam?

Mas agora, poucas horas antes da chegada da dresina, talvez até mesmo minutos, os outros homens e mulheres não importavam para ela. Mesmo o pensamento de sua

existência ser digna de um ser humano parecia uma traição a seu pai. Sem hesitar um

segundo, ela teria concordado em passar o resto de seus dias nesta estação, se isso

tivesse sido capaz de salvá-lo.

Quando o restante de vela no vidro começou a extinguir-se, ela passou a chama para um novo pavio. Em uma de suas expedições, seu pai tinha encontrado um baú

cheio de velas de cera, e ela sempre carregava uma delas no bolso de seu macacão.

Sasha gostava de imaginar que seus corpos eram exatamente como as velas, e que uma

parte de seu pai tinha passado para ela quando ele desvaneceu. Será que as pessoas na

dresina reconheceriam seu sinal através da névoa?

Até agora, ela apenas olhava para fora de vez em quando, saindo da estação pelo menor tempo possível. Seu pai a havia proibido disso, e a cabeça inchada dele era

advertência suficiente para ela. Na encosta, Sasha sempre sentia-se

desconfortável,

como uma toupeira presa, olhando ao redor, inquieta, apenas ousando se aventurar para

o início da ponte para ver o rio negro. Mas agora, ela tinha muito tempo nas mãos.

Inclinando-se para frente e tremendo no vento úmido e frio, Sasha deu alguns passos à

frente. Através do amanhecer e das árvores esqueléticas, ela viu os arranha-céus caídos;

nas águas oleosas, grossas do rio, algo maciço nadou, e à distância, ouviu um grito

desumano. De repente, um som familiar emergiu, o som chiado familiar da dresina.

Sasha pulou, segurando o copo com a vela acima da elevação, e da ponte um pequeno raio de luz respondeu. A velha dresina aproximou-se, lutando contra o espesso

nevoeiro. O brilho fraco dos holofotes cortavam a escuridão, e Sasha recuou um passo

para trás. Não era o mesmo veículo de sempre. Movia-se lentamente, como se cada

rotação das rodas custasse muita força às pessoas empurrando as alavancas.

Finalmente, ela parou dez passos à frente de Sasha. Um gordo gigantesco, em um traje de radiação primitivo, pulou da dresina e caiu sobre o cascalho. A chama de

sua vela, dançando diabolicamente, era refletida pelo vidro da máscara de gás, de modo

que Sasha não podia ver seus olhos. Com uma mão ele segurava uma Kalashnikov do

exército, com um cartucho de madeira.

– Quero sair daqui, – explicou Sasha, e levantou sua mão.

– Sa-ir – ecoou o espantalho, esticando o som, surpreso e sarcástico ao mesmo tempo. – E o que você oferece em troca?

– Não tenho mais nada. – Ela resistiu seu olhar, e encarou diretamente para os óculos da máscara de gás

– Sempre há o que ofertar. Especialmente mulheres. – O homem da dresina gemeu, e ficou em silêncio. – Vai deixar seu pai sozinho aqui?

– Não tenho mais nada – ela repetiu e encarou o chão.

– Então ele morreu. – Soou parte aliviado e parte desapontado através da máscara. – Melhor assim. Ele não teria gostado disso.

O cano da arma lentamente abriu o zíper de seu macacão.

– Pare! – ela gritou e deu um passo para trás.

O vidro com a vela caiu no trilho, estilhaços voaram ao redor, e a escuridão tomou conta.

– Você não entende? Ninguém retorna daqui. – O espantalho olhou indiferente para ela, dentro da máscara de vidro negro. – Seu corpo não é o suficiente para pagar

pela viagem, mas pode pagar os débitos do seu pai.

O rifle de assalto rodou em suas mãos, deixando as costas da arma apontada para a frente. Sasha sentiu um duro golpe na testa. Sua consciência mostrou piedade, e deixou-a.

\*\*\*

Desde a Nakhimovsky, Hunter não deixou Homero sair de sua vista, de modo

que ele não tinha sido capaz de dar uma olhada no diário. De repente, o  
brigadeiro se

importava, ele até tentou não só não deixá-lo muito para trás, mas igualar-se com  
a

velocidade de Homero. Para isso, Hunter precisara desacelerar muito. Várias  
vezes ele

parava, virando para verificar se alguém os estava seguindo. Mas a luz ofuscante  
de

sua lanterna estava sempre apontada para o rosto de Homero, de modo que o  
velho

sentia que estava sendo interrogado.

Ele xingou, piscou e tentou manter a calma. O olhar penetrante do brigadeiro  
movia-se ao longo de todo o seu corpo, a procura pelo item que tinha encontrado  
na

Nakhimovsky. Bobagem! Claro que Hunter não poderia ter visto nada, naquele  
momento ele estava muito longe. Ele provavelmente sentiu a mudança no  
comportamento de Homero. Estava suspeitando de algo. Pois cada vez que seus  
olhares

encontravam-se, ele começava a suar. As poucas coisas que ele tinha sido capaz  
de

perceber, o fizeram questionar as intenções do brigadeiro.

Era um diário. Partes das páginas estavam unidas por sangue seco. Homero  
deixou estas em paz, os dedos cansados e entorpecidos por si só teriam apenas  
rasgado

as folhas. As entradas nas primeiras páginas eram confusas, como se o autor não  
soubesse mais quais letras significavam o que, e os seus pensamentos corriam  
por todo

o lugar, de modo que quase não podia segui-los.

Passamos a Nagornaya sem perdas, revelava o diário, imediatamente pulava para

Caos na Tulskeya. Sem caminho para o metrô. Hanza não deixa ninguém passar. Não

podemos voltar também.

Homero continuou a ler. Fora de seu campo de visão, ele viu o brigadeiro descendo da montanha e se aproximando dele. Ele não podia deixar o diário cair nas

mãos do brigadeiro. Antes de deixar o diário desaparecer em sua mochila, ele leu:

Temos a situação sob controle. A estação está selada e temos um novo comandante, e

depois, Quem morre em seguida?

Escrita sobre a questão, estava a data. As páginas amareladas do diário o faziam acreditar que o que acontecido passara no século passado, mas a entrada era de apenas

dois dias.

O cérebro velho de Homero unia as peças únicas deste quebra-cabeça com velocidade quase esquecida: O misterioso andarilho, o mendigo lamentável na

Nagatinskaya, a voz aparentemente familiar do guarda na porta e a frase não podemos

voltar também. Na frente de seus olhos interiores, ele juntara tudo em uma única imagem. Talvez as páginas que estavam coladas tinham todas as respostas para os

eventos misteriosos? Pelo menos uma coisa era certa, não houve nenhum ataque em

Tulskaya. O que tinha acontecido lá era muito mais complexo e misterioso. E Hunter,

que questionou os guardas quinze minutos atrás, sabia disso, assim como Homero.

Era por isso que ele não poderia mostrar o diário para Hunter.

E foi por isso que ele tinha arriscado discordar dele no escritório de Istomin.

\*\*\*

– Não, não podemos atacar a estação – ele repetiu. Hunter virou a cabeça lentamente, como um navio de batalha realocando um canhão. Istomin empurrou sua

cadeira para trás, e saiu de trás da mesa.

O coronel fez uma careta cansada.

– Não podemos explodir a porta – Homero continuou. – Por causa da água subterrânea, inundaríamos a linha toda. Tulskaya mal está aguentando, todos os dias

eles rezam para que a água não invada. E vocês sabem que, pelos últimos dez anos, o

túnel paralelo esteve...

– Devemos bater na porta e esperar até que eles abram? – interrompeu o coronel.

– Ainda podemos dar a volta – disse Istomin.

O coronel ficou tão surpreso que começou a tossir. Em seguida, ele discutiu com Istomin, o acusou de querer deixar seus melhores homens aleijados, e mandá-los para

seus túmulos. Mas, em seguida, o brigadeiro os interrompeu.

– A Tulskaya precisa ser limpa. Esta situação demanda a total destruição do que existe lá. Ninguém do seu pessoal ainda está lá. Já estão todos mortos. Se quer

prevenir

mais perdas, este é o único jeito. Eu tenho toda informação necessária. – Suas últimas

palavras eram definitivamente para Homero.

O velho sentiu-se como um pequeno cão que levava um choque para parar de latir. Istomin endireitou seu casaco e disse:

– Se o caminho está bloqueado pelo outro lado, só existe um caminho para Tulskeya. Do outro lado. Por Hanza. Mas isto também significa que não podemos enviar homens armados. Isto está fora de questão.

Hunter fez um gesto tranquilizador com a mão.

– Encontrarei alguns.

O coronel estremeceu.

– Mas se você quiser chegar em Hanza dando a volta, precisa atravessar duas estações, da linha Kakhovskaya à Kashirskaya. – Istomin disse, em seguida ficou em

silêncio.

O brigadeiro cruzou os braços na frente do peito.

– E?

– A radiação na área perto de Kashirskaya é muito alta. Um fragmento de uma ogiva caiu não muito longe dali. Não houve detonação, mas a radiação ainda está perigosamente alta. Um de cada dois que recebem uma dose de radiação como aquela

morre em cerca de um mês. Mesmo agora.

O grupo ficou em silêncio. Homero usou a pausa para fazer um recuo tático e

despercebido para fora do escritório de Istomin.

Então, Vladimir Ivanovich usou as palavras novamente. Parecia que ele temia que o incontrolável brigadeiro ainda tentaria explodir a porta hermética da Tulskaia e

disse:

– Nós temos trajes de radiação. Dois deles. Pode escolher o nosso melhor soldado para ir com você. – Ele olhou para o coronel – O que mais podemos fazer?

Denis Mikhailovich suspirou.

– Vamos até os rapazes. Conversaremos no caminho e você pode escolher seu acompanhante.

– Não é necessário. – Hunter balançou a cabeça. – Preciso de Homero.

## **7 – Limites**

A dresina andava sobre a ampla faixa amarela brilhante, que atravessava o chão e o teto. O homem que o controlava já não podia agir como se ele não ouvisse o som

do contador Geiger de radiação clicando mais e mais rápido. Ele estendeu a mão para

o freio, e murmurou desculpando-se:

– Senhor coronel, sem nenhuma proteção não podemos prosseguir..

– Só mais cem metros – pediu Denis Mikhailovich. – Por causa da alta exposição, você terá uma semana de folga. Para nós são apenas dois minutos dirigindo,

mas para eles, nestes trajes, levaria meia hora.

– Aqui é o limite – resmungou o homem dos controles, mas ele não se atreveu a



diminuir a velocidade.

– Pare – ordenou Hunter. – Continuaremos a pé. A radiação realmente está alta.

Os freios guincharam, o holofote preso na armação do veículo começou a chacoalhar para frente e para trás conforme a dresina parava. Homero e o brigadeiro,

que deixaram seus pés pendurados na extremidade da dresina, saltaram sobre os trilhos.

Em seus trajes pesados de material feito de chumbo embebido, eles pareciam cosmonautas.

Estes trajes eram inimaginavelmente caros e raros; em todo o metrô, havia talvez

uma dúzia deles. Na Sevastopolskaya, eles quase nunca eram usados – eles os guardavam para as missões mais importantes. Eles resistiam à radiação de nível mais

alto, mas mesmo um pequeno movimento era uma tarefa árdua. Pelo menos para

Homero.

Denis Mikhailovich deixou a dresina para trás, e caminhou com eles por mais alguns minutos. Ele e Hunter trocaram algumas frases – intencionalmente fragmentadas, para que Homero não fosse capaz de decifrá-las.

– Onde você irá pegá-los? – perguntou o coronel de mau humor.

– Eles me darão algum. Não podem fazer mais nada. – a voz oca do brigadeiro respondeu.

– Ninguém está esperando por você. Para eles você está morto. Morto, entendeu?

Hunter ficou parado por um momento e falou silenciosamente, mais para si

mesmo do que para o oficial:

– Se fosse tão simples.

– Desertar da Ordem é pior do que a morte – rosnou Denis Mikhailovich.

O brigadeiro fez um gesto grosseiro com a mão, como se ele estivesse saudando o coronel, mas ao mesmo tempo cortando uma corda invisível que estava presa a uma

âncora. Denis Mikhailovich entendeu o gesto, e manteve-se no limite, enquanto os outros dois afastaram-se dele, lenta mas firmemente, prosseguindo a sua viagem para

o mar de escuridão.

O coronel retirou a mão de sua testa, e deu ao condutor o sinal para iniciar o motor. Ele sentiu-se vazio; não havia ninguém que pudesse mais dar um ultimato, ninguém que pudesse mais lutar. Como o comandante militar de sua ilha solitária no

mar, ele agora somente poderia esperar que a pequena expedição não afundasse, mas

voltasse do outro lado, como prova de que a terra ainda era redonda.

O último posto de guarda no túnel ficava diretamente atrás de Kakhovskaya, a qual toda alma humana já havia abandonado. Pelo que Homero poderia lembrar-se, os

habitantes da Sevastopolskaya nunca foram atacados a partir do leste.

A faixa amarela parecia não só separar duas partes do metrô, mas conectar dois mundos, um estando a centenas de anos-luz de distância do outro. Para além desta

faixa, a sala de estar da terra tinha mudado em uma morta paisagem lunar, e ambas

eram estranhamente similares. Enquanto Homero concentrava-se para não tropeçar

sobre suas botas pesadas, ele ouvia como sua respiração era espremida através do

complexo sistema de tubos e filtros, imaginando que ele era um astronauta, que alguém

o tinha abandonado nos confins de um distante planeta. Ele permitiu essa sua fantasia

infantil, porque era mais fácil lidar com o traje desta maneira, porque sobre esta lua

havia mais gravidade. Ele estremeceu com o pensamento de que por muitos quilômetros seriam os únicos seres vivos.

Nenhum cientista, nem escritor de ficção científica, fora capaz de prever esse futuro, pensou o velho. No ano de 2034, a humanidade já teria conquistado metade da

galáxia, ou, pelo menos, os sistemas solares vizinhos, eles prometeram a Homero quando era jovem. Mas os autores de romances de ficção científica e os cientistas

sempre acreditaram que a humanidade iria agir racionalmente. Como se ela não fosse

feita de alguns milhares de milhões de indivíduos lentos, descuidados e procurando

diversão, mas algum tipo de colmeia da abelha com uma razão e uma vontade coletiva

focada. Como se desde sempre tivessem a intenção de conquistar o espaço. Em vez

disso, tornaram-se entediados com este jogo, e abandonaram o seu objetivo no meio do

caminho, e focaram primeiramente na eletrônica, depois na biotecnologia, sem obter

qualquer resultado mais ou menos impressionante nessas áreas. Talvez em física nuclear.

E agora ele estava aqui, um astronauta sem voo, sobrevivendo apenas por causa deste traje espacial, um estranho em seu próprio planeta. Pronto para conquistar o túnel

entre a Kakhovskaya e a Kaschirskaya. Ele poderia esquecer de todos os outros e os

sobreviventes, ele não podia mais ver as estrelas de qualquer maneira.

Estranho, passando a faixa amarela, seu corpo protestava sob a gravidade, mas seu coração estava leve. Dias antes da marcha à Tulskaia, quando ele tinha dito adeus

a Yelena, ele soube que teria que voltar. Mas quando Hunter o escolhera como seu

companheiro pela segunda vez, ele sabia que desta vez era sério. Então, ele tinhaorado

por um desafio, uma iluminação, e ele finalmente tinha sido ouvido. Sentir medo teria

sido estúpido e indigno. Ele sabia que não seria capaz de fazer o trabalho de sua vida

como um trabalho paralelo. Mas o destino não deixava ninguém interrompê-lo. Um

ditado dizia que cedo ou tarde ele chegaria, uma última vez.. Provavelmente não

haveria uma última vez, e se ele não decidisse agora, ele viveria o bastante para ter uma

próxima? Deveria passar o tempo em que ele ainda tinha como Nikolai Ivanovich, o

tolo da estação, um velho, pateta, estúpido e risonho contador de histórias?

Mas, para transformar-se de uma caricatura de Homero em seu herdeiro verdadeiro, para transformar-se de um amante dos antigos mitos em seu criador, para

levantar-se das cinzas como um novo ser humano, ele primeiro precisava queimar sua

imagem antiga. Ele acreditava que, enquanto ele continuasse a duvidar e ceder à sua

saudade de casa e da esposa, continuamente olhando para o passado, ele continuaria

ignorando algo muito importante que, no fim, se colocava à frente dele. Ele teve que

cortar tudo isso dele. Desta nova expedição em diante, se ele voltasse, não seria ileso.

É claro que ele se arrependia por Yelena. No início, ela não acreditava que Homero

retornara são e salvo após um dia. Ela tinha tentado impedi-lo de embarcar nesta viagem, em vão.

Quando eles se separaram em lágrimas novamente, ele não prometeu nada. Ele apertou-a contra ele e observou o relógio por cima do ombro dela. Era hora de ir. Ele

sabia disso. Ele não poderia amputar dez anos de sua vida tão facilmente, e ele provavelmente sentiria dores fantasmas de fazê-lo. Ele acreditava que teria vontade de

olhar para trás o tempo todo. Mas, assim que cruzou a faixa amarela, era como se ele

realmente tivesse morrido, e sua alma havia se libertado dos envoltórios pesados e

entorpecentes, e ascendera. Ele estava livre.

O traje não parecia retardar Hunter nem um pouco. A roupa tinha transformado sua figura de lobo musculoso, em uma montanha sem forma, mas não limitava o seu

movimento. Ele caminhou ao lado do ofegante Homero, mas apenas porque ele não

queria deixá-lo fora de sua vista. Depois de tudo o que ele vira na Nagatinskaya, na

Nagornaya, e na Tulsкая, não foi fácil para Homero concordar com outra viagem com

Hunter. Mas havia algo que o havia convencido. A presença do brigadeiro tinha começado sua tão aguardada metamorfose, que prometia sua reencarnação. O velho

não se importava por que Hunter levou-o de novo, fosse como guia, ou como suprimento ambulante. O principal era não deixar passar este momento, aproveitá-lo

enquanto durasse, imaginar alguma coisa, escrever alguma coisa.

E então, quando Hunter chamou por Homero, ele sentiu que também queria algo dele. Não era porque ele lhe mostrava o caminho nos túneis, ou o protegia de todos os

perigos possíveis. Talvez o brigadeiro tirou algo do velho sem pedir, enquanto deu a

ele o que ele queria?

Mas o que ele precisava?

A falta de emoções de Hunter não podia mais enganar Homero. Atrás da crosta da face paralisada, o magma cozinhava, e entrava em erupção nos vulcões de seus

olhos, eternamente abertos, de tempos em tempos. Ele estava inquieto. Ele também

estava procurando por algo.

Hunter parecia ser perfeito para o papel do herói épico do livro de Homero. No início, o velho hesitou, mas depois de algumas tentativas, ele o havia reconhecido.

Mesmo que muitas das características do brigadeiro, como sua paixão pela matança,

seu silêncio e seus gestos esparsos, tivessem deixado Homero cuidadoso. Hunter era

como aqueles assassinos em série, que enviavam mensagens enigmáticas à polícia,

querendo ser capturados. Homero não sabia se o brigadeiro viu nele um padre à espera

de uma confissão, um biógrafo ou sabe-se lá o quê, mas ele sentiu que esse apego era

mútuo. E que logo se tornaria mais forte do que o medo.

Homero não conseguia afastar a sensação de que Hunter estava adiando uma conversa realmente importante. De tempos em tempos, o brigadeiro olhava para ele

como se quisesse perguntar algo, mas permanecia em silêncio. Mas, talvez o velho

tivesse confundido um desejo com a realidade outra vez, e ele era uma testemunha

desnecessária, que Hunter iria sufocar até a morte em algum lugar do túnel uma vez

que ele não fosse mais necessário.

Muito frequentemente, o olhar do brigadeiro caía sobre a mochila do velho, onde o diário misterioso estava. Ele parecia saber que os pensamentos de Homero

circulavam em torno de um certo objeto, e focou nele, aproximando-se devagar, mas

resoluto. Acanhado, Homero tentou não pensar sobre o diário, em vão.

Ele não teve muito tempo para empacotar, e só passou alguns minutos com o diário. Claro que não fora suficiente para umedecer todas as páginas coladas umas às

outras com sangue, e separá-las umas das outras, mas ele conseguiu ler uma parte das

páginas. Estava coberto de notas, a escrita em fragmentos, os eventos fora de ordem,

como se o autor estivesse em perigo enquanto anotava as palavras. Para que elas pudessem fazer sentido, Homero precisava colocá-las na ordem correta.

Nenhum contato. O telefone está mudo. Provavelmente sabotagem. Alguém que havia sido exilado? Por vingança?

Ainda na nossa frente

A situação não tem uma saída. Não podemos esperar por ajuda de qualquer lugar.

Pedir ajuda à Sevastopolskaya seria o fim para nossos homens. Podemos apenas esperar... Mas por quanto tempo?

Não podemos sair ... Eles ficaram loucos. Se não eles, então quem? Fugir!

E então havia algo mais. Imediatamente após as últimas palavras, que alertavam sobre o ataque à Tulskaia, havia uma assinatura, quase ilegível, carimbada com a

digital marrom de um dedo sangrento. Homero ouviu o nome antes, ele até mesmo o

pronunciara.



Este diário pertencia ao operador de rádio que partira para Tulskaia com a caravana, há uma semana.

Eles passaram o túnel para outro depósito do metrô, um que não fora saqueado.

Sem dúvida teria sido, se não tivesse sido atingido por tanta radiação. O túnel negro

que levava até lá, havia sido barricado com uma solda de metais de todos os tipos. Em

uma placa de metal, que pendia a partir de um pedaço de arame anexado a uma das

barras, um crânio de sorriso maçante olhava para eles, e sob ele estavam restos de um

aviso em tinta vermelha, que agora caíra ou fora removido intencionalmente.

Este túnel barrado prendeu magicamente a atenção de Homero, e quando ele

finalmente foi capaz de tirar os olhos dele, ele concluiu que esta linha não era tão sem

vida quanto muitos pensavam em Sevastopolskaia. Em seguida, eles passaram a

Varshavskaya, uma estação coberta horrivelmente enferrujada e mofada, que parecia

um corpo deixado muito tempo na água estagnada. As paredes cobertas de azulejos

vazavam algum tipo de fluido turvo, e através da porta hermética meio aberta, um vento

frio soprava a partir da superfície, como se uma criatura gigante tentasse respirar ar

para dentro desta estação podre. O tique-taque histérico do contador Geiger exortou-os

a sair deste lugar o mais rápido possível. Eles já estavam se aproximando da

Kashirskaya, quando o sistema parou de funcionar e o indicador parou no fim da

escala.

Homero sentiu um gosto amargo em sua língua.

– Onde foi o impacto? – Hunter perguntou.

A voz do brigadeiro era difícil ouvir, como se Homero estivesse com a cabeça imersa em uma banheira cheia. Ele parou, finalmente ele teve uma desculpa para um

pequeno, mas bem-vindo descanso, e apontou com sua luva para o sudeste.

– Na Kantemirovskaya. Achamos que o teto e o duto de ar caiu com ela.

Ninguém sabe ao certo.

– Isso significa que a Kantemirovskaya está abandonada?

– Sempre esteve. Passando da Kolomenskaya, não se encontra uma única alma humana.

– Uma vez me disseram... – Hunter começou, mas silenciou, fazendo um gesto para Homero também ficar quieto.

Ele parecia sentir algum tipo de onda invisível. Finalmente, ele perguntou:

– Alguém sabe a situação na Kashirskaya?

– Como assim? – Homero não sabia se seu tom sarcástico saía através dos filtros.

– Então vou dizer a você. A radiação ali é tão alta, que seremos cozidos em questão de minutos. Com ou sem o traje de radiação. Vamos voltar.

– Voltar? Para a Sevastopolskaya?

– Sim, de lá eu vou para a superfície. Talvez eu consiga chegar lá pela superfície.

– Hunter respondeu perdido em seus pensamentos. Era como se ele já tivesse planejado

sua rota.

Homero não conseguia encontrar as palavras certas.

– Você quer ir sozinho?

– Eu nem sempre posso tomar conta de você. Preciso me cuidar para não morrer

também. Não conseguiremos juntos de qualquer maneira. Não tenho nem mesmo

certeza se conseguirei sozinho.

– Você não entende? Preciso ir junto, eu quero...

Homero procurava desesperadamente por uma razão, uma desculpa.

– ... fazer alguma coisa útil antes de morrer? – O brigadeiro terminou a sentença.

Seu tom era indiferente, embora Homero soubesse que o filtro das máscaras filtravam

quaisquer miasma, de modo que somente o ar estéril insípido entrasse, e vozes mecânicas sem alma também.

O velho homem fechou os olhos, e tentou desesperadamente lembrar o que sabia sobre o curto trecho da linha Kakhovskaya, sobre a linha irradiada da

Zamoskvoretskaya, sobre o caminho a partir da Sevastopolskaya à Serpukhovskaya...

Tudo, menos voltar atrás, para não voltar a esta vida vazia, que nada tinha a oferecer-

lhe mais, além de falsas esperanças de grandes histórias e lendas.

– Siga-me! – Homero resmungou, enquanto repentinamente andou para o leste com tamanha velocidade que o surpreendeu. Eles moveram-se para leste, para Kashyrskaya, para o meio do inferno.

Ela sonhou que trabalhava com uma serra no anel de ferro, com o qual ela foi acorrentada à parede, a ferramenta protestava e caía de novo e de novo, mas cada vez

que ela conseguia avançar um milímetro no aço, o fino arranhão crescia novamente em

frente aos olhos dela.

Mas Sasha não desistiu. Mais uma vez, ela tomava a serra com as mãos sangrentas, e continuava a trabalhar o metal inflexível. O mais importante era continuar, não mostrar nenhuma fraqueza, não parar de trabalhar e não descansar.

Seus pés acorrentados estavam inchados e dormentes. Sasha sabia que, mesmo que ela conseguisse derrotar o ferro, ela não seria capaz de fugir, porque ela já não

conseguia controlar suas pernas...

Ela acordou e abriu as pálpebras.

As correntes não foram um sonho. As mãos de Sasha foram algemadas. Ela estava deitada sobre a área de carregamento suja da dresina, que gritava monótona

enquanto seguia em frente, torturada. Em sua boca estava um pedaço sujo de pano, e

sua testa sangrava e doía.

Ele não me matou. Por quê?

Da área de carga, ela só podia ver uma parte do teto do túnel. Na luz movendo-se aleatoriamente, as soldas dos anéis do túnel piscavam na escuridão. De repente, a

abóboda do túnel desapareceram, e tudo que podia ver era pintura branca rachada. Que

tipo de estação era esta?

Este era um mau lugar: não apenas silencioso, mas mortalmente silencioso, e não apenas de pessoas, mas vazio da vida, e também escuro. Ela sempre pensara que a

estação do outro lado da ponte estaria cheia de pessoas e ruídos. Ela devia ter-se enganado?

A cobertura sobre Sasha não se mexeu mais. O sequestrador subiu na plataforma amaldiçoando, suas botas com pontas de ferro e solas embutidas faziam um som estranho. Ele parecia examinar seus arredores, e parecia já ter tirado sua máscara de

gás, porque Sasha o ouviu murmurar:

– Ai está você. Já fazia um bom tempo. – Aliviado, ele suspirou e bateu contra algo – não, chutou algo – pesado, sem vida.

– Uma saca cheia?

Sasha então percebeu. Ela mordeu o trapo fedorento e começou a gemer, seu corpo apertado. Agora ela sabia onde o homem gordo no traje de radiação a levava, e à

quem suas palavras eram dirigidas.

\*\*\*

Até mesmo o pensamento de deixar Hunter para trás era absurdo.

Com alguns poucos pulos de predador, ele o alcançou, segurou seu ombro, e o chacoalhou dolorosamente.

– Qual é o seu problema?

– Mais um pouco... – Resmungou o velho homem. Eu me lembro. Ainda existe

um túnel que leva diretamente à linha Zamoskvoretskaya, pouco antes da Kashyrskaya.

Se passarmos ali, chegamos diretamente ao túnel e não precisamos passar pela estação.

Nós a circulamos e saímos diretamente na Kolomenskaya. Não deve estar longe... Por

favor...

Homero aproveitou a hesitação de Hunter para libertar-se, mas uma de suas pernas ficou presa no traje e não se mexeu, e ele caiu sobre os trilhos. Ele levantou-se

imediatamente e continuou marchando um pé na frente do outro. Hunter agarrou o

velho com facilidade, como se fosse um rato, abaixou seu rosto perto do dele, de modo

que os visores de suas máscaras de gás ficaram na mesma altura. Ele prendeu seus

olhos em Homero por alguns segundos, mas depois soltou-o.

– Tudo bem – ele grunhiu.

Daquele momento em diante, Homero arrastou o brigadeiro atrás dele sem parar por um segundo. O som de seu sangue bombeando em seus ouvidos sobrepujava o som

de clique do contador Geiger, suas pernas duras quase não estavam mais sob seu controle, e seus pulmões pareciam que explodiriam, lutando para obter ar.

Ele quase não se importou com a profunda mancha escura do buraco. Eles espremeram-se por ele, e correram por mais alguns minutos até saírem por um novo

túnel. O brigadeiro olhou em volta apressadamente, voltou para o túnel e perguntou

para o velho, irritado:

– Para onde você me trouxe? Você sequer já esteve aqui alguma vez?

Cerca de trinta metros mais para a esquerda, na direção que eles precisavam seguir, o túnel estava preenchido do chão até o teto por alguma coisa, que vagamente

lembrava a teia de uma aranha. Homero não tinha ar suficiente para respirar, de modo

que apenas balançou a cabeça. Era verdade, ele nunca tinha estado ali. Todo o resto

que ele tinha ouvido falar sobre este lugar, ele não contaria a Hunter.

O brigadeiro segurou o fuzil em sua mão esquerda, puxou uma longa faca reta de sua mochila; era algum tipo de facão feito manualmente, e começou a cortar a massa

branca pegajosa. As cascas secas de baratas voadoras, que pendiam na teia, começaram

a balançar e soar como sinos enferrujados. As bordas dos cortes começavam a crescer

de novo imediatamente.

O brigadeiro levantou a peça de teia de aranha semitransparente, colocou sua lanterna através dela, e iluminou o túnel lateral.

Eles precisariam de horas para cortar seu caminho através da teia. Pegajosa, ela crescera no túnel em muitas camadas. Hunter olhou para o contador Geiger, fez um

barulho estranho, mas decepcionado, e começou a rasgar através da teia que estava

entre as paredes. A teia cedeu com relutância, custando-lhes mais tempo do que

possuíam. Em quase dez minutos, eles atravessaram apenas cerca de nove metros, e a

rede tornava-se mais e mais densa, parecia bloquear a entrada como um grande pedaço

de algodão. Quando eles finalmente passaram um respiradouro recoberto, onde um

horrível esqueleto de duas cabeças jazia, o brigadeiro atirou sua faca no chão. Eles

ficaram pendurados na teia da mesma forma que as baratas, e mesmo se a criatura que

tecera esta gigantesca teia já estivesse morta, a radiação terminaria seu trabalho.

Enquanto Hunter estava à procura de uma saída, Homero de repente se lembrou

do que ele tinha ouvido falar sobre este lugar. Ele caiu de joelhos, sacudiu algumas

balas de seu clipe de reserva, virou-os, abriu com a faca e balançou a pólvora em sua

mão. Hunter entendeu imediatamente. Alguns momentos depois, eles estavam na

entrada do túnel lateral novamente, cobriram um pedaço de tecido de algodão com o

pó cinzento grosseiro, e seguraram um isqueiro nele.

O pó assobiou e começou a fazer fumaça, e de repente o inimaginável aconteceu:

a pequena chama começou a queimar em todas as direções ao mesmo tempo, atingiu o

teto, vagou ao longo das paredes e encheu todo o túnel. Avidamente, ela engolia a teia

e correria para as profundezas. Como uma bola de fogo que rugiu, o fogo moveu-se em



frente, acendeu os segmentos escuros do túnel esquerdo, deixando pedaços chamuscados no teto. Em seu caminho para a Kolomenskaya, o fogo se estreitou, e

arrastou todo o ar com ele. Em seguida, o túnel fazia uma curva, e a chama que arrastava uma capa roxa atrás dela não era mais visível. Na distância, Homero acreditou

ouvir um grito inumano e desesperado, guinchando acima do som ensurdecedor do

fogo. Mas o velho ainda estava hipnotizado pelo que havia visto, portanto ele não confiava inteiramente em seus sentidos.

Hunter pôs a faca de volta em sua mochila e tirou duas caixas de filtros novos e selados para suas máscaras de gás.

– Estes eram para a viagem de volta. – Ele trocou seu filtro, e passou a outra caixa para Homero. – Por causa do fogo, a radiação agora está mais alta que antes.

O velho acenou com a cabeça. O fogo levantara partículas radioativas depositadas na teia. No vácuo negro destes túneis, haviam milhões de moléculas mortais. Incontáveis pequenas minas subaquáticas estendiam-se neste túnel vazio, e

bloqueavam seu caminho. Eles não podiam passar através delas, e só havia uma saída,

passar diretamente por elas.

\*\*\*

– Se seu pai pudesse vê-la agora – o homem gordo zombou dela.

Sasha estava sentada em frente ao cadáver de seu pai, deitado de bruços em seu próprio sangue. O sequestrador abriu o macacão da garota, que estava vestindo

uma

camiseta desbotada, com algum tipo de animal que sorria.

Todas as vezes que ela erguia seus olhos, o sequestrador a cegava com a lanterna, para que ela não fosse capaz de ver o rosto dele. Ele puxara o pano fora de sua boca,

mas Sasha nem sequer pensava em implorar por algo.

– Você não parece com sua mãe. Uma pena, eu esperava... – As pernas de elefante nas botas de cano alto de borracha manchada vagaram pela segunda vez em

torno dos pilares. Sasha estava inclinada sobre eles, de costas, de modo que ela não

sabia o que estava acontecendo. Agora a voz dele veio de trás. – Seu pai deve ter pensado que, com o tempo, eles iriam perdoá-lo. Mas existem crimes que não prescrevem... Como calúnia e traição. – Sua silhueta obscura emergiu da escuridão pelo

outro lado. Ele parou em frente ao cadáver de seu pai, chutou-o com a bota, e cuspiu

um muco espesso. – Uma pena que ele tenha morrido sem minha ajuda.

O gordo moveu o feixe de luz através da estação obscura, e sem expressão, onde as montanhas de sucata inútil acumulavam-se ao redor. A luz parou na bicicleta.

– Você tem um bom lugar aqui. Acho que se não fosse você, seu pai já teria se enforcado há muito tempo.

Enquanto ele iluminava a estação, Sasha tentou se arrastar para longe, mas um segundo depois, o feixe de luz a alcançou.

– Posso entender. – Com um pulo, seu sequestrador pôs-se de pé ao lado dela. –

Ela era uma mulher bonita. Mas como eu disse, uma pena que ela não se parece com a

mãe. Isso provavelmente o perturbava também. Bem, tanto faz – Ele chutou sua costela com a bota, de modo que ela caiu. – Afinal de contas, eu atravessei todo o metrô

para chegar aqui.

Sasha estremeceu, e balançou a cabeça.

– Veja, Petya, como foi fácil prever o que ia acontecer? – Mais uma vez, ele virou-se para o pai dela. – Naquela época, traziam seus rivais em frente ao tribunal. E

muito obrigado pelo exílio ao longo da vida, em vez da execução! Bem, a vida é muito

longa e a situação muda. E nem sempre a seu favor. Estou de volta, mesmo que tenha

levado dez anos a mais do que o previsto.

– Nunca retorna-se acidentalmente ao mesmo lugar, – ela sussurrou as palavras de seu pai.

– Quanta verdade – o gordo respondeu sarcasticamente. – Ei, quem está aí?

No outro extremo da plataforma podia-se ouvir um som de raspagem, então algo pesado caiu no chão. Algum tipo de som sibilante difundiu-se, e outro soou como passos de um grande animal. O silêncio que se seguiu foi decepcionante, mas Sasha e

seu sequestrador sentiram ambos que algo se aproximava deles.

O homem gordo destravou sua arma ruidosamente, e ficou sobre um joelho ao lado dela; ele pressionou o cartucho contra o ombro, e jogou um feixe de luz sobre os

pilares que estavam ao redor. Algo mover-se nos túneis do sul, abandonados há séculos,

era mais assustador do que todas as estátuas de mármore na estação central de repente

criarem vida. No feixe de luz errante, uma sombra embaçada apareceu por um segundo,

mas nem sua silhueta nem sua velocidade eram humanas. Quando a luz rapidamente

voltou para o mesmo lugar, curiosamente não havia nenhum vestígio da criatura estranha. Alguns segundos depois, o holofote em pânico pegou-a outra vez, agora apenas a seis metros de distância deles.

– Um urso? – O gordo sussurrou, duvidando do que havia visto. Ele puxou o gatilho.

As balas correram para os pilares, bateram nas paredes, mas o animal havia desaparecido no ar ao mesmo tempo, nenhum dos tiros atingindo o seu objetivo. Em

seguida, o homem gordo mudou a arma inutilmente para o automático, derrubou a

Kalashnikov e apertou as mãos sobre seu estômago. A lanterna rolou para o lado, fazendo com que a luz derramasse sobre a figura pesada, espasmódica acima do solo.

Sem qualquer pressa, um ser humano surgiu a partir do crepúsculo, com passos surpreendentes, suaves e quase inaudíveis, embora ele estivesse usando botas pesadas.

O traje de radiação era ainda demasiado grande para sua estatura colossal, de modo que

você poderia realmente pensar que ele era um urso. Ele não usava uma máscara de gás.

A cabeça raspada, coberta de cicatrizes, lembrava um deserto ressequido. Uma parte

de seu rosto possuía um olhar valente, talvez um pouco duro, mas se poderia dizer que

parecia belo, se não fosse imóvel como um morto. O suor escorreu pelas costas de

Sasha quando o viu. A outra metade era apenas absurdamente ferida, uma complexa

rede de cicatrizes criavam uma máscara de feiura pura de seu rosto. Ainda assim, sua

aparência teria tido algo de repulsiva, e não assustadora, se não fossem por seus olhos.

Um olhar sempre errante, meio louco, era a única coisa que mantinha o rosto imóvel

vivo. Uma vida sem uma alma.

O homem gordo tentou ficar em pé, mas escorregou no chão e imediatamente gritou de dor. O homem colossal agachou; lentamente, apontou o longo cano da pistola

com silenciador contra a parte de trás da cabeça do gordo, e puxou o gatilho. A gritaria

parou instantaneamente, mas o eco vagava na estação-túmulo um pouco mais, como

uma criatura perdida que fora privada de um corpo. O tiro rasgou a mandíbula dele, o

sequestrador mostrou o rosto para ela, que era agora um funil vermelho viscoso. Sasha

abaixou a cabeça e começou a chorar.

O homem terrível apontou o cano da arma para ela, lentamente, e submerso em

seus pensamentos. Então ele se virou e decidiu de maneira diferente. A pistola voltou

ao coldre em seu ombro, e ele deu um passo para trás, como se quisesse observar sua

obra de longe. Ele abriu um cantil achatado e o colocou em seus lábios.

Agora um outro personagem pisou no pequeno palco iluminado pela lanterna do gordo que esmaecia: um homem idoso. Ele respirava pesadamente, e pressionou sua

mão contra suas costelas. Ele vestia o mesmo traje do atirador, mas movia-se muito

mais desajeitadamente que ele. Assim que ele alcançou aquele que ele seguia, caiu no

chão. Ele nem sequer percebeu que tudo estava coberto de sangue. Só depois de ter

descansado e abrido os olhos novamente, que ele viu os dois corpos distorcidos e a

garota completamente apavorada.

\*\*\*

Ele tinha acabado de acalmar seu coração, e ele já começou a bater mais rápido novamente. Antes que Homero encontrasse palavras para descrever, ele soube: ele a

encontrara. Depois de todas as suas tentativas inconclusivas, tinha encontrado a heroína

de seu romance, que havia começado a tomar forma na frente de seu olho interior

durante a noite: os lábios, as mãos, a roupa, o cheiro, o movimento e os pensamentos

da pessoa que tentara criar estavam agora, de repente, em pé exatamente na

frente dele.

Em carne e osso. Diretamente saída de sua imaginação.

Mas não, honestamente a imaginara de forma diferente, mais elegante, com traços mais suaves... E definitivamente mais velha. Essa aqui tinha traços muito duros,

e seus olhos não estavam cheios de calor, mas lascas duras de gelo compactado. Mas

ele sabia que fora ele quem se enganara, ele não tinha sido capaz de prever como ela

seria. Seu olhar perseguido, o rosto assustado, e as mãos algemadas – tudo o fascinava.

É claro que ele sabia contar muitas histórias extraordinárias, mas conseguir escrever as

tragédias como as que aconteceram com a jovem não estava em seu poder. Seu desamparo, sua exposição ao mundo cruel, seu maravilhoso resgate e a forma como o

destino tecera a história dela, sua e de Hunter juntas, tudo só poderia significar que ele

estava no caminho certo.

Ele acreditou nela antes que ela dissesse uma única palavra.

Por que, apesar de tudo, esta menina possuía um tipo de beleza em seu cabelo bagunçado, louro, desalinhado, suas orelhas pontudas, suas bochechas cobertas de sujeira, seus ombros frágeis, expostos, surpreendentemente brancos, seus lábios infantis, de modo que um apego espontâneo juntou-se à sua curiosidade e paixão.

Homero se aproximou dela e agachou. Ela abaixou a cabeça e fechou os olhos.

Ela provavelmente não tinha muito contato com outras pessoas, ele pensou.

Porque ele

não sabia o que dizer, ele apenas segurou suavemente seu ombro.

– Precisamos ir. – Hunter rosnou.

– E quanto a... – Homero apontou para a garota com um olhar inquisidor.

– Nada, ela não é problema nosso.

– Não podemos deixá-la sozinha!

– Então damos uma bala a ela – respondeu o brigadeiro, áspero.

– Não quero ir com vocês – a garota falou com surpreendente clareza. – Apenas tirem essas algemas de mim. Ele provavelmente tem as chaves. – Ela apontou para o

corpo sem rosto no chão.

Com poucos movimentos de suas mãos, Hunter pescou as chaves de metal do bolso do homem gordo, e as atirou para a garota:

– Satisfeita?

O velho tentou ganhar tempo.

– O que este porco fez para você? – ele perguntou para a pequena garota.

– Nada – respondeu enquanto tateava a fechadura. – Ele não chegou muito longe, Ele não era um monstro. Apenas um ser humano norma. Horrível, estúpido e rancoroso.

Como todas as pessoas.

– Nem todas, – respondeu o velho, mas não soou convincente.

– Todas, – repetiu a garota. Ela fez uma careta, mas conseguiu se levantar sobre os pés inchados. – Bem, nem sempre é fácil manter-se humano.

Quão rapidamente ela dominara seu medo! Agora seus olhos já não estavam



olhando para o chão, mas ela estava olhando para os dois homens como se estivesse

pronta para um desafio. Ela caiu de joelhos ao lado de um dos corpos, cuidadosamente

virou-o de costas, ajeitou seus braços e beijou a testa do homem morto. Então ela virou-

se para Hunter, fechou os olhos e disse:

– Obrigada.

Ela não levou nada com ela. Ela desceu para os trilhos e andou, ligeiramente mancando, em direção ao túnel. O brigadeiro a seguiu com um olhar sombrio. Suas

mãos vagaram indecisas entre seu cantil e sua faca. Finalmente, ele tomou uma decisão.

Ele se levantou e gritou:

– Espere!

## **8 – Máscaras**

A gaiola ainda estava no lugar onde o homem gordo batera em Sasha. A porta estava aberta e o rato sumira ... Bem, pensou a menina, mesmo um rato tem o direito à

liberdade.

Não tinha jeito, Sasha teria que usar a máscara de gás do seu raptor. Ela tinha a impressão de sentir o resto de seu mau hálito, mas ela poderia ficar feliz pelo gordo

não estar usando a máscara quando foi alvejado. Na metade da ponte, a radiação de

repente aumentou novamente. Era um milagre que ela poderia até mesmo mover-se no

traje de radiação gigante. Ela quicou em torno dele, como a larva de um inseto em seu

casulo. A máscara estava laceada pela cara larga do homem gordo, mas ainda assim

preendeu-se ao seu rosto. Sasha tentou puxar o ar tão forte quanto possível, sugar o ar

através dos tubos e filtros, mas enquanto olhava para fora do vidro redondo da máscara,

ela não conseguia afastar a sensação de que ela usava a pele de um estranho. Apenas

uma hora atrás, esse demônio cinza que a perseguia havia usado este traje, e agora, para

atravessar esta ponte, ela precisou entrar no mundo dele, ver o mundo com os olhos

dele.

Com os olhos dele, e dos seres humanos que baniram seu pai para

Kolomenskaya, que o deixaram viver por todos estes anos porque sua ganância era

mais forte do que seu ódio. Será que Sasha, se quisesse desaparecer na massa humana,

precisaria continuar usando essa máscara de borracha preta? Será que ela teria que agir

como se ela fosse outra pessoa, alguém sem rosto e sentimentos? Se isso pelo menos a

ajudasse a mudar seus pensamentos: esquecer tudo o que o que ela tinha sofrido, e

acreditar fortemente que ela pudesse começar tudo de novo!

Sasha desejava que ambos não tivessem acabado de encontrá-la por acaso, ela

desejava que fosse uma missão de resgate enviada apenas para ela, mas ela sabia que

isso não era verdade. Ela não entendia por que eles a levaram com eles: fosse por

prazer, por pena ou provar algo um para o outro. Nas poucas palavras que o velho havia

dispensado à ela, uma certa nota de simpatia ondulara com elas, mas agora ele seguia

seu companheiro, não falava muito, e parecia muito preocupado em não parecer demasiado humano.

O outro não se virara para a garota depois de ter permitido que ela os acompanhasse para a próxima estação habitada. Sasha tinha ficado para trás intencionalmente, para que ela pudesse, pelo menos, observá-los por trás, mas parecia

que ele tinha sentido seu olhar, porque imediatamente ele torceu o pescoço, mas não

se virou, talvez para que ela pudesse manter sua curiosidade, talvez para que ela pensasse que ele não notara.

O físico poderosamente construído do homem largo, com seu comportamento animalesco, que o homem gordo confundira com um urso, o marcava como um guerreiro. Mas essa imagem não era apenas por causa do seu físico poderoso. Ele emitia

uma certa força que poderia ser sentida mesmo se ele fosse magro e pequeno. Um

homem como ele poderia fazer qualquer um seguir suas ordens, e se alguém se atrevesse a recusar, ele o eliminaria sem hesitação.

E muito antes de Sasha ser capaz de controlar seu medo de outros seres humanos,

antes que ela tivesse qualquer certeza sobre ele e sobre si mesma, uma voz desconhecida disse, a voz de sua alma interior, que ela iria segui-lo.

\*\*\*

A dresina avançava surpreendentemente rápida. Homero não sentiu qualquer resistência da alavanca, porque o brigadeiro fazia todo o esforço. O velho levantava e

baixava os braços também, por decência, mas isso não lhe custava nenhuma força.

A compacta ponte do metrô avançava com seus muitos pilares sobre a densa água escura. O concreto caíra do esqueleto de ferro em algumas partes, seus suportes

estavam tão ruins que uma das duas pistas retorceu e caiu. Era uma ponte totalmente

funcional, um modelo padrão, de vida curta, como os novos edifícios nas áreas exteriores do Capitólio, que em outros tempos eram projetados em uma prancheta. Não

havia nada, nada de belo neles. Ainda assim, enquanto olhava a seu redor admirado,

Homero pensava nas pontes magicamente retráteis de São Petersburgo, ou nas construções elegantes da ponte Krymsky, com suas correntes de ferro fundido.

Nos vinte anos que vivia no metrô, Homero saiu na superfície apenas três vezes.

Todas as vezes, ele tentava ver o máximo que podia no pequeno tempo longe de sua

cela. Para refrescar sua memória, para forçar os olhos enfraquecidos com os objetos da

cidade, para pressionar os gatilhos enferrujados de sua memória visual, e reunir o maior

número de impressões para o futuro. Talvez ele nunca teria a chance de chegar aos

lugares bonitos na superfície, como a Kolomenskaya, a Rechnoy Volkzal ou a Teply

Stan, todas as três estações periféricas. Naquela época, como muitos outros habitantes

de Moscou, ele as tratava com uma atitude condescendente.

Com os anos, Moscou envelheceu continuamente, desfez-se, definiu. Homero tinha a necessidade de tocar a ponte despedaçando-se, como essa garota da Kolomenskaya havia tocado o homem morto de volta à vida. A ponte, as bordas cinzentas das fábricas, as colmeias abandonadas dos apartamentos. Nutrir-se em suas

visões. Tocá-los, sentir que eles realmente existiam, que tudo não era um sonho. E para

dizer adeus, apenas por garantia.

A vista não era nítida, o luar prateado era obstruído pelas nuvens, de maneira que o velho mais sentia do que via seus arredores. Mas isso não era tão ruim: ele usou-

a para substituir a realidade com a sua imaginação. Se isso importasse, Homero apenas

pensava sobre o que via no momento. Esquecidas as lendas que ele mesmo se designara

a criar, o misterioso desaparecimento da luz do dia ocupava sua imaginação pelas

últimas horas. Ele se sentia como uma criança olhando a paisagem durante uma viagem: ele inspirou a vista e as silhuetas obscuras dos arranha-céus para dentro de si,

continuamente virava a cabeça de um lado para o outro, e falava sozinho em voz

alta.

Os outros não aproveitavam a viagem tanto quanto ele. O brigadeiro, que silenciosamente encarava a direção que eles seguiam, apenas desviava os olhos de

tempos em tempos, quando ouvia um som vindo de baixo da ponte. A sua atenção estava focada para o ponto onde os trilhos cavavam de volta para o solo. A menina

atrás deles agarrava a máscara de gás com ambas as mãos. Ele podia ver que ela não

se sentia bem na superfície. No túnel, Homero pensou que ela era alta, mas no momento

em que pisaram para fora, ela era pequena como se tivesse recuado em uma casa

invisível de um caracol e até mesmo o traje de radiação amplo, que ela havia tirado do

corpo, não a tornava mais alta. As coisas fascinantes que podiam ser vistas da ponte

não pareciam interessá-la, e na maior parte do tempo ela olhava para o chão.

Eles passaram pelas ruínas da estação Tekhnopark. Ela havia sido construída às pressas logo antes da guerra. O mau estado em que se encontrava não era por causa dos

ataques a bomba, mas pelos estragos do tempo. Eles finalmente aproximaram-se do

túnel. Em comparação com a escuridão sombria da noite, a entrada do túnel emitia

escuridão absoluta. O traje de Homero parecia-lhe como uma armadura de verdade, e

ele próprio sentia-se como um cavaleiro medieval entrando na caverna de um

lendário

dragão.

Os sons da cidade noturna permaneceram na entrada, exatamente onde Hunter mandou saírem do carro de trilho. Agora, somente podia-se ouvir os passos cuidadosos

dos três companheiros, e as poucas palavras que ecoavam dos segmentos do túnel. O

túnel parecia estranho. Homero ouviu o som abafado do salão, como se ele tivesse

entrado em uma garrafa de vidro.

– Está fechado aqui. – Hunter parecia querer reforçar os medos deles. A luz da lanterna expôs a resistência: uma porta hermética, erguida em frente à eles como um

muro impenetrável. Onde a porta encontrava os trilhos havia um brilho, e dos cantos

maciços da porta levantavam-se pedaços marrons de graxa. Tábuas velhas estavam

deitadas sobre um monte. Lenha seca e carvão transformado dos pedaços de madeira

estavam lá, mostrando que uma fogueira foi feita ali não muito tempo atrás. A porta

estava sendo usada, sem dúvida, mas aparentemente apenas como saída. Nenhuma

campainha ou outro sinal era visível deste lado.

O brigadeiro virou-se para a garota:

– Está sempre fechada?

– Às vezes, eles saíam e conduziam-nos para a outra margem. Para fazer trocas.

Eu pensei que hoje... – Ela parecia querer distanciar-se no tempo. Ela saberia que não

havia mais entrada, ou escondia algo deles?

Hunter martelou o punho de seu facão contra a porta, como se quisesse operar um gongo gigante de metal. Mas o aço era muito grosso, e em vez do som ecoando

maçante esperado, criou somente um som vazio de batida. Provavelmente, ninguém

teria sido capaz de ouvi-lo do outro lado, mesmo se ainda houvesse alguém vivo lá.

Nenhuma resposta. Nenhum milagre aconteceu.

Sem qualquer razão, Sasha tinha esperança de que os dois seriam capazes de abrir a porta. Por medo, ela não tinha avisado a eles que a entrada do metrô estava

fechada; eles poderiam ter escolhido outro caminho, e a deixado onde a encontraram.

Mas ninguém os esperava no grande metrô, e abrir a porta era impossível. O homem

largo procurou por um ponto fraco, ou buracos de chave curvos, mas Sasha sabia que

só poderiam abri-la do outro lado.

– Fiquem aqui – ele comandou mal-humorado. – Vou vasculhar a barricada no segundo túnel e procurar por alguma ventilação. – Ele ficou silencioso por um momento, e adicionou. – Eu voltarei – e desapareceu.

O velho reuniu alguns galhos e tábuas e acendeu um fogo escasso. Ele sentou-se na soleira da porta e começou a remexer em sua mochila. Sasha sentou-se ao lado dele



e observou-o com o canto dos olhos. Ele fazia um espetáculo estranho, talvez para ela,

ou talvez para si mesmo. Depois de retirar um caderno rasgado e sujo de sua mochila,

ele lançou um olhar desconfiado para Sasha, se distanciou dela um pouco e baixou a

cabeça para as páginas.

Imediatamente, ele se levantou com espantosa velocidade, e olhou para ver se o homem largo realmente não estava lá. Lentamente, ele se esgueirou dez passos até a

saída do túnel, e só depois que ele não viu ninguém por perto, ele se inclinou na porta,

colocou a mochila entre ele e Sasha e afundou no livro. Ele leu inquieto, murmurando

alguma coisa que ela não conseguia entender, tirou as luvas, pegou a garrafa de água e

entou algumas gotas sobre o livro. Em seguida, ele continuou a ler.

Depois de um curto período de tempo, de repente ele começou a limpar as mãos sobre as pernas, com raiva colocou a mão em sua testa, tocou sua máscara por algum

motivo, e apressadamente continuou a ler. Infectada por sua excitação Sasha, deixou-

se distrair de seus pensamentos e se aproximou. O velho estava ocupado demais para

notá-la.

Através do vidro de sua máscara de gás, ela conseguia ver o brilho febril de seus olhos verdes, que espelhavam a luz do fogo. De vez em quando ele emergia do livro,

como se quisesse recuperar o fôlego. Ele abandonou seu livro, olhou com medo para a

redoma do céu noturno no fim do túnel, mas nada havia mudado. O homem largo havia

desaparecido por tempo indeterminado. Assim que percebia isso, o livro absorvia novamente toda sua atenção. Agora ela sabia porque ele o molhava, estava tentando

abrir as páginas que estavam grudadas.

Aparentemente teve pouco sucesso, uma vez até mesmo gritou como se tivesse se cortado. Uma página havia sido rasgada. Ele amaldiçoou a si mesmo, e então percebeu o quão cuidadosamente ela o observava. Envergonhado, ajeitou a máscara de

gás, mas não disse uma palavra até que tivesse terminado de ler. Então, ele correu para

o fogo e jogou o livro dentro.

Ele não olhou para Sasha, e ela entendeu: não havia motivo para perguntar. Ele simplesmente mentiria, ou não diria nada. Outras coisas prendiam sua atenção: ela

suspeitou que o homem largo já os deixara por uma hora inteira. Será que ele os deixara, como pesos desnecessários? Sasha sentou-se ao lado do velho e disse silenciosamente:

– O segundo túnel também está fechado. Todas as ventilações desta área estão muradas. Esta é a única entrada.

O homem olhou para ela, mas seus pensamentos estavam em outro lugar. Parecia

que custava-lhe muita força para concentrar-se no que ela acabara de dizer.

– Ele vai encontrar um caminho. Ele sente o caminho. – Ele ficou em silêncio por um minuto, e perguntou mais por educação. – Qual seu nome?

– Alexandra, - ela respondeu seriamente. – E você?

– Nikolai... – ele começou e estendeu sua mão, mas antes que ela pudesse apertá-la, ele a recolheu bruscamente. Parecia que ele havia decidido outra coisa. – Homero.

Sou Homero.

– Homero. Apelido estranho, - respondeu Sasha, perdida em pensamentos.

– Este é meu nome. – Homero alegou firme e rigidamente.

Deveria explicar-lhe que, enquanto ela estivesse com eles, estas portas permaneceriam fechada? Se os dois homens estivessem sozinhos, a porta poderia ser

aberta. A Kolomenskaya não deixava Sasha ir embora. Ela estava punindo-se pela

maneira que havia tratado seu pai. Ela tentou fugir, mas agora a corrente tencionara, e

ela não poderia quebrá-la. A estação amaldiçoada a trouxe de volta uma vez, e iria fazê-

lo novamente. Ela havia tentado afugentar seus pensamentos e visões como mosquitos.

Eles sempre voltavam, rodeavam-na, e se arrastavam em seus olhos e ouvidos. O velho

perguntou para Sasha alguma coisa, mas ela não respondeu. Lágrimas saíram de seus

olhos, e mais uma vez ela ouviu a voz de seu pai: Nada é mais valioso do que uma vida

humana. Agora ela sabia o que ele queria dizer.

O que acontecera na Tulskeya não era mais um mistério para ele. A explicação era muito mais simples e terrível do que pensara. E agora, depois de ter decifrado as

entradas no diário, uma história pior teve início. O diário o conduziu para uma jornada

sem volta. Depois de ter segurado aquilo nas mãos, ele não poderia livrar-se, não importava o quanto o fogo queimasse o objeto.

Sua desconfiança de Hunter ganhou mais combustível por causa da evidência irrefutável, ainda que Homero não tivesse ideia do que devia fazer quanto a ele. O que

leu no diário contradizia o que o brigadeiro dissera. Hunter havia mentido, e de modo

deliberado. Agora Homero precisava descobrir o que ele pretendia com suas mentiras,

se é que elas faziam algum sentido. Tudo dependia disso se ele continuaria a seguir

Hunter, e terminar a jornada com suas epopeia heroica, ou com um massacre sem

testemunhas vivas. As primeiras entradas no diário datavam do primeiro dia quando a

caravana passou a Nargonaya sem qualquer problema, e terminavam na Tulskeya, sem

encontrar qualquer resistência.

Estamos agora em Tulskeya. O túnel está vazio e silencioso, o rádio operador reportava. Estamos fazendo um bom progresso, o que é um bom sinal. O comandante

espera que estejamos de volta amanhã. Algumas horas depois, ele escrevera,

preocupado: A Tulskey a não está sendo guardada. Mandamos um escolta. Ele desapareceu. O comandante decidiu que entraríamos no túnel como uma equipe.

Estamos invadindo a estação. Novamente, um pouco mais tarde ele escreveu: Está

difícil entender o que está acontecendo... Falamos com um dos moradores. É ruim.

Algum tipo de doença. Então ele escreveu com mais clareza: Alguns habitantes da

estação estão infectados com algo... Um tipo de doença desconhecida...

Parecia que os membros da caravana tentaram ajudar os infectados no começo:

O médico não sabe como tratá-la. Ele diz que é algo parecido com raiva... Dor inimaginável, as pessoas perdem a cabeça e atacam as outras. E logo depois: Uma vez

enfraquecidos pela doença, são mais ou menos inofensivos. A pior parte é...

Exatamente neste trecho as páginas estavam grudadas, e Homero tentou umedecê-las

com água, para tentar separá-las. A luz machuca. Náusea. Sangue nas suas bocas.

Tosse. Então eles incham e transformam-se em... A palavra fora pintada cuidadosamente. Não sabemos como é transmitida. Pelo ar? Pelo contato? A próxima

entrada era do dia seguinte. O retorno do grupo foi adiado.

Por que eles não reportaram o que descobriram? Pensou Homero.

Imediatamente, ele lembrou que já havia lido a resposta. Ele voltou algumas páginas...

Sem conexão. O telefone está mudo. Talvez sabotagem. Vingança de um dos exilados?

Eles perceberam antes de chegarmos. Primeiro, eles perseguiram os doentes túnel

adentro. Talvez um deles tenha cortado o cabo?

Naquele ponto, Homero arrancou-se das letras e encarou a escuridão, sem enxergar nada. Se os cabos foram cortados, por que não retornaram para Sevastopolskaya?

Ainda pior. Uma semana até eclodir. E se mais...? Até a morte, mais uma ou duas semanas. Ninguém sabe quem está infectado, ninguém sabe quem está saudável.

Não há cura. A doença é absolutamente mortal. Na mesma página, o operador do rádio

fez outra anotação, que Homero já havia lido: Caos na Tulskeya. Não há caminho pelo

metrô. Hanza não deixa ninguém passar. Também não podemos voltar. Duas páginas

depois, ele continuava: os sãos atiraram nos infectados, especialmente os agressivos.

Eles arrebanharam os doentes em uma jaula... Eles resistiram, querem sair. E então, a

sentença mais horrível: Eles estão dilacerando uns aos outros em pedaços...

O operador do rádio estava com medo também, mas a disciplina de ferro do grupo prevenira-os de entrarem em pânico. Mesmo no meio de uma febre epidêmica

mortal, a brigada de Sevastopolskaya manteve-se firme. A situação está sob controle.

A estação está selada, e temos um novo comandante. E então, Homero leu: Quem é o

próximo a morrer? Eles estão todos bem, mas não passou tempo suficiente.

A tropa de busca da Sevastopolskaya alcançara Tulsckaya, mas estava presa lá também. Nossas ordens são de ficar aqui até que o período de incubação passe, para

não colocarmos ninguém em perigo... Podemos muito bem ficar aqui para sempre. O

operador do rádio anotou sombriamente: Não há esperança na situação. Não podemos

esperar ajuda de lugar algum. Se pedirmos mais homens da Sevastopolskaya, os levaremos à sua perdição. Não há nada além de segurar a doença aqui... por quanto

tempo?

Então o guarda misterioso da porta hermética da Tulsckaya fora colocado lá pela tropa da Sevastopolskaya. Por isso a voz era familiar para Homero: Eram as pessoas

com quem ele havia libertado a Chertanovskaya de alguns monstros, apenas alguns

dias atrás! Deixando de voltar voluntariamente, eles esperavam poupar a própria estação da epidemia... Na maioria dos casos de pessoa para pessoa, mas aparentemente

pelo ar também. Alguns parecem ser imunes. Começou há algumas semanas, e alguns

ainda não estão doentes... Mas outros estão tornando-se mais e mais. Estamos vivendo

em um necrotério. Quem é o próximo a morrer?

A escrita corrida parecia um grito histérico naquela sentença. Mas então o

operador do rádio acalmara-se novamente, e continuou normalmente: Precisamos fazer

alguma coisa. Avisar aos outros. Vou me voluntariar. Não para a Sevastopolskaya, mas

para consertar a parte danificada do cabo. Precisamos contactá-los.

Outro dia passou, quando o autor provavelmente discutiu com o comandante da caravana e com outros soldados. Um dia que deixara seu desespero mais forte. O que

o operador de rádio tentava explicar a eles, após ter se acalmado outra vez, escrevera

no diário: Eles não entendem! O bloqueio já durou uma semana inteira. A

Sevastopolskaya vai mandar uma nova tropa e ela não vai voltar também. Então eles

vão se mobilizar e invadir a estação. Mas quem quer que chegue à Tulskeya, entra na

zona de risco. Alguém vai se infectar e correr para casa. Será o fim. Precisamos impede-los de invadir a estação! Por que eles não entendem...?

Outra tentativa de convencer o líder terminou por ser uma falha, como as outras:

Eles não me deixam ir. Eles enlouqueceram. Se não eu, quem? Preciso fugir! Agora

ajo como se concordasse com eles em esperar aqui mais tempo. Então, um dia mais

tarde, ele escreveu: Deixei-me assinalarem para o dever da guarda do portão. Certa

hora eu disse que ia encontrar o local onde o cabo havia sido cortado e comecei a correr.

Eles atiraram em minhas costas. A bala ainda está alojada.

Homero virou a página: Não por mim. Por Natasha e Seryoshka... Neste local a caneta caiu dos dedos enfraquecidos do autor. Talvez ele adicionara isto mais tarde,



por que não havia mais espaço, ou por que não fazia diferença onde ele escreveria.

Depois a ordem cronológica voltava outra vez: Me deixaram passar pela Nargonaya,

muito obrigado! Não tenho mais forças. Eu ando e ando. Desmaiei. Quanto tempo

dormi? Não sei. Sangue no pulmão? Provavelmente da bala, ou estou infectado? Eu...

A curva da última letra esticou-se em uma linha reta, como a linha do encefalograma

de um morto. Mas ele pareceu voltar a seus sentidos outra vez, e terminou a sentença:

não consigo encontrar a parte defeituosa.

O que agora fluía em correntes vermelhas sobre o papel não tinha mais ligação umas com as outras: A Nakhimovsky. Estou aqui. Eu sei onde o telefone fica. Vou avisá-los... Tudo, menos salvamento... sinto falta de você... tenho pensado. E se eles

me ouvirem? O fim está próximo. Estranho, eu estou cansado. Não há mais balas. Eu

quero dormir, diante daquelas... paradas lá e esperando. Vão embora! ... Ainda estou

vivo.

Ele provavelmente tinha escrito o fim do diário antes disso. Com a escrita formal, em linha reta, ele repetiu o aviso para não invadir a Tulsкая, acrescentou o seu nome,

o nome do homem que deu a sua vida para impedir aquilo de acontecer. Mas Homero

sabia: A última coisa que o operador do rádio havia escrito, antes de ser

silenciado, foi

a sentença: Vão embora! ... Ainda estou vivo.

\*\*\*

Um silêncio pesado cercou os dois seres humanos que encolhiam-se em frente ao fogo. Homero não se incomodou em fazer a garota falar mais. Silencioso, mexia nas

cinzas do fogo com uma vareta, lá onde o diário molhado queimava relutantemente,

como um herege, e esperava a tempestade em seu peito amainar.

O destino zombava dele. Como ele ansiou decifrar o enigma da Tulskaia. Como ele ficou orgulhoso de encontrar o diário. Como ele esperava tecer os fios da história

por si mesmo. Agora? Agora que ele tinha encontrado as respostas a todas as perguntas,

ele amaldiçoou sua curiosidade.

Claro que, quando ele pegou o diário, estava usando a máscara, e mesmo agora estava usando o traje. Mas ninguém sabia como esta doença era transmitida!

Ele tinha sido um idiota em dizer a si mesmo que ele não tinha mais muito tempo.

Claro que o exagero o ajudou a superar a preguiça e medo. Mas a morte tinha vontade

própria, e não gostava muito que tentassem fazê-la obedecer. E agora, o diário havia

dado a ele um ultimato: da infecção para a morte, eram apenas algumas semanas.

Poderia ser um mês inteiro. Quanto ele ainda precisava fazer nestes insignificantes

trinta dias!

O que ele deveria fazer? Confessar a suas companhias que ele estava doente, e ficar em Kolomenskaya para morrer ali, se não pela epidemia, mas pela fome e pela

radiação? Por outro lado: quando ele carregava a terrível doença com ele, Hunter e a

garota partilharam o mesmo ar que ele. Antes de tudo, o brigadeiro, que falara com os

guardas na Tulsckaya, havia estado especialmente perto deles. Ou ele deveria ter esperança de que a doença iria poupá-lo, manter isso para si mesmo, e esperar? Não

apenas isso, continuar a jornada com Hunter. Para que a cadeia de eventos que o levaram longe não terminasse, e ele continuasse a inspirar-se nela.

Porque Nikolai Ivanovich, este plebeu, este habitante inútil da Sevastopolskaya, este ex-ajudante de operador de transporte ferroviário, esta velha lagarta rastejando na

terra por força da gravidade, tinha que morrer através da descoberta deste diário amaldiçoado, para que Homero, criador de crônicas e mitos, surgisse à luz como uma

linda borboleta. Se mesmo apenas por um curto período de tempo. Talvez ele tinha

sido nomeado para uma tragédia digna das penas dos grandes mestres, mas tudo dependia do que ele seria capaz de colocar um pedaço de papel nos próximos trinta

dias.

Teria ele o direito de deixar esta chance passar? Teria ele o direito de tornar-se um ermitão, esquecer suas lendas, voluntariamente esquecer a verdadeira imortalidade,

e com isso roubá-la dos outros a seu redor também? Qual seria o maior crime, a maior

estupidez: carregar a epidemia por metade do metrô, ou queimar ele mesmo seus

manuscritos? Ele não era corajoso, mas ainda buscava a fama.

Homero já tomara sua decisão, e apenas procurava argumentos para ela. O que lhe traria colocar-se ao lado de dois cadáveres na Kolomenskaya, deixar-se ser transformado em uma múmia, enquanto ainda estava vivo? Ele não nasceu para atos

heroicos. Os soldados da Sevastopolskaya, que saíram prontos para a sua morte certa

na Tuskaya, foram por decisão própria. Pelo menos, eles não morreram sozinhos.

Mas qual era a vantagem em Homero sacrificar a si mesmo? Ele não poderia parar Hunter de qualquer maneira. O velho carregara a epidemia inconsciente disso –

mas Hunter sabia exatamente o que estava acontecendo em Tuskaya. Não era surpresa

ele ter ordenado a completa destruição de toda a estação, incluindo a Caravana da

Sevastopolskaya. E não era surpresa ele querer tanto usar lança-chamas para isso.

Mas se ambos já estavam infectados, eles não seriam capazes de impedir que a epidemia alcançasse a Sevastopolskaya. E as primeiras pessoas a serem infectadas

seriam as que estiveram próximas dele. Yelena. O líder da estação. O comandante da

guarda exterior. O ajudante. Então em três semanas a estação estaria sem

liderança. O

caos emergiria, e a epidemia mataria todo mundo.

Mas por que Hunter retornou, se ele sabia que eles estavam infectados?

Gradualmente, Homero percebeu que o brigadeiro não tinha agido por intuição, mas

ele havia seguido um determinado plano passo a passo. Mas ele não havia previsto a

intervenção do velho. Então a Sevastopolskaya estava condenada, e sua expedição não

possuía mais nenhum sentido? Mesmo se Homero quisesse voltar para casa, para

reunir-se com Yelena na morte, era impossível. Sozinho, o caminho da Kakhovskaya

para a Kashirskaya era o suficiente para inutilizar suas máscaras, e os trajes já tinham

dezenas, senão centenas de buracos, e precisavam livrar-se deles em breve. O que fazer

agora?

A garota havia se encolhido e dormia. A fogueira finalmente devorou o diário

infectado, uma última cutucada e sumira. Para economizar as baterias da lanterna,

Homero decidiu esperar no escuro o maior tempo possível. Não, ele iria seguir o

brigadeiro! Para reduzir o risco de infectar outras pessoas, ele evitaria contato com elas,

deixaria a mochila e seus pertences ali, destruir suas roupas, aguardar um destino

misericordioso, e ficar atento à contagem dos trinta dias. Todos os dias ele trabalharia

em seu livro.

De alguma maneira, tudo seria resolvido, disse para si mesmo. O principal era seguir Hunter.

Se ele voltasse.

Fazia mais de uma hora que ele desaparecera pela saída obscura do túnel.

Homero falara com a garota para acalmá-la, mas ele não estava completamente convencido de que o brigadeiro voltaria.

Quanto mais ele descobria sobre o brigadeiro, menos ele o entendia. Era possível duvidar do brigadeiro e confiar nele ao mesmo tempo. Ele não seguia nenhum padrão,

não manifestava os impulsos humanos normais. Confiar nele era como confiar em uma

força da natureza. Mas para Homero era muito tarde: ele já havia feito isso.

Arrependimento era inútil.

No escuro, o silêncio parecia impenetrável. Como por um fino vidro, ele podia ouvir um estranho sussurro, um gemido distante, e um som agitado... Homero pensou

que parecia como o andar vacilante de uma necrófaga, outras vezes parecia com o

fantasma gigante da Nargonaya, e finalmente como os gritos dos moribundos. Ele

desistiu antes de dez minutos, ligou a lanterna e estremeceu.

A dois passos de distância, Hunter estava parado, seus braços cruzados à frente do peito, olhando a garota adormecida. Ele protegeu os olhos do raio de luz ofuscante

e disse calmamente:

– Eles vão abrir a porta em breve.

Sasha sonhava... sobre quando ela estava sozinha na Kolomenskaya, e precisava esperar seu pai voltar de sua expedição. Ele estava atrasado, e ela definitivamente

precisava esperar e ajuda-lo a tirar o traje de radiação, a máscara de gás e ajudá-lo a

comer. A mesa já estava posta, e ela não sabia mais o que fazer para se manter ocupada.

Ele queria sair pela porta que dava na superfície, mas o que ele pensaria quando voltasse e ela não estivesse por lá? Quem abriria a porta para ele? Então ela sentou no

chão frio da saída, e esperou por horas, dias, mas ele não voltou. Mas ela não sairia do

lugar até que a porta...

A batida monótona de barras se abrindo a acordou; era o mesmo som da

Kolomenskaya. Ela acordou sorrindo, seu pai retornara. Então ela olhou em volta e se

lembrou de tudo. A única coisa real sobre seu sonho era o lamento das pesadas barras

do portão de ferro. Apenas alguns momentos depois, a porta gigante começou a vibrar

e abrir devagar. Um raio de luz espalhou-se do espaço que se abria, assim como o

cheiro de diesel queimado. A entrada para o metrô principal...

As portas em si abriram sem qualquer som, e permitiram uma olhada para o túnel

interior que levava até Avtosavodskaya e depois para o Anel. Nos trilhos havia uma

grande dresina com motor fumacento, um farol na frente, e vários homens como tripulação. Através dos visores de seus fuzis, os homens viram os andarilhos piscando

e segurando as mãos na frente dos olhos.

– Quero ver suas mãos! – soou uma ordem.

Ela seguiu o exemplo do velho, e ambos cumpriram a ordem e levantaram as mãos. Era a mesma dresina que atravessava a ponte até eles no dia da troca. Estas

pessoas sabiam sobre Sasha – provavelmente agora o velho de nome estranho se arrependia de ter levado a garota algemada com eles, sem perguntar como ela fora parar

naquela estação malditamente esquecida.

– Tirem as máscaras, identidades. – Comandou um dos homens na dresina.

Enquanto Sasha expunha seu rosto, ela amaldiçoou sua estupidez. Ninguém os libertariam. A sentença de seu pai e dela mesma ainda era vigente. Como ela podia ser

tão ingênua de achar estes homens poderiam leva-la pelo metrô? Que ninguém a reconheceria na fronteira?

O homem a reconheceu imediatamente.

– Você não pode entrar! Tem dez segundos para sair. E quem é esse? Esse é seu...

– O que está acontecendo? – disse o velho homem, confuso.

– Deixe ele em paz! Não é ele! – Sasha gritou.

– Vão embora! – a voz do homem com o fuzil era fria como gelo. – Ou nós...

– Na garota? – Uma segunda voz perguntou, insegura.



– Ei, vocês não ouviram?

Ela definitivamente ouviu o clique das armas sendo destravadas.

Sasha recuou e fechou os olhos. Pela terceira vez em poucas horas, ela encarou a face da morte. Então ela ouviu um pequeno assobio. No silêncio que agora reinava,

ela esperou a última ordem, que nunca veio. Finalmente, ela não aguentou mais, e abriu

um olho.

O motor ainda soltava fumaça. Nuvens cinza-azuladas moviam-se preguiçosas no raio de luz branca do farol, que caíra por alguma razão. Agora que a luz não mais a

cegava, Sasha conseguiu reconhecer as pessoas na dresina.

Eles estavam jogados como bonecos dobrados sobre a dresina, caídos

pesadamente sobre os trilhos. Braços inertes, pescoços torcidos, e troncos arqueados.

Sasha virou-se. Atrás dela, estava o homem largo. Ele abaixou a pistola, observou a

dresina cuidadosamente, que parecia agora a bancada de um açougueiro. Então ele

levantou o cano e puxou o gatilho outra vez.

– Pronto. – Ele disse satisfeito. – Peguem os uniformes e as máscaras de gás deles.

– Por quê? – O rosto do velho estava distorcido pelo medo.

– Precisamos trocar de roupa. Vamos levar a dresina para entrar em Avtosavodskaya.

Sasha encarou o assassino. Dentro dela, medo e admiração lutavam. Aversão

misturada com gratidão. Ele havia acabado de eliminar três homens com um tiro e

violado a regra mais importante de seu pai. Mas ele havia feito isso para salvá-la – e

ao homem velho também, claro. Seria coincidência que ele o fizera pela segunda vez?

Teria ela confundido sua crueldade com rigor? Uma coisa era certa: a bravura deste

homem a fazia esquecer de sua feiura...

O homem largo foi o primeiro a subir na dresina, e começou a retirar a máscara de borracha de seus escalpos. Subitamente, ele caiu para trás e soltou um grito estridente, como se tivesse visto o demônio em pessoa, cobriu o rosto com ambas as

mãos e repetiu diversas vezes:

– Um mutante!

## **9 – Ar**

Medo e terror não são nem um pouco parecidos. O medo empurra, força-o a agir,

a ser intuitivo. O terro paralisa o corpo e a mente, e rouba a humanidade do ser.

Homero havia visto o suficiente na vida para saber a diferença entre os dois.

O brigadeiro não conhecia o medo, mas o terror podia aparentemente derrubá-lo. Mas não era isso que Homero estava pensando agora, mas mais sobre o que havia

desencadeado a reação. O corpo era fora do comum. Sob a máscara de borracha preta,

a pele escura cintilou, e os lábios carnudos e o nariz largo, ligeiramente comprimido,

estavam expostos. Homero não vira uma pessoa negra desde que acabaram os canais

de música da televisão. Mas ele percebeu imediatamente que o homem morto era um

afrodescendente. Uma raridade no metrô, com certeza. Mas o que havia de tão apavorante nele?

O brigadeiro já havia recuperado o controle; o estranho transtorno não durou nem um minuto. Ele iluminou a face estranha, resmungou algo incompreensível, e

começou a despir o corpo resistente. Homero poderia jurar que alguns ossos dos

do morto foram quebrados.

– Eles querem zombar de mim... Com boas vindas amigável, o quê? ... E isso aqui deveria ser humano? ... Quanta punição... Hunter murmurava silencioso.

Teria ele confundido o corpo com outra coisa? Será que ele mutilava o homem morto por vingança, pela humilhação que ele tinha acabado de sofrer, ou teria ele

alguma dívida mais antiga e mais séria para resolver? Enquanto Homero suprimia sua

repulsa e ajudava a remover as roupas do corpo, ele olhava dissimuladamente para o

brigadeiro de vez em quando.

A garota não participou da pilhagem, e Hunter a deixou em paz. Ela sentou na distância do trilho, o rosto nas mãos. Homero achou que ela chorava. Finalmente,

Hunter atirou o corpo na pilha ao lado de fora da porta. Em menos de 24 horas não

haveria nada. Durante o dia, a cidade era tomada por criaturas tão terríveis que

até os

monstros mais perigosos dos túneis recuavam para suas tocas sem reclamar.

O sangue fresco do estranho não era visto no uniforme escuro, mas grudava em seu peito, como um emplastro frio, como se quisesse voltar para um organismo vivo.

O deixava enojado.

Homero se perguntava se o disfarce era mesmo necessário. Ele reassegurou-se que pelo menos iria prevenir mais vítimas na Avtosavodskaya. Quando o plano de Hunter funcionasse, eles passariam livremente, como se fossem um deles... mas e se

não funcionasse? Ele teria a intenção de deixar vítimas desnecessárias para trás?

A sede de sangue do brigadeiro deixava Homero indignado, mas o fascinava ao mesmo tempo. Nem mesmo um terço de seus assassinatos eram justificados pela defesa

própria, mas mesmo assim havia mais sadismo neles do que o habitual. Mais importante: afinal, será que Hunter foi voluntariamente até Tulsckaya apenas para satisfazer sua sede de sangue?

Os desafortunados que fecharam a armadilha sobre eles não encontraram a cura para a misteriosa febre, mas isso não significava que não existisse uma. No subsolo

existiam lugares onde o pensamento científico estava mais presente, onde as pessoas

pesquisavam, desenvolviam novos medicamentos e misturavam sérums. A Polis, por

exemplo, o coração do metrô, onde as quatro artérias fundiam-se. A Polis era a última

alusão a uma cidade, que estendia-se pelo labirinto das estações de Arbatskaya, Borovitskaya, Aleksandrovsky e Biblioteka Imeni Lenina. Todos os cientistas se estabeleceram lá, ou no bunker gigante ao lado da Taganskaya, a cidade científica

secreta de Hanza.

A Tulsckaya pode não ter sido a única estação onde a epidemia eclodiu. Talvez eles tenham lutado contra ela com sucesso? Como alguém poderia abandonar a esperança de ser resgatado tão facilmente? Claro que agora Homero carregava a bomba

relógio dentro dele mesmo, e apenas se importava com seus interesses egoístas. Sua

mente já fizera as pazes com a morte à sua frente, mas seus instintos resistiam, e mandavam que ele encontrasse uma saída. Talvez se ele encontrasse uma maneira de

resgatar Tulsckaya, ele poderia salvar sua própria estação do esquecimento, e talvez até

a si mesmo...

Hunter, por outro lado, aparentemente acreditava que não havia uma cura para a doença... As poucas palavras que ele trocou com os guardas na Tulsckaya foram o suficiente para ele condená-los à morte, e fazer de si mesmo o juiz da sentença.

Primeiro, ele levou o comandante da Sevastopolskaya à uma falsa conclusão, depois

apressou a decisão e agora ele preparava a implementação descomprometida: Tulsckaya

cairia queimada.

Mas e se ele soubesse algo sobre os eventos na estação o fazia agir daquele

modo? Algo que ninguém sabia, nem Homero, nem o homem que havia deixado seu

diário na Nakhimovsky ...

Depois que terminou com os corpos, o brigadeiro rasgou o cantil do seu suporte e sugou o resto do conteúdo. O que havia nele? Álcool? Uma poção, ou um ingrediente,

ou ele tentava dissipar o sabor amargo na boca? Será que ele gostava, ou esperava

matar alguma coisa com o álcool?

\*\*\*

A dresina velha e fumacenta era como uma máquina do tempo para Sasha, como

naquelas fábulas que seu pai contava para ela. Não apenas transportava ela de

Kolomenskaya para a Avtosavodskaya, mas do presente para o passado. Mesmo que

ela pensasse que não devia chamar sua vida nesta prisão de pedra, túneis vermiformes,

de passado, e ela não sabia se devia chamar o lugar para onde ela seguia de presente.

Lembrou-se de toda a jornada: seu pai havia sido preso e estava sentado ao lado

dela, um saco sobre os olhos e uma mordaca na boca. Ela era apenas uma menina

pequena, e chorou todo o caminho. Um dos soldados do pelotão de execução fazia

figuras de animais com os dedos; suas sombras dançavam sobre um pequeno palco

amarelo no teto. As sombras tentavam vencer a dresina.

Quando eles chegaram ao outro lado, contaram a seu pai sua sentença: o tribunal

da revolução o havia perdoado. A sentença de morte tinha sido substituída pelo exílio

por toda a vida. Eles o empurraram para os trilhos, com uma faca, um fuzil com um

cartucho extra e uma velha máscara de gás, e sentaram Sasha ao lado dele. O soldado

que mostrou-lhe o cavalo e o cachorro acenou com a mão quando foi embora. Teria

sido ele um daqueles que Hunter matara?

Ela colocou a máscara de gás preta de um dos mortos, e sua impressão de estar respirando o ar de um homem morto se tornou mais forte. Cada pequena parte de sua

jornada, alguém pagava com sua vida. O homem provavelmente teria atirado neles, não

importa o quê, mas agora Sasha pensava em si mesma como cúmplice, apenas por estar

lá.

Seu pai não queria voltar para casa não porque ele estava cansado de lutar. Certa vez, ele havia dito que sua humilhação e privação não valia tanto quando uma vida

humana, então ele preferiu sofrer sozinho do que causar qualquer dano outra vez. Sasha

não sabia que a balança da vida pesava por todas as coisas em sua consciência, e ele

tentava trazê-la de volta ao equilíbrio.

O homem poderia ter agido mais cedo, teria assustado as pessoas na dresina

apenas com sua presença, de forma que eles poderiam ter soltado as suas armas sem

disparar um tiro. Nenhum dos mortos era um inimigo a sua altura. Por que ele fazia

tudo isso?

A estação de sua infância aproximou-se mais rápido do que ela pensou. Nem dez minutos passaram até as luzes começarem a tremeluzir. O túnel para a Avtosavodskaya

não estava sendo guardado; aparentemente os habitantes confiavam nos portões herméticos. Cinquenta metros antes da plataforma, ele diminuiu o motor, mandou que

o velho pegasse a direção, e ficou ao lado do fuzil. A dresina rodou quase silenciosamente, e bem devagar, para dentro da estação. Ou era o tempo que se dobrava

para Sasha, porque ela estava lembrando dos dias de sua infância...

Foi nesse dia que seu pai tinha ordenado que o ajudante se escondesse até que tudo estivesse acabado. O homem os levou pela profundidade do escritório, no centro

da estação, mas mesmo lá ainda podia-se ouvir os gritos de centenas de gargantas

gritando ao mesmo tempo, e seu companheiro imediatamente correu de volta para seu

comandante. Sasha o havia seguido, para fora no salão principal da estação...

Enquanto eles corriam sobre a plataforma do trem, Sasha viu as tendas familiares

espaçosas e os vagões de trem escritórios, crianças brincando de pega-pega, velhos

colocando suas cabeças juntas, as mulheres mal-humoradas estavam limpando armas



... E ela viu o pai atrás de uma pequena tropa de homens desagradáveis, talvez até

mesmo assustadores, tentando manter o grupo interminável e raivoso sob controle. Ela

correu para ele e apertou-se contra suas costas. Surpreso, ele a empurrou para longe

dele, virou-se e acidentalmente atingiu o rosto surpreso de seu ajudante. Mas algo acontecera. A formação, que já havia preparado seus rifles para a ordem para abrir

fogo, foi dispensada. Houve apenas um tiro, no ar, enquanto seu pai explicava que ele

estava pronto para entregar a estação para os revolucionários pacificamente e negociar.

Seu pai sempre acreditara firmemente que um homem sempre recebe sinais.

Eles só precisam ser reconhecidos, e corretamente interpretados.

Mas o tempo não ficava mais lento apenas para que Sasha pudesse reviver os últimos dias de sua infância. Ela viu o homem armado que aparecera para parar a

dresina. Ela viu como o homem de cabeça raspada apareceu atrás da metralhadora

pesada com um movimento fluido, e como ele apontou o cano pesado para os

guardas surpresos. A ordem para parar a dresina era como o estalo de um chicote. Ela

soube em poucos segundos que muitas pessoas morreriam, e que a sensação de estar

respirando o ar de um morto duraria até o resto dos seus dias.

Ela ainda poderia prevenir um banho de sangue, ela poderia salvar estas pessoas,

ela poderia prevenir a si mesma e outra pessoa de fazer algo terrível...

Os guardas já estavam destravando a segurança de seus fuzis, mas eles demoraram muito, e o homem de cabeça raspada estava alguns segundos à frente

deles...

Ela fez a única coisa que veio à sua mente. Ela ficou em pé em um salto, e cruzou

os braços com força no peito de ferro de Hunter, tão imóvel que parecia não respirar.

Ele estremeceu, como se alguém o tivesse atacado, mas hesitou. Os soldados, que

esperavam do outro lado prontos para atirar, congelaram.

O velho entendeu imediatamente.

A dresina expeliu implacáveis nuvens negras e aumentou a velocidade, e a Avtosavodskaya permaneceu atrás deles.

No passado.

\*\*\*

Durante a viagem para Paveletskaya, ninguém disse uma palavra. Hunter havia se libertado do abraço surpresa da garota. Ele abriu os braços dela como se fossem um

anel de ferro que estava muito apertado.

Eles passaram apressados por um único posto de guarda com velocidade máxima.

As rajadas que os guardas atiraram voaram por cima de suas cabeças, em direção

ao teto. O brigadeiro foi apenas rápido o suficiente para puxar sua pistola e

disparar

três tiros de resposta. Ele aparentemente conseguiu matar um dos guardas; os outros

agacharam-se atrás de um segmento plano do túnel, e saíram com vida.

Não acredito nisso, Homero pensou enquanto olhava para a garota encolhida no chão. Ele esperava que, com a entrada de uma protagonista feminina, desenrolaria

algum tipo de história romântica, mas a coisa toda estava se desenvolvendo com muita

rapidez. Ele não teve tempo nem de entender o que significava aquilo, quanto mais

escrever.

Apenas quando atingiram Paveletskaya eles diminuíram a velocidade.

O velho já conhecia a estação: parecia saída de uma história de terror. Enquanto as abóbodas das estações mais novas das regiões periféricas de Moscou eram suportadas por pilares normais, a de Paveletskaya era suportada por arcos arredondados

que eram muito maiores que qualquer ser humano. E como em uma história de terror,

havia uma maldição na estação: exatamente às oito da noite, antes fervilhante, esvaziava completamente. De todos os habitantes trabalhadores e astutos, apenas alguns imprudentes ficavam na plataforma. Todos os outros desapareciam com as

crianças, os móveis, as bolsas cheias de mercadorias, nem mesmo os bancos e esteiras

eram deixados.

Eles se arrastavam para seu bunker, o túnel para a linha do Anel, que esticava-

se por quase um quilômetro, e tiritavam por lá a noite toda, porque onde estava a

Paveletskaya, criaturas terríveis acordavam na superfície. Diziam que toda a região

estava sob seu reinado, e ninguém atrevia-se a chegar perto daquelas criaturas nem

quando estivessem adormecidas. Os habitantes da Paveletskaya estavam à sua mercê,

porque as portas herméticas que protegiam as outras estações e as escadas rolantes

estavam faltando completamente, deixando a entrada para a superfície aberta o tempo

todo.

Na opinião de Homero, não havia pior lugar para acampar durante a noite, mas

Hunter parecia pensar diferente: ele parou a dresina no final da estação, retirou a máscara de gás e apontou para a plataforma:

– Ficaremos aqui até amanhecer. Procurem um lugar para dormir.

Então ele saiu. A garota o seguiu com os olhos, e deitou sobre a plataforma dura da dresina. Mesmo Homero tentando ficar tão confortável quanto possível, foi em vão.

Mais uma vez seus pensamentos flutuaram para a epidemia, e como ele a carregava

pelos estações sadias. A garota também estava em silêncio, apesar de acordada.

– Obrigada – ela disse de repente. – No começo, pensei que você fosse como ele.

– Não acredito que exista alguém como ele – Homero disse.

– Vocês são amigos?

– Como um tubarão e um peixe-piloto – ele sorriu tristemente, pois achou que a

comparação encaixava bem: claro que Hunter eliminava todas aquelas pessoas, mas

alguns despojos sanguinolentos sobravam para Homero.

Ela levantou-se um pouco.

– O que quer dizer?

– Onde ele vai eu vou. Acho que eu não poderia ir a lugar algum sem ele, e ele...

Bem, talvez ele pense que eu faça a limpeza para ele, como um peixe-piloto. Mas eu

realmente não sei o que ele pensa sobre mim.

A garota sentou-se mais perto do velho:

– E o que você quer dele?

– Tenho a impressão de que enquanto estiver com ele... Tenho minha inspiração.

– O que quer dizer inspiração?

– Na verdade que dizer respirar algo para dentro de si.

– E o que você quer respirar? Para que você quer isso?

Homero encolheu os ombros.

– Não é o que respiramos. É algo que sopra para dentro de nós.

A garota desenhou algo no chão sujo da dresina.

– Enquanto aspirarmos a morte, ninguém vai querer tocar nossos lábios. Todos vão se afastar do cheiro de cadáveres.

– Quando encaramos a morte, começamos a refletir. – a resposta de Homero foi concisa.

– Isso não nos dá o direito de causar a morte sempre que quisermos ter inspiração

– disse ela.

– Não faço isso – o velho justificou. – Apenas permaneço ao lado dele. Mas para mim não é sobre a morte, não apenas sobre a morte. É apenas sobre acordar uma

emoção, limpar minha mente.

– Você teve uma vida ruim? – a garota perguntou.

– Uma vida entediante. Quando um dia é exatamente como o outro, eles voam tão rápido que o último deles parece aproximar-se velozmente – Homero tentou explicar. – Teme-se que não existe tempo suficiente para deixar as coisas em ordem. E

todos os dias são preenchidos com milhares de pequenas coisas. Quando se termina

uma, dá-se uma pequena pausa e começa a próxima. No final, não restam forças para

fazer algo realmente importante. Pensa-se consigo mesmo: Amanhã eu começo. Mas o

amanhã nunca vem, e é sempre o hoje.

– Você conhece muitas estações? – parecia que ela não havia realmente ouvido o que ele dissera.

– Não sei – Homero respondeu surpreso. – Provavelmente todas.

– Só conheço duas – a garota suspirou. – No começo, meu pai e eu morávamos na Avtosavodskaya, então eles nos baniram, para a Kolomenskaya. Eu sempre desejei

conhecer pelo menos mais uma outra. Mas esta aqui é tão esquisita. – Sua vista vagou

pelos arcos arredondados. – São como milhares de entradas, sem paredes entre elas.

Agora estão todas abertas, mas não quero ir. Tenho medo.

– O segundo... era seu pai? – Homero hesitou. – Ele está morto?

A garota retraiu-se em sua concha, e ficou em silêncio por um tempo antes de responder.

– Sim.

Homero respirou profundamente.

– Fique conosco. Falarei para Hunter que preciso de você, para ser... – Ele abriu os braços, mas não soube como explicar para a garota que ela seria sua musa.

– Diga a ele que é ele quem precisa de mim – ela pulou para os trilhos e distanciou-se da dresina. Enquanto se afastava, observava cada pilar pelo qual passava.

Ela não flertara nem um pouco, nem brincara com ele. Ela não estava interessada

em armas, e parecia indiferente a usar seu arsenal feminino, como olhares perfurantes

e gestos amáveis. Ela não sabia de nada, que uma piscada na direção de um homem era

capaz de criar uma tempestade, e que algumas pessoas estavam preparadas para matar

as outras por causa de um olhar fugaz. Ou ela apenas seria capaz de usá-los da maneira

certa?

De qualquer modo, ela não precisava desse arsenal. Com seu olhar duro e direto, ela forçara Hunter a mudar sua decisão, com um único movimento ela atirou sua teia

sobre ele, e o impedira de cometer outro assassinato. Ela quebrara a armadura dele?

Achara seu ponto fraco? Ou ele precisava dela para algo? Provavelmente a última

opção: pensar que o brigadeiro pudesse ter um ponto fraco era demais para Homero.

\*\*\*

Ele não conseguia dormir. Mesmo tendo trocado a máscara de gás pesada e grudada por uma mais leve, ele ainda tinha problemas para respirar, como se um torno

pressionasse sua cabeça.

Homero deixou todos os seus pertences no túnel. Ele limpou as mãos com um pedaço de sabão cinza, lavou a sujeira com a água turva de seu cantil, e decidiu usar a

máscara de gás o tempo todo. O que mais ele poderia fazer para proteger as pessoas

que o rodeavam?

Nada. Realmente, nada mais. Nem mesmo ir embora, lutar através dos túneis e tornar-se uma pilha de farrapos teria ajudado. Mas agora que encontrava-se tão perto

da morte, ela imediatamente o levou de volta mais de vinte anos, quando ele havia

acabado de perder as pessoas que amava. E isto deu a seus planos um novo e verdadeiro

propósito.

Se estivesse sob o poder de Homero, ele teria lhes dado um memorial. Mas eles não receberam nem mesmo uma cova comunitária. Eles haviam nascido em gerações

diferentes, e morreram todos no mesmo dia: sua esposa, seus filhos, e seus pais. E seus



colegas e amigos de escola. Os atores e músicos que ele admirava. Todos que ainda

estavam no trabalho, em casa ou presos no trânsito.

Aqueles que não morreram, permaneceram por dias na capital irradiada, semidestruída, tentando sobreviver, e arranhando fracamente os portões herméticos

fechados do metrô. Aqueles que foram pulverizados até o menor de seus átomos, e

aqueles que explodiram em pedaços, e aqueles que foram devorados vivos pela radiação.

Os primeiros batedores a sair para a superfície encontravam problemas para dormir durante muitos dias. Homero conheceu alguns na fogueira perto da estação de

transferência. Em seus olhos encontrava-se a impressão inextinguível que a cidade

deixara neles, seus olhos como rios congelados que cuspiam peixes mortos. Milhares

de carros imóveis, com seus passageiros sem vida, bloqueavam as ruas e saídas de

Moscou. Corpos em todos os lugares. Ninguém para livrar-se deles até que finalmente

novas criaturas apossaram-se da cidade.

Para manter a sanidade, eles evitavam escolas e jardins de infância. Mas era o suficiente para enlouquecer olhar por acaso as janelas empeiradas dos bancos traseiros

dos carros.

Milhões de vidas pereceram. Milhões de palavras não ditas, milhões de sonhos

não conquistados, milhões de brigas não resolvidas. O filho mais novo de Nikolai havia

pedido um estojo grande cheio de canetas coloridas, sua filha estava com medo das

aulas de patinação no gelo, e sua esposa descrevera as curtas férias que deveriam fazer,

somente eles dois no oceano, antes de ir para a cama... Quando ele percebeu que seus

pequenos desejos e paixões haviam sido seus últimos, eles pareceram mais importantes

para ele.

Ele teria gostado de gravar uma lápide para cada um deles mas, de qualquer maneira, uma lápide gigantesca para toda a humanidade também era uma boa causa. E

agora que seu tempo estava se esgotando, ele achava que agora encontrara as palavras

certas. Ele não sabia em qual ordem as colocaria ainda, com o que ele poderia fixá-las

em um lugar, com o que iria decorar, mas ele sentiu: na história que se desenrolava à

frente dos seus olhos, ele encontraria um lugar para todas as almas inquietas, todos os

sentimentos e todos os pequenos grãos de conhecimento que ele meticulosamente coletara, no fim, também para si mesmo. Dificilmente teria encontrado melhor argumento para começar seu relato.

Assim que o dia surgisse lá fora, assim que os mercadores entrassem na estação novamente, ele tentaria encontrar um caderno em branco e caneta. Ele precisava se

apressar: se ele não transmitisse logo essa miragem de história que flutuava na frente

de seus olhos para o papel, logo ela desapareceria em pleno ar outra vez, e ele não sabia

quanto tempo teria que sentar na duna e encarar o horizonte, na esperança de que dos

pequenos grãos de areia e centelhas de luz, uma torre de marfim emergiria novamente.

Ele provavelmente não tinha tempo suficiente para isso.

Com um sorriso irônico em seus lábios, Homero pensou: o que quer que a garota tenha dito, era a expressão em seus olhos vazios que o forçaram a agir. Então ele pensou

nas sobrancelhas curvadas, nos lábios mastigados, no cabelo loiro desgredado, e sorriu novamente.

Amanhã durante o mercado ele iria procurar por algo para ela também, ele pensou, enquanto adormecia.

\*\*\*

Na Paveletskaya, as noites nunca eram tranquilas. As sombras das tochas malcheirosas torciam-se nas paredes de mármore, o túnel respirava inquieto, no final

da escada apenas algumas poucas silhuetas conversavam entre si quase inaudíveis. A

estação parecia morta. Todos esperavam que as criaturas da superfície não estivessem

famintas por corpos.

Mas algumas vezes, os animais curiosos descobriam a entrada profunda, e sentiam o cheiro do suor fresco, o batimento regular do coração humano, e

sentiam o

sangue quente correndo por suas veias.

E algumas vezes, eles desciam até lá.

Homero finalmente mergulhou em um estado quase adormecido, e a voz ansiosa do outro lado da plataforma atravessou sua consciência apenas com grande esforço, distorcida. Mas logo em seguida o barulho de uma metralhadora o arrancou violentamente de seu sono. O velho levantou-se rapidamente, e procurou por sua arma

no chão da dresina.

Tiros de fuzis juntaram-se à saraivada ensurdecedora da metralhadora. Os gritos dos guardas não eram apenas nervosos, mas assustados. O que quer que fosse aquilo

conta o que eles atiravam, não pareciam causar dano algum. Não tratava-se de uma

defesa organizada contra um alvo móvel, mas sim cada um tentando salvar a própria

pele.

Finalmente Homero encontrou sua Kalashnikov, mas não se atreveu a pular na plataforma. Ele resistiu à tentação de ligar o motor e fugir, não importava para onde.

Ele permaneceu na dresina, e colocou a cabeça por entre os pilares, para assistir a

batalha que acontecia. Subitamente, um grito penetrante veio de uma curta distância,

onde os guardas gritavam e amaldiçoavam. O fogo pesado da metralhadora foi diminuindo, alguém soltou um grito de horror, e foi silenciado rapidamente,

decapitado.

Outra vez os fuzis soaram, mas de forma escassa e por um curto período. Gritos

novamente, que pareceram afastar-se... e de repente, a criatura que efetuou o som cujo

eco ele escutara, aproximou-se da dresina. Homero contou até dez, e ligou o motor com

as mãos trêmulas. A qualquer momento, seus companheiros voltariam, e ele partiria,

estava fazendo isso por eles e não por si mesmo...

A dresina vibrou, começou a saltar fumaça, o motor superaqueceu, e alguma coisa pulou através do pilar inimaginavelmente rápido. Desapareceu de sua vista rápido

como um raio, não permitindo que ele formasse uma imagem da criatura em sua mente.

O velho segurou-se na grade, tocou o acelerador com o pé, e respirou fundo. Se eles

não voltassem em dez segundos, ele iria embora sem eles...

Sem perceber, ele pisou na plataforma do trem, e segurou o fuzil inútil à sua frente. Ele apenas queria ter certeza que não havia nada que pudesse fazer para ajudar

aqueles pessoas.

Ele pressionou-se contra o pilar e olhou para a plataforma central...

Ele queria gritar, mas seus pulmões estavam sem ar.

\*\*\*

Sasha sempre soube que o mundo não era apenas as duas estações em que ela vivera até agora. Mas ela nunca soube que o mundo era tão belo. Mesmo a

Kolomenskaya, entediante e até mesmo lúgubre, havia sido um lar confortável, e ela

conhecia cada centímetro dela. A Avtosavodskaya, espaçosa e fria, havia arrogantemente virado as costas para seu pai, o exilara, e ela não poderia esquecer este

fato.

Sua relação com a Paveletskaya, por outro lado, não possuía tensão, e a cada minuto Sasha sentia que estava se apaixonando pela estação. Os pilares suaves, amplos,

os arcos grandes e convidativos, o mármore nobre, as finas linhas nas paredes, fazendo-

as parecidas com pele humana macia...

Se a Kolomenskaya era lúgubre e a Avtosavodskaya era sombria, esta estação era como uma mulher: em sua natureza jovial e despreocupada, a Paveletskaya, mesmo

após séculos, manteria sua beleza original.

As pessoas aqui não poderiam ser más e cruéis, Sasha pensou. Seu pai e ela só precisavam atravessar duas estações hostis para chegar à este lugar mágico... Se ele

tivesse vivido mais um dia, teria escapado do exílio e conseguido sua liberdade... Ela

teria forçado Hunter a levar ambos com ele...

À distância, uma fogueira crepitou onde momentos antes, os guardas estavam sentados. O raio de luz do holofote subia até o teto alto, mas Sasha não aproximou-se.

Quantos anos ela acreditara que precisava apenas escapar de Kolomenskaya e conhecer

outras pessoas para ser feliz! Mas agora ela queria apenas uma pessoa para  
compartilhar sua companhia, seu assombro de que a terra fora um terço maior, e  
sua

esperança de consertar os erros do passado. Mas quem precisaria de Sasha?  
Nenhum

outro ser humano precisava dela, não importava o que ela ou o velho dissessem.

Então a garota andou para a outra direção, onde havia um trem caído, com  
janelas

esmagadas e uma porta aberta, meio oculto no túnel direito. Ela entrou no vagão,  
andou

do primeiro para o próximo, inspecionou o primeiro, o segundo e depois o  
terceiro. No

último vagão, ela encontrou um banco milagrosamente conservado, e deitou-se  
nele.

Ela olhou para cima e imaginou que o trem começaria a se mover para a  
próxima

estação a qualquer momento, onde a claridade e as vozes humanas estavam. Mas  
no

momento ela não tinha força suficiente para imaginar as toneladas de sucata de  
aço

saindo do lugar.

Com sua bicicleta havia sido muito mais fácil.

O jogo de esconde-esconde acabou: o som de uma luta passou de um vagão para  
outro até alcançar Sasha.

Outra vez?

Ela levantou-se e correu para a plataforma, o único lugar onde ela poderia fazer  
alguma coisa.

Os corpos despedaçados dos guardas estavam caídos ao lado da cabine de vidro com o holofote estático, acima da fogueira em brasas no meio do saguão. Outros soldados aparentemente desistiram em seguida, e correram para encontrar cobertura na passagem, mas a morte os pegou no meio do caminho.

Sobre um dos corpos, uma figura terrível e antinatural estava agachada. Apesar de ser quase impossível ver daquela distância, Homero reconheceu o couro branco e liso, uma crista contorcida e poderosa, e as pernas torcidas impacientes, com várias

articulações fortemente dobradas.

A batalha estava perdida.

Onde estava Hunter? Homero novamente inclinou-se para frente, e congelou... mais ou menos dez passos de onde ele estava, recuando atrás do pilar tanto quando

Homero, como se quisesse provocá-lo ou zombar dele. Um terrível semblante começou

a descer de seus dois metros de altura. Sua mandíbula pingava vermelho, e mastigava

um pedaço de carne. Sob a testa achatada não havia nada, mas o fato de a criatura não

ter olhos não parecia impedi-la de sentir a presença alheia, mover-se ou atacar.

Homero virou-se e puxou o gatilho, mas o rifle manteve-se silencioso. A quimera produziu um guincho longo e agudo, e pulou para o meio da plataforma. Em pânico,

Homero atrapalhou-se com a trava de segurança, mesmo sabendo que não havia



qualquer utilidade na arma...

Repentinamente, a criatura perdeu todo o interesse nele, e virou sua atenção para a plataforma. Com um movimento rápido, Homero seguiu a direção que chamou a

atenção da criatura cega, e seu coração pulou uma batida.

Parada, olhando em volta assustada, estava a garota.

– Corra! – Homero gritou, e sua voz sufocou em um som rouco torturado.

A quimera branca pulou vários metros para frente, e estava parada bem em frente

à jovem mulher. Ela puxou uma faca de cozinha, e fez um movimento ameaçador para

o lado. Como resposta, a criatura bateu com as patas frontais na garota, e ela caiu no

chão. A lâmina caiu ao lado dela.

Homero já estava em pé sobre a dresina, mas não fugiu. Ofegante, ele sacudiu o rifle, tentando chamar a atenção da silhueta branca dançante.

Sem sucesso: a criatura alcançara a garota.

Os guardas que poderiam ser uma ameaça à criatura estavam despedaçados após

alguns minutos, e agora havia apenas estas duas pessoas indefesas, encolhidas em um

canto.

A criatura parecia querer brincar com eles um pouco antes de matá-los. Estava pairando sobre a garota, de modo que o velho não podia ver nada. Será que destripava

a garota?

Mas então a criatura encolheu-se e moveu-se, coçou uma mancha escura em expansão nas suas costas, virou-se gritando, pronta para devorar seu agressor.

Hunter atingira a criatura.

Em uma mão o fuzil, a outra caída inerte. Parecia que cada movimento era doloroso.

O brigadeiro atirou outra rajada na criatura, que acabou provando-se extremamente resistente. O monstro cambaleou por um segundo, reencontrou seu

centro de gravidade e avançou. Hunter estava sem munição, mas foi capaz de afundar

seu facão no enorme peito da criatura. A quimera caiu sobre a lâmina, que afundou em

seu peito, e sufocou Hunter com seu peso.

Como se quisesse destruir qualquer esperança, uma segunda criatura pulou ao lado da outra. Ela encarou o corpo retorcido de sua própria espécie, colocou uma pata

sobre o couro branco, como se quisesse acordá-la, e torceu sua face sem olhos em

direção a Homero...

Ele não podia perder aquela chance. O grande calibre estilhaçou o peito da quimera, abriu sua cabeça e, quando o animal finalmente caiu no chão, partiu as placas

de mármore em fragmentos e poeira. Homero precisou de tempo até seu coração

acalmar-se, e seus dedos afrouxaram do gatilho.

Em seguida ele fechou os olhos, arrancou a máscara de sua cabeça, e respirou o

ar frio preenchido com o cheiro de sangue fresco.

Todos os heróis pereceram, e ele fora deixado no campo de batalha.

Seu livro estava terminado antes de começar.

## **10 – Após a morte**

O que resta dos mortos? O que resta de cada um de nós? Lápides afundadas, cobertas de musgo, e após alguns séculos, nem mesmo seu nome pode ser lido.

Todo túmulo esquecido é designado para um novo corpo. Enquanto as gerações passam, a lembrança dos mortos diminui até ser esquecida.

O que era chamada paz eterna, durara apenas meio século. Os ossos eram perturbados conforme os cemitérios eram movidos para os subúrbios. A Terra e tornara

muito pequena, tanto para os vivos quanto para os mortos.

Em meio século, um funeral se tornara um luxo que apenas alguns que morreram

antes do dia do julgamento podiam arcar. Mas quem se importa com um único corpo,

quando o planeta todo está morrendo. Nenhum dos habitantes do metrô tivera a honra

de um funeral; ninguém podia ter esperança de que os ratos poupariam seu corpo.

Antigamente, os restos mortais possuíam o direito de permanecer em seu local enquanto os vivos se lembrassem deles. Um ser humano lembra-se de seus parentes,

amigos e colegas. Mas sua lembrança apenas atingia três gerações antes de desaparecer.

Somente pouco mais de cinquenta anos.

Com a mesma facilidade, deixamos a imagem de nosso avô e nosso colega da escola sair de nossa consciência para o nada absoluto. As memórias humanas poderiam

durar mais que os ossos, mas assim que o último que se lembre de nós morrer, nós

dissolvemos com o tempo. Fotografias, quem ainda as fazia? E quantas delas foram

mantidas, quando todo mundo ainda as produzia?

Anteriormente, quase não havia espaço nos grossos álbuns de família para fotos antigas e amareladas, mas quase ninguém que as via poderia dizer com certeza quem

eram aqueles fotografados. As fotografias dos mortos poderiam ser interpretadas como

um tipo de máscara, mas não como uma impressão de suas almas quando estavam

vivos.

E as fotografias decompõem-se tão lentamente quanto as pessoas que viviam dentro delas.

O que resta?

Nossas crianças?

Homero tocou a chama da vela com seus dedos. A resposta não era facilmente encontrada. As palavras de Achmed ainda o feriam. Ele mesmo havia sido condenado

a não ter filhos. Impossibilitado deste tipo de imortalidade, só restava a ele escolher

outro caminho para a imortalidade.

Outra vez ele alcançou sua caneta.

Eles podem parecer conosco. Em seu reflexo, nós nos espelhamos neles de uma maneira misteriosa. Unidos com aqueles que amamos. Em seus gestos, em suas imitações, encontramos a nós mesmos com alegria ou com pesar.

Os amigos confirmam que nossos filhos ou filhas são exatamente como nós.

Talvez isso nos dê uma certa extensão de nós mesmos, quando não mais existirmos.

Nós mesmos não fomos os primeiros. Somos feitos de incontáveis cópias que vieram antes de nós, apenas mais uma quimera, sempre metade de nossos pais e metade

de nossas mães, que são novamente a metade de seus pais. Então não existe nada de

único em nós, apenas uma mistura infinita de pequenos mosaicos intermináveis que

existem em nós? De milhões de pequenas partes, formamos uma imagem completa,

que não possui seu próprio valor, e precisa separar-se em partes novamente?

Importaria mesmo a felicidade de encontrar a nós mesmos nos nossos filhos, uma certa linha que atravessa nossos corpos por milhões de anos?

O que restará de mim?

Era mais difícil para Homero que para os outros. Ele sempre invejou aqueles que tinham fé na vida após a morte. Sempre que surgia a conversa sobre a vida após a

morte, seus pensamentos sempre viravam-se imediatamente para a Nakhimovsky

Prospekt, e suas repulsivas criaturas necrófagas. Mas talvez ele fosse feito de algo mais

que carne e sangue, que mais cedo ou mais tarde seriam devorados por

necrófagas e

digeridos. Apenas se existisse algo nele que não fizesse parte de seu corpo.

O que restara dos faraós egípcios? Dos heróis gregos? Dos artistas da

Renascença? Algo restara deles e existia dentro de seus corpos, ou no que eles deixaram

para trás?

Que tipo de imortalidade restava para a humanidade?

Homero leu novamente o que havia escrito, pensou sobre isso por um curto período de tempo, rasgou as páginas do caderno cuidadosamente, amassou-as, depositou-as em um prato de ferro e acendeu. Após um minuto, o trabalho das últimas

três horas não passava de um punhado de cinzas.

\*\*\*

Ela morreu.

Sasha sempre imaginou a morte assim: o último raio de luz extinguindo-se, todos os sons silenciados, seu corpo sem qualquer sentimento, nada além da escuridão.

A humanidade emergira de escuridão e do silêncio. Era inevitável que voltassem para eles. Sasha conhecia todas as fábulas do paraíso e do inferno, mas o submundo

soara inofensivo para ela. Eternidade em completa falta de visão, audição, não ser

capaz de fazer absolutamente nada era centenas de vezes mais terrível que alguns

caldeirões de óleo vegetal fervente.

Mas então um pequeno raio de luz trêmulo apareceu. Sasha tentou alcançá-lo,

mas não conseguiu tocá-lo. O raio de luz dançante fugiu dela, voltou, enganou-a, e

fugiu dela de novo imediatamente. Brincando e enganando a garota. Ela soube imediatamente: a luz de um túnel.

Quando uma pessoa morria no metrô, seu pai dissera, a alma dele ou dela perdia-

se e vagava em um labirinto escuro que levava a lugar nenhum. Não percebia que não

estava ligada mais a um corpo, que sua vida terrena havia terminado, então vagava até

que um dia, no futuro distante, visse o brilho de uma chama fantasmagórica. Ela guiaria

a alma para sua paz, porque esta pequena chama foi enviada para guiar a alma a seu

frio descanso. Mas também a chama poderia compadecer-se da alma, e leva-la de volta

para seu corpo perdido. Estas pessoas poderiam dizer que voltaram d além. Seria mais

verdadeiro dizer que a escuridão os deixara escapar outra vez.

O túnel de luz enganava Sasha, repetidamente; por fim, ela não resistiu e aceitou seu destino. Ela não mais sentia suas pernas, mas não precisava delas: para seguir o

ponto luminoso, bastava manter seus olhos nele. Ela precisava fixar os olhos nele, como se precisasse atraí-lo para domá-lo.

Sasha segurou a luz com seu olhar, e a luz a puxou através da escuridão, através do labirinto de túneis que ela não seria capaz de deixar por si mesma. Até que alcançassem a última estação da vida. Então ela viu à sua frente: seu guia parecia

esboçar os contornos de um salão amplo, onde eles esperavam por ela.

– Sasha! – uma voz gritou atrás dela. Surpresa, registrou que conhecia a voz, mas não sabia a quem pertencia mais. Na voz um tom completo, conhecido, carinhoso

oscilou junto.

– Pai? – ela disse sem acreditar.

Eles chegaram. A chama fantasmagórica do túnel permaneceu parada, tornou-se um fogo comum, pulou para o pavio de uma vela derretida e fez dele uma casa confortável, como um gato que retornara de uma expedição...

Uma mão fria e enrugada estava sobre a sua. Devagar, Sasha soltou seu olhar da chama, porque temia que pudesse afundar no chão a qualquer momento. Assim que ela

acordou, sentiu uma pontada de dor no antebraço e na testa. Da escuridão, apareceu

uma simples mobília desmoronando: algumas cadeiras, um armário... Sasha estava

deitada sobre uma maca tão macia que ela não sentia suas costas. Ela sentiu seu corpo

retornando gradualmente.

– Sasha? – repetiu a voz.

Ela olhou para a pessoa que falava com ela, e rapidamente retraiu sua mão. Na cama, sentava o velho que dirigira a dresina com ela. Seu toque não havia sido com

qualquer pretensão, nem era desagradável ou indecente. Vergonha e decepção a fizeram retraindo sua mão: como ela poderia ter confundido a voz do estranho com a de



seu pai? Por que a luz do túnel a guiara de volta, de todos os lugares?

O velho sorriu com ternura. Ele parecia satisfeito de ela ter acordado novamente.

Somente agora ela reconhecia o mesmo brilho caloroso em seus olhos, que ela havia

visto apenas uma vez em outra pessoa. Não, ela sabia que havia se enganado...

Ela estava envergonhada de si mesma...

– Perdoe-me, - ela falou. No instante seguinte, ela lembrou dos últimos minutos na Paveletskaya. Ela levantou-se com um movimento brusco. – Como está seu amigo?

\*\*\*

Ela não sabia se devia chorar ou rir. Talvez ela simplesmente não tivesse forças para isso.

Por sorte, as garras afiadas da quimera não acertaram a garota, apenas suas patas.

Mas ela estivera inconsciente pelo dia inteiro. O médico reassegurou a Homero que a

vida dela não corria perigo. Ele não dissera seus próprios problemas para o médico.

Enquanto Sasha esteve inconsciente, Homero acostumara-se a chamá-la desse jeito, e afundou de volta em sua cadeira quando ela deitou novamente no travesseiro.

O velho retornou para a mesa, onde um caderno aberto de noventa e seis páginas o

esperava. Ele virou a caneta em sua mão, e continuou do lugar onde havia sido interrompido pela garota febril.

Mas desta vez, o retorno da caravana estava atrasado, e este atraso somente

poderia ter uma razão: algo desconhecido acontecera, algo terrível, que nem mesmo os

soldados fortemente armados e experientes que os acompanhavam ou sua boa relação

com Hanza poderia ter impedido.

Tudo seria menos inquietante, se eles simplesmente pudessem se comunicar.

Mas havia algo errado com a linha do telefone, a conexão morrera desde segunda-feira,

e a tropa que fora enviada até o ponto de ruptura retornara sem nenhum sucesso.

Homero levantou seu olhos e piscou, a garota estava parada diretamente atrás dele, olhando sobre seu ombro o que ele escrevia. Sua curiosidade parecia ser a única

coisa que a mantinha em pé. Envergonhado, o velho virou o caderno para o outro lado.

– Está esperando por inspiração? – ela perguntou a ele.

– Estou apenas no começo – Homero murmurou.

– E o que aconteceu com a caravana?

– Não sei. – Ele circulou o título cuidadosamente com a caneta. – A história não terminará por um longo tempo ainda. Deite-se, você precisa descansar.

– Mas você decide como seu livro termina.

– Não estou criando este livro. Eu apenas escrevo tudo que aconteceu.

– Então a decisão é sua ainda mais. – A garota respondeu, imersa em pensamentos. – Estou nele também?

Homero sorriu.

– Eu queria mesmo pedir sua permissão.

– Pensarei sobre isso. – ela respondeu seriamente.

– Por que está escrevendo este livro?

Homero levantou-se, para poder olhá-la nos olhos.

Após sua primeira conversa com Sasha, ele percebeu que a juventude e falta de experiência dela criavam uma imagem errada em sua mente. Na estranha estação onde

eles a encontraram, um ano deveria parecer dois. Ela não respondia as questões que ele

perguntava em voz alta, mas as que ele não dizia. E ela apenas perguntava aquilo que

ele mesmo não sabia responder. Ele contava com sua honestidade, senão como ele

criaria a heroína de seu livro? Ele também precisava ser honesto, não trata-la como

uma criança, e não protege-la em silêncio. Ao contrário, deveria dizer nada menos do

que ele já admitia para si mesmo. Ele disse:

– Quero que as pessoas se lembrem de mim. E também daqueles que eram

próximos a mim. Elas não sabem como o mundo era. O mundo que eu amava. Que eles

ouçam o que de mais importante eu testemunhei e realizei. Que minha vida não foi em

vão. Que algo reste de mim.

– Está colocando sua alma nele? – ela inclinou a cabeça. – Mas é apenas um

caderno. Ele pode ser queimado e perdido. Um lugar incerto para guardar sua alma,

não é mesmo?

Homero suspirou.

– Não, eu só preciso do caderno para colocar os fatos na ordem certa. E para não esquecer nenhum detalhe importante enquanto a história não está terminada. Quando

estiver, só precisarei contá-la para algumas pessoas. Imagino que, esperançosamente,

não precise de papel ou um corpo para espalhá-la.

– Você viu muitas coisas que não deveriam ser esquecidas. – A garota encolheu os ombros. – Não tenho nada que valesse a pena ser escrito. Deixe-me fora de seu livro.

Não gaste papel comigo.

– Mas você tem a vida toda pela frente... – Homero começou, e pensou que ele não viveria para ver.

A garota não reagiu, e Homero temia que ela se afastasse. Ele procurou pelas palavras certas, tentando reparar o que dissera, mas tropeçando em seus arrependimentos várias vezes.

– Qual é a coisa mais bonita que você consegue lembrar? – ela perguntou subitamente. – A mais bela?

Homero hesitou. Era uma ideia estranha contar seus mais profundos segredos para uma pessoa que ele conhecia há apenas dois dias. Ele nem mesmo contara tudo a

Yelena, e ela sempre pensou que nas paredes de sua câmara, estava pendurada somente

uma paisagem comum da cidade. Poderia uma garota, que passou a vida inteira no

subsolo, ser capaz de compreender o que ele contaria? Ele decidiu que deixaria

fluir.

– Chuva de verão – disse ele.

A testa de Sasha enrugou, o que parecia estranho.

– O que há de tão belo nisso?

– Você já viu a chuva?

– Não – a garota balançou a cabeça. – Meu pai não me deixava sair. Eu subi uma ou duas vezes de qualquer modo, mas não gostei nada de lá. É assustador quando não

existem paredes em volta. – Então ela explicou, para ter certeza que eles estavam

falando sobre a mesma coisa. – Chuva é quando a água vem de cima, certo?

Homero não ouviu mais. Outra vez, aquele dia emergiu do passado distante.

Como um médium que deixa um espírito usar seu corpo, encara o nada e não para de

falar...

– O mês inteiro foi quente e seco. Minha esposa estava grávida, ela sempre teve problemas respiratórios e com o calor.. Em toda a clínica, só existia um ventilador, e

ela reclamava de como estava quente. Eu mesmo não conseguia respirar direito e estava

sentindo muito por ela. Era ruim: por anos, tentamos ter filhos, sem sucesso, e agora o

médico nos assustava, dizendo que poderíamos ter um natimorto. Ela estava sob constante monitoramento, mas seria melhor para ela permanecer em casa. A data do

nascimento já havia passado, mas ela ainda não sentia as dores. Eu não poderia tirar

todos os dias de folga, obviamente. Alguém havia dito que, se você carrega uma

criança

por muito tempo, o risco de a criança ser natimorta aumentava. Eu não sabia o que

fazer. Assim que acabou meu expediente, corri para a clínica e fiquei olhando através

da janela onde ela estava. Nos túneis não havia sinal de celular, então eu checava por

ligações perdidas a cada estação. E então, uma mensagem de texto do médico, pedindo

para eu ligar imediatamente. Até que eu encontrasse um lugar quieto para pensar, eu já

havia enterrado minha mulher e meu filho na minha mente, o velho idiota medroso que

eu era.

Homero ficou em silêncio, como seu ouvisse o som do telefone tocando, e esperasse alguém atender. A garota não o interrompeu. Ela guardou as perguntas para

mais tarde.

– Então a voz de um estranho disse: parabéns, é um menino. Soou tão simples: é um menino. Da morte, eles trouxeram minha esposa de volta, e este milagre... Eu

corri para fora e estava chovendo. Uma chuva fria. O ar tornou-se tão leve, tão limpo.

Como se a cidade estivesse embaixo de um plástico empoeirado, e de repente alguém

o removesse. As folhas brilhavam, o céu estava se movendo outra vez, as casas pareciam frescas. Eu corri ao longo da Tverskaya, para o canteiro de flores, e chorei,

porque eu estava tão feliz. Eu tinha um guarda-chuva, mas não abri, eu queria ficar

ensopado, queria sentir a chuva. Não consigo descrever... Era como se eu tivesse nascido e visto o mundo pela primeira vez. O mundo estava fresco como novo, como

se tivessem cortado o cordão umbilical e o banhado pela primeira vez. Como se tudo

estivesse novo, e quisesse recompensar pelas coisas ruins que haviam acontecido. Eu

teria uma nova segunda vida: o que eu não realizasse, meu filho realizaria. O mundo

todo era apenas para nós. À nossa frente...

Homero ficou em silêncio novamente. Ele viu as casas de dez andares da época de Stalin, a neblina rosa do crepúsculo tornando-se nevoeiro noturno, ouviu o barulho

ocupado da Tverskaya, respirou o ar doce e poluído, fechou os olhos e sentiu em seu

rosto a monção do verão. Quando voltou a si, pequenas gotas cintilavam em seus olhos

e bochechas. Rapidamente, ele as enxugou com a manga.

– Sabe – disse a garota, não menos constrangida que ele. – Talvez a chuva seja algo belo. Não tenho memórias como essas. Pode dividir algumas delas? Se você quiser

– ela sorriu para ele. – Pode me incluir no seu livro. Alguém precisa estar no comando

de como tudo termina.

\*\*\*

– Ainda é muito cedo – o médico disse seriamente.



Sasha não sabia como explicar para este autocrata a importância do que ela pedia. Ela respirou fundo e preparou mais um ataque, mas fez um gesto grosseiro com

a mão e virou-se.

– Você precisa ser paciente. Mas como você já está em pé, e aparentemente sentindo-se bem, você pode dar uma caminhada. – O médico guardou seus instrumentos em uma velha sacola plástica, e apertou a mão de Homero. – Voltarei em

uma hora. O líder da estação ordenou tratamento especial para seu caso. Afinal, estamos em débito com vocês.

Homero atirou uma jaqueta militar suja sobre Sasha. Ela saiu, seguiu o médico através das outras áreas do hospital, um corredor de quartos e câmaras cheias de escrivainhas e macas, dois lances de escadas para cima, através de uma porta baixa

imperceptível e finalmente para um longo salão gigantesco. Sasha congelou na porta,

incapaz de continuar. Ela nunca vira algo assim. Era além de sua imaginação a quantidade de pessoas que poderiam viver em um único lugar.

Milhares de rostos sem máscara! E tão diferentes uns dos outros! Havia pessoas de todas as idades, de velhos a bebês. Incontáveis quantidades de homens: com barbas, barbeados, altos, baixos, cansados, alertas, magros e musculosos. Aqueles mutilados em batalhas, com defeitos de nascença, belezas ofuscantes, e aqueles que

não eram atraentes por fora, mas emitiam uma misteriosa atração. E não menos mulheres: com grandes traseiros, largos rostos vermelhos, mas também

mulheres

magras e pálidas, com vestidos incrivelmente coloridos e colares entrelaçados.

Será que reconheceriam que Sasha era diferente? Ela poderia desaparecer na multidão e agir como se fosse um deles, ou eles a pegariam e dilacerariam, como uma

horda de ratos faria com um rato albino? À primeira vista, parecia que todos os olhos

estavam sobre ela, e com cada novo olhar ela se sentia mais alerta. Mas após quinze

minutos, ela acostumou-se a eles: alguns olhavam para ela de maneira hostil, outros

curiosos, outros muito invasivos, mas a maioria não estava interessada nela.

Simplesmente passavam os olhos por Sasha indiferentes, e continuavam seu caminho

sem notá-la.

Parecia-lhe que os olhares dispersos e borrados eram o óleo de máquina que

lubrificava as engrenagens desse mecanismo agitado. Se aqueles humanos

demonstrassem o menor interesse em outros, a tensão seria muito grande, e o

espetáculo inteiro pararia após o menor tempo possível. Para passar despercebida neste

grupo, ela não precisava de um disfarce ou um novo corte de cabelo. Era o suficiente

não olhar profundamente nos olhos dos outros, mas sim desviar o olhar após um breve

período. Toda vez que fazia isso, ela ainda estremecia. A indiferença tornaria fácil

passar pelos habitantes entrecruzados da estação, sem prender-se em um só lugar.

Nos primeiros minutos, o cheiro da comida entorpeceu seu nariz, mas em breve seus sentidos aprenderam a filtrar aqueles que eram importantes, e ignorar todo o resto.

Através do cheiro acre dos corpos sujos, ela sentiu um aroma sedutor, fresco, até mesmo prazeroso, que passou ondulando junto com o grupo. Era o perfume de uma

mulher. O cheiro de carne grelhada e do miasma da pilha de lixo misturavam-se. Em

uma palavra: para Sasha, o cheiro da Paveletskaya era o cheiro da vida, e quanto mais

ela o inspirava, mais doce tornava-se para ela.

Para explorar o longo corredor, ela provavelmente precisaria de um mês. Tudo era tão avassalador... Havia lugares onde era possível comprar joias de metal amarelo

forjado como discos, que ela poderia olhar por horas. Havia uma seção gigante de livros

que possuíam mais conhecimentos neles do que ela seria capaz de acumular um dia.

Um lojista atraía pessoas com um cartaz que dizia FLORES. Ele possuía uma gigante

seleção de cartões com desejos de melhoras, nos quais diferentes buquês de flores

estavam estampados. Quando criança, ela recebeu um destes uma vez, mas ali existiam

muitos deles.

Ela viu mães amamentando suas crianças, e crianças mais velhas brincavam com

um gato de verdade. Casais que olhavam nos olhos um do outro, e que tocavam

as

mãos. Homens tentavam abordá-la. Eles confundiam seu interesse por algum tipo de

convite para venderem algo para ela, mas um certo tom em suas palavras era desagradável para ela, e inclusive repugnante. O que eles queriam dela? Não existiam

mulheres suficientes aqui? Muitas belezas entre elas, cobertas por vestidos coloridos,

pareciam com as flores desabrochadas dos cartões. Sasha adivinhou que estes homens

zombavam dela.

Será que ela poderia deixar algum homem curioso sobre ela? Subitamente, uma dúvida que ela nem sabia que existia começou a corroê-la. Talvez ela tenha entendido

tudo errado... Mas por que deveria ser diferente? Algo acordou dolorosamente em seu

peito, abaixo das costelas, na concavidade macia de seu corpo, um lugar que ela descobrira por si mesma há pouco tempo atrás.

Para livrar-se de sua inquietude, ela vagou novamente pela frente das lojas, onde havia todos os tipos de mercadorias, coletes à prova de balas, roupas comuns, máquinas, porém nada quase a interessava mais. Sua voz interior empurrou o barulho

da multidão para o segundo plano, e a figura que suas memórias pintaram tornara-se

mais definida que os seres humanos à sua volta. Ela merecia que ele se sacrificasse por

ela? Seriam capazes ainda de julgá-lo pelo que fizera? E antes de tudo: que sentido

havia nestes pensamentos estúpidos agora? Agora que ela não podia mais fazer nada

por ele...

De repente, sem que Sasha entendesse o porquê, todas as suas dúvidas

desvaneceram-se e seu coração acalmou-se. Ela ouviu dentro de si e procurou... Era o

eco de uma melodia distante, que vinha de um grupo grande de pessoas reunido.

Música como Sasha lembrava-se, como as canções de ninar que sua mãe cantava para

ela. Mas ela precisou contentar-se apenas com as canções de sua mãe por anos: seu pai

nunca teve inclinações musicais e raramente cantava, mesmo músicos itinerantes e

bufões não eram bem vindos na Avstovskaya. E quando os soldados ronquejavam suas

canções nas fogueiras, algumas vezes melancólicas, outras ardentes, nem os violões de

madeira desafinados ou as cordas internas de Sasha vibravam com a melodia.

Mas o que ela ouvia agora não era um tilintar tedioso. Soava como a voz suave

de uma jovem mulher, uma garota, mas inalcançável para a garganta humana. Soava

descompromissada e poderosa ao mesmo tempo. Mas o com o que ela poderia sequer

comparar este milagre? A música do instrumento desconhecido enfeitiçava as pessoas

paradas ao seu redor, as elevava e carregava para um lugar infinito, para mundos que

os nascidos no metrô nunca vislumbraram e apenas podiam imaginar. A música

fazia

as pessoas sonharem e acreditarem que todos os sonhos podem tornar-se realidade.

Acordava uma saudade incompreensível, e prometia preenchê-la ao mesmo tempo. A

música deu a Sasha a impressão de ter andado sem rumo por uma estação abandonada

por muito tempo, até subitamente encontrar uma lanterna, e em seu brilho, encontrar

imediatamente a saída.

Ela estava parada em frente ao ferreiro. Diretamente à sua frente, estava uma prancha de madeira com diferentes facas expostas, desde pequenas facas de bolso até

adagas longas e assassinas. Sasha observou paralisada, como se as lâminas a tivessem

enfeitado. Dentro da garota, uma luta selvagem ocorria. Uma pequena tentação

surgiu. O velho havia dado a ela um punhado de munição, o suficiente para a faca negra

gigante, com a ponta dentada, larga e afiada, que servia bem a seu plano. Após um

minuto, Sasha tomou uma decisão. Ela escondeu seu tesouro no bolso frontal de seu

macacão, no local dolorido, que ela pretendia aliviar. Quando voltou ao hospital, não

sentia o peso da jaqueta militar ou a martelada em sua testa.

A multidão erguia-se sobre a garota, e o músico que criava estes sons

maravilhosos permaneceu invisível para ela. A melodia, por outro lado, parecia

envolvê-la, fazê-la voltar, convencê-la a mudar de ideia.

Em vão.

\*\*\*

Outra batida na porta.

Homero levantou-se resmungando, limpou os lábios com sua manga, e puxou a corrente da descarga. No tecido verde encardido de sua jaqueta, uma mancha marrom

permanecera. Era a quinta vez que vomitava naquele dia, mesmo sem ter comido nada.

Os sintomas poderiam ter outra causa, disse a si mesmo. Por que a velocidade da doença seria tão acelerado? Talvez porque...

– O senhor vai demorar? – gritou uma voz impaciente. Era a voz de uma mulher.

Santo céu, será que ele confundiu os símbolos na porta em sua pressa? Homero esfregou a manga suja no rosto coberto de suor, endureceu a expressão e empurrou a

barra para o lado.

– Típico bebum! – Uma mulher minimamente vestida o empurrou para o lado, e fechou a porta atrás dela.

Tudo bem, pensou Homero. Eles poderiam pensar que ele estava bêbado, o que era muito melhor que a verdade. Ele parou em frente ao espelho que estava sobre a pia

e encostou a testa quente contra ele. Com o tempo conseguiu respirar novamente, olhou

o espelho embaçado e estremeceu: sua máscara escorregara e balançava em seu queixo.

Rapidamente, ele a colocou de volta no rosto, e fechou os olhos. Não, ele não

poderia

pensar que trouxera conscientemente a morte para todas as pessoas que encontrava.

Voltar era impossível: se estava infectado – se não estivesse confundindo os sintomas

– toda a estação morreria de qualquer maneira. Começando com aquela mulher, cuja

culpa era apenas querer usar o banheiro na hora errada. O que ela faria, se ele dissesse

que ela agora viveria por apenas mais um mês, no máximo?

Tolo, pensou Homero. Tolo e estúpido. Ele queria imortalizar tudo que cruzasse seu caminho, Mas o destino o transformara em um anjo da morte, do tipo tolo, miserável, e impotente. Ele sentiu como se alguém encurtara suas asas, e um ultimato

de trinta dias entalhado nele. Era o tempo que ele tinha para agir. Era essa a sua punição

por seu engrandecimento e soberba?

Ele não podia mais permanecer em silêncio. E só havia uma pessoa com quem poderia abrir-se. Ele não poderia enganá-lo por muito tempo, e seria mais fácil para

ambos se jogassem limpo. Com passos incertos, encaminhou-se para o hospital.

O quarto era no final do corredor, e normalmente havia uma enfermeira sentada em frente, mas o lugar estava vazio. Através da porta deslizante, era audível um resmungo entrecortado. Homero conseguia apenas ouvir palavras separadas, mas com

o tempo conseguiu juntá-las em uma sentença que fazia sentido.

– Mais forte... lutar... preciso... ainda sinto... resistência... lembro... ainda capaz...



erro... castigo...

Suas palavras agora eram ordens latidas, como se a dor se tornasse insuportável e impedisse o orador de acompanhar seus pensamentos volúveis. Homero entrou no

quarto.

Hunter estava inconsciente, mexendo os braços e revirando de um lado para outro em um lençol molhado. A bandagem pressionada na testa do brigadeiro escorregara sobre seus olhos, as bochechas angulosas estavam cobertas de suor, e a

mandíbula, com a barba por fazer, jazia inerte. Seu peito largo subia e descia, como o

soprador de um ferreiro mantendo o fogo aceso com muito custo.

Na cabeceira estava uma garota com as costas viradas para ele, suas pequenas mãos atrás de suas costas. Sem prestar atenção da primeira vez, na segunda viu a silhueta de uma faca negra, que ela segurava restrita pelo tecido do macacão.

\*\*\*

O telefone tocando.

De novo e de novo.

Mil duzentos e trinta e cinco. Mil duzentos e trinta e seis. Mil duzentos e trinta e sete.

Artyom contou o som não porque queria justificar-se diante do comandante, mas porque queria sentir algum tipo de movimento. À medida em que se distanciava do

ponto em que começou a contar, a cada martelada do alarme esta loucura ficava mais

próxima do fim.

Enganara-se? Provavelmente. Mas escutar o toque, sabendo que nunca silenciaria, era insuportável. Mesmo que tenha gostado quando ouviu pela primeira

vez: como um metrônomo, ordenava a cacofonia de seus pensamentos com seu som

monótono, esvaziava sua mente e acalmava seu pulso acelerado.

O toque parou alguns minutos depois e Artyom sentiu-se preso em uma armadilha feita de tempo, da qual não podia escapar. Na Era Medieval, havia uma

tortura parecida: desnudavam um criminoso e o sentavam embaixo de um barril, do

qual pingava água constantemente em sua cabeça. O resultado era que a pobre pessoas

gradualmente enlouquecia. Onde o estiramento dos membros falhava, a simples água

trazia resultados extraordinários...

Limitado pelo telefone, Artyom não atrevia-se a distanciar-se dele por um segundo. Todo o seu turno ele tentou não beber, para que nenhuma necessidade urgente

o afastasse do equipamento. Dias antes ele não suportou permanecer na sala, deslizou

para fora, correu até a saída e voltou imediatamente. Mesmo da porta ele conseguia

ouvir, e um calafrio percorreu suas costas: a frequência não era a mesma, o sinal estava

acelerado e não devagar como antes. Aquilo só podia significar uma coisa: o momento

pelo qual ele esperava finalmente chegar quando ele não estava ali. Temeroso que

alguém o tivesse visto, ele olhou para a porta, rapidamente discou o número outra vez

e pressionou seu ouvido contra o telefone.

Do aparelho, saiu o mesmo som de clique, a discagem sendo reiniciada no ritmo conhecido. Desde aquele momento, o som ocupado não retornou, e ninguém atendeu.

Mas Artyom não se atrevera a desligar o telefone outra vez. Apenas passava-o de uma

orelha, quando esta ficava quente, para a outra, esforçando-se para não desconectar.

Ele não disse nada para o líder, e nem mesmo teve certeza de ter ouvido algo na ocasião exceto o eterno ritmo. Suas ordens eram: ligue. Por uma semana, essa fora sua

única tarefa. Qualquer violação o levaria para a frente do tribunal, e ali não se diferenciavam os erros da sabotagem.

O telefone o ajudava a orientar-se, perceber há quanto tempo estava sentado naquele lugar. Artyom não possuía seu próprio relógio, mas o comandante dissera,

olhando em seu próprio relógio, que o toque repetia-se a cada cinco segundos. Doze

toques eram um minuto, setecentos e vinte formavam uma hora, treze mil seiscentos e

oitenta, um turno completo. Como pequenos grãos de areia, que caíam da parte de uma

gigante ampulheta para outro recipiente sem fundo. E entre os vidros, no

estrangulamento, Artyom estava preso, escutando o tempo. E mais, ele não

baixava o

receptor porque o comandante poderia voltar a qualquer minuto para checá-lo.  
Caso

contrário... O que ele fazia era absolutamente inútil. Aparentemente, do outro  
lado da

linha não parecia ter mais ninguém vivo.

Ele viu, dentro do escritório barricado, o chefe da estação pressionando o rosto  
contra o tampo da mesa, a Makarov ainda em sua mão. O disparo ensurdeceu-o,  
de

modo que não ouvia mais o toque do telefone. Pelo lado de fora da porta, não  
conseguiam forçar a barricada, mas pela fechadura e pela fresta, o toque  
desesperado

arrastava-se pela plataforma, onde todos os corpos inchados estavam jogados...  
Por um

tempo não era possível ouvir o toque do telefone, o barulho da multidão, os  
passos, o

choro das crianças era muito alto. Mas já não havia qualquer som perturbando o  
silêncio dos mortos. A iluminação de emergência, ainda espalhando sua luz  
vermelha,

gradualmente sucumbia.

O telefone tocando.

Outra vez.

Duas mil quinhentas e sessenta e três. Duas mil quinhentas e sessenta e quatro.

Ninguém respondeu.

## **II – Presentes**

– Relatório!

De qualquer forma, o comandante sempre havia sido bom com surpresas. Na guarnição inteira contavam lendas sobre ele. Em outros tempos era um mercenário,

possuía uma destreza famosa com facas, e nada poderia distraí-lo de uma tarefa.

Antigamente, antes de estabelecer-se na Sevastopolskaya, massacrara sozinho os guardas do posto exterior de uma estação inimiga, utilizando apenas os menores erros

dos guardas.

Artyom assustou-se, pressionou o receptor com o ombro de volta ao ouvido, saudou-o e parou sua contagem, não sem certo arrependimento. O comandante aproximou-se da escala do ofício, olhou seu relógio, apontou os números 9:22 do dia

três de novembro, suspirou e virou-se para Artyom.

– Meu relatório: nada. Quer dizer, ninguém atendeu.

– Sem resposta? – o comandante movimentou a mandíbula e relaxou os músculos do pescoço. – Não acredito nisso.

– No quê? – Artyom perguntou preocupado.

– Que já atingiu Dobrynskaya. Será que a epidemia já atingiu Hanza? Pode entender o que aconteceria se atingisse a linha Ane!?

– Mas não sabemos nada ao certo. – Artyom respondeu. – Pode ser que tenha começado. Não temos contato com eles.

– E se a comunicação estiver danificada? – O comandante abaixou a cabeça e batucou a mesa com os dedos.

– Estaria igual a comunicação com a base. – Artyom apontou com a cabeça na

direção do túnel que levava a Sevastopolskaya. – Aquela está completamente muda.

Esta ainda está chamando. Significa que a comunicação está funcionando.

– O caso é que a base não necessita mais de nós. – O comandante disse calmamente. – Não veio mais ninguém de lá. Talvez a base não exista mais. Nem a

Dobryninskaya. Ouça-me, Popov, se ninguém lá estiver vivo, morreremos em breve

também. Ninguém virá nos ajudar. Por que ainda manter a quarentena? Talvez seja

melhor esquecermos toda essa idiotice, o que você acha? – Ele movimentou sua mandíbula outra vez.

Artyom ficou chocado. Quanta heresia! Ele não queria, mas teve que pensar no hábito do comandante de atirar no estômago dos desertores antes de terminar de ler a

sentença.

– Não comandante, a quarentena é necessária.

– Sim... apenas hoje, três ficaram doentes, Dois daqui e um de nós. E Akopov está morto.

– Akopov? – Artyom engoliu em seco e fechou os olhos. Sua boca estava seca.

– Surrou a cabeça no trilho. – continuou o comandante com a mesma voz calma.

– Ele disse que não suportava mais a dor. Não foi o primeiro. Deve doer como o diabo,

se você martela com o próprio crânio por meia hora, não é?

– Sim, senhor. – Artyom desviou o rosto.

– E você? Náusea? Fraqueza? – o comandante perguntou preocupado, e ofuscou

Artyom com sua pequena lanterna. – Abra a boca e diga Ahhhh. Bom. Ouça, Popov.

Digamos que alguém atenda. Alguém precisa atender, Popov, na Dobryninskaya, e eles

dirão que Hanza tem uma vacina e estão mandando uma brigada sanitária que chegará

em breve. Vão manter nossa saúde. E curar os doentes. E não ficaremos aqui para

sempre. E voltaremos para nossas esposas. Você para sua Galya, e eu para Alyona e

Vera, entendeu?

– Sim, senhor! – Artyom assentiu com um gesto forçado.

– Descansar.

\*\*\*

Sua faca longa não foi capaz de resistir ao peso da criatura, e partiu exatamente acima do cabo. A lâmina penetrara fundo no peito da criatura, por isso não se deram

ao trabalho de tentar retirá-la. O homem da cabeça raspada, havia sido rasgado pelas

garras da criatura, estava inconsciente por quase três dias. Sasha não podia ajudá-lo,

mas ainda precisava vê-lo. Pelo menos para agradecê-lo, mesmo que ele não pudesse

ouvi-la. Mas os médicos não a deixaram chegar perto dele. Diziam que o homem ferido

precisava descansar antes de tudo.

Ela não sabia exatamente por que ele havia matado as pessoas na dresina. Mas se ele atirou para salvá-la, era razão suficiente para ela. Ela tentou acreditar

nisso, mas

não conseguiu. Provavelmente havia uma explicação diferente. Mas ao invés de perguntar, ele preferiu matar.

Na Paveletskaya, havia sido diferente: ele seguiu Sasha e esteve pronto para morrer por ela. Realmente existia uma conexão entre eles? Como em Kolomenskaya,

quando ele gritara com ela, ela esperou por um tiro, e não a pergunta para juntar-se a

eles. Mas quando ela virou-se, ela reconheceu uma mudança nele, apesar de sua face

cicatrizada não ter movido um centímetro. Eram seus olhos: subitamente ela vira outra

pessoa através das pupilas negras olhando para ela.

Alguém que se interessara por ela.

Alguém a quem ela devia agradecer por sua vida.

Será que ela deveria dar para ele um anel de prata, o mesmo gesto de sua mãe?

E se ele não entendesse um gesto como aquele? Mas como ela agradeceria então? Dar

a ele uma faca, para substituir a ele perdeu por causa dela, já era alguma coisa.

Quando ela iluminou-se com esse pensamento simples, parada em frente ao

ferreiro, e imaginando como ela entregaria a lâmina para ele, como ele olharia para ela,

o que ele diria, ela esqueceu totalmente que compraria outra arma para um assassino,

com a qual ele rasgaria gargantas e abdomens.

Não, neste momento ele não era um bandido para ela, mas um herói, não um



assassino, mas um guerreiro, e antes de tudo – um homem. E havia outro pensamento

em sua cabeça, um pensamento obscuro: desde que sua lâmina quebrara, ele não acordou. Talvez voltasse a si com uma lâmina intacta outra vez... como um amuleto...

Então ela comprou uma para ele.

E neste momento, parada em frente à sua cama, escondendo o presente atrás das costas, Sasha esperava que ele reagisse, ou pelo menos sentisse a presença da lâmina.

Ele retorcia-se de um lado para o outro, resmungava, começava palavras soltas, gemia,

mas não acordava. A escuridão agarrava-se a ele com força.

Até agora, ela não havia dito seu nome nenhuma vez, nem em voz alta nem para si mesma. Mas neste momento, ela sussurrou-o para ele.

– Hunter!

Ele ficou em silêncio, parecia ter ouvido como se estivesse inimaginavelmente longe, e a voz da garota era um eco quase inaudível em seu ouvido, mas ele não respondeu. Sasha repetiu outra vez, mais alto. Ela continuaria até que ele abrisse os

olhos. Ela seria a luz de seu túnel.

Do corredor, ela ouviu um grito de surpresa, botas começaram a martelar no chão. Ela ajoelhou-se rapidamente, e colocou a faca na mesa de cabeceira ao lado da maca.

– Isto é para você – ela disse.

Subitamente, os dedos de ferro seguraram a mão dela, tão forte que eles podiam

quebrar os ossos dela. Os olhos do homem ferido estavam abertos, seu olhar vagando

ao redor sem objetivo.

– Obrigado – ele murmurou.

A garota não tinha nenhuma intenção de libertar-se.

– O que você está fazendo aqui? – um rapaz magro com um jaleco branco encardido colocou uma agulha no braço de Hunter, o que o deixou inconsciente imediatamente. O enfermeiro agarrou Sasha pelos ombros e disse com os dentes cerrados. – Você não entende? Na condição dele... o doutor proibiu...

– Você é quem não entende! Ele precisa de algo para segurar-se. Suas agulhas apenas o deixam mais fraco...

O enfermeiro tentou puxar Sasha para a direção da saída, mas ela adiantou-se, virou-se, e olhou-o nos olhos furiosa.

– Não quero mais vê-la aqui de novo! E o que é isso? – Ele encontrou a faca.

– Isto é... dele. – Murmurou Sasha. – Eu trouxe comigo. Se ele não estivesse lá... aquelas coisas teriam acabado comigo.

– E o médico vai acabar comigo quando descobrir – o enfermeiro resmungou. – Agora saia!

Sasha hesitou por um momento, mas virou-se para Hunter mais uma vez, ainda dormindo fortemente sedado, e terminou o que ela queria dizer.

– Obrigada, você me salvou.

Quando ela estava saindo do quarto, ouviu subitamente sua voz rouca:

– Eu só queria matar... aquele monstro...

A porta bateu em seu rosto e a chave girou na fechadura.

\*\*\*

A faca era para outra coisa. Homero percebeu aquilo imediatamente, quando ouviu como ela dizia o nome do brigadeiro febril, pedindo triste e suavemente ao mesmo tempo. Em um primeiro momento, quis em interferir, mas pensou diferente e

deu meia volta, não havia ninguém que precisasse ser protegido de algo ali. Tudo que

poderia fazer era recuar o mais rápido possível, para não assustar Sasha.

Talvez ela estivesse certa. Na Nagatinskaya, Hunter havia esquecido

completamente de seus companheiros. Ele os atirara como refeição para os ciclopes

fantasmas. Mas nesta luta...

Talvez a garota significasse algo para ele?

Imerso em pensamentos, Homero caminhou pelo corredor e encaminhou-se para

seu quarto no hospital. Um enfermeiro chocou-se contra ele, mas o velho nem mesmo

percebeu. Era hora de dar a Sasha o que ele havia comprado para ela. Parecia que ela

precisaria em breve.

Da gaveta da escrivaninha, ele retirou um pacote e virou-o em suas mãos. Após alguns minutos, a garota entrou apressada no quarto, nervosa, confusa e irritada. Ela

sentou-se na cama, puxou as pernas e encarou o canto da parede. Homero esperou até

a tempestade passar. Sasha estava em silêncio, e começou a roer as unhas. Era hora de

intervir.

– Tenho um presente para você – o velho aproximou-se por detrás da mesa e depositou o pacote ao lado da garota.

– Por quê? – ela disse, sem sair de sua concha.

– Por que as pessoas dão presentes para as outras?

– Para retribuir boas coisas. – ela respondeu com convicção. – Pelo que recebeu ou espera receber.

– Então digamos que estou retribuindo por todas as coisas boas que você já me deu. E por isso, não preciso ser retribuído.

– Eu não dei nada para você. – Sasha respondeu.

– E quanto a meu livro? – ele fez uma careta ofendida. – Você já está nele. Não gosto de dever nada a ninguém. Agora abra.

– Também não gosto de dever nada a ninguém. – Sasha disse e rasgou o embrulho do pacote. – O que é isso? Oh!

Em suas mãos estava um disco vermelho de plástico, uma pequena caixa que abria de ambos os lados. Antigamente era uma caixa de maquiagem barata para viagem,

porém ambos os compartimentos de pó e blush estavam vazios. Mas o espelho por

dentro havia sobrevivido.

– Aqui você pode se ver melhor do que em uma poça de água suja.

Sasha olhou seu reflexo com seus olhos grandes. Pareceu estranho.

– Por que você me deu isso?

– Às vezes é melhor olhar para si mesma de uma nova forma. – Homero sorria

largamente. – Você consegue compreender-se melhor.

– O que isso significa? - A voz de Sasha tornou-se cautelosa.

– Existem pessoas que nunca viram o próprio reflexo a vida toda, e por causa disso pensam que são alguém completamente diferente. E quando encaram o próprio

reflexo, geralmente não conseguem acreditar no que estão vendo à sua frente.

– E como eu aparento?

– Você me diz – Ele cruzou os braços na frente do peito.

– Eu mesma. Bem... uma garota. – Para ter certeza, ela movimentou o espelho de uma bochecha para a outra.

– Uma jovem mulher. – Homero corrigiu. – E uma bastante desgredada.

Ela olhou-se de um lado para o outro algumas vezes, piscou para Homero como se quisesse perguntar alguma coisa, pensou sobre isso novamente, silenciou por um

momento e reuniu toda a sua coragem.

– Eu sou feia?

O velho limpou a garganta. Ele precisou segurar-se para não rir.

– Difícil dizer. Embaixo de toda essa sujeira é difícil.

Sasha ergueu a sobrancelha.

– Qual é o problema? Os homens não conseguem sempre sentir se uma mulher é bonita ou não? Você precisa se arrumar e se mostrar?

– Parece que sim. E as mulheres geralmente usam isso para nos enganar. –

Homero precisou rir. – A maquiagem faz maravilhas no rosto de uma mulher. Mas no

seu caso, não é preciso reparar uma pintura, apenas limpá-la. Quando você consegue

ver apenas os pés de uma estátua arcaica, você não consegue dizer como ela aparenta.

– Então ele adicionou – Mesmo que a chance de ser bela seja grande.

– O que quer dizer arcaica? – Sasha perguntou incerta.

– Velha – Homero divertia-se.

– Mas eu tenho só dezessete!

– Vamos descobrir. Depois da escavação.

O velho inclinou-se sobre a mesa, abriu seu caderno na última página que escrevera, e começou a ler suas anotações outra vez. Subitamente, sua face ficou sombria.

Se alguém nos escavasse um dia... A garota, ele e todos os outros. E se em milhares de anos, os arqueologistas explorando as ruínas de Moscou, da qual nem mesmo o nome saberiam, subitamente descobrissem a entrada deste labirinto subterrâneo? Provavelmente pensariam que é uma catacumba gigante. Ninguém acreditaria que nestas catacumbas viveram pessoas. Elas chegariam à conclusão de que

esta grande civilização tornara-se apenas uns poucos indivíduos em seus últimos dias,

e enterraram seus líderes com todas as suas posses, armas, servos e concubinas.

Seu livro possuía apenas oito páginas livres. Seriam o suficiente para guardar ambos os mundos: o da superfície e o do metrô?

– Está me ouvindo? – A garota sacudiu o braço de Homero.

– O quê? Perdão, estava perdido em pensamentos. – Ele esfregou a testa.

– As estátuas arcaicas são mesmo belas? Quero dizer, o que as pessoas achavam belo antigamente ainda é belo hoje?

O velho encolheu os ombros.

– Sim.

– E amanhã também?

– Possivelmente. Se ainda restar alguém para julgar.

Sasha ficou em silêncio, pensando em algo. Homero não tentou continuar a conversa, e afundou de volta em seus pensamentos. Após algum tempo, ela perguntou,

surpresa:

– Isso significa que sem pessoas não existe beleza?

– Provavelmente não. – Ele respondeu confuso. – Se ninguém é capaz de enxergá-la... Animais não são capazes...

– Mas se os animais distinguem-se dos humanos porque não são capazes de enxergar a beleza e a falta dela, os humanos podem existir sem a beleza?

O velho balançou a cabeça.

– Sim, certamente. Muitos não precisam dela.

Neste momento a garota retirou um estranho objeto de seu bolso: um pequeno pedaço quadrado de plástico, com uma figura desenhada. Tímida e orgulhosa ao mesmo tempo, como se mostrasse seu maior tesouro, ela segurou-o na direção de

Homero.

– O que é isso?

– Diga-me você. – Um sorriso esperto correu em seu rosto.

– Bem. – ele pegou o pedaço quadrado de plástico com cuidado da mão dela, leu a impressão e devolveu para ela. – É a embalagem de um saquinho de chá. Com uma

imagem nele.

– Uma imagem bela. – Ela corrigiu. – Se não fosse por isso, teria me tornado um animal...

Homero olhou para a garota. Ele sentiu seus olhos encherem-se de lágrimas e a respiração tornar-se mais difícil. Idiota sentimental! ele amaldiçoou a si mesmo. Ele

limpou a garganta e suspirou.

– Você nunca esteve na superfície, na cidade? Digo, exceto por essa vez conosco?

– Não, e? – Sasha recolocou a embalagem no bolso. – Quer me dizer que lá fora não é mais como nesta figura? Que não há existe mais nada como isso? Eu já sei. Sei

como a cidade parece, as casas, a ponte e o rio. Destruídos e vazios.

– Nem um pouco – Homero respondeu. – Eu nunca vi nada tão belo. Você age como se julgasse o metrô inteiro por ter visto apenas uma plataforma. Como poderia

descrever? Edifícios mais altos que montanhas, ruas largas fluindo como o rio nas montanhas. Um céu que nunca fica escuro, e névoa brilhante... Uma cidade muito

ambiciosa, de vida curta, assim como seus antigos milhões de habitantes. Louca e caótica. Influenciada pela combinação daquilo que não pode ser combinado.

Construída sem planejamento. Mas tão viva! – Suas mãos tornaram-se punhos, como



se ele estivesse furioso com o mundo. – Você não poderia entender. Deveria ver com

seus próprios olhos... – Neste momento, ele estava convencido que ela precisava subir

até a superfície, para poder enxergar tudo como ele enxergava. Ele não percebeu que

ela nunca havia visto a cidade quando era viva.

\*\*\*

Homero falou com alguém e eles a levaram pela barricada até Hanza na estação

vizinha, onde estavam os chuveiros. Sob vigilância, como se fosse levada para uma

execução. A única coisa que ambas Paveletskaya tinham em comum era o nome. Elas

eram como duas irmãs separadas no nascimento, e uma havia crescido com uma família

rica, e a outra cresceu em uma estação pobre, ou até mesmo em um túnel.

Os quartos eram sujos e descuidados, mas claros e espaçosos. A estação

pertencente ao Anel causava uma impressão mais inclinada, esnobe, mas estava sempre

acesa e reluzente. Provavelmente caravanas e mercadores estavam chegando. Nada

acontecia a essa hora, os que não trabalhavam pareciam preferir as massas da estação

vizinha, e não a rigidez do Anel.

No vestiário, Sasha estava sozinha. As paredes eram cobertas por ladrilhos

amarelos, e o chão coberto por piso hexagonal, quebrado em alguns lugares. Havia

também armários de aço pintados, para roupas e sapatos, uma lâmpada em um

cabo,

dois bancos de couro artificial, cobertos de arranhões... Ela não conseguia parar de olha

à sua volta. Ela pegou uma toalha incrivelmente branca, e um pedaço quadrado pesado

de sabão cinza, e trancou o chuveiro por dentro. A pequena toalha quadrada, o cheiro

um pouco desagradável do sabão, eram uma parte de um passado distante para Sasha,

quando ela era a filha amada e protegida do comandante. Ela já havia esquecido que

aquelas coisas existiam. Apressada, ela retirou as roupas cobertas de sujeira e entrou

no chuveiro feito de um cano enferrujado.

Com um pouco de esforço, ela abriu a válvula e quase queimou a mão com a

água quente. Ela pressionou-se contra a parede, saindo do caminho da água, e abriu a

outra válvula. Finalmente ela encontrou a temperatura certa e parou de dançar ao redor

e entrou embaixo da água. A água levou toda a poeira, cinzas, óleo de máquina e sangue, dela e de outras pessoas, cansaço, tristeza, dúvidas ralo abaixo. Levou algum

tempo até que a água corrente saísse limpa. Seria o suficiente para o velho parar de

zombar dela? Sasha olhou para seus pés limpos como se não fossem dela, e para as

mãos anormalmente brancas. Seria o suficiente para os homens reconhecerem sua

beleza?

Talvez Homero estivesse certo, foi uma bobagem visitar o homem ferido antes de ter se limpado. Ela provavelmente ainda precisava aprender estas coisas. Ele reconheceria sua mudança? Ela fechou a água, voltou para o vestiário e abriu o espelho...Não, seria impossível não reconhecer!

Ela relaxou na água quente, e todas as suas dúvidas haviam silenciado. Hunter dissera algo sobre não ter matado a criatura por ela, mas havia sido uma parte de sua

luta em seu sonho. Ele não dissera não para ela. Ela só precisava esperar que ele acordasse outra vez. Se ela estivesse com ele, ele entenderia. E depois? Por que ela

deveria pensar nisso agora? Ela sabia o suficiente, ela poderia confiar sua vida à ele.

Outra vez ela pensou em como ele virava de um lado a outro em seu estado febril. Sem

saber por que, ela sabia que ele estava procurando por ela. Ela podia fazê-lo descansar,

trazer paz e equilíbrio para ele novamente. Ela sentiu-se aquecida quando pensou nele.

Eles levaram seu macacão sujo e prometeram lavá-lo. Ao invés disso, ela recebeu jeans azul brilhante e um suéter com alguns furos. As roupas novas eram muito

pequenas para ela, e quando ela voltou para o posto da guarda, podia sentir os homens

olhando para ele de tal maneira que ela achou que precisaria de uma nova chuveirada

antes de ir para a cama.

O velho não estava no quarto, e ela não permaneceu por muito tempo. Após alguns minutos, a porta abriu-se e um médico entrou.

– Você já pode visitá-lo – disse ele. – Ele está acordado.

\*\*\*

– Que dia é hoje?

O brigadeiro colocou o peso do corpo sobre o cotovelo, levantou a cabeça e encarou Homero. Ele olhou para seu pulso imediatamente, apesar de não usar um

relógio há anos. Em seguida esticou os braços e encolheu os ombros. A enfermeira

interview.

– Dois. Novembro.

– Três dias – Hunter caiu de volta no travesseiro. – Estou deitado aqui há três dias. Precisamos ir ou será tarde demais.

– Você não irá longe – o enfermeiro falou. – Quase não tem mais sangue em seu corpo.

– Precisamos ir – repetiu o brigadeiro. – O tempo está passando... Os bandidos...

– Subitamente ele parou. – Por que vocês precisa de uma máscara?

Homero sabia que a pergunta viria mais cedo ou mais tarde. Ele teve três dias para construir e organizar sua defesa. Hunter ter estado inconsciente o impediu de

perceber, mas agora ele tinha uma boa mentira pronta. Ele baixou a cabeça para a cama

do homem enfermo e sussurrou:

– Não existem bandidos. Enquanto você delirava... você falou o tempo inteiro.

Eu sei de tudo.

– O que você sabe? – Hunter o agarrou pelo colarinho e o arrastou.

– Da epidemia em Tulskeya... Está tudo bem. – Homero acenou para o enfermeiro que queria intervir. – Preciso conversar com ele. Você se importa?

O enfermeiro desistiu relutante, cobriu a agulha e deixou-os sozinhos.

– Sobre Tulskeya... - Hunter ainda manteve os olhos vermelhos fixos nele, mas seu aperto de ferro afrouxou gradualmente. – O que mais?

– Apenas que alguma infecção desconhecida propagou-se na estação. Que é transmitida pelo ar. E que nossos homens colocaram-na em quarentena para esperar

por ajuda.

– Se você diz. Tudo bem... – O brigadeiro o soltou. – Sim, é endêmico. Está com medo de se infectar?

– É melhor prevenir do que remediar – Homero respondeu com cuidado.

– Sim, sim. Está certo... eu não cheguei muito perto e o ar estava se movendo na outra direção... Provavelmente nada aconteceu.

Homero encontrou sua coragem novamente.

– Por que a história dos bandidos? Qual seu plano?

– Primeiro ir para Dobryninskaya, para fazer um acordo. Depois limpar a Tulskeya. Precisamos de lança-chamas. Não podemos fazer mais nada...

– Queimar a estação inteira? E os nossos homens?

Homero esperava que suas palavras o fizessem mudar de ideia da mesma maneira que aconteceu no escritório dos líderes da Sevastopolskaya.

– Eles já são mortos vivos. Não há saída, Todos que entraram em contato com

os infectados já está infectado. Todo o ar está infectado. Eu ouvi falar dessa doença...

– Hunter fechou os olhos e passou a língua nos lábios sangrentos. – Não existe cura.

Há alguns anos tivemos um surto similar. Dois mil mortos.

– E acabou?

– Houve um cerco. Lança-chamas. – o brigadeiro virou o rosto coberto de cicatrizes para Homero. – Não existe outra saída. Se existe um surto e apenas uma

pesoa escapa... Acabou para nós. Sim, aquilo sobre bandidos era uma mentira. De

outra maneira, Istomin nunca concordaria em matá-los. Ele é muito mole. Consegurei

pesoas que não fazem perguntas.

– Mas e se houver pessoas que são imunes à doença? E se ainda houver pessoas saudáveis lá? Eu... Você disse... Talvez ainda tenha alguém que possamos conversar..

– Não há imunidade – o brigadeiro o cortou. – Todos que entraram em contato infectaram-se. Não existem pessoas saudáveis lá, apenas o que resistem mais tempo. E

vai ser pior para eles. Eles sofrerão por mais tempo. Acredite, é melhor para eles se

eu... Se eles forem mortos.

– E o que isso trará a você? – Homero recuou da maca de Hunter e outra vez percebeu que seu olho com a cicatriz não se fechava completamente. Hunter esperou

tanto para responder que o velho queria chamar o médico outra vez. Mas em

seguida o

brigadeiro falou devagar, arrastado, com os dentes cerrados, como se estivesse hipnotizado e procurasse por memórias perdidas do passado.

– Eu preciso. Defender a humanidade. Eliminar as ameaças. Estou aqui apenas para isso.

\*\*\*

Ele encontrara a faca? Entendera que era um presente dela? E se ele não adivinhasse e não enxergasse a promessa nela? Ela apressou-se pelo corredor e descartou aqueles pensamentos ansiosos. Ela não fazia ideia do que diria a ele... Uma

pena que ela não estivera ao lado de sua cama quando ele acordou...

Sasha ouviu quase toda a conversa. Silenciosamente ela ouviu atrás da porta e estremeceu quando ele falou sobre a matança. Obviamente ela não entendeu tudo, mas

ela não precisava. Ela ouviu as partes mais importantes, não havia mais por que esperar.

Em seguida ela bateu na porta.

Quando o velho virou-se, ela podia ver o desespero em seu rosto. Ele quase não se moveu, como se desta vez tivessem dado a ele a injeção para acalmá-lo, e isso

extinguiu a chama em seus olhos. Ele assentiu com a cabeça para Sasha, sem nenhuma

força de vontade, como um condenado à morte com a corda no pescoço. A garota

sentou-se na beirada da cadeira, mordeu o lábio e segurou o fôlego antes de entrar neste

novo e inexplorado túnel.

– Você gostou da minha faca?

– Que faca? – Hunter olhou ao redor e viu a lâmina negra. Seu rosto não se moveu, mas olhou para Sasha com desconfiança. – O que isso significa?

Pareceu como se alguém a socasse bem no meio do rosto.

– É para você. A sua quebrou. Quando você... Obrigada...

Por alguns momentos, um silêncio constrangedor permaneceu no quarto. Em seguida ele disse:

– Presente estranho, Não aceitaria um de ninguém.

Ela acreditou ter ouvido uma pista em suas palavras, algo com um segundo significado que não foi dito. Ela aceitou o jogo sem conhecer as regras e procurou por

palavras adequadas. O que emergiu foi desajeitado, sem sentido, pois Sasha não estava

acostumada a descrever o que sentia.

– Não sente que carrega uma parte de mim dentro de você? A peça que arrancaram de você... Que você estava procurando... E que eu devolvi?

– Sobre o que você está falando?

Foi como um balde de água fria despejado sobre sua cabeça. Sasha estava tremendo, mas se manteve firme.

– Você sente isso. Que é complete comigo. Que eu preciso e devo estar perto de você. Por que mais teria me trazido junto com você?

– Eu fiz um favor ao meu companheiro – seu olhar era vazio.

– Por que me defendeu das pessoas na dresina?



- Eu os teria matado de qualquer maneira.
- Por que me salvou da criatura?
- Preciso acabar com todas.
- Ela deveria ter me devorado!
- Você não está feliz por estar viva? – Ele perguntou surpreso. – Então você só precisa subir a escada. Existem mais delas.
- Eu... você quer que eu...
- Não quero nada de você.
- Vou ajudar você a parar!
- Você está se apegando a mim.
- E você não sente nada, que...
- Não sinto nada. – As palavras dele foram frias.

Mesmo a garra grotesca do monstro pálido não atingira tão profundamente.

Surpresa, Sasha levantou-se e correu para fora do quarto.

\*\*\*

Ela observou o quarto vazio. Deixou-se cair em um canto, rolou o corpo procurando por seu espelho de bolso para livrar-se dele, mas não conseguiu encontrá-

lo. Provavelmente caíra no quarto de Hunter. Quando as lágrimas secaram, ela sabia o

que precisava fazer. Não havia tempo para empacotar. O velho a perdoaria por pegar

sua Kalashnikov, ele a perdoaria por qualquer coisa. No quarto ao lado, ela encontrou

seu traje de radiação pendurado em um gancho, limpo e descontaminado, como

se um

mágico limpasse o corpo morto do homem gordo, para assim Sasha entrar dentro dele

uma vez mais. Seguindo-a pela eternidade.

Ela escorregou para o traje, saiu do quarto para o corredor com passos pesados e atravessou a porta para a plataforma do trem. Em algum lugar ela ouviu o eco enfraquecido da música mágica, mas não teve tempo de encontrar sua origem. Apenas

parou por um momento... e resistiu à tentação, aproximando-se de seu objetivo.

Durante o dia havia apenas um guarda na escada rolante. Enquanto estivesse claro lá fora, as criaturas deixavam os habitantes da estação em paz.

Sasha não precisou de cinco minutos para explicar sua situação. O caminho para a superfície estava sempre aberto. Era impossível, porém, voltar pela escada rolante.

Ela entregou metade de sua revista para o guarda prestativo, e deu o primeiro passo

que a levaria até o céu.

Então levantou sua perna e começou a subir.

## **12 – Sinais**

Em seu lar na Kolomenskaya, o caminho para a superfície não era longo:

exatamente cinquenta e seis passos contados. A Paveletskaya, porém, era muito mais

profunda. Enquanto Sasha pisava a escada rolante, esburacada pelas metralhadoras, ela

não conseguia ver o fim da subida. Sua lanterna possuía claridade suficiente apenas

para retirar da escuridão os vidros quebrados das luminárias e as faces escurecidas de

placas enferrujadas penduradas.

Por que ela queria subir? Por que morrer? Mas quem recisava dela aqui embaixo?

Quem realmente precisava dela, como uma ser humano e não como personagem de um

livro? Por que ela deveria continuar enganando-se...? Quando Sasha deixou o corpo de

seu pai na solitária Kolomenskaya, ela acreditava estar completando a fuga que ele

começara. Carregando uma parte dele em si mesma, ela pensou que isso o ajudaria a

se libertar. Mas desde aquele momento, ele nunca apareceu em seus sonhos, e quando

ela tentava invocar a imagem dele em sua imaginação, e compartilhar com ele o que

ela vivera, ele aparecia apenas obscuro e silencioso.

Seu pai não pudera perdoá-la por tê-lo salvo daquela maneira.

Dos livros que ele trazia de tempos em tempos, que ela lia sempre que possível antes de trocá-los por comida e munição, um velho livro de botânica era seu favorito.

As ilustrações não eram coloridas, apenas figuras em preto e branco desbotadas e

desenhos, mas nos outros livros que ela pegara quase não haviam imagens. De todas

as plantas, ela gostou mais da hera: ela sentia que pertencia à sua alma. Como as orquídeas, a hera precisava de algo para apoiar-se. Para crescer. Para a luz.

Tudo que

ela precisava era de um tronco para apoiar-se e abraçar. Não para roubar sua luz ou

calor. Mas porque sem isso, ela era muito vacilante, não possuía espinha suficiente para

manter-se em pé. Para manter-se por si só, precisaria arrastar-se pelo chão.

Seu pai havia dito que ela não deveria depender de mais ninguém. Exceto por ele mesmo, ele sabia que não existia mais ninguém naquela estação esquecida, e sabia

também que não viveria para sempre. Ele preferiria vê-la crescer como uma árvore, e

não como uma hera. Mas ele esquecera que isso não estava em sua natureza feminina.

Sasha sobreviveria sem seu pai. Sem Hunter. Mas unir-se com outro ser humano havia

sido o único motivo para ela pensar no futuro. Quando ela abraçou o brigadeiro na

dresina em movimento, sua vida ganhara uma nova sustentação. Ela lembrou-se que

era perigoso contar com outros, e indigno depender de alguém. O difícil fora dominar

o pensamento e explica-lo a Hunter.

Sasha apenas queria apoiar-se, mas ele pensou que ela queria agarrar-se. Agora que não havia ninguém para isso, e também havia chutada, pareceu desonroso continuar procurando-o. Ela a mandara embora, disse que ela deveria ir até a superfície,

então seria assim. Quando algo acontecesse com ela seria culpa dele, estava apenas em

poder dele mudar isso.

Finalmente, seus passos alcançaram a saída. Sasha parou na borda de um salão de mármore gigantesco, o teto de metal esburacado sustentado por poucos pilares.

Pelos buracos à distância, era possível enxergar brilhantes raios de luz. Eles eram de

uma cor surpreendente branca acinzentada, e alguns brilhavam na direção de Sasha.

Ela desligou a lanterna, segurou o fôlego, e continuou silenciosamente.

Vestígios de tiros e estilhaços nas paredes da saída da escada rolante apontavam a presença humana. Mas apenas alguns passos além, outras criaturas reinavam. Nas

pillas secas de sujeira por toda parte, estavam presos ossos e pedaços de pele, e Sasha

soube que estava dentro de uma caverna habitada por animais selvagens. Ela cobriu os

olhos contra a luz ofuscante, e aproximou-se da saída. Quanto mais perto ela chegava

da origem da luz, mais profundas as sombras dos cantos tornavam-se, neste gigantesco

salão onde ela pisava. Ela gradualmente acostumou-se com a luz, mas também perdeu

seu costume com a escuridão. Quiosques arruinados, montes de lixo inimagináveis e

máquinas técnicas velhas e descascadas preenchiam os salões vizinhos. Parecia que os

humanos que usavam este salão da Paveletskaya haviam armazenado ali tudo que

poderiam usar, até que um dia criaturas mais fortes os afugentaram.

De tempos em tempos, Sasha pensou que podia ver movimentos quase imperceptíveis nos cantos escuros, mas acreditou que era por causa de seu crescente

ofuscamento. A escuridão já era bastante densa para que ela pudesse ver as silhuetas

dos monstros adormecidos ao lado das montanhas de lixo. O ar moveu-se gradualmente

sobre sua cabeça, soou como uma respiração pesada, e Sasha percebeu que apenas a

alguns metros dela estava um monte que mexia-se ligeiramente. Ela parou, ouviu e

encarou os contornos dos quiosques arruinados. Entre os destroços, ela viu uma estranha corcova e congelou.

O monte que enterrara-se na pequena casa estava respirando. Quase todos os outros montes moviam-se no mesmo ritmo. Para ter certeza, Sasha ligou a lanterna e

direcionou para um dos montes. O raio de luz fraco expôs o couro branca enrugado que

cobria um peito gigante. Era uma das quimeras que quase a mataram, apenas bem

maior. As criaturas estavam em um estado de estase, e pareciam não notá-la.

Subitamente o animal grunhiu, suspirou pelas fendas oblíquas de seu focinho, e começou a mover-se. Rapidamente Sasha apagou a lanterna e apressou-se. Os poucos

passos atravessando o campo assustador custou todas as suas forças. Quanto mais ela

afastava-se da entrada do metrô, menor a distância em que as quimeras

deitavam ao

lado das outras, e mais difícil de encontrar um caminho livre de seus corpos.

No entanto, era muito tarde para dar meia volta. No momento, Sasha não importava-se como iria voltar para o metrô, apenas em como passar pelas criaturas sem

ser notada. Permanecer invisível, despercebida... Se elas não acordassem, se elas a

deixassem passar... ela não precisava de um caminho de volta. Ela quase não atreveu-

se a respirar, nem pensar, e vagarosamente alcançou a saída. Um ladrilho partido do

chão fez um barulho traiçoeiro sob sua bota. Outro passo errado ou barulho acidental,

eles acordariam e a destroçariam imediatamente.

Sasha não podia espantar o pensamento de que há pouco tempo atrás, talvez ontem ou antes de ontem, ela havia vagado entre monstros adormecidos também, então

ao menos o sentimento era familiar para ela. Subitamente, ela parou. Sasha sabia:

algumas vezes, pode-se sentir o olhar de estranhos em sua nuca. E mesmo que estas

criaturas não tivessem olhos para vasculhar o local, ela sentiu claramente um olhar

intrusivo encarando-a. Ela não precisava virar-se para saber que uma das criaturas

havia acordado e virado a cabeça pesada na direção dela.

Mas ela virou-se.

A garota desapareceu e Homero não importou-se de procurar por ela. Para ser honesto, ele não se importava com mais nada no momento. O diário do operador de

rádio havia deixado uma pequena esperança de que Homero poderia ser poupado pela

doença, e Hunter extinguiu-a com sua bota impiedosamente. Homero iniciou uma bem

preparada conversa, um tipo de sentença de morte. Mas ele não queria seu perdão, ou

esperava por ele. Homero era o único responsável por seu próprio destino inevitável.

Apenas mais algumas semanas, talvez menos. Apenas dez páginas restavam em seu

pequeno livro com capa de plástico. Ele ainda tinha tanto a dizer. Para Homero não era

apenas um desejo, era seu dever. Mesmo que o descanso indesejado estivesse chegando

muito em breve. Ele esticou o papel para continuar do ponto onde parou, quando o

médico o interrompera. Mas outra vez sua mão escreveu: O que restará de mim?

E dos desafortunados prisioneiros na Tulskeya? Talvez eles já tenham perdido a esperança, talvez ele ainda esperassem por ajuda, e neste caso teriam um final cruel à

sua frente. Suas memórias? Não havia ali muitas pessoas das quais ele ainda lembrasse.

Memórias não eram mausoléus muito resistentes. Se Homero morresse no futuro próximo, todos aqueles que ele conhecera uma vez morreriam com ele. Até mesmo sua



Moscou individual seria dissolvida a nada.

Onde estava ele? Na Paveletskaya? O jardim circular estava agora vazio e sem vida, pois nas últimas horas eles realocaram o equipamento militar pesado, para que os

paramédicos e escolta policial pudessem passar livremente. Fora das ruas laterais erguiam-se prédios destruídos, como dentes apodrecidos e meio caídos...  
Homero

podia imaginar a paisagem acima dele, apesar de nunca ter visto pessoalmente.  
Antes

da guerra, ele estivera ali em cima. Ele tinha um encontro com sua noiva em um café,

um local ao lado do metrô, e mais tarde foi até uma matinê no cinema. Ele também

lembrava-se de ter feito um exame médico caro e desajeitado para sua carteira de

motorista. E que também costumava sair por esta estação com os colegas para um

churrasco na floresta...

No papel quadrado de seu caderno, subitamente surgiu a estação ferroviária na bruma do outono, e ambas as torres empoeiradas imergindo, um novo prédio de escritórios no Anel onde um de seus amigos trabalhava, e o sinuoso topo de um novo

hotel, com um teatro igualmente caro ao lado. Uma vez, ele perguntara pelo preço do

ingresso, e custava mais do que ele ganhava em duas semanas. Viu e até mesmo ouviu

os bondes de aparência áspera, pintados em branco e azul, abarrotados de passageiros

insatisfeitos, e a raiva desta multidão inofensiva o fez sorriu, o jardim circular, magnificamente aceso por milhares de luzes cintilantes como uma guirlanda gigantesca, tímidos flocos de neve que não encaixavam no cenário, derretendo quando

tocavam o asfalto escuro, e a multidão era uma miríade de partículas, pessoas abarrotadas, esbarrando umas nas outras, ao mesmo tempo rápida e caótica, mas todos

movendo-se em uma linha circumspecta.

Ele viu a avenida entre os monólitos da época de Stalin, onde vagorosamente o grande rio do jardim circular fluía para a praça. Centenas de janelas brilhavam como

pequenos aquários de ambos os lados da rua. O brilho do neon das placas e gigantescos

anúncios que cobriam onde logo estariam edifícios altos de vários andares... mas ninguém seria capaz de terminá-los algum dia. Ele vislumbrou tudo, e entendeu que

não poderia descrever esta bela imagem de qualquer maneira. No fim, o que mais

restaria além de sepulcros destruídos e cobertos de musgo dos centros comerciais e

hotéis luxuosos?

Ela não voltou, nem após uma hora e nem após três. Preocupado, Homero procurou por toda a estação, perguntando aos mercadores e músicos, e até mesmo aos

guardas da entrada para Hanza. Nada. Era como se o chão a tivesse engolido completamente. O velho não sabia o que fazer. Mais uma vez, ele encostou-se na porta

do quarto onde o brigadeiro estava deitado. Ele era a última pessoa com quem Homero

gostaria de conversar sobre o desaparecimento da garota, mas o que mais poderia fazer?

Hunter estava deitado, respirando pesadamente e encarando o teto. Seu braço direito estava estendido na coberta, seu pulso com feridas recentes. Dos pequenos cortes, o sangue pingava na cama, mas o brigadeiro não parecia notar.

– Quando estará pronto para partir? – ele perguntou a Homero sem se mover.

– Apenas por mim, imediatamente. – O velho hesitou. – Mas... não consigo encontrar a garota. E como espera andar em sua condição? Você ainda não está totalmente...

– Eu sobrevivo. – respondeu o brigadeiro. – Além disso, a morte não é o pior que pode acontecer. Empacote suas coisas. Em menos de meia hora estarei em pé

novamente. Partiremos para Dobry ninskaya.

– Uma hora é o suficiente para mim. – Homero disse apressadamente. – Mas primeiro preciso encontrá-la. Quero que ela vá conosco... Realmente preciso dela, entende...

– Partirei em uma hora. – Hunter disse. – Com ou sem você. E também sem ela.

– Eu não entendo, onde ela poderia ter ido? – Homero suspirou desapontado. – Se eu apenas soubesse...

– Eu sei onde ela foi – Hunter disse indiferente. – Mas você não pode trazê-la de volta de lá. Pegue suas coisas.

Homero recuou e piscou os olhos. Ele estava acostumado com a frieza inumana

do brigadeiro, mas desta vez recusou-se a acreditar nele. E se Hunter estivesse mentindo de novo, mas desta vez para livrar-se de bagagem desnecessária?

– Ela disse que você precisaria dela...

– Preciso de você. – Hunter moveu a cabeça na direção de Homero. E você precisa de mim.

– Para quê? – Homero sussurrou.

– Depende muito de você. – O brigadeiro ouvira ele. Ele lentamente fechou os olhos, e abriu novamente. A cama rangeu quando Hunter levantou-se trincando seus

dentes. – Agora vá. Pegue suas coisas, assim estará pronto a tempo de partir.

Antes de sair do quarto, Homero parou por um momento e pegou o estojo vermelho de maquiagem do chão. Estava quebrada, e as bordas estavam dobradas e

soltas. O espelho estava fragmentado. Homero virou-se e disse para Hunter:

– Não posso partir sem ela.

\*\*\*

A quimera era quase duas vezes maior que Sasha. Sua cabeça alcançava o teto.

As garras curvavam-se quase até o chão. Sasha sabia como estas criaturas eram rápidas,

e com que velocidade inacreditável elas atacavam. Para alcançar a garota, ela somente

precisava dar um passo grande para frente. Seria o suficiente. Mas de algum modo, o

animal hesitou. Não havia serventia em disparar, e Sasha não era capaz nem mesmo de

levantar o rifle. Ela deu um passo para trás, para a saída. A quimera rosou e

andou na

direção da garota... Mas nada mais aconteceu. O monstro permanecia no mesmo lugar,

encarando com sua face cega. Sasha atreveu-se a dar mais um passo, e outro. Sem

retirar os olhos do animal sem demonstrar medo, ela aproximou-se da saída. A criatura

continuou seguindo seu movimento, apenas alguns metros à frente da garota. Como se

quisesse acompanhá-la até a saída. Apenas quando Sasha estava a apenas dez metros

da abertura ofuscante, ela não aguentou mais e começou a correr. A criatura gritou e

correu rapidamente. Sasha quase voou para fora com os olhos fechados, até que tropeçou e escorregou no chão duro e áspero. A quimera a alcançaria a qualquer momento e estraçalharia a garota, mas o predador não a seguiu. Um longo minuto

passou, e depois outro... Ao redor de Sasha, nada além de silêncio.

Sasha manteve os olhos fechados enquanto procurava nos bolsos pelos óculos caseiros que ela comprou do guarda. Era feito de dois fundos de garrafas de vidro verde

escuro, unidos por uma armação de anéis de ferro e alguns elásticos. Os óculos podiam

ser usados sobre a máscara de gás. Ela não poderia abrir os olhos sem ser ofuscada pela

luz. Vagarosamente, ela os abriu. Primeiramente hesitante e com a cabeça abaixada,

mas em seguida com mais coragem ela olhou ao redor do estranho lugar que ela

chegara.

Sobre sua cabeça estava o céu. Céu de verdade, brilhante e inalcançável. Havia mais luz do que qualquer fonte artificial poderia criar algum dia. Tudo estava coberto

pelo mesmo tom de verde. Em alguns lugares havia nuvens baixas, mas entre elas

existia um verdadeiro abismo.

O sol! Através da fina camada de nuvens, ela podia vê-lo: um círculo tão grande quanto uma caixa de fósforo, branco e tão brilhante que poderia abrir um buraco nos

óculos a qualquer momento. Temerosa, ela olhou para baixo, esperou um momento e

olhou novamente de maneira discreta. Era um pouco decepcionante: não era nada além

de um buraco brilhante no céu, por que toda a idolatria? Mas não, era mais que isso,

havia algo nele que atraía e emocionava.

Quando Sasha deixou a escuridão da caverna na qual aquelas criaturas viviam, a saída quase brilhara tanto quanto o sol. E se ele fosse apenas uma saída para outro

lugar, para onde podia-se fugir, onde nunca existia escuridão? Assim ela poderia escapar do solo do qual ela acabara de subir? Ela sentiu o calor fraco, quase imperceptível do sol, como o calor de um ser vivo. Sasha estava parada em um deserto

de pedra; ao seu redor estavam velhas casas semidestruídas. As aberturas escuras das

janelas elevavam-se por dez andares. Havia tantas delas, que elas sobrepunham-se

umas às outras, como se tentassem aglomerar-se para ver Sasha melhor. Atrás delas

existiam prédios ainda mais altos, e atrás destes outros ainda mais altos, verdadeiros

gigantes. Inacreditavelmente, Sasha conseguia visualizar todos eles. Estavam inteiros

cobertos com a estúpida cor verde, mas a terra sob seus pés, o ar sob este céu incrivelmente claro e sem fim, eram reais. E além, abria-se uma amplitude inimaginável.

Apesar de seus olhos serem acostumados com a escuridão, eles não foram feitos para ela. Nas horas noturnas do abismo da ponte do metrô, ela havia visto apenas os

prédios feios na área dos cem metros próximos da porta hermética. Atrás deles havia

escuridão, tão densa que nem mesmo Sasha, que nascera abaixo da terra, poderia

enxergar. Ela nunca fora capaz de perguntar-se quão grande era o mundo em que vivia.

Para ela, existia apenas este pequeno e escuro casulo, algumas centenas de metros para

todas as direções. Atrás dos edifícios, havia sido sempre um abismo, a fronteira de seu

universo, escuridão absoluta. E mesmo sabendo que o planeta era muito maior, nunca

fora capaz de imaginá-lo. Neste momento ela percebeu que seria impossível.

Estranhamente, ela não estava com medo em meio a esta terra de ninguém

interminável. Quando ela voltava para o metrô, sempre sentia que estava arrastando-se

de volta para sua armadura, mas agora sentia-se saindo de sua concha. Durante o dia,

era possível enxergar todos os perigos à distância, e Sasha tinha tempo mais que suficiente para esconder-se.

E, subitamente, ela sentiu a desconhecida sensação de estar em casa. O vento carregava arbustos de amarelo seco sobre a praça, rolando monótonos pelas fachadas

destruídas das casas, e soprava em suas costas, dando a ela uma nova coragem, direcionando-a a explorar este novo mundo. Ela não tinha escolha: voltar para o metrô

significava pisar nesta construção onde os monstros estavam, e eles não mais dormiam.

De tempos em tempos, seus corpos brancos apareciam nas saídas e desapareciam

rapidamente. Parecia que as quimeras não gostavam da luz do dia.

Mas o que aconteceria se o dia tornasse noite? Se Sasha quisesse ver alguma coisa antes de morrer, tudo aquilo que o velho descrevera, ela precisava distanciar-se

deste lugar o máximo possível. Sasha começou a correr.

Ela nunca sentira-se tão pequena. Parecia improvável que estas construções gigantes foram criadas por humanos de seu tamanho. Para que precisavam deles?

Seriam as pessoas preparadas pela natureza para a vida difícil nos apertados túneis e

estações? Estas construções, por outro lado, devem ter sido construídas pelos ancestrais

orgulhosos dos pequenos humanos que eles tornaram-se. Eles devem ter sido



poderosos, altos e imponentes, como os edifícios onde viveram. Edifícios que foram

abandonados, deixando o solo coberto por uma crosta de pedras cinzas, estilhaçadas

em algumas partes.

Em uma fração de momento, o mundo havia se tornado ainda maior: daquele lugar, a vista abria-se pela distância, fazendo parar o coração de Sasha, e girar sua

cabeça. Ela encostou-se na parede de um edifício coberta por bolores e fungos, cuja

simples torre de relógio parecia suportar as nuvens, e tentou imaginar como era a cidade

quando ainda estava viva...

Sobre a rua, isto era uma rua sem nenhuma dúvida, seres humanos belos e altos andavam com suas roupas coloridas, que faziam até os mais coloridos vestidos da

Paveletskaya parecerem pobres e risíveis. Pelas massas resplandecentes, automóveis

moviam-se como os vagões dos trens do metrô, mas muito menores, de modo que

apenas quatro passageiros cabiam neles. As casas pareceram menos escuras. Nas

janelas havia vidro transparente, e nenhuma sombra. Sasha viu pequenas pontes anexadas às casas em diferentes alturas. O céu também não estava vazio: aviões de

tamanhos indescritíveis flutuavam através das nuvens, suas barrigas quase tocando os

telhados das casas. Seu pai explicara uma vez que enquanto voavam, não batiam as

asas, mas ficavam fixas, mas na imaginação de Sasha, eles eram como gigantes libélulas, suas asas quase invisíveis, vibrando por toda parte e refletindo fracamente os

raios esverdeados do sol.

E choveu.

Era apenas água caindo do céu, mas a sensação era esmagadora. Esta água celestial não lavava apenas a sujeira e o cansaço, como os esguichos quentes do chuveiro, mas limpava por dentro e dava a sensação de perdão por todos os seus erros.

Era um banho mágico, que consumia toda a amargura dos corações, renovava e rejuvenescia. A chuva dava a ela vontade de viver e o poder para isso ao mesmo tempo.

Exatamente como o velho disse...

Sasha acreditou tão fortemente neste mundo, ela o desejara tanto, e finalmente podia vê-lo. Ela imediatamente ouviu o som delicado das asas transparentes no céu, o

gorjeio alegre das massas, a batida gradual das rodas de ferro e o som corrente da chuva

morna. E subitamente ela lembrou da melodia que ouvira no dia anterior..

Ela sentiu uma pontada dolorosa no peito, endireitou-se e correu para a rua, para a corrente de pessoas, ao redor dos pequenos vagões presos na multidão e levantou o

rosto em direção às gotas pesadas. O velho estava certo: era maravilhoso ali em cima,

quase um conto de fadas. Era necessário apenas raspar o mofo do tempo, e o passado

começava a resplandecer, e os vitrais coloridos e relevos de bronze das estações

ficavam visíveis. Na margem do rio esverdeado, ela parou. A ponte que antigamente

esticava-se sobre ele havia quebrado no começo dela, a outra margem fora de alcance.

A mágica desaparecera. A imagem real e colorida de apenas alguns momentos atrás enfraqueceu e desapareceu. Tudo que restara de seu belo mundo fantasma eram

as casas vazias e ressequidas, as rachaduras abertas das ruas, a grama de dois metros

de altura das margens, o bosque selvagem e impenetrável, os restos da rua contornando

as margens até onde sua vista alcançava. Sasha sentiu-se ferida por dentro, por nunca

ser capaz de ver este mundo com seus próprios olhos. Ela agora tinha dois caminhos a

escolher, a morte ou voltar para o metrô. Em nenhum lugar deste mundo ainda haviam

os humanos altos em suas roupas coloridas. Ela era a única alma humana nesta rua

larga, que terminava em um ponto distante, onde o céu e a estrada deserta encontravam

um ao outro.

O clima estava bom. Sem chuva. Sasha não conseguia nem mesmo chorar. Tudo que ela queria era morrer.

Como se ouvisse seu desejo, à distância uma sombra escura abriu suas asas.

\*\*\*

O que ele deveria fazer? Deixar o brigadeiro ir embora, desistir de seu livro, permanecer na estação e encontrar a garota? Ou ele deveria retirá-la de seu

romance

para sempre, seguir Hunter e esperar como uma aranha, até que uma nova heroína fosse

capturada em sua teia? A razão proibia Homero de separar-se do brigadeiro. Para o que

mais ele havia feito esta jornada, exposto o metrô inteiro ao perigo mortal? Ele não

tinha direito algum de renegar seu trabalho, a única justificativa para todos aqueles

sacrifícios, os já feitos e os que estavam por vir. Mas quando pegou o espelho quebrado

do chão, ele percebeu que, se saísse de Paveletskaya sem conhecer o destino da garota,

ele estaria traíndo-a. Uma traição que, mais cedo ou mais tarde, buscaria vingança em

seu livro. Ele jamais conseguiria afastar Sasha de suas lembranças. Independentemente

do que Hunter falasse, Homero precisa fazer tudo a seu alcance para encontrar a garota,

ou ao menos convencer-se de que ela estava viva.

Por esta razão, o velho dobrou seus esforços. A linha Anel? Não, sem

documentos eles jamais a deixariam atravessar para Hanza. Pelo portão? Homero

procurou do início ao fim da estação, perguntando a todos os transeuntes se alguém

vira uma garota passar por eles. Finalmente, alguém parecia tê-la notado, e a garota

usava um traje de radiação. Homero não quis acreditar em seus ouvidos. Acabou por

seguir os passos de Sasha até o guarda ao pé da escada rolante.

– Não é problema meu. – Respondeu o guarda cansado em sua cabine. – Ela pode ir aonde quiser. Eu até dei a ela um óculos bom... Entretanto você não pode sair

agora, já tive problemas por deixá-la passar. Lá em cima existem apenas os ninhos dos

nostros visitantes noturnos. Ninguém vai até lá. Quando ela me pediu, eu quase comecei

a rir. – As pupilas do guarda estavam grandes como o cano de uma pistola, e encararam

o nada sem notar Homero. – Volte vovô, vai escurecer logo.

Hunter sabia! Mas o que ele quis dizer quando falou que Homero não seria capaz de trazê-la de volta? Ela ainda estava viva? Em sua pressa, ele voltou para o hospital,

apressou-se pelo corredor baixo, desceu as escadarias estreitas e abriu a porta sem

bater...

O quarto estava vazio. Nem Hunter nem suas armas estavam em lugar algum.

Apenas as bandagens ensanguentadas, escurecidas pelo sangue estavam no chão. Ao

lado delas, o cantil vazio. O traje de radiação descontaminado do quarto ao lado sumira.

O brigadeiro deixara Homero para trás como um cão incômodo.

\*\*\*

A humanidade recebe sinais. Seu pai sempre acreditara nisso. Só é necessário vê-los e interpretá-los.

Sasha olhou para cima e congelou. Se alguém quisesse mostrar a ela um sinal,

não poderia ter sido mais claro. Não muito longe da ponte quebrada, fora dos arbustos,

havia uma velha torre redonda, com um domo estranhamente decorado, e era a construção mais alta de toda a área. Ela podia ver claramente as paredes recobertas de

rachaduras profundas, e que a torre lentamente pendia para um dos lados perigosamente. Parecia um milagre que ela ainda não caíra aos pedaços e continuasse

em pé... Como isso pudera passar despercebido a ela? Ao redor da torre estava uma

hera gigantesca. Sua haste era obviamente mais fina que a própria torre. Mas parecia

forte o suficiente para suportar a construção que lentamente decompunha-se. A estranha planta percorria a torre, e os ramos grossos do caule com seus ramos mais

finos criaram uma espécie de teia, capaz de segurar a construção no lugar. Certamente,

esta planta havia sido fraca e torcia-se como as plantas jovens e flexíveis. Mas agora

ela subia pelas bordas e sacadas da torre. Se a torre não fosse tão alta, a planta não teria

crescido até àquela altura. Maravilhada, como sob um feitiço, Sasha observou a planta

e a construção que ela salvava. Tudo fazia sentido novamente, e sua vontade de lutar

retornara. Estranhamente, para ela nada mudara. Ainda assim, contra todas as probabilidades, esta pequena planta havia quebrado a crosta cinza de seu desespero.

Claro que havia aquilo que ela nunca poderia reparar. Acontecimentos e palavras que

ela nunca poderia desfazer. E ainda assim, havia tanto nesta história que ela poderia

mudar, mesmo que não soubesse como. O mais importante era que ela recuperara sua

força. Ela acreditava entender a razão por que a quimera faminta a deixara sair ilesa.

Alguém puxara sua corrente invisível, para que ela ainda pudesse ter uma chance.

Cheia de gratidão, ela estava pronta a perdoar, pronta para discutir, e pronta para lutar.

Ela só precisava de um pequeno sinal de Hunter. Apenas um sinal.

Subitamente, o sol poente desapareceu, e brilhou outra vez. Sasha levantou a cabeça, e fora de sua linha de visão ela podia enxergar a sombra escura e rápida mergulhando sobre sua cabeça. Por um segundo, o sol escureceu. Um rosnado cortou

o ar, um grito ensurdecedor, e a criatura caiu do céu sobre Sasha como uma rocha.

Agindo apenas por instinto, ela atirou-se ao chão ao mesmo tempo, o que a salvara. A

sombra errara o alvo por cerca de um fio de cabelo. Uma criatura gigantesca planou e

dispersou as asas sobre o solo, retornou com um bater de asas poderoso no ar, começou

a voar em círculo e atacou mais uma vez. Sasha alcançou seu rifle, mas abaixou os

braços imediatamente. Mesmo uma saraivada frontal não pararia este monstro. Ou

mataria. E ela também precisaria atingi-lo em primeiro lugar. Ela tropeçou de viltá à

praça aberta, de onde ela começara sua curta expedição. Ela não desperdiçou um único

pensamento sobre como ela seria capaz de retornar ao metrô. A criatura voadora atacou

outra vez. O traje de Sasha enroscou em sua perna e ela caiu de bruços no chão, mas

conseguiu virar de costas e atirar uma saraivada curta na criatura. As balas assustaram

o monstro por alguns momentos, sem deixar uma ferida mortal. Os poucos segundos

que ela ganhara foram suficientes para ela levantar-se e correr próxima às casas.

Finalmente ela sabia como defender-se contra o ataque. Em seguida, outras sombras

circularam o céu. Elas mantiveram-se no ar com suas asas de couro pesadas. O plano

de Sasha era simples, manter-se encostada às paredes das casas, de modo que os monstros gigantes e indestrutíveis não pudessem pegá-la. Como ela sairia dali... ela

não tinha outra escolha de qualquer modo.

Feito! Ela pressionou-se contra a parede e torceu para que as cruéis criaturas parassem seu ataque. Mas não, pareciam já ter caçado presa mais esperta antes. A

primeira pousou no solo, em seguida a segunda, aproximadamente à vinte metros de

distância dela, e aproximaram-se lentamente, arrastando suas asas atrás delas. Outra



saraivada de seu rifle não as assustou, apenas as deixou mais zangadas, as balas pareciam prender-se ao couro denso. O animal que primeiro aproximou-se de Sasha

abriu a boca, sob o enorme focinho e dos lábios negros abertos, dentes curvos afiados,

parecidos com agulhas, surgiram na luz.

– Abaixese!

Sasha atirou-se no chão sem pensar de onde a voz viera. Subitamente algo

explodiu próximo a ela, e uma onda de choque tão quente que chegava a queimar

agarrou-se nela. Outra seguiu-se imediatamente, soando sobre o grito animalesco e

selvagem e sobre o som distante de asas. Hesitante, ela levantou a cabeça, tossiu a

poeira de seus pulmões e olhou em volta. Não muito longe dela, abriu-se uma cratera

nova, cheia de sangue escuro e oleoso. Ao lado dela, estavam uma asa arrancada e

queimada, e alguns pedaços de carne queimada sem nenhuma forma definida. Sobre a

cratera de pedra, uma homem de estrutura forte em um pesado traje de radiação

aproximou-se dela com passos firmes e retos.

Hunter!

### **13 – Uma história**

Ele pegou-a pela mão, ajudou-a a levantar a arrastou-a atrás dele. Depois,

pensando melhor, ele soltou-a novamente. O visor de seu capacete era de vidro

escuro,

de modo que Sasha não podia ver seus olhos.

– Fique perto de mim! – a voz soou embotada através dos filtros da máscara. –

Logo irá escurecer. Precisamos sair daqui.

Sem olhar para ela novamente, ele começou a correr.

– Hunter! – a garota gritou atrás dele. Pelo vidro da máscara de gás ela tentava reconhecer seu salvador.

Ele agia como se não a ouvisse, e Sasha não podia fazer mais nada além de correr

atrás dele com toda sua força. Obviamente ele estava bravo com ela: pela terceira vez

seguida teve que ajudar uma garota estúpida a sair de um problema. Mas ele ainda

viera, mesmo até a superfície, como ela poderia ter duvidado dele...

O brigadeiro saiu pela esquerda do ninho onde Sasha estava. Ele conhecia outros caminhos. Ele virou-se para longe da rua principal pela direita, mergulhou abaixo de

um arco, correu por algumas caixas de metal lisas e enferrujadas, atirou em uma sombra

borrada em um canto, e finalmente parou em frete a um edifício discreto de tijolos,

com janelas fechadas com barras de metal. Com uma chave, abriu uma fechadura

massiva. Um esconderijo? O abrigo era uma entrada secreta: atrás da porta, uma escada

de concreto de um lado a outro descia nas profundezas.

Hunter colocou a fechadura de volta por dentro e trancou, ligou a lanterna e

começou a descer. Nas paredes brancas e verdes, com as tintas profundamente descascadas, estava escrito várias vezes ENTRADA – SAÍDA. O salvador de Sasha

adicionou mais uma escrita indecifrável na parede. Aparentemente, todos que utilizavam esta entrada secreta precisava anotar quando saía e quando voltava. Em

alguns nomes, os números de retorno estavam faltando.

O caminho para baixo terminou mais cedo do que ela esperava. Mesmo que os caminho conduzisse mais para baixo, Hunter parou em um portão de ferro imperceptível, bateu com o punho contra ele por alguns segundos, de modo que podia-

se ouvir alguém abrindo o ferrolho. Um homem desganhado, com a barba escassa

abriu o portão. Ele usava calças azuis.

– Quem é este? – Ele perguntou surpreso.

– Encontrei ele no círculo. – Hunter disse. – Os pássaros quase o pegaram, mas eu estava com o lançador de granas... Ei cara, como você foi parar lá em cima...? – Ele

puxou o capacete e retirou a máscara de gás.

À frente de Sasha, estava um homem desconhecido, com cabelo louro escuro, curto ao estilo militar, olhos cinza pálidos e um nariz aquilino, que parecia ter sido quebrado uma vez. Ela suspeitou que ele movia-se muito rápido para um homem ferido, seus movimentos animais, mesmo o traje de radiação não era o mesmo,

mas ela quisera acreditar até o último momento. Ela dissera mentiras a si mesma para

fazer-se acreditar. Ela sentiu-se incredivelmente quente, e retirou a máscara de gás.

Quinze minutos depois, Sasha estava do outro lado da fronteira de Hanza.

– Sinto muito, mas sem nenhum documento você não pode ficar. – A voz de seu salvador era honestamente arrependida. – Talvez esta noite, bem... no portão?

Ela assentiu silenciosamente e sorriu. Para onde ela iria agora? Para ele? Havia tempo de sobra. Sasha não podia esconder seu desapontamento por não ser Hunter seu

salvador. Por outro lado, ela precisava fazer algo que não mais poderia adiar.

Os sons da música maravilhosa, suaves e sedutores, cortavam o barulho da multidão. Acima dos barulhos das botas e dos gritos dos comerciantes. Era a mesma

melodia que a enfeitiçara ontem. Enquanto a seguia, Sasha sentiu que outra vez encontrava uma porta cheia de luz sobrenatural. Onde a porta a levaria desta vez?

Dezenas de ouvintes rodeavam o músico em um círculo apertado. Para vê-lo, Sasha

precisou abrir caminho pela multidão. Sua melodia atraía as pessoas para ele como

mágica, mas as mantinha afastadas ao mesmo tempo. Era como luz, todos queriam

estar próximos, mas ninguém queria se queimar.

Sasha não estava com medo.

Ele era alto, jovem e surpreendentemente bonito. Apesar da aparência fraca, sua face bem contornada não era suave, em seus olhos verdes não havia ingenuidade. O

cabelo longo e escuro caía sobre os ombros. Suas roupas eram diferentes da multidão

de pessoas da Paveletskaya, eram simples mas extraordinariamente limpas.

Seu instrumento era como um daqueles assobios infantis, construído de canos de plástico, mas maior, negro com dobras de cobre. A flauta era algo fino e provavelmente

muito caro. Os sons que ele atraía da flauta pareciam de outro mundo e de outro tempo,

assim como o instrumento e seu dono. Ele olhou Sasha imediatamente, desviou por um

momento e olhou outra vez, fazendo-a corar. A atenção dele não era desagradável, mas

ela realmente estava ali pela música.

\*\*\*

– Ai está você! Graças a Deus! – Homero abria seu caminho até ela, ofegante e suando.

– Como ele está? – Sasha perguntou imediatamente.

– Ele está... – o velho começou, mas então disse – Ele partiu.

– O quê? Quando? – Sasha sentiu como se um punho apertasse seu coração.

– Ele fugiu. Levou todas as coisas dele. Acho que foi para Dobryninskaya.

– Ele deixou algo? – Ela perguntou cuidadosamente, ansiosa pela resposta que Homero daria à ela.

O velho balançou a cabeça.

– Não, nada.

Alguém na multidão fez um silvo irritado. Homero ficou em silêncio e escutou o músico, e encarou desconfiado o músico e a garota. Mas Sasha estava perdida em

pensamentos. Hunter a enxotara e ela fugira, mas agora ela parecia entender as estranhas regras dele. Se ele levava tudo que o pertencia, verdadeiramente tudo... então

ele não queria que Sasha desistisse, não queria que ela desistisse de seu caminho e que

procurasse por ele. E ela fazia isso, mesmo após tudo que acontecera. Se apenas...

– A faca? – Ela sussurrou. – Ele levou? A negra?

O velho encolheu os ombros.

– Não está em seu quarto.

– Então ele levou! – Aquele singelo sinal era tudo que ela precisava.

O músico com a flauta era talentoso, sem dúvida, e sabia como usar o instrumento perfeitamente, como se houvesse tocado em um concerto no dia anterior.

Haviam muitas munições na caixa da flauta à sua frente, tantas que ele poderia alimentar uma pequena estação, ou apagá-la da face da terra. Aí está. Reconhecimento,

Homero pensou e sorriu tristemente.

O velho imaginou que conhecia a melodia, mas mesmo após um longo tempo não conseguiu reconhecer. De um filme antigo no cinema, um concerto, ou no rádio?

Ele não conseguia lembrar onde ouvira. O extraordinário era: uma vez que a melodia

alcançava alguém, não deixava ir, era necessário ouvi-la até o fim e aplaudir o músico,

até que ele começasse a tocar outra vez. Serguei Prokofiev? Dmitri Shostakovich?  
O

conhecimento de Homero sobre música era muito limitado, e ele não conseguia adivinhar o compositor. Mas quem quer que tenha sido o compositor destas notas, o

músico não apenas tocava-a, mas dava a ela sua própria melodia e significado, trazendo-a à vida. Um talento como o dele fez Homero até perdoar os olhares lascivos

que ele enviava para Sasha, como um gato para uma fita de papel. Mas era o momento

de levar a garota embora. Homero esperou até que a música morresse e o músico

recebesse os aplausos do público. Então agarrou Sasha pela roupa úmida, cheirando a

cloro, e retirou-a do círculo.

– Meus pertences estão empacotados. Vou atrás dele. – Disse Homero enquanto distanciava-se do músico.

– Eu também. – Sasha respondeu depressa.

– Você sabe o que está fazendo? – Homero perguntou.

– Eu sei de tudo. Ouvi vocês dois. – ela encarou-o como se quisesse desafiá-lo.

– Uma epidemia, estou certa? Ele vai queimar tudo. Os vivos e os mortos. A estação

inteira.

Ele olhou para ela e disse:

– O que você quer dele?

Sasha não respondeu por algum tempo, e eles apenas andaram ao lado um do outros pela parte vazia da estação. Finalmente, ela falou vagorosamente, procurando

pelas palavras certas:

– Meu pai morreu. Por minha causa, é minha culpa. Não posso fazer nada para trazê-lo de volta. Mas ainda há pessoas vivas. Eu ainda posso salvá-las. Eu preciso tentar. Devo isso à ele.

– Salvá-las? De quem? De quê? – O velho respondeu amargurado. – Você não pode curar a epidemia, como bem ouviu.

– Do seu amigo. Ele é mais terrível que a doença. Mais mortal. – A garota suspirou. – Com uma doença, ao menos existe esperança. Alguém sempre ficará curado.

Um a cada mil. Homero encarou-a com a expressão séria.

– Por que acredita que será capaz de detê-lo?

– Eu fiz isso antes. – Ela respondeu segura de si mesma.

A garota superestimava suas habilidades? Ela enganara-se quando acreditou que o brigadeiro áspero e impiedoso sentia algo por ela? Homero não queria desencorajar

Sasha, mas achou melhor avisá-la.

– Você sabe o que encontrei neste quarto? – O velho entregou a caixa de maquiagem quebrada e perguntou para Sasha: – Você quebrou?

Sasha balançou a cabeça negando.

– Então foi Hunter.

A garota abriu a tampa e olhou seu reflexo nos estilhaços de vidro. Ela pensou em sua última conversa com Hunter, e nas palavras que ele dissera quando estava

semiacordado e ela queria entregar-lhe a faca. Ela pensou no rosto de Hunter,



como ele

avançava pesadamente para a quimera, coberto de sangue, para que ela se afastasse de

Sasha, e quase matara a si mesmo...

– Ele não fez isso por mim. – Ela disse. – Foi por causa do espelho.

Homero ergueu a sobrancelha.

– O que isso tem a ver com o que aconteceu?

– Você mesmo disse. – Sasha fechou a tampa da caixa e tentou imitar a voz de mentor do velho. – Algumas vezes é útil ver-se de outra maneira. Assim você pode

conhecer melhor a si mesmo.

– Acha que Hunter não sabe quem ele é? Ou que ele ainda sofre por sua aparência? Que esta é a razão pela qual ele quebrou o espelho?

A garota escorou-se contra o pilar.

– Não se trata da aparência dele. Hunter sabe exatamente quem é. Obviamente, ele apenas não gosta quando alguém o lembra disso. Talvez ele tenha esquecido.

Algumas vezes tenho a impressão de que ele está tentando lembrar-se de algo. Ou que

ele foi acorrentado a uma vagoneta rodando em direção à escuridão, e não há ninguém

para impedir. Não consigo explicar. Apenas sinto quando o vejo. – Sasha enrugou a

testa. – Ninguém enxerga isso além de mim. Por isso eu disse que ele precisa de mim.

– Claro, por isso ele a abandonou.

– Eu abandonei ele. Preciso alcançá-lo enquanto não for tarde. Eles ainda estão

vivos. Ainda podemos salvá-los. E Salvar Hunter também.

Homero levantou a cabeça.

– De quem você quer salvá-lo?

Ela olhou para ele, pensativa. O velho não entendera nada, apesar de ela ter tentado explicar tão arduamente? Então ela respondeu com a mais inimaginável seriedade:

– Do homem no espelho.

\*\*\*

– Este assento está ocupado?

Sasha, que cutucava a carne grelhada e os cogumelos com o garfo, estremeceu.

Parado ao lado dela, com uma bandeja nas mãos, estava o músico de olhos verdes. O

velho havia ido para algum lugar, seu assento estava vazio.

– Sim.

– Não há problema que não possa ser resolvido! – ele depositou a bandeja, pegou uma cadeira vazia da mesa ao lado e sentou-se ao lado de Sasha antes que ela pudesse reclamar.

– Se algo acontecer, eu não convivei você. – Ela avisou-o.

– O seu avô ficará bravo? – Ele piscava com os olhos. – Permita-me apresentar-me. Leonid.

Sasha percebeu que estava corando outra vez.

– Ele não é meu avô.

– Se você diz. – Leonid levou outra porção de sua refeição à boca e levantou

uma sobranceira.

– Você é muito ousado. – Disse ela.

Ele levantou o garfo.

– Persistente.

Sasha não conseguiu suprimir um sorriso.

– Um pouco confiante demais para o meu gosto.

– Eu confio na humanidade inteira. – Ele murmurou enquanto mastigava. – Mas confio em mim mesmo mais.

O velho retornou, colocou-se atrás do fanfarrão, e fez uma careta insatisfeita.

Mas sentou-se em sua cadeira.

– Sasha, não está um pouco lotado aqui? – Ele olhava para o músico, pronto para brigar.

– Sasha! - Ele repetiu triunfante, e levantou os olhos. – Muito prazer. Como eu disse, meu nome é Leonid.

– Nikolai Ivanovich. – Homero respondeu mal-humorado e olhou para o músico.

– Que melodia estava tocando? Pareceu familiar.

– Não seria surpresa, eu a toco há três dias seguidos direto. – Ele enfatizou a última palavra. – Eu mesmo a compus.

– Ela é sua? – Sasha baixou o garfo. – Qual o nome dela?

Leonid encolheu os ombros.

– Não tem nome. Nunca pensei em um. E além disso, como poderia expressá-la com palavras? E por quê?

– É bela. – A garota disse. – Extraordinariamente bela.

– Eu poderia dar seu nome à ela. – O músico disse sem hesitação. – Você merece.

– Não, obrigada. – Ela balançou a cabeça. – Esta melodia deve permanecer sem nome. É mais apropriado.

– Dar seu nome à ela seria apropriado. – Leonid começou a rir, a comida entrou em sua traqueia e ele começou a tossir.

– Você está pronta? – Homero pegou a bandeja de Sasha e levantou-se. – Precisamos ir. Por favor nos dê licença, jovem.

– Sem problemas! Eu já terminei. Posso fazer comáanhia para a jovem dama por um tempo?

– Estamos de partida. – Respondeu Homero mordazmente.

– Que maravilha! Eu também. Preciso ir para Dobryninskaya. O músico fez uma

cara inocente. – Poderia ser a mesma direção para a qual estão indo?

– Sim. – Sasha respondeu surpresa. Enquanto ela tentava não olhar para Homero, seu olhar caiu sobre Leonid diversas vezes.

Leonid possuía certa indiferença, algo sarcástico que não era maldoso. Como um menino lutando com um galho, ele disparava pequenos tiros inofensivos, com os quais

não podia-se realmente ficar furioso, nem mesmo o velho. Ele insinuava-se de modo

divertido, de maneira que Sasha não poderia nem mesmo pensar em leva-lo a sério. E

o que havia de ruim sobre ele gostar dela? Além disso, ela havia se apaixonado pela

música antes de conhecê-lo. E a tentação de levar aquela mágica com eles era

muito

grande. Obviamente que era a música. Aquele jovem demônio atraía almas inocentes

como o flautista de Hamelin atraía os ratos, para corromper todas as garotas que pudesse. Neste momento, ele tentava pegar Alexandra com suas presas, e Homero nem

mesmo sabia como agir!

\*\*\*

No começo, o velho engoliu as brincadeiras pretensiosas, mas logo sentiu a raivar crescer dentro dele. Ele também estava irritado pela facilidade que Leonid passara pelos guardas de Hanza, conhecidos por sua rigidez, todos os três para a linha

Anel, em direção a Dobryninskaya. E sem qualquer documento! O músico entrara nos

quarteis do comandante da estação, um homem velho e audacioso com um bigode, com

sua caixa cheia de munição, e voltara sorrindo com a caixa mais leve.

Homero precisava reconhecer, os talentos diplomáticos do rapaz foram muito úteis. A dresina motorizada que viera com eles de Paveletskaya foi levada do depósito

por Hunter. Um desvio teria custado à eles a semana toda. Mas a negligência com que

este vigarista deixara esta estação, e quão facilmente ele partira com todas as suas

economias, apenas para seguir Sasha pelo túnel, fez Homero sentir-se receoso. Em

outro caso, poderia atribuir isso ao amor, mas ele estava convencido de que o garoto

não queria um compromisso com ela. Estava apenas acostumado à vitórias fáceis.

Homero sentiu-se como uma avó resmungona. Mas havia uma boa razão para sua vigilância e seu cuidado: a última coisa que precisava agora era sua musa fugir com

o músico itinerante! Uma personagem, para ser sincero, totalmente desnecessária.

Homero não havia planejado um lugar para ele em seu romance, mas ele simplesmente puxara uma cadeira e entrou neste jogo descaradamente.

\*\*\*

– Não existe mais ninguém no mundo?

Os três viajantes estavam vagando na direção de Dobry ninskaya, escoltados por três guardas. Quando divide-se suas balas com as pessoas certas, seus sonhos mais

selvagens poderiam tornar-se realidade. Sasha contou uma curta história sobre sua

aventura na superfície, mas em seguida ela parou e sua face tornou-se sombria.

Homero e o músico olharam um para o outro: quem deveria ser o primeiro a elevar o espírito da garota? O velho limpou a garganta.

– Existe vida além da MKAD? Mesmo as gerações mais novas estão perguntando isso?

– Claro! – Leonid explicou convencido. – Não é verdade que ninguém sobreviveu. Apenas não temos contato com essas pessoas.

– Por exemplo, eu ouvi – disse Homero – que em algum lugar depois da Taganskaya existe uma passagem secreta, que leva à um túnel interessante.

Parece um

túnel comum, de seis metros de largura, mas não há trilhos nele. Ele é profundo, talvez

quarenta ou cinquenta metros abaixo do solo. E ele leva para o leste...

– Você diz o túnel que leva até os bunkers nos Montes Urais? – Leonid o cortou.

– E a história do homem que coincidentemente encontrou-o, pegou uma mochila de

provisões e começou a andar pelo túnel...

– ... por uma semana inteira, com apenas algumas pausas, até que suas provisões acabaram, e ele teve que voltar. O final do túnel não estava visível em lugar algum. Se

você acredita nos rumores, é o caminho para os bunkers nos Montes Urais. Talvez alguém ainda esteja vivo ali.

– Provavelmente não. – O músico bocejou.

Homero ignorou-o e voltou-se para Sasha.

– De um amigo da Polis eu soube que um dos operadores de rádio uma vez entrou

em contato com homens em um tanque. Eles provavelmente conseguiram fechar todas

as escotilhas em tempo, e dirigiram para uma terra distante onde ninguém lançava

bombas...

Leonid balançou a cabeça.

– É uma história conhecida. Quando ficaram sem combustível, enterraram o tanque em uma pequena colina e fizeram um pequeno assentamento. E por algumas

semanas, contataram a Polis todo anoitecer, até...

– Até que o receptor quebrou. – Homero completou, levemente irritado.

– E quanto ao submarino? – Seu rival mudou o assunto. – Um dos nossos submarinos estava longe, e quando as bombas atingiram ambos os lados, ele não havia

ainda atingido sua posição. E quando finalmente emergiu, tudo já estava acabado. Na

época, a tripulação aportou em Vladivostok..

– E seu reator energiza o local inteiro até hoje. – Homero lembrou-se. – Meio ano atrás, conheci um homem que alegava ser o imediato dele. Ele disse que cruzara

todo o país de bicicleta, até finalmente chegar em Moscou. Ele provavelmente viajou

por três anos.

– E você conversou com ele pessoalmente? – Leonid perguntou polidamente, surpreso.

– Claro que sim! – Homero disse. As lendas haviam sido seu passatempo, e ele não resistia à vontade de triunfar sobre este garoto. Ele ainda possuía uma história reservada que significava muito para ele. Na realidade, ele gostaria de conta-la em uma

diferente ocasião, ao invés de desperdiçar em uma disputa. Mas ele percebera que

Sasha ria a cada brincadeira desde bandido, e contou à eles a história. – E sobre a cidade

de Poly arny e Zori, você conhece?

– Poly arny e o quê? – respondeu o músico, virando-se para ele.



– Por favor. – Homero estava sorrindo. – No norte, na península de Kola, existe uma cidade chamada Polyarnye Zori. Um local esquecido. Distante de Moscou mil e

quinhentos quilômetros, de São Petersburgo pelo menos mil. O que existe de mais próximo dali, é Murmanskí, com sua base naval, e mesmo ela está bastante distante.

– Em uma palavra: enfadonho. – Leonid comentou com um sorriso torto.

– Fica bem distante das grandes cidades, fábricas secretas e bases militares.

Todos os alvos importantes. Todas as cidades que nossos escudos antimísseis não puderam proteger, viraram poeira e cinzas. E outras com os escudos e mísseis...

–

Homero olhou para cima. – Todos sabemos o que aconteceu com elas. Mas havia lugares que não eram alvo de ninguém. Não eram uma ameaça. Como Polyarnye Zori.

– Elas não nos interessam mais. – O músico disse.

– Deveriam. – Homero respondeu. – Porque não muito longe dali, fica o reator nuclear de Kola. Um dos mais poderosos do país inteiro. Antigamente, ele provavelmente provia eletricidade para o norte inteiro da Rússia. Milhões de pessoas.

Centenas de fábricas. Eu mesmo venho de Archangelsk, por isso sei do que estou falando. Quando era estudante, fiz uma excursão até lá. Era uma verdadeira fortaleza,

um Estado dentro do Estado. Eles possuíam um pequeno exército ali, suas fazendas e

fábricas. Eram totalmente autossuficientes. Por que a vida teria mudado após a guerra

nuclear? – Ele sorriu tristemente.

– Você está dizendo...

– São Petersburgo acabou. Murmansk e Archangelsk também. Milhões de pessoas destruídas, fábricas e cidades queimadas até virarem poeira e cinzas. Polyarnye

Zori sobreviveu. E o reator ficou intocado também. Por quilômetros, não existe nada

além de neve. Neve e campos de gelo, lobos e ursos polares. Não havia conexão com

a administração central. E eles possuem combustível suficiente para manter uma cidade

grande viva por algum tempo. Isso significa que a cidade e a área ao redor estão bem

cuidadas por aproximadamente mais uma centena de anos. Eles podem superar o

inverno facilmente.

– Uma arca. – Leonid sussurrou. – E quando a enchente termina, e a água retrai, vinda do monte Ararate...

– Exatamente. – O velho acenou com a cabeça.

– Como sabe de tudo isso? – A voz do músico não soava mais sarcástica ou entediada.

– Uma vez eu trabalhei como operador de rádio. – Homero esquivou-se da pergunta. – Queria encontrar sobreviventes na área onde costumava viver.

– Eles vão durar, tão ao norte?

– Tenho certeza que sim. Mas o último contato que tive com eles foi há dois anos atrás. Mas pense nisso: eletricidade e aquecimento por cem anos. Com máquinas médicas, computadores, livrarias eletrônicas. Por que você saberia disso? No

metrô

inteiro existem apenas dois computadores, e são apenas brinquedos. E aqui é a capital.

– Ele sorriu amargamente. – Se alguém sobreviveu lá fora em algum lugar, não apenas

alguns, mas comunidades inteiras, eles estão no século dezessete, talvez na idade da

pedra. Madeira para o fogo, gado e xamãs. Uma em cada três crianças morrendo ao

nascer. Ábacos e escritas em cascas de árvores. Nada além de uma ou duas fazendas.

Uma terra de ninguém inabitada. Lobos, ursos e mutantes. Nossa civilização inteira é

baseada na eletricidade. – Ele limpou a garganta e olhou em volta. – Se não tivéssemos

eletricidade, o metrô morreria e acabou. Bilhões de humanos construíram nossa civilização por centenas de anos, e de repente tudo se foi. O Homo sapiens pode recomençar outra vez. Mas quem sabe se conseguiríamos desta vez? E apenas imagine:

um punhado de gente com um ultimato de um século! Você está certo, é uma arca de

Noé. Com um fornecimento quase ilimitado de energia. O óleo precisa ser refinado e

o gás precisa ser escavado e bombeado por quilômetros. A solução seria voltar às máquinas a vapor? Ou antes? – Ele segurou a mão de Sasha. – Digo que as pessoas ali

não correm nenhum perigo. Elas são resistentes como as baratas. Mas a civilização... é

necessário defendê-la.

– Existe civilização ali?

– Sem dúvida. Energia atômica é nossa maior inteligência técnica. As condições são melhores lá do que aqui. Em dois séculos, Poly arny e Zori cresceu bastante. Eles

mantêm contato contínuo no rádio “Para todos os sobreviventes...” com suas coordenadas. Dizem que algumas pessoas ainda chegam até lá.

– Por que eu nunca ouvi falar dela? – Murmurou o músico.

– Apenas alguns poucos sabem disso. Daqui é difícil conseguir captar a frequência deles. Mas você pode tentar algum dia, quando tiver algum tempo de folga.

– Homero estava sorrindo. – O código é “último porto”.

– Eu deveria saber disso. Eu coleciono estes casos. Tudo realmente foi pacífico para eles?

– Como eu poderia explicar... Por lá não existe nada além de neve e gelo, e se havia alguma vila ou cidade, elas tornaram-se selvagens em pouco tempo. Eles foram

atacados por alguns bárbaros. E obviamente existem os animais selvagens, se é que

pode-se chamá-los assim. Mas eles possuem armas o suficiente. Uma defesa por toda

a volta e postos de guarda em todos os lugares. Cercas elétricas e torres de vigia. Como

eu disse, uma fortaleza. Nos primeiros dez anos, construíram uma paliçada. Também

exploraram os arredores. Chegaram até Murmansk, que fica a pelo menos duzentos

quilômetros de distância. A cidade tornou-se uma cratera fumacenta. Eles queriam

explorar para o sul, em direção a Moscou, mas eu os convenci do contrário. Para que

arriscar? Assim que a radiação retrair, ele podem conquistar outras terras. Mas no

momento, não há nada a ganhar vindo até aqui. É um cemitério, e nada mais. – Homero

suspirou.

– É realmente estranho. – Leonid disse. – Que a humanidade, destruída pela

radiação, também seja salva por ela. É como Prometeu com o fogo roubado. Os deuses

proibiram que o fogo fosse entregue à humanidade. Mas ele queria retirar a humanidade

da lama, da escuridão e do frio...

– Eu li sobre ele. – Homero o cortou, irritado. – “Os mitos e lendas da Grécia antiga”.

– Um mito profético. Os deuses eram contra, mas havia um motivo. Eles sabiam como terminaria.

– Mas foi o fogo que fez a humanidade humana.

– Quer dizer que sem eletricidade, as pessoas se tornariam animais?

– Quero dizer que sem ela, voltamos no tempo em duzentos anos. E se você pensar que apenas um a cada mil sobreviveu e tudo precise ser reconstruído, conectado

e explorado, provavelmente levará mais de quinhentos anos. Talvez nunca voltemos às

coisas como eram. Ou você tem outra opinião?

– Não, não. – Leonid respondeu. – Mas é realmente sobre a eletricidade?

– Sobre o que mais poderia ser? – Homero ergueu o braço acima da cabeça. O músico deu-lhe um longo e estranho olhar, e encolheu os ombros.

O silêncio prolongou-se. Homero sentia que, ao final da discussão, ele havia vencido. Finalmente a garota parou de comer o garoto com os olhos e estava imersa

em pensamentos. Não estavam longe da estação quando Leonid disse:

– Bem, acho que é hora da minha história.

A expressão de Homero era cansada, mas assentiu compassivo.

– Do outro lado da estação Sportivnaya, pouco antes de chegar à ponte destruída de Sokolnichesky, existe uma linha que separa-se da principal, e termina em um beco

sem saída. Há uma grade e uma porta de segurança. Muitas vezes, as pessoas tentaram

abri-la, sem sucesso. Praticamente todo aventureiro que chegou até lá, não voltou. Seus

corpos foram encontrados mais tarde em outras partes do metrô.

Homero fez uma careta.

– A cidade das esmeraldas?

– É bem conhecido – Leonid continuou sem se abalar. – Que a ponte

Sokolnichesky desabou no primeiro dia. Isso significa que todas as estações atrás dela

foram separadas do metrô. A maioria das pessoas acredita que ninguém sobreviveu,

apesar de não existir evidências disso.

Homero fez um gesto com a mão.

– A cidade das esmeraldas.

– Também é conhecido que a Universidade de Moscou foi construída sobre solo macio. Aquele edifício gigantesco era estável apenas por causa das máquinas refrigeradoras do porão, que mantém o solo congelado. Senão, o prédio teria deslizado

pelo rio há muito tempo.

– Este argumento é forçado. – Disse o velho. Ele sabia o que Leonid queria dizer.

– Fazem vinte anos, mas o edifício abandonado continua em pé no mesmo lugar.

– Porque isso é uma fábula, é por isso!

– Rumores dizem que sob a Universidade, não existe apenas um porão comum, mas um gigantesco bunker, de dez andares de profundidade. Lá existem as máquinas

refrigeradoras, mas mais importante, um reator nuclear, aposentos e conexões com as

estações de metrô mais próximas, até mesmo para o segundo metrô. – Leonid olhava

para Sasha, com olhos tão arregalados e amedrontados, que ela gargalhou.

– Já ouvimos esta história centenas de vezes. – Comentou Homero.

– Dizem que há uma cidade inteira no subsolo. – O músico continuou com a voz sonhadora. – Os habitantes desta cidade não morreram, e fizeram sua missão recolher

todo o conhecimento e retornar tudo ao mesmo nível de beleza de antigamente. Eles

não desistiram de sair em expedições por galerias, museus e bibliotecas da superfície.

Eles criam suas crianças com o senso da beleza. Há paz e harmonia, sua ideologia é o

conhecimento, e a arte sua religião. Lá as paredes não são cobertas apenas por feias

pinturas a óleo, mas afrescos coloridos. Dos alto-falantes, não saem ordens ou sirenes,

mas Berlioz, Haydn e Tchaikovsky durante o dia. Apenas imagine cada habitante recitando Dante de suas memórias. Esta é a razão pela qual as pessoas lá permaneceram

como antigamente. Não como o século vinte e um, mas em tempos antigos. Bem, você

leu “Mitos e lendas”. – Leonid sorriu para o velho, como se o achasse um pouco lerdo.

– Livres, corajosos, belos e sábios. Justos e nobres.

– Nunca ouvi sobre isso!

Homero no momento esperava apenas que o diabinho esperto ainda não tivesse fígado a garota com a sua rede.

– No metrô, este lugar é conhecido como “Cidade das esmeraldas”. Seus habitantes, porém, preferem outro nome.

– E qual seria? – Disse Homero iradamente.

– A arca.

– Tolice! Completa tolice! – O velho gritou e virou-se para outra direção.

– Claro que é. – O músico disse. – Afinal, é apenas uma história.

\*\*\*

Em Dobryninskaya, o caos reinava.

Homero olhava de um lado para outro, surpreso e temeroso ao mesmo tempo: era uma ilusão? Poderia algo assim acontecer no Anel? Parecia que alguém declarara



guerra à Hanza. Do túnel que se assomava, uma dresina erguia-se, carregada de corpos

jogados sobre ela. Os paramédicos carregavam e depositavam-nos em um pedaço de

tecido, um faltando a cabeça, outro com o rosto mutilado, intestinos saíam de alguns...

Homero segurou a mão na frente dos olhos de Sasha. Leonid respirava pesadamente olhando para longe da cena.

– o que aconteceu? – Ele perguntou a um dos homens que vigiavam os paramédicos.

– Algo atingiu nossos guardas no Grande Distribuidor. Todos mortos, até o último homem. Sem sobreviventes. E ninguém sabe quem é o responsável.

Um paramédico limpou as mãos no jaleco.

– Tem um cigarro? Minhas mãos estão tremendo.

O Grande Distribuidor, intersecção central de Hanza, era uma teia de sistemas de trilhos, que saía da estação radial da Paveletskaya, e conectava quatro linhas umas

às outras: a azul, a cinza, a laranja e a verde. Homero adivinhou que Hunter pegaria

aquele caminho. Era o mais curto. Mas era sempre guardado por Hanza. Por que toda

essa carnificina? Eles abriram fogo primeiro? Ou não o viram chegando na escuridão?

Onde ele estava agora? Céus, mais uma cabeça... Por que ele fez isso?

Homero pensou sobre o espelho quebrado e as palavras de Sasha. Ela estaria certa? Talvez o brigadeiro estava lutando contra ele mesmo, talvez ele quisera evitar

as mortes desnecessárias, talvez ele não estivesse no controle de si mesmo... E por isso

ele quebrara o espelho, para destruir o homem horrível que ele se transformara?

Não. Hunter não viu um homem em seu reflexo, mas um monstro. Ele tentou eliminá-lo, mas apenas quebrou o vidro, e um reflexo se tornou uma dezena. Mas e

se... Homero procurou pelos paramédicos, que haviam acabado de carregar o último

dos oito corpos na dresina para a plataforma... E se ele enxergou um homem desesperado encarando-o de volta pelo espelho? O antigo Hunter?

E se o outro, o monstro, havia tomado o controle e guiava as ações do brigadeiro?

#### **14 – O que resta?**

O que tornava uma pessoa em um humano? Mais de um milhão de anos de jornada pelo mundo. A transformação mágica, que tornara este animal inteligente em

algo totalmente novo, ocorrera apenas nos últimos dez mil anos. Só é preciso pensar:

noventa e nove por cento de sua história ele passou agachado em cavernas, mastigando

carne crua, incapaz de aquecer-se, desenvolver ferramentas e sem a verdadeira capacidade de falar. Até esmo seus sentimentos não eram distantes daqueles dos macacos ou lobos. Fome, medo, companheirismo, prazer...

Como a humanidade aprendera a construir em apenas alguns séculos? Modificar seu ambiente material e construir um novo? Por que começaram a pintar repentinamente, como descobriram a música subitamente? Como conseguiram domar

a terra à sua vontade, e modificá-la de acordo com sua necessidade? O que havia tornado este animal em algo especial nos últimos dez mil anos? O fogo? Ele deu à humanidade a habilidade de domar a luz e o calor, e carregá-los para regiões frias e

inabitáveis. Mas o que mudou isso? Sim, ele tornou possível para a humanidade estender seus domínios. Mas os ratos colonizaram o planeta inteiro sem fogo. Não, não

era o fogo, não apenas o fogo, senão o músico estaria certo. Tinha que ser outra coisa...

Mas o quê?

A linguagem? Esta era a diferença para com todos os outros animais, sem dúvida.

Quando pensamentos grosseiros eram polidos em joias preciosas de palavras, elas

tornavam-se o comum, o corrente. Ao mesmo tempo, não apenas sobre expressar-se,

não sobre o que ocorria em sua própria mente, mas mais sobre organizar o que é instável, como ferro fundido fluindo para uma figura de forma sólida. Reter uma mente

limpa e sóbria, repassar a ordem e o conhecimento de maneira precisa. Também era

sobre a capacidade de organizar, conquistar, levantar exércitos e formar estados. Mas

as formigas não necessitavam de palavras. Em um nível imperceptível para os humanos, elas viviam em hierarquias complexas, partilhavam informações e ordens

com bastante exatidão, agitavam milhares de legiões destemidas com disciplina de

ferro para guerras impiedosas.

Ou eram as letras? Sem elas, seríamos capazes de conservar o conhecimento?

Estes tijolos alcançando os céus, desta torre de Babel da civilização humana?

Sem elas,

toda a sabedoria reunida da humanidade se dissiparia como argila crua, e a torre cairia

sob seu próprio peso. Tornando-se nada. Sem as letras, cada geração precisaria

construir a torre novamente, trabalhando a vida inteira nas ruínas de suas cabanas de

argila até finalmente morrer, sem sequer ter construído um único andar. As letras, e

depois a escrita, tornaram possível para a humanidade transportar o conhecimento

acumulado para além de suas pequenas mentes, e guardá-las de maneira exata para seus

descendentes. Assim, seu destino não era mais redescobrir o conhecimento várias

vezes, mas construir algo próprio através de uma base sólida, construída por seus ancestrais.

Porém, seria apenas isso? Se lobos pudessem escrever, sua civilização seria

similar àquela dos homens? Eles sequer teriam uma civilização? Um lobo saciado, que

não está mais faminto, cansa-se, aninha-se com os de sua espécie, e espera que a fome

crescente movimente-o novamente. Por outro lado, um humano saciado sente uma

estranha sensação: melancolia. A inexplicável e inacreditável tendência que faz-o

observar as estrelas por horas, pintar as paredes das cavernas com ocre, decorar

a frente

de seus navios de guerra com estátuas entalhadas, construir colossos de pedra durante

séculos de trabalho duro, ao invés de fortalecer as paredes de suas fortalezas, e trabalhar

durante a vida toda na perfeição de sua obra-prima poética, e não em aprender como

manejar uma espada.

Foi esta tendência que fizera um antigo auxiliar de operador de transporte ferroviário dedicar os anos que ainda restavam-lhe, lecionando e pesquisando e tentando escrever algo... algo especial... para libertar-se deste desejo, que as pessoas

comuns e pobres, ouviam um violinista talentoso, reis mantinham seus próprios trovadores e pintores, e uma menina nascida no subterrâneo olhava uma embalagem

pintada de saquinho de chá. É um chamado obscuro e poderoso, capaz de obscurecer o

chamado da fome. E apenas humanos podiam ouvi-lo.

Não é apenas este chamado que passa o espectro de todos os animais e dá ao ser humano a habilidade de sonhar e esperar por coragem. Amor e compaixão, dois sentimentos que as pessoas pensam ser uma habilidade especial. Eles não foram os

primeiros a descobri-las. Mesmo os cães são capazes de amar e sentir compaixão: se

seu dono está doente, não afasta-se de seu lado, e choraminga. Até mesmo os cães são

capazes de encontrar em outra espécie a razão de sua vida: alguns estavam prontos a

seguirem seus donos para a morte. Apenas para estar junto à eles.

Mas um cão não pode sonhar.

Então não há o anseio por algo bonito e a capacidade de valorizá-lo? Esta

habilidade surpreendente para desfrutar de uma composição de cores, matrizes de som,

linhas quebradas e frases elegantemente construídas? Para obter o doce e ao mesmo

tempo doloroso som de sua alma, que aperta seu coração, mesmo se ele está doente e

cheio de cicatrizes, e torná-lo puro de novo?

Talvez. Mas não apenas isso.

Para abafar os sons dos disparos e dos gritos desesperados de seres humanos nus e cativos, certas pessoas desempenhavam as óperas maravilhosas de Wagner em volume máximo. E isso não era uma contradição: um acentuava o outro.

O que mais seria?

Mesmo quando a humanidade sobreviver a esta inferno como uma espécie

biológica, manterá essa frágil e quase imperceptível, mas sem dúvida real, parte de sua

natureza? Será que vai proteger essa faísca especial que trouxera o animal faminto de

mais de dez mil de anos, à uma criatura ordenada? Para uma criatura que foi torturada

mais pela fome da alma, do que pela fome do corpo? Uma criatura trôpega, sempre

pendendo de um lado para o outro, entre a grandeza espiritual e inferioridade. Entre

uma graça inexplicável, impossível em um animal predador, e a crueldade inexorável,

inexistente mundo sem alma de insetos.

Uma criatura que construiu castelos maravilhosos e criou pinturas

inimagináveis. Cuja capacidade de criar coisas belas poderia equiparar-se com o próprio criador, e ao mesmo tempo criar câmaras de gás e armas nucleares para destruir

e aniquilar sua criação, e exterminar sua própria espécie. Uma criatura que construía

castelos de areia com tanta paixão, para que pudesse destruí-los um dia com a mesma

paixão, por capricho. Uma criatura que não conhecia limites, destemida e cheia de ódio,

incapaz de satisfazer sua fome, mas não tentar fazer nada além disso durante sua vida

inteira. Um ser humano...

Esta fagulha manteria-se?

Ou desapareceria no passado, como uma breve oscilação no diagrama da história? Acaso terminaria este breve desvio do ser humano, – muito curto em comparação com o conjunto da sua existência – este ínfimo desvio em seu caminho, e

o homem retornaria à sua estupidez eterna, uma rotina sem tempo, onde incontáveis

gerações passariam, os olhos voltados para o chão, ruminando, uma após o outra.

Passariam dez, cem, quinhentos anos, sem extinguir esta fagulha?

O que restaria?

– É verdade?

– O quê? – Leonid sorria para ela.

– Isso sobre cidade das esmeraldas? Arca? Existe um lugar assim no metrô? – A voz de Sasha soou como se ela estivesse imersa em pensamentos, enquanto olhava os próprios pés.

– Existem rumores.

– Eu gostaria de vê-la... Sabe, quando eu estava vagando lá em cima, senti pena da humanidade. Por causa de um erro, nunca mais será como antes. Mas era tão belo...

Pelo menos eu acho que era.

– Por causa de um erro? Não, não foi apenas um. Destruir o mundo todo, matar seis bilhões de pessoas, pode-se chamar isso de apenas um erro?

– Mesmo assim. Você e eu não merecemos perdão? Todos merecem uma segunda chance, mudar e tentar outra vez, mesmo que seja pela última vez. – Sasha

ficou em silêncio por um tempo. – Gostaria de ver como parecia realmente. Antes eu

não me importava. Antes eu apenas sentia medo, e tudo era tão feio lá em cima. Mas

prece que eu apenas subi no lugar errado. Que estupidez... A cidade lá em cima é de

um tempo antes do meu. Não tem futuro. Apenas memórias, e mesmo elas são estranhas

para mim. Apenas fantasmas. Eu percebi algo importante quando estava lá em cima...

- Ela procurava pelas palavras certas. – A esperança é como o sangue em suas



veias.

Enquanto ela flui, você está vivo. Quero continuar tendo esperança.

– O que você quer da cidade das esmeraldas?

– Quero ver como era a vida antigamente. Você mesmo disse. As pessoas lá provavelmente são completamente diferentes. Elas não esqueceram do passado, e

certamente possuem um futuro. Então elas precisam ser completamente diferentes,

completamente...

Eles andaram apressadamente por Dobryninskaya. Os guardas ainda não os deixaram fora de sua vista. Homero reuniu toda sua coragem, e foi falar com o chefe

da estação. Ele havia ido embora há bastante tempo, e não havia qualquer traço de

Hunter. Neste momento, atravessando pela passagem de mármore, Sasha percebeu algo

estranho: os grandes arcos que levavam até os trilhos tornaram-se menores. Sempre um

arco grande ao lado de outro menor, um grande e um pequeno. Como um homem e

uma mulher que seguravam as mãos. Um homem e uma mulher, um homem e uma

mulher... Subitamente ela sentiu a necessidade de uma mão masculina, larga e forte.

Para segurar na sua própria.

– Mesmo aqui você pode começar uma vida nova. – Leonid disse e piscou os olhos em direção à ela. – Algumas vezes só é preciso ir para outro lugar e procurar...

Algumas vezes olhar em volta é o suficiente.

– E o que eu verei?

– A mim.

– Eu já vi você. E já ouvi você tocar também. – Finalmente Sasha sorriu também.

– Gosto muito da sua música. Todos gostam. Você não precisa das balas? Você entregou tantas delas para que pudéssemos atravessar...

– Eu preciso de apenas o suficiente para comer. Eu sempre tenho o suficiente. Tocar por dinheiro é estupidez.

– Então por que você toca?

– Por causa da música. – Ele gargalhou. – Por causa das pessoas. Mas não apenas

por elas. Por causa do que a música faz com as pessoas.

– E o que você faz com as pessoas?

– O que eu quiser. – Ele estava sério novamente. – Tenho uma música para inflamar o amor, e outra para as lágrimas.

Sasha lançou a ele um olhar desconfiado.

– E qual você tocou pela última vez? Aquela que não tem nome. O que ela faz?

– Esta? – Ele assobiou a música. – Nada. Esta apenas leva a dor embora.

\*\*\*

– Ei, velho!

Homero fechou seu livro e deslizou de um lado do banco desconfortável para o outro. O oficial em serviço inclinou-se sobre uma pequena escrivaninha, quase completamente coberta pelos três velhos telefones pretos que perdiam as

ligações. Em

um dos aparelhos, uma pequena lâmpada vermelha piscava.

– Andrey Andreyevich está pronto. Você tem dois minutos, por isso não enrole e vá direto ao assunto.

Homero suspirou.

– Dois minutos não são o suficiente.

O oficial encolheu os ombros.

– Eu avisei.

Mesmo cinco minutos não seriam o suficiente, Homero não sabia por onde começar e terminar. Ou sabia pelo que ele iria pedir ou implorar. Exceto pelo chefe de

Dobryninskaya, não havia ninguém mais a quem ele pudesse recorrer. Andrey Andreyevich era um homem gordo, que escorria malícia, com um uniforme aberto, sem

ouvir o velho por muito tempo.

– Você está louco? Esta estação está em alerta, oito dos meus homens estão mortos e você vem aqui com uma epidemia! Não há epidemia! Pare, já roubou muito

do meu tempo! Saia agora ou...

Como uma baleia que pulava para fora da água, o chefe da estação levantou o corpo, quase derrubando a escrivaninha no chão. O oficial olhou para o cômodo pela

porta. Homero levantou confuso da cadeira dura para visitantes.

– Vou sair. Mas por que mandou homens para a Serpukhovskaya?

– O que isso tem a ver com você?

– Disseram na estação que...

– O quê? Agora chega. Espalhando o pânico... - Pavel, leve ele para a jaula!

Em um momento, Homero estava sendo arrastado para fora do aposento. O oficial arrastou o velho que contorcia-se por um estreito corredor, e enquanto dizia para

ele acalmar-se, acertou-o no meio do rosto.

A máscara de Homero voou longe. Ele tentou segurar o fôlego, mas levou outro soco no estômago, de maneira que começou a tossir, espasmódico. A baleia apareceu

no batente da porta do escritório. Ele preenchia a porta completamente.

– E lá ele deve ficar por um tempo. Depois veremos... – Em seguida virou-se para o visitante recém chegado. – E você é quem? Tem hora marcada?

Homero olhou para o estranho. Três passos de distância dele, Hunter estava em pé, sem se mover, com os braços cruzados em frente ao peito. Ele usava um novo

uniforme, e não era possível ver seu rosto sob a sombra do visor aberto. Ele pareceu

não reconhecer o velho, ou não queria envolver-se. Homero esperava que ele estaria

pingando sangue dos pés à cabeça, como um açougueiro, mas a única mancha vermelho-escura em suas roupas era o sangue de seu próprio ferimento.

Hunter olhou para o chefe com seu olhar de pedra, e subitamente moveu-se diretamente para ele, como se quisesse atravessá-lo para dentro do escritório.

Primeiramente Andrey ficou irritado, murmurou algo, mas recuou e abriu espaço para

Hunter passar. O oficial que segurava o colarinho de Homero parou, indeciso.

Hunter

seguiu o gordo para dentro do escritório, e calou-o com um rosnado de predador.  
Em

seguida sussurrou algo no ouvido dele, como uma ordem. O oficial soltou o velho  
e

passou pela porta. Um momento depois, ele apressou-se para fora, seguido por  
xingamentos sujos e a voz do chefe gritando.

– E deixe o provocador em paz! – Soou como se o gordo estivesse hipnotizado.

Com o rosto vermelho, o oficial recuou da porta atrás dele, arrastou-se para seu  
lugar na entrada e mergulhou em um jornal impresso em papel de embalagem.  
Quando

Homero aproximou-se da porta do comandante, o homem afundou-se ainda  
mais no

papel, como se não fosse mais problema seu. Apenas quando ele deu ao guarda  
outro

olhar triunfante, ele olhou os telefones de perto. Em um deles, o que piscava o  
tempo

todo, estava um pedaço de papel onde alguém escrevera com uma caneta de  
tinta azul

a palavra TULSKAYA.

\*\*\*

– Estamos em contato com a Ordem. – O comandante suado da Dobryninskaya  
estalou as articulações, e não deixou o brigadeiro fora de sua vista em nenhum  
momento. – Ninguém me informou desta operação. Não posso tomar esta  
decisão

sozinho.

– Então ligue para eles – respondeu Hunter. – Ainda há tempo para ele votarem.

Mas não muito.

– Eles não vão aprovar. Tal operação coloca em risco a estabilidade de Hanza.

Sabe que isso é mais importante que qualquer coisa. Além do mais, temos a situação

sob controle.

– Que estabilidade, pelos infernos? Se não fizer alguma coisa...

Andrey Andreyevich continuou irredutível, e balançou a cabeça.

– A situação está sob controle. Não entendo o que você quer. Todas as saídas estão guardadas. Nem mesmo um rato conseguiria passar. Podemos esperar até que a

situação acabe por si só.

– Nada vai acabar por si só! – Hunter gritou. – Vai apenas fazer com que eles subam até a superfície e alcance outra estação por ali. A estação precisa ser esterilizada.

Não consigo entender por que não fez isso ainda.

– Mas ainda pode haver pessoas saudáveis. Pode imaginar? Mandar meus rapazes queimar Tulskeya até o chão? E também as pessoas da intersecção, apenas para

ter certeza? Talvez a Serpukhovskaya também? Metade deles possuem suas concubinas

e bastardos ali! Não, sabe de uma coisa? Não somos fascistas. Guerra é guerra, mas

isso... Massacrar pessoas doentes... Até mesmo em Belorusskaya houve uma epidemia

parecida, eles separaram os porcos em diferentes lugares da estação, para matar os

doentes e deixar vivos os saudáveis. Eles não mataram todos.

– Aquilo foi com porcos. Aqui é sobre pessoas. – O brigadeiro disse em sua voz indiferente.

– Não, não e outra vez não. – O comandante balançou a cabeça, fazendo o suor respingar pelo escritório. – Não posso. É desumano. Como poderia viver com minha consciência? Conviver com pesadelos mais tarde?

– Você não precisa fazer nada. Para isso existem pessoas que não têm pesadelos. Nada mais.

– Mandei mensageiros para Polis. Estão procurando por uma vacina. – Andrey Andreyevich limpou a testa com a manga. Temos esperança nisso...

– Não existe vacina. Ou esperança. Pare de enfiar a cabeça na areia. Por que não

há nenhum paramédico da Central aqui? Por que se recusa a atender o telefone, ou dar

permissão para as legiões da Ordem?

O comandante da estação ficou em silêncio. Ele tentou fechar os botões de seu casaco, atrapalhou-se com ele nos dedos úmidos e finalmente desistiu. Em seguida,

aproximou-se do gabinete arranhado, despejou um licor de cheiro forte em um pequeno

copo e bebeu de uma vez...

Hunter percebeu.

– Você não disse nada... Eles não fazem ideia! Na estação vizinha, houve um surto e a Ordem não sabe nada sobre ele...

– Fiz para salvar meu pescoço. – Respondeu o outro com a voz rouca. – Uma

epidemia na estação vizinha, e esse é meu fim. Porque eu deixei acontecer... Eu não fiz

nada para prevenir... Porque eu ameacei a estabilidade de Hanza.

– Estação vizinha? Você diz a Serpukhovskaya?

– Até agora está tudo quieto, mas eu reagi muito tarde. Como poderia saber...

– E o que você disse para seu povo? Que está mandando unidades militares para a estação vizinha? E fechou o túnel?

– Bandidos... Um motim... Acontece em todos os lugares.

– É comum – o brigadeiro acenou com a cabeça. – E agora é muito tarde para dizer tudo à eles.

– Não é mais apenas sobre eu perder meu posto. – Andrey encheu o copo outra vez e bebeu ainda mais rápido. – Significa sentença de morte.

– E agora?

– Vamos esperar. – O comandante disse inclinando-se sobre sua mesa. – Talvez algo aconteça...

– E por que não responde às ligações? – Homero disse subitamente. – O telefone toca o tempo todo, são as pessoas de Tulskeya. – Quem sabe o que está acontecendo

por lá.

– Não está tocando – respondeu o comandante. – Eu desliguei o som. Apenas a pequena lâmpada acende. Enquanto isso acontecer, ainda há pessoas vivas na estação.

– Por que você não atende? – Homero perguntou furioso.

– O que eu deveria dizer à eles? Que precisam ser pacientes? Que ficarão bem



em breve? Que a ajuda está a caminho? Que deveriam colocar uma bala em suas

cabeças? Falar com os refugiados é o suficiente para mim.

– Cale a boca imediatamente. – Hunter ordenou entre os dentes. – Escute. Em vinte e quatro horas estarei de volta com uma unidade. Quero que nos deixe passar

livremente por todos os postos de guarda. Mantenha Serpukhovskaya fechada. Iremos

até Tulskeya e faremos nosso trabalho. Se necessário, faremos o mesmo em Serpukhovskaya. Começaremos uma pequena guerra. Não precise contatar Hanza. Não

precise fazer nada. Eu mesmo me encarregarei de que... A estabilidade seja trazida de

volta.

O comandante acenou com a cabeça fracamente. Exausto, ele afundou em sua cadeira, como um pneu de bicicleta furado. Ele encheu outro copo com o licor, o cheirou, e perguntou em voz baixa antes de esvaziar o copo.

– Você vai nadar em sangue até os cotovelos. Isso não o assusta?

– Pode-se lavar o sangue com água. – Respondeu o brigadeiro.

Quando eles deixaram o escritório do comandante da estação, ele inspirou

profundamente e gritou pelo oficial com sua voz trovejante. O oficial correu pela porta,

e ela fechou-se atrás dele com um rangido. Homero esperou por Hunter. Ele o deixou

dar alguns passos, inclinou-se sobre a mesa do oficial, pegou o receptor do aparelho

que piscava, e levou-o ao ouvido.

– Olá! Olá! Estou ouvindo. – Ele sussurrou no telefone.

Silêncio... mas o silêncio não era como se o cabe estivesse cortado, mas mais como se alguém pegara o receptor do outro lado, mas não estivesse mais lá para responder para Homero. Como se a pessoa tivesse esperado por tanto tempo que perdeu a paciência. Como se o velho com sua voz entrecortada falasse ao ouvido de um morto.

Hunter virou-se da porta e lançou a Homero um olhar de reprovação. Ele cuidadosamente colocou o receptor de volta e seguiu o brigadeiro.

\*\*\*

– Popov! Popov! Levante-se! Depressa!

A lanterna poderosa do comandante ofuscou-o através das pálpebras fechadas e queimou seu cérebro. Uma mão forte chacoalhou seu ombro e estapeou Artyom no rosto sem barbear. Ele lutou para abrir seus olhos e esfregou a bochecha que ardia, mas

levantou-se da maca, endireitou-se e saudou o comandante.

– Onde está sua arma? Pegue-a depressa e siga-me!

Ele dormia com seu uniforme há dias. Artyom pegou sua Kalashnikov, que ele enrolara em um pedaço de pano que servia como seu travesseiro, e andou exausto atrás

do comandante. Por quanto tempo ele dormira? Uma hora? Duas? Sua cabeça doía e

sua garganta estava seca.

– Começou. – O comandante gritou por sobre o ombro sem deter-se. Seu hálito alcóólico impregnou Artyom.

– O que começou? – Ele perguntou temeroso.

– Verá dentro em pouco. Está levando um cartucho extra? Você vai precisar.

A Tulskeya, espaçosa e sem pilares, parecia a parte superior de um grande túnel que foi mergulhado na escuridão quase completa. Apenas em alguns lugares alguns

raios fracos de luz chegavam ao chão. Eles moviam-se sem sentido de um lado para o

outro como se crianças ou macacos estivessem brincando com as lanternas. Mas de

onde aqueles macacos teriam vindo? Subitamente, Artyom despertou. Ele entendeu

imediatamente o que estava acontecendo, e ficou no controle absoluto de seu rifle. Eles

não eram capazes de esperar mais! Ou talvez fosse muito tarde?

Dois soldados roucos e sonolentos emergiram do alojamento e uniu-se a eles. O comandante juntou todos os reservas, todos que ainda estavam em pé e poderiam segurar uma arma. Alguns deles já estavam tossindo. Através do ar pesado, esgotado,

um som estranho e terrível chegou até aos seus ouvidos. Nenhum grito, nenhum uivo,

nenhuma ordem, apenas os gemidos de centenas de gargantas, torturadas, cheias de

desespero e horror. Um gemido emoldurado por um som metálico que vinha de duas,

três, dez direções diferentes. Na plataforma do trem, uma barricada gigante de tendas

rasgadas, cabines, partes dos vagões, madeira e todos os tipos de mobiliário estava

caída. O comandante abriu o caminho através deste ferro-velho como um quebra-gelo.

Artyom e os outros o seguiram. À direita, saindo da escuridão eles podiam ver algumas partes de um trem. A luz em ambos os vagões haviam apagado; as portas

abertas foram apressadamente pregada com grades de metal. No interior, por trás das

janelas escuras, uma terrível multidão de pessoas inflamavam-se. Dezenas de mãos

seguraram as barras e as arrancaram, fazendo barulho. Em cada porta, atiradores com

máscaras de gás foram posicionados, onde de vez em quando bocas negras abriam-se,

e levantavam seus rifles, sem bater ou atirar neles. Em alguns lugares os guardas tentavam acalmar as massas. Será que as pessoas no vagão sequer entendiam o que os

soldados estavam dizendo? Eles haviam sido aprisionados no trem, porque alguns tinham tentado fugir do isolamento, para dentro do túnel. Os infectados eram muitos,

em número bem maior que os não infectados.

O comandante correu passando o primeiro vagão, e Artyom finalmente entendeu

por que ele estava com tanta pressa: Na última porta, uma bolha de pus explodiu, e

criaturas estranhas voaram para fora do vagão. Eles quase não podia ficar de pé e os

seus rostos estavam cobertos de tumores, de modo que você não conseguia reconhecer

ninguém. Seus braços e pernas estavam inchados de maneira doentia.

Todos os atiradores restantes reuniram-se na porta. O comandante passou através do bloqueio e deu um passo à frente deles.

– Todos os doentes! Voltem imediatamente para seus lugares! Isso é ordem! –

Com um movimento brusco, ele retirou a Stechkin do cinto.

Os doentes que estavam mais próximos a ele precisaram de muitas tentativas para levantar as mãos. Neste momento um deles falou, com a língua sobre os lábios

sangrentos.

– Por que nos trata desta maneira?

– Vocês sabem que estão infectados com uma epidemia desconhecida. Estamos procurando por uma cura... Precisam ter paciência.

– Estão procurando por uma cura. – Repetiu o doente. – Acho que vou dar risada.

– Retorne ao vagão imediatamente. – O comandante destravou a pistola. – Vou contar até dez, e depois abrirei fogo. Um...

– Você nos dá esperança para não perder o controle. Até morrermos por conta própria.

– Dois.

– Estamos há vinte e quatro horas sem qualquer água. Por que deveria dar água para os condenados... Os guardas estão com medo de chegar perto das barras. Dois já

estão infectados...

– Três.

– O vagão está cheio de corpos. Estamos pisando em fezes humanas. Sabe o

barulho que faz quando um nariz rompe? Se é uma criança então... Não temos espaço

para eles, não podemos queimá-los...

– Quatro.

– Em alguns lugares, o espaço é tão pequeno que os mortos ficam ombro a ombro

com os mortos.

– Cinco.

– Dane-se, atire! Eu sei que não existe cura. Pelo menos morrerei rapidamente.

Sinto como se alguém raspasse meu corpo por dentro com uma lixa, e cobrindo com

álcool...

– Seis.

– ... e logo pusesse fogo. Minha cabeça parece estar cheia de vermes que mastigam devagar meu cérebro e minha alma... Nhac, nhac, crec, crec, crec...

– Sete.

– Idiota! Deixe-nos sair! Deixe-nos morrer como humanos! Você não tem o direito de nos torturar! Sabe tão bem quanto eu que provavelmente todos nós...

– Oito. Isso tudo é para nossa própria segurança. Para que os outros possam viver. Estou pronto para morrer, mas nenhuma de suas pestes borbulentas sairá daqui.

Mirem!

Artyom levantou seu fuzil e mirou em um dos doentes mais próximos. Deus do céu, aquilo era uma mulher? Ele olhou nos olhos dela e apontou o cano da arma em

um velho desabando. O grupo primeiramente recuou, gemendo, tentando espremer-se

de volta ao vagão, mas cada vez mais doentes saíam dele, como pus fresco de uma

ferida. Gemendo e chorando.

– Seu sádico, sabe o que está fazendo conosco? Não somos zumbis!

– Nove. – A voz do comandante estava partida. Soou como um sussurro.

– Deixe-nos sair! – Gritou o homem doente enquanto levantava os braços para alcançar o comandante. Como se ele fosse o diretor, a multidão seguiu seus movimentos e levantaram os braços.

– Fogo!

\*\*\*

No momento em que Leonid levou o instrumento aos lábios, as pessoas começaram a reunir-se em volta dele. Mesmo após os primeiros sons esparsos e incertos, as primeiras pessoas começaram a sorrir, aplaudir e alegrarem-se. E quando

a voz da flauta fortaleceu-se, suas faces transformaram-se. Era como se toda a sujeira

tivesse caído deles direto para o chão.

Desta vez, Sasha tinha um lugar especial: diretamente ao lado do músico.

Dezenas de olhares estavam em Leonid, mas alguns olhares estavam nela.

Primeiramente, ela sentiu-se desconfortável porque não merecia a atenção da multidão.

A melodia, como um bom livro, prendia as pessoas e não as deixava ir, fazendo-as

esquecer de tudo ao redor delas, carregando-as para além do chão de granito.

Era a

mesma melodia, de autoria de Leonid, sem nome, que flutuava pelo ambiente branco.

Ele começava e terminava suas performances com ela. Com esta melodia, ele suavizava

as rugas nas faces de sua plateia, soprava a poeira de seus olhos, e acendia neles pequenas chamas.

Mesmo que Sasha já conhecesse a melodia, Leonid conseguia abrir pequenas portas secretas em sua flauta, de modo que a música ainda soou diferente. Ela sentiu

como se estivesse encarando o céu por muito tempo, e subitamente enxergara entre as

nuvens uma terra verde, distante e infinita, por um segundo. Ela sentiu uma fisgada,

estremeceu e estava novamente embaixo da terra, e olhou em volta assustada. Lá

estava: uma cabeça maior que qualquer outro na plateia, um pouco mais afastado, seu

queixo levantado. Hunter.

Ela a encarava duramente, e apenas algumas vezes seu olhar encarava o músico.

Leonid nem olhou para ele. Mesmo se algo o incomodasse enquanto tocava, ele não

disse nada. Estranhamente, Hunter não saiu imediatamente, e não fez qualquer esforço

para leva-la com ele ou parar o concerto. Apenas quando os últimos sons pararam, ele

recuou e desapareceu. Imediatamente, Sasha deixou Leonid parado onde estava, e



avançou pela multidão, para alcançar Hunter.

Ele não parou muito longe, estava sentado em um banco com Homero. Ele também abaixara a cabeça.

– Você ouviu tudo. – O brigadeiro disse com a voz rouca. – Vou continuar. Você virá comigo?

– Para onde? – O velho sorriu cansado para a garota. – E ela sabe.

Hunter olhou para Sasha outra vez com seu olhar duro, em seguida acenou com a cabeça silenciosamente, e voltou-se para o velho.

– Não é longe daqui. – Ele fez um movimento com a cabeça. – Mas não quero ir sozinho.

– Leve-me com você. – Sasha gritou, confiante.

Hunter suspirou, seus dedos fecharam-se em um punho, e ele os abriu outra vez.

– Obrigado pela faca. – Ele finalmente disse. – Fiz bom uso dela.

A garota deu um passo para trás, surpresa. No momento seguinte, ela já estava sob controle de si mesma novamente, e respondeu:

– Você decide o que faz com a faca.

– Eu não tive escolha.

– Sempre há escolha. – Ela mordeu o lábio inferior.

– Se soubesse, entenderia. Se você verdadeiramente...

– Entendesse o quê?

– O quanto é importante chegar em Tulskaia. Importante para mim. O mais rápido possível...

Sasha viu que os dedos dele tremiam levemente, e a mancha escura em seu

ombro tornara-se maior. Ele tinha medo deste homem, mas ela tinha ainda mais medo

por ele.

– Precisa me levar com você. – Ela pediu à ele suavemente.

– Nem pensar. – ele respondeu. – Não importa quem fará isso. Por que não eu?

– Está matando a si mesmo. – Ela moveu-se mais perto dele e cuidadosamente pegou em sua mão.

Ele afastou-se como se ela o tivesse mordido.

– Preciso fazer isso. As pessoas no comando aqui são todas covardes. Se eu hesitar por mais tempo, condeno o metrô inteiro.

– Mas e se houver outra alternativa? Uma cura? Se você... teria que fazer isso ainda?

– Quantas vezes preciso repetir: não existe cura contra a febre! Se existisse, eu iria... eu iria...

– O que você escolheria? – Sasha ainda segurava a mão dele.

– Não tenho escolha. – O brigadeiro retirou a mão. – Vamos. – Ele disse para Homero.

– Por que não me leva com você? – Sasha gritou.

Silenciosamente, quase sussurrando, de modo que ninguém além dela pudesse ouvir, ele disse:

– Eu tenho medo.

Ele virou-se e saiu. Enquanto ele passava por Homero, avisou que ele tinha dez minutos antes de partirem.

– É por causa da febre? – Ela ouviu subitamente atrás dela.

– O quê? – Sasha virou-se e colidiu com Leonid.

O músico estava sorrindo de maneira inocente.

– Se não estou enganado, alguém estava falando sobre a febre.

– Você está enganado. – Ela não queria discutir isso no momento.

– E eu pensei que os rumores eram verdadeiros. – Leonid disse para si mesmo, imerso em pensamentos.

Sasha enrugou a testa.

– Que rumores?

– Da quarentena na Serpukhovskaya. Conversas sobre esta doença aparentemente incurável. Uma epidemia... – Leonid estava olhando para ela, seguindo

cada movimento de seus lábios e sobrancelhas.

Ela corou.

– Há quanto tempo estava nos escutando?

Ele esticou os braços.

– Nunca faço isso por querer. Eu tenho ouvidos de músico.

– Aquele é meu amigo. – Ela explicou e apontou a cabeça na direção de Hunter.

– Ótimo. – Leonid respondeu.

– Por que você disse aparentemente?

– Sasha! – Homero levantou do banco e olhou Leonid desconfiado. – Posso falar com você por um segundo? Precisamos decidir como nós...

– Posso falar por um segundo? – O rapaz deixou o velho parado onde estava, e com um sorriso polido pisou para o lado por alguns passos, virando a garota com ele.

Sasha seguiu-o incerta. Ela sentiu que não perdera a luta com Hunter ainda, e se ela insistisse, ele não se atreveria a enxotá-la outra vez. E então ela poderia finalmente

ajudá-lo, mesmo se ela não soubesse como. Leonid abaixou a cabeça e sussurrou:

– Seria possível eu ter ouvido falar desta epidemia antes, não? Talvez não seja a primeira vez que há um surto desta epidemia. E talvez existam algumas pílulas mágicas

para ela.

Ele olhava diretamente em seus olhos.

– Mas ele diz que não existe cura – disse Sasha. – Que ele precisa...

– Destruir todos eles? Ele, seu grande amigo? Não é surpresa. Ele provavelmente estudou medicina.

– Você está dizendo...

– Estou dizendo – o músico colocou a mão no ombro de Sasha, abaixou a cabeça e sussurrou em seu ouvido. – Que existe uma cura.

## **15 – Apenas dois**

O velho pigarreou irritado, e deu um passo na direção da garota.

– Sasha! Preciso falar com você!

Leonid piscava na direção de Sasha e deu um passo para trás, deixando Sasha livre com uma humildade exagerada, e distanciou-se. Mas Sasha não conseguia pensar

em mais nada. Enquanto o velho estava tentando convencê-la de que ainda poderiam

dissuadir Hunter, e tentava convencer a garota a ter algum juízo, a menina estava

olhando por cima do ombro para o músico. Ele não olhou para ela, mas o ligeiro sorriso

no rosto mostrou que ele não a perdia de vista. Ela concordou com a cabeça, e disse

para Homero que ela estaria pronta para qualquer coisa, mas precisava de mais um

minuto sozinha com Leonid. Ela precisava descobrir o que ele sabia. Ela precisava

acreditar que existia uma cura.

– Volto logo – ela cortou o velho quando ele estava no meio de uma frase. Passou por ele e correu até o músico.

– Você precisa me dizer! – Ela estava cansada de jogos. – Como?

– Esta é a parte complicada da questão. Edu sei que pode-se curar a doença.

Conheço pessoas que a venceram. Posso levar você até elas.

– Mas você disse que conhecia a cura...

Ele encolheu os ombros.

– Você entendeu errado. Como eu poderia? Sou apenas um flautista, um músico itinerante.

– Quem são estas pessoas?

– Você pode conhecê-las se quiser. Mas nós precisamos dar um pequeno passeio primeiro.

– Em que estação eles estão?

– Não é longe daqui. Você verá, se quiser.

– Eu não confio em você.

– Mas você gostaria de confiar. E como eu também não confio inteiramente em

– Você, não posso dizer tudo.

O olhar de Sasha escureceu.

– Por que quer que eu vá com você?

– Eu? – Leonid balançou a cabeça. – Eu não me importo. Não quero salvar ninguém, nem poderia. Pelo menos não assim.

Ela hesitou e depois perguntou:

– Pode me dar sua palavra de que me levará até essas pessoas? Sua palavra de que elas podem ajudar?

– Levarei você até elas. – Leonid disse em um tom sério.

Novamente, o irritado Homero juntou-se à conversa:

– O que você está planejando, Sasha?

– Eu não vou com você. – Ela respondeu e voltou-se para o músico. – Ele diz que existe uma cura.

– Ele está mentindo. – Homero disse inseguro.

– Você parece entender melhor de vírus do que eu. – Leonid tentou manter o tom respeitoso. – Você os estudou? Ou fez alguma experiência com eles? Ou acha que aquele massacre é a melhor maneira de livrar-se da epidemia?

– De onde você sabe tudo isso? – O velho perguntou surpreso, e olhou para Sasha. – Você contou...

– E aí vem o novo médico. – Disse o músico quando percebeu que Hunter aproximava-se, e deu um passo para trás, apenas por segurança. – Então a equipe de

primeiros socorros está pronta, e eu posso ir.

– Espere. – A garota pediu.

– Ele mente! – Homero sussurrou. – Ele apenas quer... você... Mesmo se ele estiver dizendo a verdade, você não vai conseguir. Hunter estará de volta com homens

em vinte e quatro horas. Se ficar comigo, talvez você consiga fazê-lo mudar de ideia.

E este...

– Não posso fazer nada. – Sasha respondeu com uma voz desamparada. – Não posso mudar mais nada, eu sinto. Tenho apenas uma escolha, fazer ele escolher. Eu

preciso me separar...

– Separar? – Homero ergueu a sobrancelha.

– Não vou precisar de vinte e quatro horas. – Ela disse antes de desaparecer.

\*\*\*

Por que ele a deixou ir?

Por que ele demonstrara fraqueza, e deixou isso acontecer, este louco itinerante roubar sua heroína, sua musa, sua filha? Quanto mais o velho pensava em Leonid,

menos gostava dele. Dos grandes olhos verdes do músico, ele podia ver os olhares

lascivos, e quando ele pensava que ninguém o observava, sombras negras atravessavam

sua face de anjo...

O que ele queria com ela? No melhor dos casos, brincava de adorador da inocente beleza de Sasha, e ia pregá-la em um pino para mantê-la seca e morta no seu

álbum de poesia. O charme de sua juventude perdendo-se, algo que não poderia ser

fotografado, cairia dela como o pólen de uma flor. A garota, iludida e usada, iria chacoalhar o pó, e levar muito tempo para ficar pura outra vez, mas ela esqueceria a

traição deste demônio.

Mas por que ele a deixou ir?

Por covardia. Porque Homero não só evitou qualquer discussão com Hunter, mas não tinha visto a possibilidade de apresentar as questões que realmente o incomodavam. Sasha estava apaixonada, portanto sua coragem e imprudência poderiam ser perdoados. Mas era de se esperar que o brigadeiro tratasse o velho com a

mesma indulgência?

Homero continuava chamando-o de brigadeiro porque estava acostumado, e o acalmava: o título retirava do homem sua crueldade, porque ele era apenas o comandante do posto de guarda norte da Sevastopolskaya... Mas não! A pessoa que

cortara através da escuridão do túnel ao seu lado não era mais o mesmo soldado. O

velho começou a perceber que seu companheiro começara a transformar-se. Algo



terrível passava dentro dele, era insensato não querer ver, e inútil tentar dizer a si mesmo outra coisa.

Será que Hunter movia-se com pressa, porque ele queria terminar este drama sangrento o mais rápido possível? Agora, ele não iria apenas destruir a Tulskeya, mas

também a conexão do túnel e a Serpukhovskaya, com todos os seus habitantes e guardas posicionados de Hanza. Só porque alguns deles poderiam estar contaminados.

E a Sevastopolskaya poderia talvez ter o mesmo destino na frente deles. O brigadeiro

não precisava mais de qualquer causa para matar. Ele só precisava de um motivo.

Homero não era mais capaz de correr atrás de Hunter, e assistir como em um pesadelo todos os seus crimes, e documentá-los. Ele tinha a consciência limpa, achava

que tudo que estava acontecendo era em nome do resgate de Tulskeya, dizia para si

mesmo que era um mal necessário. O brigadeiro impiedoso era como Moloque, e

Homero era muito covarde para lutar contra o destino.

A garota, por outro lado, parecia querer lutar contra isso. Enquanto Homero estava conformado com Tulskeya e Serpukhovskaya transformando-se em Sodoma e

Gomorra, Sasha não queria desistir. Homero não podia mais dizer a si mesmo que

alguma pílula ou vacina existisse, de modo que Hunter não precisasse destruir a epidemia com fogo e espada, enquanto Sasha queria procurar por uma cura até o

amargo fim.

Homero não era um guerreiro ou um médico, e era velho demais para acreditar em milagres. Uma parte de sua alma sonhava passionadamente com um possível resgate,

justamente a parte que ele arrancou do corpo e deixou ir embora com Sasha. Tudo que

ele não se atreveu a fazer, ele empurrou para a garota. E encontrou paz em seu desamparo. Em vinte e quatro horas, tudo estaria acabado. Após isso, Homero iria

desertar e conseguir uma cela solitária para terminar seu livro. Agora ele sabia sobre o

que ele seria.

Sobre como um animal inteligente encontrara uma estrela mágica que caíra do céu, como ele a devorara e transformara-se em um humano. Sobre como a humanidade

roubara o fogo, mas não fora capaz de domá-lo, e não apenas queimaram a si mesmos

com ele, mas tornaram o mundo todo em cinzas. Sobre como cem anos depois disso, a

estrela seria retirada dos homens novamente, e como então transformaram-se não em

animais, mas em algo tão terrível que não era possível nomear.

\*\*\*

O guarda deixou o punhado de balas escorregar para dentro do bolso, e apertou fortemente a mão do músico, para completar a barganha.

– Por um pagamento simbólico, vocês podem vir conosco na dresina.

– Prefiro uma caminhada romântica no túnel. – Leonid respondeu.

O guarda não desistiu, e sussurrou para o músico:

– Escute, os dois não podem passar pelo túnel sem escolta. Levam um guarda, sem argumentos. E a sua mulher não tem documentos. Mas eu poderia leva-los onde

querem bem mais rápido, onde os dois podem ficar sozinhos.

– Não precisamos disso. –Sasha falou.

O músico curvou-se diante dela.

–Deveríamos agir como se fossem nossos seguranças. O príncipe e a princesa de Mônaco saindo para um passeio.

– Princesa do quê? – Perguntou Sasha.

– De Mônaco. Em Côte d’Azur...

– Escute. – O guarda cortou-o – Se vocês realmente querem ir andando, precisam

ir agora. Seu cartucho é ótimo, mas os rapazes precisam estar de volta à base ao anoitecer. Ei, Muleta! – Ele gritou para um dos guardas. – Acompanhe estes dois para

Kievskaya. Diga para a patrulha que é uma deportação. Leve eles até a linha radial, e

depois volte para casa. – Ele virou-se para Leonid. – Certo?

– Sim. – Ele respondeu e saudou jocosamente.

O chefe da guarda piscou os olhos e disse.

– Sempre que precisar.

Como Hanza era diferente do restante do metrô!

Em toda a linha, de Pavelezkaya à Oktyabrskaya, não havia um único local onde fosse completamente escuro. Cada cinquenta passos havia um cabo que se

arrastava ao

longo da parede, a luz uma lâmpada elétrica alcançando a próxima. Até mesmo os

túneis secretos de emergência, que se separavam do túnel principal, possuíam intervalos muito bem iluminados, de modo que eles perdiam sua sensação assustadora.

Se dependesse de Sasha, eles teriam corrido para salvar minutos importantes, mas Leonid a convenceu que não precisavam de pressa. Ele recusou-se a explicar para

onde a estava levando a partir da Kievskaya. Ele marchava devagar e entediado. Era

notável que ele visitava regularmente os túneis, que os simples mortais não tinham

acesso na linha Anel.

– Fico feliz que seu amigo sempre faz o que pensa ser o certo. – Ele disse após um tempo.

Sasha enrugou a testa.

– Do que você está falando?

– Se os civis fossem tão importantes para ele quanto são para você, teríamos levado ele conosco. Mas agora nos separamos em grupos de dois, e cada um faz o que

quer. Ele mata, você cura...

– Ele não quer matar ninguém! – Ela disse com a voz aguda e um pouco alta demais.

– Claro que não. É apenas o trabalho dele. – Ele suspirou. – Quem sou eu para julgar?

– E o que você quer fazer quando for adulto? – Sasha perguntou sarcasticamente.

– Tocar?

– Apenas ficarei perto de você. O que mais preciso para ser feliz?

Ela balançou a cabeça.

– Está dizendo por dizer. Você nem me conhece. Como eu poderia fazer você feliz?

– Eu sei como. Mas para mim já é o suficiente apenas olhar uma garota bonita para ficar feliz. E o que...

– Então está dizendo que reconhece a beleza quando a vê? – Ela olhou para ele.

Leonid acenou com a cabeça.

– É a única coisa em que sou bom.

Subitamente, as rugas na testa de Sasha suavizaram.

– O que há de tão extraordinário sobre mim?

– Você tem brilho. – Desta vez, a voz dele soou quase séria. Mas no momento seguinte, o músico deu um passo para trás e olhou para ela. – Uma pena você estar

usando estas roupas grosseiras.

– O que há de errado com as minhas roupas? – Ela moveu-se lentamente. Ela começava a se irritar com o fato de ele olhar suas costas.

– Suas roupas não deixam passar nenhuma luz. E eu sou como uma mariposa. –

Ele moveu os braços como se fossem asas, e fez uma cara estúpida. – Sempre voando

em direção ao fogo.

Um breve sorriso formou-se no rosto dela por um momento. Ela entrou no jogo.

– Então você tem medo do escuro?

– Da solidão. – Leonid fez uma cara triste e cruzou os braços na frente do peito.

Ele não deveria ter dito aquilo. Enquanto tocava as cordas, havia calculado mal sua resistência, e ele estava prestes a soar a corda mais delicada quando esta partiu-se

e quebrou-se com um ruído vil. Esta pequena movimentação do ar do túnel soprou toda

a seriedade dos pensamentos, e fez Sasha entrar na brincadeira do músico. Mas ela

parou. Com uma batida, os sentimentos alegres que as palavras de Leonid trouxeram

foram embora. Agora sua seriedade voltara, e ela perguntou-se por que havia desistido.

Seria apenas por causa desta frivolidade que ela abandonara Hunter e o velho?

– Solidão. Você nem sabe o que está dizendo.

\*\*\*

A Serpukhovskaya havia imergido na escuridão e no medo. Soldados usando

máscaras de gás bloqueavam a entrada para o túnel e a passagem para a linha anel. A

estação zumbia, com a premonição de uma catástrofe, como uma colmeia de abelhas

desperta. Hunter e Homero foram escoltados pelo saguão como dois dignitários, e os

habitantes da Serpukhovskaya tentavam ler em seus olhos se tinham conhecimento da

situação e, em caso afirmativo, qual poderia ser o destino os aguardava. Homero

encarava o chão; ele não queria se lembrar de seus rostos mais tarde. O brigadeiro não

dissera para onde estavam indo, mas o velho começou a suspeitar. Para Polis.

Conectando as quatro linhas do metrô, existia uma cidade real, com milhares de habitantes. O restante deste domínio subterrâneo havia sido dividido em estações hostis

há muito tempo. Polis era o paraíso da ciência e da cultura.

O local mais sagrado do metrô, que ninguém atrevia-se a atacar. Ninguém exceto

Homero, este cavaleiro meio louco do apocalipse.

Mas, nas últimas vinte e quatro horas, ele estava sentindo-se melhor. Sua náusea fora embora, e a tosse que o obrigara a limpar a máscara sangrenta parara também.

Talvez seu organismo estivesse vencendo a batalha contra a epidemia? Ou talvez ele

não fora infectado para começar? Talvez ele apenas imaginara a infecção. Ele soube

desde o começo, mas ainda assim sentira medo...

O túnel atrás da Serpukhovskaya estava escuro e silencioso, e possuía uma péssima reputação. Homero sabia que até Polis eles não encontrariam uma alma viva,

porque a linha entre Serpukhovskaya e Borovitskaya sempre esperava seus visitantes

com uma surpresa. Sobre Polyanka, a única estação em seu caminho, ele conhecia várias

lendas. Todos que passavam por ai geralmente não precisavam temer por suas vidas,

mas suas mentes podiam ser danificadas.

Homero esteve ali algumas vezes, mas nunca notou algo fora do comum. Ele

conhecia todas as lendas, e possuía uma explicação para cada uma delas. Por isso, ele

esperava que a estação permanecesse adormecida mais uma vez, e estivesse abandonada como nos bons tempos. Mas cerca de cem metros de distância de Polyanka, ele notou a luz elétrica, e os primeiros sons ecoaram para ele, e ele teve uma

premonição. Ele podia ouvir claramente as vozes humanas, mas como isso era possível? Pior ainda, Hunter, que podia facilmente sentir a presença de qualquer criatura viva por centenas de passos de distância, parecia não ouvir nada. Ele sequer

notou a expressão preocupada de Homero.

O brigadeiro estava totalmente fechado em si mesmo e não notava o que estava acontecendo. A estação era habitada! Desde quando? Homero perguntou-se diversas

vezes o motivo de os habitantes de Polis nunca terem tentado chegar em Polyanka. Eles

já estavam ficando sem espaço, portanto por que não simplesmente anexar aquela

estação? Apenas lendas os impediam! Mas finalmente alguém cansou de deixar a

estação abandonada, havia superado o medo e levantado ali uma cidade de tendas. Eles

até mesmo instalaram novas luzes.

Como estavam desperdiçando eletricidade! Ainda no túnel, Homero colocou a mão na frente dos olhos, para evitar olhar para a luz ofuscante que saía das lâmpadas

de mercúrio que estavam penduradas no teto.



Incrível! Mesmo Polis nunca esteve tão limpa e organizada. As paredes não estavam cobertas pelas cinzas e sujeira dos últimos anos. Os ladrilhos de mármore

brilhavam, e parecia que o teto fora renovado com tinta branca no dia anterior. Homero

olhou pelo arco de entrada da estação e não conseguiu ver uma única tenda. Eles não

chegaram a levantar as tendas até aquela parte? Ou queriam transformar a estação em

um museu? Ele poderia acreditar nisso, afinal de contas Polis possuía pessoas excêntricas no comando. Gradualmente, a plataforma estava enchendo-se de pessoas.

Elas não se importaram com o mercenário armado até os dentes, com seu elmo de titã,

e com o velho sujo e cambaleante.

Ainda assim, Homero sabia que enquanto olhava para eles, ele não conseguia se movimentar nem mesmo um centímetro, suas pernas estavam dormentes. Todas as

pessoas reunidas na plataforma estavam vestidas como se estivessem fazendo um filme

sobre os primeiros anos do século vinte e um em Polyanka. Casacos delicados, coloridas jaquetas aquecidas, jeans escuros... As pessoas usavam estas roupas antes da

catástrofe. Onde estavam os casacos grosseiros feitos de couro de porco, onde estava o

eterno marrom do metrô, o cemitério das cores? Onde havia ido?

Onde eles conseguiram toda esta riqueza? E seus rostos!

Não eram rostos de pessoas que perderam seus familiares em um momento.

Aquelas pessoas pareciam tê-los vistos há pouco tempo, como se tivessem começado

seu dia, como todos os outros, com uma ducha quente. Homero poderia jurar que... E

então... Ele teve o pressentimento de conhecer aquelas pessoas de algum lugar. Mais

e mais destas maravilhosas pessoas reuniam-se na borda da plataforma, entretanto sem

pisar nos trilhos. Logo a multidão colorida encheu toda a estação, do início ao fim.

Parecia que todos eles haviam saído de uma foto antiga, tirada há trinta anos atrás.

Ainda assim, nenhum deles olhava diretamente para Homero, elas olhavam para todos

os lugares, as paredes, os jornais, uns aos outros discretamente, por inveja ou curiosidade. Mas elas não olhavam para o velho, como se ele fosse um fantasma. Por

que elas reuniram-se ali? O que estavam esperando? Levou algum tempo até que ele

pudesse controlar-se outra vez. Onde estava o brigadeiro? Por que ele não dissera nada?

Hunter parara alguns passos atrás dele. Ele parecia não estar interessado na estação

cheia de pessoas. Com um olhar duro, ele vasculhou o aposento, como se algo à frente

bloqueasse seu caminho. Alguns passos à frente dele, algo parecia pendurar-se acima

de sua cabeça. Homero aproximou-se e observou cuidadosamente sob o visor... E

subitamente, Hunter começou a socar o nada. O punho passava pelo ar, em um estranho

círculo para a esquerda e depois para a direita, como se o brigadeiro tentasse acertar

alguma criatura invisível com uma lâmina imaginária. Ele quase acertou Homero, que

pulou para o lado. Hunter continuou sua luta. Ele socou, deu um passo para trás, defendeu-se e parecia agarrar-se a algo com seus dedos de ferro, gemendo no momento

seguinte, como se alguma coisa apertasse seu pescoço e o estivesse enforcando. O

velho sentiu como se tivesse visto algo parecido antes, pouco tempo atrás. Onde e quando? E o que diabos estava acontecendo com o brigadeiro? Homero gritou seu nome, mas ele parecia estar possuído por alguém, e não reagiu aos seus gritos histéricos. As pessoas na plataforma não reagiram a Hunter. Ele não existia para elas,

e elas não existiam para ele. Elas reagiram a outra coisa, olharam para seus relógios,

falaram com os que estavam perto e igualaram as horas deles com os números vermelhos do relógio da entrada do túnel. Homero fechou os olhos por um segundo e

seguiu os olhares das pessoas... O relógio da estação mostrava o momento em que o

trem partira. Mas o mostrador tornou-se maior, e agora havia espaço para dez números,

oito antes dos dois pontos que piscavam, e outros dois para os segundos. Também pequenos pontos vermelhos circundavam os segundos, e apenas o último número era

incrivelmente longo. Era mais de doze milhões, e mudou...

Ouviu-se um grito e um choro. Homero afastou-se do estranho relógio. Hunter estava deitado nos trilhos com o rosto virado para baixo e não se movia. Ele correu até

o brigadeiro, e virou o corpo pesado e sem vida de costas. Ele ainda respirava. O velho

não via qualquer ferimento, mas seus olhos eram de um homem morto. Sua mão direita

ainda estava fechada como um punho, e Homero percebeu que Hunter não estava

desarmado neste estranho duelo. Em suas mãos estava a faca negra. Ele estapeou o

brigadeiro algumas vezes, que começou a gemer como um bêbado. Ele piscou os olhos,

levantou-se sobre o cotovelo e olhou para o velho com uma expressão incerta. A

imagem de seu sonho desapareceu. As pessoas em seus casacos coloridos

desapareceram sem deixar rastro, as luzes brilhantes se foram e a poeira do tempo

cobria as paredes. A estação era escura e sem vida como sempre, como Homero estava

acostumado em suas expedições anteriores.

\*\*\*

Até Oktyabrskaya, os dois não trocaram uma única palavra. Ela podia ouvir

apenas como seus guardas trocavam alguns sussurros, e sua inspiração acentuada

quando tropeçava sobre um dormente. Sasha estava irritada, não tanto com o músico,

mas com ela mesma. O músico... Bem, ele se comportara como era esperado. Agora

tudo que ele fazia era envergonhá-la um pouco, mas ela não havia sido dura o suficiente

com ele? Na Oktyabrskaya, a corrente de ar mudou e quando Sasha viu a estação, ela

esqueceu de todo o resto. Nos últimos dias, ela esteve em vários lugares que ela não

imaginava que existissem. Mas a glória de Oktyabrskaya ofuscou todo o resto. Sobre

o chão de granito estavam tapetes, onde ainda era possível ver os padrões originais,

mesmo sendo tão antigos. Luminárias que simulavam tochas e lustres polidos mergulhavam a câmara em uma luz firme e leitosa.

Aqui e ali havia mesas, onde pessoas com rostos iluminados sentavam-se, conversavam entre si e trocavam papéis. Sasha esticou o pescoço para poder ver mais.

Em seguida, disse timidamente:

– Tudo aqui é tão... luxuoso.

– As estações do anel parecem porcos no espeto sobre o fogo. – Leonid

murmurou. – Elas pingam por causa da gordura... E antes que eu me esqueça, que tal

um lanche?

– Não temos tempo. – Ela balançou a cabeça e torceu para que ele não pudesse ouvir seu estômago roncando.

– Vamos. – O músico puxou a mão dela. – Existe um lugar aqui, que nada que você já comeu se compara... Rapazes, vocês não tem nada contra uma boa refeição, ou

tem? – Ele perguntou aso guardas. – Não se preocupe Sasha, em duas horas estaremos

lá. Não contei que fazem uma carne de porco no espeto aqui à toa. Porque aqui eles

fazem...

Ele falou sobre a comida até Sasha concordar. Se faltavam apenas duas horas para seu destino, havia tempo suficiente para uma refeição de meia hora. Eles ainda

tinham o dia inteiro e quem sabe quando ela conseguiria comer algo outra vez? O chachlik mereceu o louvor. Mas não foi o suficiente, Leonid ordenou uma garrafa de

vinho adocicado.

Sasha estava curiosa e bebeu uma pequena taça, o músico e os guardas dividiram o restante. Subitamente, ela levantou-se de sua cadeira e mandou Leonid fazer o mesmo. A rigidez em sua voz veio do fato de estar irritada com ela mesma. Irritada

porque, exausta da comida e do álcool quente, demorou um pouco para empurrar a mão

dele de seu joelho. Seus dedos eram macios e pecaminosos. Ultrajante!

Leonid levantou as mãos imediatamente, como se dissesse que se rendia, mas ela ainda podia sentir o toque dele em sua pele. Por que eu o empurrei tão rapidamente?,

ela perguntou a si mesma, confusa. Sasha queria retirar esta cena doce de sua memória

o mais rápido possível, cobri-la com uma conversação.

– As pessoas aqui são estranhas. – Ela comentou com Leonid.

– Por quê? – Ele esvaziou a taça de uma vez, e aproximou-se vagorosamente por

trás da mesa.

– Falta algo em seus olhos.

– Fome?

– Não, não apenas... Elas não parecem precisar de nada.

– É porque elas não precisam de nada. – Leonid sorriu. – Elas estão fartas. A rainha Hanza alimenta todos eles... E os olhos? Olhos normais, entediados...

O que deixamos para trás hoje poderia alimentar meu pai e eu por três dias. Não deveríamos levar conosco, e dar para outra pessoa? – Sasha estava séria novamente.

– Não. – respondeu o músico. – Eles dão para os cães. Não há pobres aqui.

– Mas eles poderiam dar para as estações vizinhas! Existem pessoas famintas...

– Hanza não faz caridade. – Disse um dos guardas, que eles chamavam de Muleta. – Eles fazem o que querem com a própria comida. Esta é a última opção.

Alimentar a escória.

– Você é de Hanza? – Leonid perguntou.

– Sempre vivi aqui. Desde que posso me lembrar.

– Você não acreditaria, mas passando a linha azul, as pessoas também precisam comer.

– Elas podem comer umas às outras pelo que me importo! – Respondeu o guarda irritado. Ou deveríamos esperar que no fim, dividissem tudo como os vermelhos?

– Bem, se é assim que as coisas são... – Leonid começou.

– Então o quê? Cale a boca menino! O que você está dizendo é o suficiente para ser deportado!

– Eu já consegui minha deportação. – disse o músico. – Mas estou disposto a trabalhar nela mais um pouco.

– Posso deportá-lo para outro lugar. – Vociferou o guarda. – Porque você é um espião dos vermelhos!

– E eu por você beber em serviço...

– Bem, você... bebeu também... venha aqui seu...

– Não! Sinto muito, por favor perdoe-o. É apenas um mal entendido. – Sasha disse, puxando o músico pela manga para longe de Muleta. O guarda respirava pesadamente.

Bruscamente, ela puxou Leonid para os trilhos, olhou o relógio e suspirou. Por causa da refeição e da discussão, passaram-se duas horas, e Hunter, por outro lado,

provavelmente não parou por um segundo.

O músico ria atrás dela, bêbado. Durante todo o caminho para Park Kultury, ambos os guardas reclamavam fortemente. Leonid queria responder à eles, mas Sasha

o convenceu do contrário todas as vezes. Ele ainda estava bêbado, e sua arrogância e

insolência cresceram. A garota precisou virar-se para escapar de suas mãos intrusivas.

– Você não me acha nem um pouco bonito? – Ele disse magoado. – Não sou seu tipo, não é mesmo? Você não gosta de caras como eu, gosta de músculos e cicatríiiiiizes... Por que você veio comigo então?

– Porque você prometeu! – Ela o empurrou. – E não por isso...

– A velha história de “não sou esse tipo” – Ele suspirou. – Se eu soubesse que



você era tão recatada...

– Como se atreve? Existem pessoas vivas por lá! Elas morrerão se não conseguirmos!

– E o que eu posso fazer para impedir? Eu mal consigo ficar em pé. Sabe quanto eles estão pesados? Olhe só. – Leonid tentou levantar seu pé enquanto andava, de maneira absurda. –E as pessoas morrerão de qualquer maneira. Amanhã ou em dez

anos. Assim como você e eu. Então por que a pressa?

– Você mentiu para mim? Você mentiu para mim! Homero soube imediatamente... Ele me avisou... Para onde estamos indo?

– Não, eu não menti. Preciso jurar outra vez? Você verá! E vai me pedir desculpas! Envergonhada vai dizer “Leonid! Eu estava erraaaaada...”

– Para onde estamos indo?

– Estamos indo até não podermos mais... Para a cidade das esmeraldas... Não é um caminho fácil. – Leonid cantou para si mesmo, enquanto conduzia uma orquestra

invisível com os dedos. Subitamente, sua flauta caiu no chão, ele amaldiçoou e quase

caiu também.

– Ei, seu bêbado! Consegue chegar em Kievskaya? – Gritou um dos guardas atrás dele.

– Se você rezar por nós! – O músico curvou-se diante. – Dorothy está voltando.

– Ele continuou a canção. – E Dorothy está voltando para casa... com Totó... voltando

para casa...

Homero nunca acreditou nas lendas sobre Polyanka, mas aprendeu da pior maneira que elas eram verdadeiras. Havia pessoas que a chamavam de “a estação do

destino”, e alguns iam até ela como uma espécie de oráculo. Alguns acreditavam que,

fazendo uma peregrinação para lá, sua vida mudaria, e a cortina que cobria seu futuro

seria levantada, entregando à eles vislumbres do que os esperava no fim de sua jornada.

Alguns... Mas todos que ainda possuíam algum senso sabia que às vezes gases tóxicos saíam do solo. Isso criava fantasias e fortes alucinações. Mas para o inferno

com o ceticismo! O que aquelas visões poderiam significar? Homero sentia que estava

a apenas um passo de solucioná-lo, mas seus pensamentos acabavam seguindo outro

rumo. Outra vez Hunter apareceu em frente à ele, apunhalando o ar com sua lâmina.

Homero daria quase qualquer coisa para descobrir que visão tivera o brigadeiro, o que

ele tentava vencer e que duelo ele havia perdido, e quase causou sua morte.

– O que você está pensando?

Homero sentiu câibras nas entranhas. Hunter nunca falava com ele sem uma boa razão. Uma ordem vociferada, um rosnado a contragosto como resposta... Como ele

poderia falar sobre a alma, com alguém que não possuía uma?

– Apenas... nada especial. – Homero gaguejou.

– Não, eu ouvi – Hunter disse calmamente. – Você estava pensando em mim.

Está com medo?

– No momento não – mentiu o velho.

– Não precisa ter medo. Vou deixá-lo em paz. Você me lembra de...

Meio minuto depois, Homero perguntou cuidadosamente:

– De quem?

– De uma parte de mim. Eu esqueci que algo assim ainda existia em mim. Você

me lembra disso. – Enquanto ele lutava pesadamente para dizer essas palavras, Hunter

continuou a olhar para a frente. Para a escuridão.

– Por isso me trouxe com você?

– É importante que eu mantenha isso na minha mente. Muito importante. E para os outros é mais importante, que eu... Ou poderia ser... como da última vez.

– É sobre sua memória? – Homero sentiu-se rastejando por um campo minado.

– Algo aconteceu com você?

– Eu me lembro de tudo! – Hunter respondeu cortante. – Apenas esqueço quem eu sou algumas vezes. E tenho medo de esquecer de mim para sempre. Vai me lembrar

disso, certo?

– Claro. – Homero assentiu com a cabeça, mesmo que Hunter não estivesse olhando para ele.

– Antigamente, tudo fazia sentido – o brigadeiro respondeu cansado. – Tudo que eu fiz. Para proteger o metrô. As pessoas. Minhas ordens era claras: eliminar as ameaças. Destruir. Fazia sentido, sim fazia!

– Mas agora faz sentido também...

– Agora? Eu não sei o que é agora. Quero que tudo volte a ser como antes. Não faço isso porque sinto que preciso. Não sou um bandido e nem assassino! Faço isso

pelos pessoas. Eu tentei viver sem as pessoas, para mantê-las seguras. Mas era muito

horrível. Eu não conseguia esquecer. Precisava voltar para as pessoas. Para proteger.

Para ajudar. Para lembrar. E lá estava a Sevastopolskaya. Eles me aceitaram. A estação

precisava ser salva, precisava de ajuda. A qualquer custo. Parece que quando eu...

quando eu elimino uma ameaça... é algo importante, algo grandioso. Talvez assim eu

consiga lembrar. Eu só preciso lembrar. É por isso que preciso chegar o mais rápido

possível. Estou mudando cada vez mais rápido. Preciso fazer isso em vinte e quatro

horas a qualquer custo. Preciso alcançar Polis, formar uma unidade e voltar... continue

me lembrando até lá, está bem?

Homero assentiu e sentiu pontadas em sua cabeça. Apenas o pensamento do que aconteceria se o brigadeiro esquecesse completamente quem ele é assustava-o. Quem

ficaria com seu corpo quando o verdadeiro Hunter desaparecesse? Mas não aquele...

que ele perdeu a luta imaginária? A Polyanka estava agora bem atrás deles. Hunter

invadiu Polis como um cão de guarda que partira sua corrente ao sentir o cheiro da

presa. Ou um lobo fugindo de seus caçadores?

O final do túnel iluminou-se.

\*\*\*

Finalmente eles alcançaram a Park Kultury. Leonid tentou ganhar a simpatia dos guardas com mais um convite para um “maravilhoso restaurante”. Mas ambos os

homens estavam desconfiados. Mesmo quando ele quis ir ao banheiro, eles apenas o

deixaram ir após uma longa discussão. Enquanto o guarda esperava na porta, perguntou

para o músico:

– Ainda tem dinheiro sobrando?

– Não muito. – Leonid deixou o banheiro e mostrou cinco balas.

– Dê elas para mim! Muleta quer dinheiro pelos dois. Ele acha que são espíões dos vermelhos. E se ele estiver certo, aí está sua linha vermelha, que vocês já conhecem. Se não, podem esperar aqui, a polícia virá buscá-los. Terão que barganhar

com eles por si mesmos.

Leonid tentou manter seus soluços sob controle.

– Então descobriram, não é mesmo? Claro... Vamos nos ver novamente. Muito

obrigado! – Ele levantou sua mão em um cumprimento estranho. – Escute... para o

inferno com a passagem! Vamos para este túnel, hum? – O músico pegou a mão de

Sasha e andou cambaleando mais rapidamente. – Essa foi boa. – Ele murmurou.  
– “o

túnel para a linha vermelha está aqui”. Só faltava propor que fôssemos para a superfície. Estamos a quarenta metros de profundidade. Como se ele não soubesse que

este túnel está selado faz tempo...

– Para onde estamos indo? – Sasha não entendia.

– Onde? – Leonid rosnou. – Para a linha vermelha! Você ouviu, sou um provocador e eles me pegaram, descobriram minhas intenções...

– Você é um vermelho?

– Minha querida menina! Não pergunte nada agora! Não consigo pensar e falar ao mesmo tempo agora. E correr é mais importante. Não vai demorar muito até nosso

amigo dar o alarme em breve. E eles irão nos prender. O dinheiro não é o suficiente

para ele, o homem quer uma medalha!

Eles mergulharam no túnel e deixaram os guardas para trás. Pressionaram-se contra a parede e correram em direção à Kievskaya. Sasha percebeu que eles não

chegaria à estação. Se ele estivesse certo, e o outro guarda soasse o alarme, eles seriam

perseguidos...

Subitamente, Leonid virou para a esquerda, para um túnel lateral iluminado, como se por costume, como se estivesse indo para casa. Alguns minutos depois, ela

conseguia ver bandeiras, grades e sacos de areia à distância, suportes de metralhadoras,

e ouvir o latido de cães. Um posto de fronteira? Eles já descobriram que ambos fugiram? De onde eles surgiram? E qual território estava além daquelas barricadas?

– Trabalho para Albert Mikailovich – Leonid colocou um estranho documento sob o nariz do guarda. – Preciso chegar à outra borda.

O guarda olhou para os documentos e disse:

– A tarifa usual. E os documentos da moça?

– Pago o dobro. – Ele procurou em seus bolsos e juntou suas últimas balas. – E você não viu ela, certo?

– Nada está certo – o guarda da fronteira disse rigidamente. – Este é um estado com leis, e não um tipo de bazar!

– Oh não! – o músico encenou uma expressão espantada. – Pensei que como temos uma economia de mercado agora, seria possível barganhar. Não sabia que existia

diferença em...

Alguns minutos depois, Sasha e Leonid foram jogados em um pequeno cômodo com paredes azulejadas. As roupas do músico estavam desgrenhadas, ele tinha um

corte na bochecha e sangrava pelo nariz.

A porta de metal fechou-se.

Tudo ficou escuro.

## **16 – Na prisão**

Quando você não consegue enxergar nada além de escuridão, seus outros sentidos aguçam. Os cheiros tornam-se mais fortes, e os sons, mais altos. Na cela ao

lado, era possível ouvir algo raspando no chão, e fedia insuportavelmente a urina. Leonid parecia ainda estar bêbado, e não sentia nenhuma dor. Por algum tempo, ele murmurou alguma coisa, então ficou em silêncio e sua respiração tornou-se profunda. Ele não importava-se que seus perseguidores definitivamente os alcançariam

agora, e ele não importava-se com o que aconteceria com Sasha. Ela tentou cruzar a

fronteira de Hanza, sem explicação e sem documentos. Sem mencionar o destino de

Tulskaya, ele não parecia importar-se com isso também.

– Eu odeio você. – Sasha disse em voz baixa.

Nenhuma reação.

Um pouco mais tarde, ela viu um pequeno furo na porta: um olho mágico de vidro. Tudo permaneceu invisível, exceto aquele ponto pequeno, o suficiente para Sasha tatear seu caminho e vagarosamente arrastar-se até a porta. Em seguida, ela

começou a bater o punho pequeno contra ela. A porta respondeu com estrondo, e assim

que ela parou de bater, o silêncio reinou absoluto outra vez. Os guardas não reagiram

ao barulhou aos gritos da garota. O tempo passou devagar. Quanto tempo eles os deixariam presos? Talvez Leonid a tenha levado para separá-la do velho e de Hunter.

Para tirá-la do livro e para dentro de uma armadilha. E tudo porque...

Ela começou a chorar. A manga de seu casaco absorveu as lágrimas e os soluços.

– Você já viu as estrelas? – Ela de repente ouviu a voz dele, ainda embriagado.



Ela não respondeu. – Eu vi apenas em fotografias. – Ele continuou. – Nem mesmo o

sol consegue penetrar toda a poeira e nuvens, como as estrelas poderiam? Mas quando

você começou a chorar, pensei ter visto uma verdadeira estrela.

Ela engoliu as lágrimas antes de responder.

– Aquilo é um olho mágico.

– Eu sei. Mas eu estou interessado em... – Leonid limpou a garganta. – Quem era aquele que nos contemplava do céu com milhares de olhos? E por que ele afastou-

se de nós?

Sasha balançou a cabeça.

– Não existia ninguém.

– Eu sempre quis acreditar nisso. – O músico respondeu imerso em pensamentos.

– Ninguém se importa com o que acontecerá conosco nesta cela!

Ela começou a chorar outra vez.

– Você planejou isso esse tempo todo, não? De maneira que não houvesse chance de conseguir? – Outra vez ela bateu contra a porta.

– Se não acredita que existe alguém do outro lado, por que está esmurrando a porta? – Leonid perguntou.

– Você não se importa se os doentes morrerão!

Ele suspirou.

– Esta é sua opinião sobre mim? Isso não é justo. Você também não se importa com os doentes. Só está preocupada que seu amado vá massacrar os doentes e se

contamine, e você não terá uma cura para ele...

– Não é verdade! – Sasha estava pronta para começar a esmurrar Leonid.

– É verdade! – Leonid respondeu. – O que você vê de tão maravilhoso nele?

Ela não queria explicar para ele. Ele preferiria não dizer uma única palavra para ele, mas disse de qualquer maneira:

– Ele precisa de mim! Ele realmente precisa de mim. Sem mim, ele cairá cada vez mais fundo na escuridão. Você não precisa de mim... Você só precisa que alguém

entre no seu jogo!

– Tudo bem, digamos que ele precise de você. Precisar me parece ser exagerado,

mas deixemos assim. Por que você precisa dele? Para controlar a epidemia? Você gosta

de caras sinistros? Ou gosta de resgatar almas perdidas?

Sasha ficou em silêncio. Era impressionante como Leonid adivinhava os

sentimentos dela. Talvez eles não fossem tão especiais assim para começar? Ou era por

que ela não conseguia escondê-los? Todos os pensamentos suaves e etéreos que ela não

conseguia transformar em palavras. Da boca dele, por outro lado, eles soavam rotineiros, quase banais.

– Eu odeio você. – Ela disse depois de um tempo.

– Não importa. Também não gosto muito de mim mesmo.

Sasha sentou-se no chão. Outra vez ela chorava, primeiro por causa da raiva, depois por impotência. Enquanto ela pudesse mudar algo, ela não desistiria. Mas

enquanto ela estava sentada no cômodo escuro, com este ser humano incapaz de sentir

alguma emoção, ela não podia convencer ninguém a ouvi-la. Tudo havia sido em vão.

Então, por alguns segundos, ela viu a figura formar-se à sua frente, as casas altas, o céu azul, as nuvens voadoras, o riso das pessoas. As gotas quentes em suas bochechas

eram gotas de chuva de verão, da qual o velho falara. A ilusão passou, deixando no ar

apenas uma sensação leve e maravilhosa. Sasha mordeu seu lábio, e disse para si mesma:

– Eu quero um milagre.

No mesmo momento, alguém acendeu a luz do corredor em frente à porta, uma luz incrivelmente brilhante invadiu a cela.

\*\*\*

Eles não estavam longe da entrada da sagrada capital do metrô.

A fortaleza de mármore da civilização, com suas lâmpadas brancas de brilhantes de mercúrio espalhando uma aura sagrada de descanso e prosperidade. Em Polis, não

economizavam eletricidade, pois pensavam que a luz possuía uma influência mágica

sobre as pessoas. A luz transbordante lembravam-nas que em um tempo remoto, as

pessoas não eram crias da escuridão. Nem predadores noturnos. Mesmo os bárbaros

que vinham das periferias para o domínio de Polis agia de acordo.

As patrulhas das fronteiras não eram grandes como das outras estações, e esta

lembrava Homero da sala de espera de um ministro soviético: uma mesa, uma cadeira,

dois oficiais em uniformes limpos ao lado da porta, controlando documentos e revistando malas. Homero pegou seu passaporte de seu bolso. Não existiam mais vistos, de modo que não precisava preocupar-se. Ele colocou o pequeno encadernado

verde nas mãos do oficial e olhou para o brigadeiro. Hunter, perdido em pensamentos,

não parecia ter escutado a ordem do oficial. Não levava passaporte? E como pretendia

passar pela fronteira, sobretudo com a pressa que estava.

– Mostre seus documentos ou deixe imediatamente o território de Polis! – A mão do oficial vagarosamente movia-se para o coldre de sua pistola.

Homero teve certeza que o brigadeiro não entendeu o que eles queriam dele. Ele apenas reagiu ao movimento dos dedos do oficial. Após um curto momento, ele reagiu

rapidamente, socando a garganta do guarda. Este ficou azul, grasniou e caiu com a cadeira no chão. O outro correu e Homero sabia que ele não conseguiria escapar. Como

um trapaceiro com um ás na manga, Hunter retirou sua pistola e...

– Espere! – O brigadeiro hesitou por um segundo. O soldado usou esta distração e subiu na plataforma, rolou pelo canto e desapareceu. – Deixe-os em paz! Precisamos

chegar em Tulskeya! Você... Queria que eu o lembrasse. – Homero estava ficando se

mar. Ele não sabia o que dizer.

– Para Tulskeya a... – Hunter repetiu, vazio. – Sim, melhor esperar até chegar em

Tulskaya. Você está certo. – Ele colocou a pistola pesada de lado e abaixou a cabeça.

– Não atirem! Ele se rende! Não atirem! Pelos céus...

Eles amarraram suas mãos e retiraram as máscaras de gás de suas cabeças. Só então deixaram Homero falar. O tempo todo o brigadeiro estava parado ao seu lado,

completamente silencioso. Hunter imergiu outra vez em sua estranha apatia e deixou

que retirassem suas armas sem resistir. Eles o levaram até uma cela para investigá-lo.

Mesmo que eles não tivessem prendido Homero, permitiram que ele acompanhasse Hunter até a cela. Hunter entrou, sentou-se na cama ao lado dele, levantou a cabeça e murmurou:

– Encontre alguém para mim. Seu nome é Melnik. Traga-o até mim. Vou esperar...

O velho acenou com a cabeça e lentamente virou-se. Ele fez seu caminho pelos guardas quando ouviu repentinamente Hunter gritar.

– Homero!

Ele tinha uma expressão surpresa no rosto. Hunter nunca o chamara pelo nome antes. Ele voltou-se, pisou no batente da porta frágil de metal e olhou inquisitivo para

o brigadeiro. Ele colocara os braços gigantes ao redor de seu corpo como se estivesse

tremendo e murmurou em uma voz fraca e apática:

– Depressa!

A porta abriu e um soldado olhou hesitante para dentro, era o mesmo que havia espancado o músico antes. Um chute colocou-o dentro da cela, quase fazendo-o cair

no chão. Quando ele recuperou o equilíbrio, olhou em volta inseguro. Na porta, um

oficial alto e magro, usando óculos, estava parado. Em seu ombro, algumas estrelas. O

cabelo loiro, tornando-se grisalho, esta penteado para trás.

– Vá idiota – ele resmungou.

– Eu... é que... - soluçou o guarda.

– Vá!

– Quero desculpar-me pelo que fiz. E você... não posso.

– Mais dez dias.

– Me bata. – Ele disse para Leonid e desviou os olhos.

– Ah, Albert Mikhailovich! – O músico gritou e piscou na direção do oficial. –

Comecei a pensar que você nunca viria.

O homem com quem ele falava tinha um leve sorriso no rosto.

– Boa tarde. E estou aqui para ver a justiça sendo feita. Vá em frente, faça o que quiser.

Leonid levantou-se do chão e esticou as costas.

– Preciso proteger minhas mãos. Pode cuidar da punição por mim.

– Com toda a severidade que o caso exige. – Albert Mikhailovich assentiu com a cabeça. – Prisão por um mês. E claro, preciso juntar minhas desculpas com a

idiota.

– Ele não fez por mal. – Leonid esfregou a bochecha dolorida.

– Espero que isso possa ficar entre nós? – O voz metálica do oficial estava misteriosamente fragmentada.

– Como você pode ver, eu estava contrabandeando alguém. – O músico acenou com a cabeça para a direção de Sasha. – Pode me ajudar com isso?

– Feito. – Albert Mikhailovich disse.

Eles deixaram o guarda transgressor na cela. O oficial trancou a porta e os conduziu pelo corredor.

– Não vou a lugar algum com você – disse Sasha em voz alta.

Leonid hesitou e respondeu, quase inaudível.

– E se eu disser que estamos realmente indo para a cidade das esmeraldas? E se por acaso eu souber mais do que seu avô? Que eu a vi com meus próprios olhos? Que

até mesmo estive lá e somente...

– Está mentindo.

– E se – ele apontou com a cabeça na direção do oficial. – Ele apenas nos deixou sair porque sabe de onde eu vim? E que definitivamente podemos encontrar uma cura

na cidade das esmeraldas? E que fica apenas a três estações daqui?

– Está mentindo!

– Como você sabe? – Leonid disse zangado. – Se você realmente quer acreditar em milagres, precisa estar preparada para acreditar neles. Ou, no fim, vai perdê-los. Eu

sempre soube que nos deixaríamos sair. Eu só não queria... agir sem necessidade.

– Você está brincando comigo faz tempo!

– Mas eu não menti! Existe uma cura!

Eles alcançaram a fronteira. O oficial virou-se novamente para eles, devolveu para o músico seus pertences, entregou à ele algumas balas e documentos. Depois,

saudou Leonid.

– Agora, o que vai fazer, Leonid Nikolaeovich? Vai levar seu contrabando com você, ou vai deixar na alfândega?

Um calafrio percorreu as costas de Sasha.

– Levaremos ela conosco.

– Então um desejo a vocês uma vida de amor e felicidade – disse Albert Mikhailovich em um tom paternal, conduzindo-os por três linha de defesa. Seus ocupantes saudaram-nos conforme passavam pelas grades fundidas dos antitanques. –

Espero que não tenha nenhum problema com sua importação?

Leonid sorria.

– Daremos um jeito. Não preciso dizer que não existem oficiais honestos. Quanto mais restrito o regime, mais baixo o preço. Só precisa saber onde procurar.

O oficial pigarreou.

– As palavras mágicas devem ser o suficiente.

– Não para todos. – Leonid sentiu a bochecha outra vez. – Mas quais eram as palavras? Não sou um mágico, ainda estou estudando.

– Será uma honra lidar com você outra vez, quando seu treinamento estiver completo. – Albert Mikhailovich curvou a cabeça e deu um passo para trás.



O último soldado abriu o portão espesso de ferro, que ia do chão até o teto. Em seguida, uma parte vazia e completamente acesa do túnel tornou-se visível, cujas paredes estavam cobertas por fuligem e marcas de tiros, como se tivesse ocorrido um

tiroteio prolongado. No outro extremo, novas fortificações e enormes bandeiras penduradas no teto ao chão podiam ser vistos.

Apenas a visão deles fizera o coração de Sasha acelerar-se. Ela parou e perguntou para Leonid.

– Que fronteira é essa?

– O que é agora? – Ele olhou surpreso para ela. – Obviamente é a fronteira com a linha vermelha.

\*\*\*

Quanto tempo Homero havia sonhado em voltar ali!

Quanto tempo desde a última vez que estivera ali! Na culta Borovitskaya, que destilava constantemente o cheiro de creosoto, com seus pequenos e confortáveis apartamentos diretamente abaixo dos arcos, o corredor da leitura com os monges brâmanes no meio do salão, as mesas de tábuas longas, cobertas de livros, e as lâmpadas pendendo baixas, cobertas com tecido. Era interessante como Homero quase

podia escutar as conversas de um tempo antes da crise e da guerra.

E finalmente, a digníssima Arbatskaya, totalmente feita em cores brancas de bronze, exatamente como o palácio do Kremlin, com suas ordens restritas e oficiais

militares ocupados, que ainda agiam como se nada tivessem com o apocalipse.

Também a antiga e respeitável Biblioteka Imeni Lenina, que subia para a superfície. Eles esqueceram de renomeá-la, como se isso sequer fizesse sentido, porque

era velha como o mundo mesmo quando o jovem Kolya pusera os pés no metrô pela

primeira vez. Ela possuía uma passagem controlada muito peculiar, uma espécie de

ponte romântica no meio da plataforma. Havia inclusive renovado o estuque do teto,

mesmo que o resultado tenha ficado um pouco desleixado. A Aleksandrovsky, permanecendo na meia escuridão eterna, uma parada de algum modo franzina e nervosa, parecendo um velho cego, que pensava sobre sua juventude no Komsomol.

Homero sempre fora fascinado pela questão, quanto as estações assemelhavam-se aos seus construtores? Seriam elas autorretratos dos arquitetos que as projetavam?

Receberam pequenas partes de seus criadores? O velho tinha certeza sobre uma coisa:

elas moldavam os habitantes das estações; seu caráter era transmitido para as pessoas,

e eram infestadas por seu estado de espírito característico.

Com todo seu ser, Homero não pertencia à rígida Sevastopolskaya, com todos os seus pensamentos e incurável eterna nostalgia. Ele pertencia à Polis, que emitia o

brilho do passado. Porém o destino escolhera diferente.

Mesmo agora que alcançara-a, ele não tinha tempo para passear pelos corredores

ressoantes, admirar o estuque, as esculturas e fantasiar. Ao contrário, precisava

apressar-se como um homem perseguido. Hunter conseguiu prender aquela criatura

horrível dentro dele com enorme esforço. Ele precisava alimentar a criatura com carne

humana ocasionalmente. Mas o monstro dentro dele precisava apenas dobrar as barras

da velha prisão atrás de onde sentava o brigadeiro para libertar-se. Homero precisava

apressar-se.

Hunter pediu à ele para encontrar um homem chamado Melnik

Seria um apelido? Uma senha? Quando os guardas ouviram aquele nome,

transformaram-se imediatamente. Não falaram sobre o tribunal com o qual ameaçaram

o brigadeiro, e as algemas ao redor dos pulsos de Homero desapareceram para dentro

do armário outra vez. E o líder gordo da guarda escoltava Homero pessoalmente.

Eles subiram as escadas, andaram por um corredor e chegaram em Arbatskaya.

Ali, eles pararam à frente de uma porta guardada por homens em roupas civis, seu

trabalho era matar e era possível ver isto em seus rostos. Atrás de suas costas largas,

um corredor estreito cheio de pequenos escritórios esticavam-se à distância. O gordo

dissera à Homero para esperar e andou pelo corredor. Após três minutos ele estava de

volta e estudava o velho, surpreso, e disse a ele para entrar.

No final do corredor ficava uma câmara surpreendentemente espaçosa, cujas

paredes eram cobertas com mapas, planos, notas de mensagens de rádio criptografadas,

fotos e jornais. Atrás de uma ampla mesa de carvalho, estava sentado um homem magro

de meia idade, com ombros largos incomuns. Homero percebeu que a mão do uniforme

estava sobre o ombro dele, e apenas o braço esquerdo saía pela manga. Após um segundo, Homero percebeu que seu braço direito fora amputado completamente. Ele

era um gigante, seus olhos estavam quase na mesma altura que Homero, que estava em

pé à frente do homem sentado.

– Obrigado. – O homem disse para o gordo, que fechou a porta com notável pesar atrás dele. Então voltou-se para Homero. – Quem é você?

– Nikolayev, Nikolai Ivanovich. – O velho respondeu confuso.

– Chega de jogos! Quando você veio até mim alegando que acompanhava meu mais valioso companheiro, que nós enterramos há um ano atrás, deveria ter uma boa

razão. Quem é você?

– Ninguém. Isto não é sobre mim. Ele está vivo, acredite. Precisa vir comigo, o mais rápido possível.

– Agora tenho a sensação de que isto é uma armadilha. Ou um jogo estúpido. Ou apenas um engano. – Melnik acendeu um cigarro artesanal e soprou fumaça no rosto

de Homero. – Que bom que sabe o nome dele. Mas digamos que ele está aqui com

você, deve conhecer a história dele. Deve saber que procuramos por ele por um

ano,

todos os dias. Que perdi alguns bons homens nesta busca. E maldito seja deve saber o

quanto ele significa para mim. Talvez até saber que ele era meu braço direito. – Um

sorriso amargo cruzou seu rosto.

– Não, nada disso. Ele nunca mencionou nada. – Homero abaixou a cabeça. –

Por favor, apenas venha para Borovitskaya. Não temos tempo...

– Não vou a lugar algum. Não sem uma boa razão. – A mão de Melnik alcançou embaixo da mesa, ele moveu-se sem levantar-se e imediatamente Homero percebeu

que ele estava sentado em uma cadeira de rodas. – Vamos conversar sobre isso pacificamente primeiro. Quero saber por que você apareceu aqui.

– Meu deus! – Homero não sabia mais o que dizer para aquele homem teimoso.

– Acredite em mim. Ele está vivo. Está na cela da Borovitskaya. Pelo menos espero

que ainda esteja...

– Gostaria de acreditar em você. – Melnik parou e tragou profundamente o cigarro, de maneira que Homero foi capaz de ouvir o filtro de papel queimando. – Mas

milagres não existem. Você está apenas abrindo novas feridas. Tudo bem. Aqui está

minha própria teoria sobre quem está por trás deste jogo. Mas para descobrir, temos

pessoas treinadas exatamente para esta tarefa. – Ele alcançou o receptor do telefone.

– Por que ele tem medo de pessoas negras? – Homero disse subitamente e mais

para si mesmo, sem saber exatamente o motivo.

Melnik congelou. Então cuidadosamente colocou o receptor de volta em seu lugar. Ele tragou o restante do cigarro artesanal, cuspiu o restante dele em um cinzeiro

e disse:

– Para o inferno com isso, eu vou rodar até Borovitskaya.

\*\*\*

– Não vou para lá! Deixe-me! Prefiro ficar...

Sasha não estava brincando. Ninguém odiara seu pai mais que os vermelhos.

Eles usurparam seu poder, quebraram-no e, ao invés de tirar sua vida, por falta de

piedade ou porque acharam que não valia a pena, condenaram-no a anos de sofrimento

e dor. Seu pai nunca perdoou aqueles que o traíram, nem os que os armaram com armas

e propaganda. Mesmo a cor vermelha o deixava furioso. E mesmo que ele tenha dito,

no fim de sua vida, que não buscava vingança, Sasha sentia que ele apenas procurava

por uma razão para desistir.

– É o único caminho. – Leonid disse confuso.

– Mas estávamos indo para Kievskaya! Você me trouxe para uma terra sem lei!

– Hanza está em guerra com a linha vermelha há séculos; não poderia dizer para a primeira pessoa que eu visse que estava indo até os comunistas. Precisei pensar em

alguma coisa.

– Sem mentiras você não consegue fazer nada ou o que?

– O portão fica atrás da Sportivnaya. Eu sempre disse isso. A Sportivnaya é a última estação da linha vermelha, em frente à ponte quebrada do metrô. Não posso

mudar este fato.

– E como chegaríamos até lá? Não tenho documentos! – Ela não deixou Leonid sair de seu campo de visão por nenhum segundo.

Leonid sorriu.

– Confie em mim. Apenas preciso falar com as pessoas. Vida longa à corrupção!

– Sem ouvir qualquer outra reclamação, ele segurou a mão de Sasha e puxou-a atrás

dele.

Mesmo à distância, era possível ver os brilhantes holofotes da segunda linha de defesa, e os gigantescos banners de tecido vermelho que estavam pendurados no teto.

O ar movia o tecido, de modo que Sasha quase acreditou ver duas cachoeiras vermelhas

à sua frente. Seria um sinal? Se o que ela ouviu sobre a linha vermelha era verdade,

eles os cravariam imediatamente de furos quando ambos estivessem em suas miras.

Mas Leonid pisava em frente calmamente, com seu sorriso autoconfiante em seus lábios. Como sempre. Cerca de trinta metros à frente da fronteira da estação, o

raio ofuscante do holofote atingiu seu peito. O músico colocou a caixa de seu instrumento no chão e levantou os braços. Sasha fez o mesmo.

Dois guardas aproximaram-se deles, sonolentos e surpresos. Parecia que ninguém aproximava-se desta parte da fronteira. Desta vez Leonid foi até o guarda de

patente mais alta antes que ele pudesse pedir os documentos de Sasha. Ele sussurrou

no ouvido do guarda, tilintando com o bronze em sua mão, e o homem retornou com

um humor melhor. O chefe da guarda acompanhou-os por todos os postos em pessoa,

colocou-os em uma dresina e ordenou que os soldados os levassem até Frunzenskaya.

Eles ativaram a alavanca, e a dresina, após ofegar e bufar, começou a mover-se.

Sasha olhou para os rostos das pessoas. Seu pai dissera que eles eram seus inimigos,

mas não pareciam ter nada de especial: casacos de algodão, boinas desbotadas com

estrelas, bochechas flácidas e ossudas... Não possuíam rostos radiantes como os guardas de Hanza, mas seus olhos possuíam a curiosidade dos jovens homens. Os habitantes da linha anel não conheciam isso. Também, estes dois não faziam ideia do

que acontecera em Avtosavodskaya quase dez anos antes. Eram estes inimigos de

Sasha então? É possível odiar pessoas desconhecidas, nas profundezas de seu coração?

Os guardas não ousaram falar com os passageiros. Apenas o gemido estável era audível, enquanto operavam a alavanca.

– Como fez isso? – Sasha perguntou a Leonid.

– Hipnose – ele piscava os olhos.



– E que documentos são estes seus? – Ela olhou para ele desconfiada. – Como é que eles estão deixando você passar por qualquer lugar?

– Existem diferentes passaportes para diferentes situações. – Ele respondeu vagamente.

De modo que ninguém mais pudesse ouvi-los, ela aproximou-se mais de Leonid.

– Quem é você?

– Um guarda invisível – ele sussurrou.

Se Sasha não mantivesse a mão em frente a boca, as perguntas sairiam como uma rajada. Mas agora os soldados ouviam dissimuladamente, e mesmo o som da

alavanca tornou-se mais silencioso.

Ela esperou até chegarem em Frunzenskaya, uma estação desbotada e ressequida, cuja face desfalecida fora coberta pela maquiagem vermelha das bandeiras.

O mosaico no chão faltava em algumas partes, colunas largas tinha sofrido os estragos

do tempo e, no topo, as cúpulas pareciam lagoas de esgoto. Lâmpadas de baixo consumo de energia pairavam sobre as cabeças de seus habitantes, ao longo dos fios

esticados entre as colunas. A luz era valiosa, e não era permitido desperdiçar um só

raio. Era surpreendente limpo: várias mulheres estavam ocupadas limpando a plataforma, esfregando o chão de um lado ao outro.

A estação estava cheia de pessoas, mas quando elas olhavam para Sasha, elas estremeciam, e agiam como se estivessem ocupados. Apenas quando ela dava as costas

às pessoas, elas relaxavam e cochichavam entre si. Quando ela virava-se, o cochicho

desaparecia e as pessoas voltavam às suas tarefas. Ninguém parecia querer olhar em

seus olhos, como se fosse algo indecente.

Sasha olhou para Leonid.

– Estranhos não chegam aqui?

O músico encolheu os ombros.

– Também sou um estranho para eles.

– Onde você vive?

– Onde as pessoas não são tão fúnebres – ele sorriu. – Onde sabem que um ser humano não sobrevive apenas de comida. Onde as pessoas não esqueceram do passado,

mesmo que seja dolorido.

– Fale-me sobre a cidade das esmeraldas. – Sasha implorou silenciosamente. –

Por que eles... por que vocês escondem-se?

– Os líderes não confiam no metrô...

Leonid precisou parar e barganhar com os guardas da entrada do túnel. Em seguida, Sasha e ele mergulharam profundamente na escuridão. Com um isqueiro de

metal, ele acendeu o pavio de uma lâmpada a óleo e continuou:

– Não confiam neles porque os humanos do metrô estão gradualmente perdendo sua aparência humana. Também aqui estão pessoas que começaram aquela terrível

guerra. Eles não admitem nem para seus melhores amigos. As pessoas do metrô são

incorrigíveis. Pode-se apenas temê-los, e mantê-los longe da cidade. Pode-se apenas

observá-los. Se soubessem da cidade das esmeraldas, iriam consumi-la e cuspi-la,

como fazem com tudo que colocam as mãos. As pinturas dos velhos mestres seriam

queimadas. Os papéis seriam queimados e tudo impresso neles também. O prédio

deteriorado da Universidade seria arruinado. A única sociedade que alcançara paz e

harmonia seria destruída. A grande arca afundaria. E nada restaria.

Sasha sentiu-se ofendida.

– Por que vocês acham que não podemos mudar?

– Nem todos acreditam nisso. – Leonid olhou-a de lado. – Alguns tentam fazer algo.

– Eles não parecem tentar muito. – Sasha suspirou. – Nem mesmo o velho sabia deles.

– Muitos ouviram. – Ele disse misteriosamente.

– Você diz... a música? – adivinhou Sasha. – Você é um daqueles que querem nos mudar? Como?

– Pelo poder da beleza – brincou o músico.

\*\*\*

O ajudante empurrou a cadeira de rodas enquanto Homero apressava-se atrás deles. Ele quase não conseguia acompanhar a velocidade. O guarda gigantesco virava-

se para ele ocasionalmente.

– Se não conhece a história – disse Melnik – eu contarei. Se não for ele na cela de Borovitskaya, pelo menos terá algo para conversar com seu companheiro de cela...

Hunter era um dos melhores guerreiros da Ordem, um caçador como de um livro. Seu

olfato era como de um animal, e estava entregue à nossa causa de corpo e alma. Foi ele

quem rastreou os mutantes cerca de um ano e meio atrás. Na VDNKh. Já ouviu falar?

– Na VDNKh? – Homero repetiu, imerso em pensamentos. – Sim, mutantes invulneráveis, capazes de ler mentes e ficar invisíveis, certo? Acho que eles eram chamados de Sombras?

– Que seja... Ele foi o primeiro a seguir os rumores e deu o alarme, mas naquela época, não tínhamos homens ou tempo suficiente. Então eu recusei dar apoio. Eu tinha

outras coisas para fazer. – Melnik moveu o restante de seu braço direito. – Hunter foi

sozinho. Quando tive contato com ele pela última vez, ele disse que os mutantes conseguiam controlar a vontade das pessoas, fazendo-as sentir verdadeiro terror. Ele

era um guerreiro nato inacreditável. Sozinho, valia tanto quanto uma unidade inteira.

– Eu sei. – Homero murmurou.

– Ele não tinha medo. Ele enviou aquele rapaz até nós com uma mensagem, de que ele subiria até a superfície para aniquilar os mutantes. Quando ele não voltou, deveríamos saber que o perigo era maior do que pensávamos. Ele desapareceu.

Pensamos que estivesse morto. Temos um Sistema, todos que estão vivos, são

obrigados a noticiar toda semana. Obrigados! Ele esteve em silêncio por quase um ano.

– O que aconteceu com os mutantes?

Melnik sorriu torto.

– Aplainamos a área toda com mísseis Smerch. Não ouvimos nada sobre os mutantes desde então. Nem cartas, nem telefonemas. As saídas da VDNKh foram

fechadas, e a vida voltou ao normal. A mente do rapaz nunca mais foi a mesma, mas

pelo que eu soube, eles o trouxeram de volta ao que era antes. Está vivendo uma vida

normal e inclusive casou-se. Hunter, por outro lado... tenho-o em minha consciência.

– Ele rodou sobre uma rampa de metal pelas escadas, enxotou alguns dos

bibliotecários, esperou pelo velho ofegante e completou – Não deveria contar esta

última parte para seu companheiro de cela.

Um minuto depois, o grupo todo alcançou a cela. Melnik ordenou que a porta

permanecesse fechada. Ele apoiou-se no ajudante, travou os dentes levantou-se e olhou

pelo olho mágico. Ele precisou de apenas uma fração de segundo. Em seguida, como

se tivesse feito todo o trajeto desde Arbatskaya a pé, Melnik caiu em sua cadeira, virou

o olhar desmaiado para Homero, e deu seu veredito:

– Não é ele.

– Não acho que a música me pertença – disse Leonid, repentinamente sério. –

Eu nem mesmo sei como ela vem até minha mente. Apenas sinto que, às vezes, sou o

leito do rio. Que eu sou apenas o instrumento. Quando quero tocar, coloco a flauta nos

lábios, mas é como se outra pessoa me possuísse os lábios e criasse a melodia...

– Isso chama-se inspiração – sussurrou Sasha.

Ele abriu os braços.

– O que quer que seja, não me pertence, vem de fora. Não tenho o direito de manter dentro de mim. Ela vaga pelas pessoas. Começo a tocar e ver como elas amontoam-se ao meu redor: os ricos e os pobres, cobertos de machucados e brilhantes

de gordura, loucos, aleijados, pessoas importantes, todas. Minha música move algo

neles, e todos sintonizam-se com o som. Sou apenas o afinador. Trago à eles harmonia,

mesmo que por pouco tempo. O som deles é puro. Eles cantam... Como eu poderia

descrever isso?

– Está explicando muito bem – disse Sasha distraída. – Também notei isso.

– Preciso tentar plantar isso nelas. Em algumas ela definha, mas em outras a semente floresce. Não estou resgatando ninguém, não poderia fazer isso.

– Mas por que os habitantes da cidade das esmeraldas não nos ajudam? E você, por que não quer admitir que está fazendo exatamente isso?

\*\*\*

Leonid ficou em silêncio até alcançarem Sportivnaya. A estação era apenas

vazia

e sem vida, excessivamente cerimonial, e desolada como as outras. E esta possuía um

teto ainda mais baixo, salões mais estreitos e mais onerosos. Cheirava a fumaça, pobreza e orgulho. Uma sombra ligou-se à seus passos imediatamente. Onde quer que

fossem, a sombra os seguia a exatos dez passos de distância.

A garota apressou-se, mas o músico a deteve.

– Agora não. Precisamos esperar. – Ele encontrou espaço em um banco de pedra e abriu as fechaduras da caixa da flauta.

– Por quê?

– Só pode-se abrir a porta num momento específico.

– Quando? – A visão de Sasha virou-se para o relógio da estação. Se estava certo, eles tinham apenas doze horas.

– Vou dizer em breve.

– Você está atrasando tudo! – Ela encarou-o e distanciou-se. – Algumas vezes promete me ajudar, outras tenta me atrasar!

– Sim – ele inspirou e olhou em seus olhos. – Quero atrasar você.

– Por quê? Para quê?

– Não estou jogando com você. Acredite, eu já teria encontrado alguém para jogar, não recebo um não tão rápido. Acho que estou apaixonado. Céus, como isso soa

banal...

– Nem louco que você acredita nisso! São palavras, nada mais que palavras.

A voz do músico ainda estava muito séria.

- Existe um método para dizer a diferença entre o amor e o jogo.
- Como quando você mente para conseguir quem você ama?
- Sempre é possível mudar as regras do jogo. O amor simplesmente destrói toda a sua vida anterior. O verdadeiro amor não importa-se com as circunstâncias.
- Não tenho problemas com isso. Nunca tive uma vida. Agora leve-me até o portão.

Leonid finalmente a contemplou com olhos tristes, recostou-se na coluna e cruzou os braços sobre o peito. Ele respirou fundo várias vezes para iniciar a frase que

mandaria Sasha embora, mas depois relaxou novamente sem ter dito uma palavra.

Enfim ele entrou em colapso e admitiu, com o coração partido:

- Não posso ir com você. Eles não vão me deixar voltar.
- O que quer dizer?
- Não posso voltar para a arca. Eles me baniram.
- Baniram? Por qual motivo?
- Por causa de um certo assunto – Ele virou-se e falou bem silenciosamente, mesmo que Sasha estivesse parada a um passo de distância dele. Ela ainda não entendia tudo. – Foi... uma desavença. Com um chefe bibliotecário. Ele me fez de tolo na frente dos outros... Na mesma noite fiquei bêbado e queimei a biblioteca. Ele queimou também, junto com toda a sua família. Uma pena que eles acabaram com a sentença de



morte. Eu merecia. Ao invés disso, me baniram. Para sempre. Não há retorno para mim.

As mãos de Sasha tornaram-se punhos.

– Por que me trouxe aqui então? Por que me fez perder meu tempo?

– Você pode tentar entrar. – Leonid murmurou. – O segundo túnel lateral, vinte metros além do portão, há uma marca de tinta branca. Exatamente abaixo dela, na

mesma altura do chão, há uma campainha. Toque três vezes curto, três vezes longo e

três vezes curto, este é o sinal dos guardiões que retornam...

Leonid ajudou Sasha a passar os três postos de guarda e voltou para a estação.

Como despedida, ele queria dar em suas mãos um fuzil, que ele conseguiu em algum

lugar, mas Sasha dispensou. Três toques curtos, três longos e três curtos era tudo que

ela precisava. E uma lanterna.

O túnel atrás de Sportivnaya passava uma impressão sombria e silenciosa à

primeira vista, fazendo com que cada posto de guarda a lembrasse mais e mais de uma

fortaleza. Sasha não estava com medo. Ela pensava em apenas uma coisa: logo ela

estaria na entrada da cidade das esmeraldas. E, se a cidade não fosse real, ela não

precisaria mais sentir medo.

O túnel lateral estava onde Leonid disse que estaria. Uma grade danificava estava

em frente à entrada do túnel, mas era grande o suficiente para Sasha passar entre ela.

Após algumas dezenas de metros, ela viu a parede de aço de uma porta de segurança,

que possuía uma aura eterna e imutável.

Sasha contou quarenta passos e viu as marcas brancas em uma parede úmida, que parecia vazar da escuridão. Ela imediatamente encontrou a campainha. Ela procurou com as mãos pelo botão, e olhou novamente para o relógio que Leonid havia

dado à ela.

Ela conseguiu! Chegara ali a tempo! Ela só precisou esperar por mais alguns momentos e fechou seus olhos...

Três toques curtos. Três toques longos. Três toques curtos.

### **17 – Quem fala?**

Artyom baixou o cano brilhante de sua arma, aquecido pelos disparos. Suor e lágrimas queimavam seus olhos, mas as costas de sua mão acertaram apenas a máscara

de gás. Será que ele deveria simplesmente retirá-la? Que diferença faria agora?

Que diferença faria agora...

O grito dos infectados era, aparentemente, mais alto que as saraivadas dos rifles.

De que outra forma ele poderia explicar para si mesmo que mais e mais deles fluíam

para fora do vagão e atiravam-se sobre a saraivada de chumbo? Eles não ouviam os

trovões, não entenderam que estavam sendo executados na área próxima? O que eles

esperavam? Ou simplesmente não importavam-se? Na entrada do vagão, a plataforma

estava coberta por metros de corpos inchados. Alguns ainda convulsionavam; outros

até mesmo gemiam neste terrível cemitério em formato de colina. O pus arreventara.

Aqueles que ainda estavam no vagão encolheram-se de medo e esconderam-se das

balas.

Artyom olhou para os outros homens com máscaras de gás. Ele era o único com mãos e joelhos tremendo? Ninguém disse uma palavra, e mesmo o comandante estava

em silêncio. Era possível ouvir apenas os suspiros das pessoas que ainda estavam nos

vagões superlotados, como se estivessem convulsionando para suprimir a tosse sangrenta. Do necrotério, o último moribundo amaldiçoou-os:

– Monstros... porcos... ainda estou vivo... não posso mais suportar.

O comandante procurou com os olhos pelo homem desafortunado até encontrá-lo, ajoelhou-se e atirou o restante da munição de seu cartucho no homem, até que o

clique da arma vazia fosse a única coisa audível, e ainda assim ele o puxou mais algumas vezes. Em seguida levantou-se, olhou para sua pistola e estranhamente limpou-a em suas calças.

– O restante de vocês: fiquem calmos! – Gritou ele roucamente. – Todos que tentarem deixar o hospital sem permissão terão o mesmo tratamento.

– O que devemos fazer com os corpos? – alguém perguntou.

– De volta no vagão. Ivanenko, Aksyonov, façam isso!

A estabilidade havia sido renovada. Artyom poderia votar para sua cadeira

novamente, e tentar dormir um pouco. Até o alarme despertar ainda restavam algumas

horas, assim ele poderia aguentar bem amanhã...

Mas não poderia.

Ivanenko recuou, balançou a cabeça e recusou-se a tocar nos cadáveres meio caídos e cobertos de pus. Se hesitar, o comandante levantou a pistola na direção dele,

mas parecia ter esquecido que estava sem munição, chiou raivosamente e puxou o

gatilho. Nada aconteceu além de um clique. Ivanenko gritou e correu para longe.

Subitamente, um dos soldados, tossindo, levantou o fuzil e apunhalou a baioneta em um movimento oblíquo nas costas do comandante. O comandante não caiu, mas

virou a cabeça devagar por sobre o ombro, e olhou para o atacante atrás dele.

– O que você está fazendo seu filho de uma puta? – ele sussurrou surpreso.

O outro gritou para ele:

– Logo vai se livrar de nós todos também! Não existe mais ninguém saudável aqui! Hoje matamos eles, e amanhã você nos joga no vagão! – O homem moveu a arma

de um lado para o outro, tentando retirá-la das costas do comandante, mas não puxou

o gatilho.

Ninguém atreveu-se a interferir. Mesmo Artyom, que dera um passo na outra direção, parou onde estava. Finalmente a baioneta saiu de suas costas. O comandante

tentou tocar a ferida, em vão. Ele caiu sobre os joelhos, curvou-se sobre as mãos e

balançou a cabeça. Parecia estar lutando contra o sono. Ninguém atreveu-se a atirar no

comandante. Mesmo o provocador que o apunhalara recuou, com medo. Então ele

retirou a máscara de gás do rosto e gritou para toda a estação:

– Irmãos! Parem com essa tortura! Deixem eles irem! Vão morrer de qualquer maneira! E nós também vamos! Não somos humanos?

– Não se atreva... - o comandante sibilou, ainda de joelhos.

Os homens de máscaras começaram a discutir em voz alta. De repente, um dos soldados atirou no rosto do provocador em linha reta, em seu rosto, e ele caiu de costas.

Ele caiu ao lado dos outros corpos. Mas já era tarde demais: com um uivo triunfal, os

infectados fluíram para fora do trem, correram tropeçando em suas pernas inchadas,

tomaram os rifles das mãos dos guardas indecisos e desapareceram em todas as direções. Mesmo os guardas começaram a se mover: alguns deles dispararam contra os

enfermos; outros já haviam se unido a eles, e correram para dentro dos túneis que

levavam para o norte, para Serpukhovskaya, e para o sul, para Nagatinskaya.

Artyom ainda estava parado no mesmo lugar, como se fosse feito de pedra, e encarou confuso o comandante. Ele se recusava a morrer. No início, rastejava sobre as

mãos e pés, depois levantou-se e começou a cambalear. Parecia ter um certo objetivo.

– Você ficaria surpreso – ele murmurou. – Não é tão fácil... me matar... – Seus

olhos vidrados pararam em Artyom. Ele o encarou como se não o reconhecesse, depois

rosnou com o mesmo tom de sempre: – Popov! Leve-me à sala das comunicações! Os

sentinelas do posto norte devem fechar as portas a qualquer custo...

O comandante apoiou-se no ombro de Artyom, e ambos cambalearam passando

o vagão vazio, os restos dos corpos e as montanhas de lixo, até finalmente chegarem à

sala das comunicações. A ferida do comandante não parecia ser fatal, mas ele perdeu

muito sangue. Sua força o deixou e ele perdeu os sentidos.

Artyom encostou a cadeira na porta, pegou o microfone e discou o número do posto norte. O aparato fez um clique, em seguida, ouviu-se um barulho, como alguém

que respirava com dificuldade, e finalmente ... um silêncio aterrador. Era tarde demais.

Ele não poderia mais impedi-los. Mas Dobry ninskaya, ele precisava alertá-los pelo

menos! Ele correu para o telefone, pressionou ambos os botões e esperou alguns segundos... Graças aos céus, o telefone funcionava! No começo, ele ouvia apenas o eco

sussurrado e depois o chamado.

Um... dois... três... quatro... cinco... seis

Por favor deus, que alguém atenda! Se ainda estão vivos, se não estão infectados, que atendam, para que possam ter uma chance. Que alguém atenda antes que os infectados atinjam a estação... Artyom venderia a alma por isso, se alguém apenas

atendesse o telefone...

Então o inimaginável aconteceu. O sétimo tom foi interrompido; soou como um tipo de coaxado, uma troca nervosa de palavras em segundo plano, e, em seguida, uma

voz quebrada, sem fôlego, cortou através da estática.

– Dobry ninskaya falando!

\*\*\*

A cela estava mergulhada na semiescuridão, mas mesmo a pouca luz era suficiente para notar: a silhueta do prisioneiro era muito pequena e sem vida para ser o

brigadeiro. Parecia ser um boneco feito de feno atrás das grades. A pessoa estava desabada. Provavelmente um dos guardas, morto. Mas onde estava Hunter...

– Quase pensei que não viria. – Uma voz vazia soou atrás deles. – Lá dentro estava muito... apertado.

Melnik virou-se tão rapidamente que Homero não conseguiu acompanhar. No meio da passagem para a estação estava o brigadeiro. Seus braços estavam cruzados à

frente do peito, como se desconfiasse deles e temesse deixá-los sair. Melnik contraiu

um lado da face.

– É você mesmo?

– Ainda. – Hunter limpou a garganta de maneira estranha. Se Homero não soubesse melhor, teria pensado que era algum tipo de riso debochado.

– O que houve com você? Com seu rosto? – Provavelmente Melnik queria perguntar algo completamente diferente. Com um gesto de sua mão, os guardas

afastaram-se.

Permitiram que Homero ficasse.

– Também não está em melhores condições. – O brigadeiro limpou a garganta novamente.

– Nada especial. – Melnik fez uma careta. – Uma pena que não posso abraçá-lo.

Que inferno... quanto tempo procuramos por você!

– Eu sei. Precisava ficar... sozinho por um tempo. – Hunter disse em seu staccato típico. – Eu... não queria voltar para as pessoas. Queria desaparecer para sempre. Mas

eu tive medo...

– O que aconteceu antes, com os mutantes? Isto é por causa deles? – Melnik apontou com a cabeça para as cicatrizes violetas no rosto de Hunter.

– Não aconteceu nada. Não fui capaz de destruí-los. – Ele tocou a cicatriz. – Não pude. Eles... me destruíram.

– Você estava certo. – Melnik disse com uma intensidade inesperada. – Me perdoe! No início, não pensei que fosse importante, e não acreditei em você. Naquela

época, nós... você sabe por si mesmo. Encontramos os mutantes e queimamos tudo.

Pensamos que você estava morto. E que eles... É por isso que eu... eles... por você...

até o último!

– Eu sei – respondeu Hunter com a voz rouca. Devia ser difícil para ele falar sobre aquilo. – Eles sabiam que chegaria a isso. Por minha causa. Eles sabiam de tudo.



O destino de cada um de nós. Se você soubesse contra quem levantamos nossas armas

ano passado! Naquela época, o destino sorria para nós mais uma vez. E nós... eu julguei-os e você carregou a sentença.

– Isso é o que somos. Os verdadeiros monstros...

– Quando fui até eles... Eles me mostraram meu verdadeiro eu. Naquele tempo, era como se estivesse olhando para um espelho, e vi tudo pelo que realmente era.

Entendi tudo sobre mim. Sobre a humanidade. O motivo pelo qual tudo isso aconteceu

conosco...

– Do que você está falando? – Melnik encarou preocupado o seu companheiro, e olhou rapidamente para a porta. Ele arrependera-se de ter mandado os guardas embora?

– Estou dizendo que vi a mim mesmo com meus próprios olhos, como em um espelho. Não por fora, mas por dentro, vi o que estava atrás da armadura... Eles trouxeram para fora. O monstro. Eu não havia visto um homem. E eu estava com medo

de mim. Eu havia mentido para mim mesmo... Disse que estava aqui para proteger as

pessoas, para salvá-las... Tudo uma mentira! Como um animal faminto, ataquei suas

gargantas. Pior que isso... O espelho desapareceu, mas isso aqui... isso... permaneceu.

Havia acordado e não me deixava em paz. Pensaram que eu me mataria depois disso.

E por qual motivo ainda viveria? Mas não fiz. Precisava lutar. Primeiro sozinho, de

modo que ninguém mais pudesse ver. Longe das pessoas. Pensei que poderia punir-

me, para que eles não precisassem. Pensei que poderia afastar a dor... – O brigadeiro

tocou as cicatrizes. – Mas então percebi que não poderia derrotá-lo sozinho. De novo

e de novo eu continuava esquecendo quem eu era... então retornei.

– Lavagem cerebral. – Disse Melnik – Foi o que fizeram com você.

– Não importa! Já está acabado. – Hunter tirou a mão do rosto e sua voz mudou, estava mais uma vez apática e sem vida. – Pelo menos a maior parte. Esta história é

velha. O que aconteceu, aconteceu. Agora estamos sozinhos. Precisamos lutar sozinhos... Mas não estou aqui por causa disso. Em Tulskeya, houve um surto de epidemia. Pode espalhar-se para a Sevastopolskaya e para o anel. A febre aérea. A

mesma de antes. Mortal.

Melnik olhou para ele desconfiado.

– Ninguém me disse nada sobre isso.

– Ninguém disse nada para ninguém. Eles são covardes. Por isso mentem. E escondem. Eles não entendem o que estão fazendo.

Melnik aproximou-se do brigadeiro com a cadeira de rodas.

– O que quer de mim?

– Sabe tão bem quanto eu. A ameaça precisa ser eliminada. Devolva minhas patentes. Homens. Lança-chamas. Precisamos fechar Tulskeya e desinfetá-la. Se

necessário, a Serpukhovskaya e a Sevastopolskaya também. Espero que não se

espalhe

mais que isso.

– Simplesmente arrasar três estações, só por garantia?

– Para salvar o restante.

– Após um massacre destes, as pessoas odiarão a Ordem.

– Ninguém saberá. Porque não restará ninguém que possa infectar os outros...

Ou que tenha testemunhado algo.

– Por um preço tão alto?

– Não entende? Se hesitarmos mais, não poderemos salvar ninguém. Ouvimos da epidemia muito tardiamente. Não existe outra possibilidade de pará-la. Em duas

semanas, o metrô inteiro será um quartel da peste, e em um mês, será um cemitério.

– Preciso ver por mim mesmo...

– Não acredita em mim, não é mesmo? Pensa que enlouqueci? Bem, acredite no que quiser, não me importo. Irei sozinho. Mas pelo menos irei com a consciência limpa.

Hunter virou-se para ir embora, sem dispensar um olhar para Homero, e moveu-se para a saída. Suas últimas palavras atingiram Melnik como um arpão, que o arrastava

atrás do brigadeiro.

– Espere! Pegue suas patentes! – Apressado, Melnik retirou-as dos bolsos de seu uniforme, e deu à Hunter os discos simples. – Eu... aprovo.

O brigadeiro pegou suas patentes das mãos ossudas, colocou-as em seu bolso, acenou a cabeça silenciosamente, e encarou Melnik por um longo tempo, sem

fechar

os olhos. Ele murmurou:

– Volte. Estou cansado.

Hunter limpou a garganta outra vez daquela maneira estranha, e disse:

– Eu, por outro lado, nunca me senti melhor.

Em seguida desapareceu.

\*\*\*

Por um longo tempo, Sasha não atreveu-se a tocar outra vez, para não irritar os guardiões da cidade das esmeraldas.

Eles provavelmente a escutaram, mas precisavam de mais tempo para estudá-la minuciosamente. Eles não abriram a porta, que parecia estar enraizada no solo, mas

isso provavelmente significava que ainda estavam discutindo se deveriam deixar entrar

esta estranha, que aparentemente descobrira o código secreto na primeira tentativa. O

que ela diria quando abrissem a porta?

Ela deveria contar sobre a epidemia em Tulskaia? Eles se arriscariam a influenciar a história? E se eles adivinhassem sua intenção imediatamente, como fizera

Leonid? Ela deveria admitir para eles o que não admitira para si mesma? Sasha seria

capaz de derreter seus corações de gelo? Se eles já curaram esta terrível doença, por

que não mandaram um mensageiro com o medicamento para Tulskaia? Apenas por

que tinham medo das pessoas comuns? Ou esperavam que a doença matasse todas as

pessoas do metrô? Ou, no fim, foram eles que criaram a doença...

Não! Como ela poderia sequer pensar nisso? Leonid dissera que as pessoas na cidade das esmeraldas eram honradas e humanas. Que eles não usavam a sentença de

morte e nem mesmo aprisionavam. Que no meio de toda sua beleza, não existia sequer

um criminoso.

Então, por que não salvaram estes condenados à morte? E por que não abriram a porta? Ela tocou outra vez. E outra.

Atrás da porta de aço, havia o silêncio, como se ela fosse falsa, e apenas milhares

de toneladas de pedra estivessem atrás dela.

– Não vão abrir.

Sasha virou-se. Cerca de dez passos atrás dela, estava Leonid, Abaixado, com o cabelo desgrenhado e uma expressão deprimida.

Sasha olhou para ele, incrédula.

– Então tente você! Talvez eles o perdoaram? Por isso veio comigo, não foi?

– Não há o que perdoar. Nada.

– Mas... mas você disse...

– Eu menti. Esta não é a entrada para a cidade das esmeraldas.

– Então onde fica?

– Não sei. – Ele levantou os braços. – Ninguém sabe.

– E por que me fez passar por todos estes postos? Você não é um guardião? Você

fez... No anel e os vermelhos... Está jogando jogos, não é? Me contou sobre a cidade,

e agora se arrepende de tê-lo feito! – Ela tentou olhar em seu rosto, para confirmar suas

suspeitas.

Leonid olhava para o chão.

– Antigamente, eu mesmo sonhei em chegar até aqui. Reuni rumores, li livros antigos. Estive centenas de vezes neste lugar. E existe esta campainha... e eu toquei

durante dias. Em vão.

– Por que mentiu para mim? – Ela aproximou-se dele, sua mão direita alcançando sua faca. – O que eu fiz para você? Por que fez isso?

– Queria afastá-la deles. – A faca confundiu o músico, mas ao invés de correr, ele sentou-se nos trilhos. – Pensei que quando estivesse sozinha comigo...

– Por que está aqui agora?

– Difícil dizer. – Ele levantou o rosto para ela. – Provavelmente percebi que fui longe demais. Depois que mandei-a aqui... comecei a pensar. A alma não nasce negra.

No início, é limpa e a sua luz brilha. Apenas escurece com o tempo. Mancha após

mancha, toda vez que perdoa-se o mal e justifica-o dizendo a si mesmo que é apenas

um jogo. Então um dia a escuridão prevalece. Apenas raramente nota-se, é difícil notar

olhando de dentro. Mas eu soube que aqui eu cruzei uma linha na qual serei uma pessoa

diferente. Para sempre. E é por isso que estou aqui, dizendo tudo. Por que você

mereceu.

– Por que eles tem medo de você? Por que curvam-se para você?

– Não para mim. – Leonid suspirou. – Meu pai.

– O quê?

– O nome Moskvin não representa nada para você?

Sasha balançou a cabeça.

– Não.

O músico sorriu tristemente.

– Provavelmente a única em todo o metrô. Bem, meu pai é o grande chefe da linha vermelha. Ele me deu um passaporte diplomático, para que me deixassem atravessar por qualquer lugar. O nome não é tão comum e ninguém quer ter problemas.

Especialmente não sabem...

Sasha recuou e olhou para ele com desprezo.

– E o que você observava? Mandaram você observar o quê?

– Eles me expulsaram. Quando meu pai percebeu que eu não me tornaria um verdadeiro homem, ele não mais se importou comigo. E agora eu trago vergonha para

seu nome. – Leonid fez uma careta.

– Vocês discutiram?

– É impossível discutir com o grande companheiro Moskvin. Ele é um monumento vivo! Eles me baniram e amaldiçoaram. Sabe, eu era uma criança rara.

Apenas gostava de quadros belos, tocar piano e ler livros. Minha mãe era a culpada,

porque queria ter tido uma menina. Quando meu pai percebeu, tentou fazer com que

eu me interessasse por armas de fogo e o partido, mas já era tarde. Minha mãe me

ensinou a tocar a flauta, e meu pai tentou tirar isso de mim com a cinta. Ele baniu o

professor que me ensinou e colocou um comissário político ao meu lado. Tudo em vão.

Eu já havia sido corrompido até o âmago. Odeio a linha vermelha, sempre foi... muito

cinza para meu gosto. Queria uma vida colorida, tocar música e pintar. Então meu pai

uma vez deixou um mosaico ser destruído, para fins educacionais. Com isso, aprendi

que tudo que é belo poderia perecer. E ele me fez destruí-lo. E eu fiz. Mas enquanto

fazia, lembrei de cada detalhe, mesmo agora poderia montá-lo outra vez... e desde

aquele momento, odiei meu pai.

– Não pode dizer isso! – Sasha gritou, horrorizada.

– Posso. – Leonid sorriu. – Outros, se disserem que o odeiam, serão fuzilados.

A cidade das esmeraldas... Meu professor me contou sobre ela. Ela sussurrou para mim

quando eu ainda era pequeno. Por isso decidi encontrar a entrada quando fosse mais

velho. Deveria existir um lugar para viver que fazia sentido. Onde a vida seja exatamente como antes. Onde eu não seja um inútil, pequeno e feio, ou um príncipe de



mãos brancas, ou o herdeiro da linha vermelha, mas um igual entre iguais.

– E você nunca encontrou este lugar. – Sasha guardou a faca. Ela compreendeu o núcleo daquelas palavras. – Por que ele não existe.

Leonid encolheu os ombros, levantou-se e tocou a campainha.

– Provavelmente não importa se alguém escuta do outro lado. Provavelmente nem mesmo importa se este lugar existe. O importante é que eu creio que ele existe em

algum lugar. Que alguém vai me ouvir. E que eu ainda não mereci este direito, por isso

eles não abrem.

– E isto é o suficiente para você?

Novamente, o músico encolheu os ombros.

– Sempre foi o suficiente para o mundo, então é o suficiente para mim.

\*\*\*

Homero correu pela plataforma e olhou em volta confuso. Hunter não estava em nenhum lugar. Atrás dele, Melnik rodou para fora da prisão, cinzento e abatido, como

se o brigadeiro não tivesse levado apenas suas próprias patentes, mas também a alma

do homem. Por que ele fugira outra vez, e para onde? Por que deixou Homero para

trás? Ele não atrevia-se a perguntar para Melnik. Homero tentava sair de seu caminho

antes que se lembrasse de Homero. Por isso, ele agiu como se quisesse alcançar o

brigadeiro, e saiu apressado, esperando um grito atrás dele. Mas Melnik não parecia

interessado mais nele.

Hunter dissera que precisava de Homero para não esquecer de sua antiga personalidade. Ele havia mentido? Talvez ele estivesse tentando evitar uma luta em

Polis, com sua raiva ele poderia facilmente perder o controle, e isso teria bloqueado

seu caminho para Tulskeya. Suas habilidades e seu instinto assassino eram paranormais, mas ninguém se atreveria a invadir sozinho uma estação inteira. Se isso

era verdade, então Homero serviu seu propósito, acompanhando Hunter até Polis,

apenas para ser empurrado para fora do palco. E de uma maneira brusca. Mas ainda

assim, o velho queria saber o final da história, participar do ato final, onde o brigadeiro,

ou quem quer que fosse, interpretava o papel principal.

O que eram estas patentes? Um passaporte? Um símbolo de poder? Uma marca negra? Perdão por todos os pecados que Hunter queria retirar de sua alma? O que quer

que fosse, o brigadeiro havia arrancado as patentes e a aprovação da mão de Melnik

As mãos do brigadeiro estavam livres para agir. E ele não planejava confessar para

ninguém, que quem vencera o duelo dentro dele, fora o monstro que aparecia de tempos

em tempos.

O que aconteceria com Tulskeya quando Hunter conseguisse alcançá-la? Seria ele capaz de apaziguar sua sede, quando lavasse a estação inteira em sangue,

talvez

duas ou até mesmo três estações? Ou aquilo que ele carregava dentro de si cresceria

até não ter mais limites?

Qual dos dois Homero acompanhara? O que consumia as pessoas, ou o que lutava contra a monstruosidade? Qual caíra no chão após a luta com os fantasmas em

Polyanka? E qual pedira a ajuda de Homero depois disso?

Talvez Homero tivesse outro destino: matá-lo.

Seria o pequeno remanescente do velho brigadeiro que pedira ajuda ao velho, em um ato de desespero? Ele enxergava com seus olhos cheios de horror, enquanto o

outro Hunter assassinava? Ele não conseguia tirar a própria vida, por isso o brigadeiro

escolhera seu escudeiro para a tarefa. Um escudeiro para o qual não era necessário

pedir nada, que possuía intuição suficiente para perceber por si mesmo, e inteligente o

suficiente para enganar o outro Hunter. O outro tornava-se mais monstruoso a cada dia,

e não queria morrer.

Mas mesmo que Homero tivesse a coragem, e esperasse pelo momento certo, matasse Hunter quando este não estivesse atento, o que acarretaria? Ele não seria capaz

de conter a epidemia. Então, não havia nada a fazer além de observar e escrever o que

via? Homero adivinhou para onde o brigadeiro seguira. Para aquela misteriosa Ordem,

da qual Melnik e Hunter aparentemente eram membros. Rumores diziam que a base da

Ordem ficava na Smolenskaya, o subsolo de Polis. Suas legiões protegiam o metrô e

seus habitantes dos perigos que exércitos inteiros das outras estações não poderiam

lidar.

Ninguém sabia mais sobre a organização misteriosa. O velho não poderia nem pensar em entrar na Smolenskaya, que não possuía uma entrada, como o forte Alamut.

Mas para encontrar com o brigadeiro, ele precisava apenas voltar até Dobryninskaya.

Indubitavelmente, Hunter iria até ali para cumprir sua missão. O local de seu maior

crime, a estação final de sua estranha história.

Ele deveria deixá-lo cumprir sua missão com os infectados, e limpar a Tulskeya, somente depois cumprindo seu desejo? Homero sempre pensou que possuísse um papel

diferente: não atirar, mas entregar a imortalidade, não julgar e não se envolver, mas

entregar ao herói de seu livro a possibilidade de agir com livre arbítrio. Mas, quando

se está imerso em sangue até os joelhos, é impossível não se sujar. Era uma sorte a

garota ter ido embora com o rapaz espertalhão. Pelo menos, ele poupou Sasha de

testemunhar este terrível massacre com seus próprios olhos; mesmo ela não conseguiria

impedi-lo. Ele olhou para o relógio da estação. Se o brigadeiro mantivesse seu cronograma, restavam poucas horas para Homero. Tempo suficiente para ficar sozinho.

E pedir a Polis que aceite uma última dança.

\*\*\*

– Como pretende ganhar seu direito de entrar? – Sasha perguntou.

– Bem... – Leonid hesitou. – É estupidez, mas... com minha flauta. Pensei que poderia me redimir com ela. A música é a primeira arte a desaparecer. Ela apenas existe

enquanto os instrumentos soarem, e no momento desaparecem sem deixar rastro. Mas

nada prende as pessoas mais fortemente que a música, nada machuca mais profundamente e cura tão vagarosamente. Quando uma melodia afeta alguém, permanece com ela por toda a vida. É o extrato da beleza. Pensei que poderia curar as

feridas da alma com a música.

– Você é estranho.

– Mas agora percebo que uma pessoa doente não pode curar os doentes. Se eu não for completamente sincero, nunca merecerei que abram a porta.

Ela lançou-lhe um olhar penetrante.

– Acha que vou perdoá-lo? Suas mentiras, sua crueldade?

– Me dará uma última chance? – Leonid sorriu para ela. – Disse que todos merecemos uma.

Sasha ficou em silêncio. Estava mais cuidadosa. Desta vez, ela não seria arrastada por um de seus estranhos jogos. Ela havia acabado de pensar que ele

estava

sinceramente arrependido, e que suas palavras eram verdadeiras, e agora...  
Outra vez?

– De tudo que eu disse, uma coisa era verdade. Existe uma cura. – Ele disse.

– Medicação? – Sasha virou-se, pronta para ser iludida mais uma vez.

– Nenhuma medicação. Nem pílulas, nem vacina. Alguns anos atrás, na  
Preobrazhenskaya, estação da linha vermelha, tivemos um surto semelhante.

– Por que Hunter não sabe disso?

– Não foi uma epidemia. A doença curou-se sozinha. O vírus não suporta a  
radiação. Acontece algo com ele, acho que não consegue se dividir... Bem, o fato  
é que

é possível curar a doença mesmo com uma pequena dose. Descobrimos isso.  
Nada mais

é necessário. A solução para o problema, falando francamente, é a superfície.  
Estremecendo, ela segurou a mão do músico.

– Mesmo?

– Mesmo. – Ele colocou a mão sobre a dela. – Não precisamos de nada, apenas  
entrar em contato e dizer à eles.

Ela soltou a mão dele.

– Por que não me disse antes? Apenas isso! Quantas pessoas morreram até  
agora?

– Em apenas um dia? Nenhuma... Eu não queria que você ficasse com aquele  
assassino. Queria dizer desde o começo, mas queria barganhar o segredo com  
você.

– Você barganhou a vida das pessoas! – Sasha sibilou. – Eu não valho... nem um

deles!

O músico levantou uma sobrancelha.

– Eu barganharia a minha.

– Não é você quem decide! Em pé! Precisamos voltar. E rápido. Enquanto ele ainda não chegar à Tulskeya... – Sasha colocou o dedo no relógio, sussurrou algo e

suspirou. – Só mais três horas!

– Por quê? Podemos usar o telefone. Deixarei que liguem para Hanza e expliquem tudo. Não precisamos correr até lá nós mesmos. Não conseguiríamos de

qualquer forma...

– Não! – Sasha balançou a cabeça. – Não! Eles não vão acreditar. Não vão acreditar em nós. Preciso encontrá-lo pessoalmente e dizer. Explicar a ele...

– E depois? Leonid disse com inveja. – Por pura alegria, se entregará a ele?

– Não é da sua conta. – Ela respondeu. Mas ela imediatamente soube, por instinto, que não era a melhor forma de lidar com um homem apaixonado. – Não quero

nada dele. Mas sem você, não poderei passar pelas fronteiras.

– Está claro que em muito pouco tempo aprendeu a mentir bem comigo – respondeu Leonid com um sorriso torto, em seguida suspirou. – Está bem, vamos.

Alcançaram Sportivnaya em meia hora: os guardas mudaram e Leonid precisou explicar novamente como uma garota sem passaporte cruzou a fronteira da linha vermelha. Sasha olhou nervosa para o relógio, e Leonid olhou para ela de um lado para

outro, dilacerado. Era óbvio que ele lutava consigo mesmo.

Na plataforma, recrutas magros descarregavam alguns pacotes de utensílios em uma dresina velha e fedida, os trabalhadores bêbados agiam como se eles parassem um

vazamento e algumas crianças em uniformes cantavam uma canção infantil. Em cinco

minutos eles pararam Leonid e ela para verificar seus passaportes algumas vezes, e o

controle no túnel para Frunzenkaya foi especialmente demorado.

O tempo passava depressa. Sasha não sabia se eles conseguiriam chegar em duas

horas, o que restara de seu ultimato. Ninguém poderia parar Hunter, e era provável que

a operação até já começara. Os soldados terminaram de carregar a dresina, e ela soltou

fumaça, começou a mover-se e aproximou-se deles. Leonid tomou uma decisão.

– Não quero perdê-la. – Ele disse. – Mas não posso prendê-la. Pensei que se eu tivesse certeza que você chegaria tarde demais, abandonaria sua missão. Mas entendi

que não posso entrar em seu caminho. Ser honesto é a pior forma de conquistar uma

mulher, mas não quero mais mentir. Escolha por si mesma com quem quer ficar.

O músico tomou à força o passaporte mágico das mãos do guarda e o socou surpreendentemente rápido no queixo. Em seguida, pegou a mão de Sasha e arrastou-

a com ele para a dresina, que saía neste momento. Quando o motorista olhou em volta,

foi surpreendido pelo cano de um revólver. Leonid gargalhava.

– Meu pai ficaria orgulhoso de mim agora! Quantas vezes ouvi ele dizer que



estava apenas perdendo meu tempo e que nunca seria ninguém com minha flauta

estúpida! E finalmente quando começo a agir como um homem de verdade, ele não

está aqui! Que trágico! – Ele ordenou que o motorista pulasse, e apesar da velocidade,

jogou-se no chão e rolou para a escuridão, gritando. Leonid começou a jogar também

a carga, e a cada fardo que caía nos trilhos, o motor da dresina roncava mais alto. O

velho farol na frente dela arremessava uma luz insegura e trêmula à frente, que alcançava alguns metros. Ratos fugiram, guinchando como se alguém pisasse em vidro,

e um guarda pulou para o lado no último instante. Na distância, era possível ouvir o

uivo da sirene de alerta. Os segmentos do túnel passaram cada vez mais rapidamente,

e Leonid aumentou ao máximo a velocidade restante da máquina. Eles voaram através

da Frunzenkaya. Os guardas desconhecidos saíram do caminho como ratos, e apenas

quando a dresina deixou a estação para trás, a sirene colérica da Sportivnaya soou.

– Agora começou! – Leonid gritou. – Precisamos alcançar oanel pelo próximo túnel lateral! Existe uma enorme linha de defesa ali, onde tentarão nos parar. Vamos

pelo trilho do meio!

Ele sabia o que precisavam temer: do túnel lateral que levava à linha vermelha,

o farol de uma dresina a diesel os atingiu. A bifurcação estava a apenas alguns metros

de distância, e era muito tarde para frear. Leonid pressionou o pedal áspero de metal, e

Sasha fechou os olhos... Só sobrara pedir aos céus que não tivessem mudado os trilhos

ainda, ou teriam uma colisão frontal com o outro veículo. Uma metralhadora atirou, e

as balas flutuaram a poucos centímetros de suas cabeças. O cheiro de algo queimado e

ar quente cercou-os, o outro motor roncou e ficou silencioso outra vez. Ambos os veículos não colidiram por milagre.

Assim que a dresina passou o túnel, a outra dresina seguiu seu rastro. Enquanto dirigiam por Park Kultury, balançando de um lado para o outro, a dresina a diesel foi

para a direção contrária. Eles conseguiram uma boa velocidade. Seria suficiente até a

próxima estação, mas e depois? A dresina diminuiu a velocidade, pois o túnel subia.

Leonid virou-se para Sasha.

– A próxima estação é Park Kultury, que fica quase na superfície. A

Frunzenskaya, por outro lado, fica a cinquenta metros abaixo dela. Subimos este morro

e pegaremos velocidade outra vez!

E aconteceu daquela maneira, quando alcançaram Park Kultury, a velocidade aumentou outra vez. A estação era velha e orgulhosa, com um teto alto, mas sem vida,

escura e esparsamente habitada. O som de uma sirene rouca era estridente.

Atrás da

linha de defesa feita de tijolos, era possível ver várias cabeças. Os fuzis soaram coléricos. Mas muito tarde, não puderam fazer nada.

– Talvez até sairemos vivos! – Leonid riu. – Com um pouco de sorte...

Então, atrás da dresina, viram um brilho na escuridão, que tornava-se maior e mais brilhante. Era o farol da dresina a diesel! O raio de luz era como uma lança levantada à frente da dresina, como se pretendesse perfurar a velha dresina com ele.

Ela devorava a distância entre eles. Novamente as metralhadoras dispararam e as balas

passaram uivando por eles.

– Não falta muito! Lá está a Kropotkinskaya!

A Kropotkinskaya, dividida em quadrados, cheia de tendas, era decadente e descuidada. Alguns retratos nas paredes, pintados há muito tempo, estavam manchados. Bandeiras, e nada além de bandeiras, tantas que formavam uma faixa

vermelha, como sangue congelado em uma veia de pedra.

Desta vez, um lança-granadas atirou contra eles. Uma explosão de estilhaços de mármore choveu sobre a dresina, e um deles atingiu a perna de Sasha, mas sem deixar

uma ferida profunda. Eles derrubaram uma barricada do teto, mas a dresina passou por

ela enquanto quase saía dos trilhos.

A dresina a diesel aproximava-se cada vez mais. Seu motor era muito mais potente, e movia o colosso reforçado com aço sem qualquer dificuldade. Sasha e

Leonid abaixaram-se para encontrar cobertura atrás da grade baixa de metal, contra a

saraivada de balas interminável. Em alguns momentos, os para-choques de ambos os

veículos colidiriam um com o outro, e os soldados abordariam a dresina deles...

Sasha olhou para Leonid, desesperada. Este parecia ter perdido o juízo, pois estava repentinamente desnudando-se. Diante deles estava a linha de defesa, com sacos

de areia e ouriços checos feitos de aço: o objetivo de sua fuga.

Agora, duas luzes estavam apontadas para eles, e duas metralhadoras pesadas.

Eles seriam atingidos como um martelo atingia uma bigorna.

Apenas mais um minuto, e tudo estaria terminado.

## **18 – Salvação**

O grupo ocupava algumas dezenas de metros de extensão. Eram os melhores soldados da Sevastopolskaya. Denis Mikhailovich escolhera cada um deles cuidadosamente. As pequenas luzes de seus elmos tremeluziram na escuridão do túnel,

e subitamente o comandante pensou que a formação inteira assemelhava-se a um

gigante enxame de vagalumes voando noite adentro. Uma noite de verão quente e

perfumada, nas margens da Crimeia, entre ciprestes e o murmúrio do mar. O local onde

o coronel esperava descansar após a morte ...

Um calafrio agradável passou por ele, mas ao mesmo tempo ele sacudiu-se, vestiu sua expressão sombria e gritou para si mesmo. Até ele estava começando a

amolecer. Era a idade! Ele deixou o último soldado passar por ele, abriu sua caixa

metálica de cigarros, cheirou-a e acendeu seu isqueiro.

Fora um bom dia. Ele ainda tinha sorte, tudo aconteceu como planejado.

Passaram a Nargonaya sem qualquer infortúnio. Apenas um soldado desapareceu por

um momento, mas retornou para a coluna. Estavam todos felizes. Marchar para a guerra

era mais fácil que esperar pela eternidade, e não saber o que estava acontecendo.

Também, Denis Mikhailovich permitiu que eles tivessem uma boa noite de sono antes da batalha. Apenas ele não foi capaz de fechar os olhos. O destino, para ele, sempre fora apenas uma cadeia de eventos coincidentes, de modo que o velho soldado

não entendia por que alguém confiaria a si mesmo ao destino. Desde que partira com a

pequena expedição para a Kakhovskaya, não houve mensagem alguma dele. Era possível que mesmo Hunter não fosse imortal. O que estava pensando quando enviara

o brigadeiro semilouco e o velho contador de histórias? Ele não podia mais esperar.

O plano era, a parte principal dos soldados passaria a Nakhimovsky Prospekt, a Nargonaya e a Nagatinskaya em direção ao portão sul da Tulsкая, e tomar a estação

de surpresa. Ele enviara homens para a superfície também. Suas ordens eram para

entrarem nos túneis pelas ventilações e eliminar os guardas, se ainda houvesse algum.

Finalmente, ele abririam o portão para a força principal. Tudo era uma questão de

estratégia militar, não importava quem estivesse ocupando a estação.

Eles precisaram de três dias para localizar a ventilação e escavar até ela. No momento, alguns batedores desceriam com eles e os deixariam entrar. Eles precisavam

apenas de algumas horas. Algumas horas mais, então tudo estaria decidido e os pensamentos de Denis Mikhailovich seriam seus outra vez. Ele seria capaz de comer e

dormir novamente. O plano era fácil, cuidadoso e sem lacunas. Ainda assim, o coronel

sentia uma sensação estranha no estômago, e seu coração estava acelerado como

quando tinha dezoito anos, e foi para sua primeira luta naquele vilarejo nas montanhas...

O ar quente de seu cigarro artesanal acalmou-o um pouco. Finalmente, ele jogou a bituca no chão, colocou sua máscara e apressou-se atrás da brigada com passos apressados. Pouco tempo depois, estavam parados em frente à porta hermética de

metal, e ele podia recuperar seu fôlego. Denis Mikhailovich usaria o tempo antes da

invasão para repassar diferentes estratégias com seus comandantes. Em uma coisa

Homero tinha razão, o coronel pensou e sorriu. Para que atacar um forte pela frente, se

poderiam abri-lo por dentro? Como na história do cavalo de Troia, de onde saíra este

relato mesmo?

Denis Mikhailovich olhou para o contador Geiger, a radiação estava baixa, e ele vestiu a máscara de gás. Os oficiais seguiram seu exemplo, assim como o restante dos soldados. Finalmente poderiam respirar sem preocupações!

\*\*\*

Desde sempre existiram curiosos em Polis. A maioria, pessoas pobres que enfrentavam seu caminho pelas estações escuras e lutavam pela refeição diária, que

vagavam com olhos arregalados e bocas escancaradas pelas galerias e corredores. Por

isso, quase ninguém prestou atenção em Homero, enquanto rodava por Borovitskaya,

tocava com as mãos os pilares estreitos de Aleksandrovsy Sad, e virava de um lado

para outro, apaixonando-se pelos lustres de Arbatskaya.

Um pressentimento havia grudado em seu coração e não soltava: aquela era sua última visita a Polis. O que aconteceria nas próximas horas em Tulsckaya estremeceria

sua vida inteira, talvez o matasse. Mas ele havia decidido, faria o que precisava fazer.

Deixaria Hunter massacrar a estação e queimá-la até o chão... mas depois tentaria matá-

lo. Ele sabia que se o brigadeiro suspeitasse de algo, quebraria seu pescoço imediatamente. Mas talvez ele morresse durante a invasão à Tulsckaya, e isso significava que tudo estaria acabado a partir daquele ponto. Tudo sairia conforme ele

planejou, Homero retornaria para seu ninho solitário e preencheria as últimas

páginas

em branco de seu livro, até o clímax final. O último ato seria o tiro nas costas de Hunter...

Ele seria capaz? Teria a coragem? Mesmo pensar sobre isso fazia as mãos de Homero tremerem. Calma, calma. Tudo seria resolvido por si só, não era o momento

para tais pensamentos... Mas isso não o deixou menos nervoso.

Foi uma sorte a garota ter desaparecido! Em retrospectiva, a aparição dela na história de Homero permanecia incompreensível. Como poderia ter ocorrido a ele jogá-

la nesta jaula de leão? Sua ambição exagerada de autor o fizera esquecer que ela não

era uma criação de sua fantasia. A novela de Homero havia tomado outro caminho

daquele que ele imaginara. Suas aspirações foram demasiadamente grandes. Como

pensara em colocar todos aqueles seres humanos em seu livro? Nem mesmo teria

espaço para as pessoas que passavam por ele neste momento em tão poucas folhas.

Também, sua novela não deveria ser sobre uma cova em massa, com uma lista de

nomes que estendiam-se por metros em frente a seus olhos. Escritas feitas de bronze,

que não dizia nada sobre os rostos dos mortos.

Era impossível! Sua memória já frágil não se lembraria de tantas pessoas. O rosto

suaído do mercador que vendia doces, ou a face pontuda da garota que entregava



uma

munição à ele. O sorriso da mãe, luminoso como o de uma Madona, ou o sorriso torto

do soldado que acabara de passar por ela. As rugas profundas nos rostos dos pedintes,

as pequenas rugas no rosto da mulher na casa dos trinta anos...

Quem deles seria violento, avarento, ladrão, traidor, quem seria singelo, profeta, correto, quem importava-se com todos e quem não decidira ainda o que iria ser? Todos

que Homero nunca conheceria. Ele não sabia o que o mercador realmente pensava

enquanto olhava para a garota, nem interpretar o sorriso iluminado da mãe quando viu

o soldado. Nem saberia que trabalho fazia o velho antes que suas pernas recusarem-se

a sustentá-lo. Não estava em poder de Homero quem tinha o direito de estar em sua

história, e quem não merecia. Seis bilhões de pessoas aniquiladas, seis bilhões! Seria

apenas coincidência que apenas alguns milhares conseguiram salvar a si mesmos?

Serov, o operador de trem que Nikolai substituiria, entendia a vida como um

jogo de futebol. A humanidade perdera a partida, ele costumava dizer a Nikolai, mas

nós dois ainda estamos correndo no campo. E por qual motivo? Por que o árbitro nos

deu uma prorrogação em nossas vidas, por isso! O juiz nos deu mais tempo. Até o apito

final, precisamos descobrir por que estamos aqui e terminar nossas tarefas, deixar tudo

em ordem, e então nos entregariam o passaporte final para o gol resplandecente... Ele

era um mistério, o velho Serov. Homero nunca perguntou para o fã de futebol se ele já

marcara seu gol. Mas ele reassegurara que Nikolay Ivanovich Nikolayev ainda era

capaz de marcar seu próprio gol. E Serov estava convencido que ninguém estava no

metrô por pura coincidência.

Mas seria completamente impossível escrever sobre todos eles! Valeria a pena sequer tentar? Neste momento, Homero viu um rosto entre milhares de rostos desconhecidos. Exatamente o último rosto que esperava ver.

\*\*\*

Leonid retirou seu casaco, retirou seu suéter por cima da cabeça, e depois a camiseta branca. Ele moveu a camiseta como uma bandeira de um lado ao outro, sem

se preocupar com as balas que passavam pelo ar de ambos os lados. Algo estranho

aconteceu: a dresina a diesel diminuiu a velocidade, e começou a ficar para trás, e a

fortaleza à frente deles não abriu fogo como pretendia.

– Meu pai me mataria agora! – Disse Leonid após parar a dresina em frente aos ouriços checos, com os freios chiando.

– O que você está fazendo? O que você está fazendo? – Sasha perguntou, ainda sem fôlego. Ela não sabia como foram capazes de sair ilesos desta corrida.

– Nós nos rendemos! – Ele gargalhou – Este é o túnel para Biblioteka Imeni

Lenina, a fronteira de Polis. Somos agora desertores.

Os guardas correram para a dresina e ordenaram que ambos descessem. Em seguida, abriram o passaporte de Leonid e trocaram alguns olhares, guardaram as

algemas e levaram-nos para a estação. Eles os trouxeram para a sala da guarda. Os

soldados cochichavam uns com os outros, e olharam para eles respeitosos, saíram do

cômodo e foram informar seus líderes. Leonid acomodou-se confortavelmente em uma

das poltronas rasgadas. Logo ele levantou-se, olhou pela porta aberta e chamou por

Sasha.

– Eles são ainda mais descuidados que na linha vermelha – ele falou. – Ninguém está nos vigiando.

Eles escaparam da sala da guarda, andaram devagar pelo corredor, apertaram o passo e correram cada vez mais rápido, de mãos dadas, para não perderem-se na

multidão. Alguns momentos mais tarde, ouviram os apitos atrás deles, mas era fácil

desaparecer nesta estação gigantesca, havia ainda mais pessoas nela que em

Paveletskaya. Nem em suas visões da superfície Sasha conseguia imaginar uma multidão tão grande! E era tão iluminado ali. Como na superfície. Sasha cobriu os olhos

com a mão, e olhou através das aberturas dos dedos. Para onde ela olhasse, ela via

maravilhas, rostos de pedra, pilares, e se Leonid não estivesse segurando em sua mão,

ela teria tropeçado e se perdido. Algum dia ela voltaria ali, prometeu a si mesma.

Algum dia...

– Sasha?

Ela virou-se e olhou para Homero, que a encarava surpreso, temeroso e irritado.

Ela sorriu: sentira saudade do velho!

– O que está fazendo aqui? – Ele não poderia perguntar algo mais estúpido para os dois jovens fugitivos.

– Queremos ir para Dobryninskaya! – ela respondeu resfolegando. Eles corriam mais devagar, para que o velho pudesse acompanhá-los.

– Isso é loucura! Não pode ir até lá... não vou permitir!

\*\*\*

Mas nenhum dos argumentos de Homero, que ele dizia enquanto ofegava, poderia convencê-los. Quando alcançaram a entrada da defesa da Borovtinskaya, aparentemente ninguém ainda informara os guardas da fronteira sobre os fugitivos.

– Estou aqui por ordens de Melnik. Deixem-me passar imediatamente. – Homero disse ao oficial em serviço. Ele abriu a boca, mas não encontrou palavras, saudou o velho e saiu do caminho.

Quando o posto afundou na escuridão atrás deles, Leonid perguntou polidamente:

– Você mentiu, não é?

– E? – Homero rosnou.

– O importante é fazer isso de maneira convincente. – Leonid respondeu. – Deste modo, apenas os profissionais percebem.

– Mantenha-se longe com seus ensinamentos! – Homero enrugou a testa e acendeu e apagou a lanterna várias vezes, que estava fraca. – Iremos para Serpukhovskaya, mas não deixarei você ir mais adiante!

– Isso não importa. – Sasha disse. – Existe uma cura!

– O quê? – Homero parou, tossiu e olhou para Sasha quase assustado. – Verdade?

– Sim! Radiação!

– O vírus pode ser neutralizado por radiação. – Leonid completou.

– Mas um vírus é centenas, senão milhares de vezes mais resistente à radiação que um humano! E seu sistema imune é enfraquecido pela radiação também. – Homero

perdeu o controle e virou-se para Leonid. – O que você disse para ela? Por que a arrastou até aqui? Sabe o que vai acontecer lá! Ninguém, nem mesmo eu, pode parar

isso! Leve-a com você e a esconda em um lugar seguro! E você... – ele virou-se para

Sasha – Como pode acreditar nele... este profissional – Ele cuspiu a última palavra,

cheio de desprezo.

– Não tenha medo por mim – respondeu a garota de maneira afável. – Eu sei como parar Hunter agora. Ele tem dois lados... e eu testei ambos. O que quer

derramar sangue, e o que quer salvar vidas.

Homero colocou as mãos sobre a cabeça. – Do que você está falando? Não existem mais lados, apenas um monstro em forma humana. Talvez um ano atrás...

Rapidamente, ele contou a conversa com Melnike Hunter, mas Sasha não convenceu-se. Quanto mais ela ouvia o velho, mais certeza tinha de que estava certa.

Ela procurou pelas palavras para explicar:

– É assim. O assassino dentro dele trai o outro. Ele diz ao outro que ele não tem escolha. Um é consumido pela sede, outro pela dor... É por isso que Hunter quer tanto

chegar em Tulskaia, porque ambas as metades o arrastam para lá! E preciso separar

uma da outra. Assim que ele tiver a escolha de salvar, sem matar...

– Céus! Ele não vai ouvir! O que ainda move você?

– Seu livro – ela sorriu para ele. – Sei que ainda não acabou. O final ainda não está escrito.

– Perdeu o juízo? Esta conversa é tolice. – Homero balbuciou desesperado. – Por que contei isso para você? – Ele agarrou o braço de Leonid. – Rapaz, pelo menos... eu

imploro, sei que não é um homem mau, e não mente por más intenções. Leve-a com

você. É o que você quer, não é? Vocês dois são jovens e bonitos. Devem viver! Ela não

pode ir até lá, entende? Nem você. Lá... vai haver um terrível massacre. E nenhuma

das suas mentiras vai impedir ninguém...

– Não é mentira. – O músico respondeu polidamente. – Preciso dar minha

palavra?

Homero parou.

– Eu gostaria de acreditar. Mas Hunter... você o conheceu muito pouco tempo.

Leonid limpou a garganta.

– Mas ouvi sobre ele mais que o suficiente.

– E como pretende impedi-lo? Com sua flauta? Ou pensa que ele vai ouvir Sasha? Algo o controla... Algo que não mais ouve ninguém.

Leonid virou-se para Homero e disse:

– Na verdade, concordo inteiramente com você. Mas ela me pediu. E como um cavalheiro... – Ele piscou para Sasha.

– Não entende? Isto não é um jogo! – Homero olhou suplicante para a garota, em seguida para Leonid.

– Eu sei – respondeu Sasha seriamente.

E então o músico completou:

– Tudo é um jogo.

\*\*\*

Se Leonid era mesmo o filho de Moskvín, era possível que ele soubesse algo sobre a epidemia que Hunter não soubesse, ou não queria dizer para eles. Homero

pensou que Leonid mentia, mas e se a febre pudesse ser combatida com radiação?

Contra sua própria vontade e o senso comum, o velho tentou encontrar provas desta

teoria. Ele não desejara isso apenas alguns dias atrás? E se, no fim, a náusea e o sangue

em sua boca eram sintomas de contaminação por radiação? A dose que ele pegou na

marcha pela linha da Kakhovskaya provavelmente foi alta o suficiente para livrá-lo de

qualquer infecção.

Com que facilidade deixava-se convencer! Se ele estivesse certo, o que isso

significaria para Tuskaya? O que significaria para Hunter? Sasha acreditava ser capaz

de impedi-lo. E ela realmente parecia exercer um estranho poder sobre o brigadeiro.

Mas dentro dele existiam dois antagonistas: um que sentira a prisão entre os braços

dela como seda macia, e outro que sentira como ferro incandescente. Qual deles estaria

no comando do corpo de Hunter no momento decisivo?

Desta vez a Polyanka não tinha visões preparadas para ele, ou para Sasha, ou

Leonid. A estação parecia vazia e morta. Seria isso um bom ou um mau sinal? Talvez

tenha sido a corrente de ar que soprou pelo túnel, levantando os gases alucinógenos.

Talvez Homero tenha cometido um erro grave, e não havia mais um futuro para Polyanka mostrar.

– O que significa esmeralda? – Sasha perguntou subitamente.

– Uma esmeralda é como um diamante, verde brilhante. – Homero respondeu, confuso. – Esmeralda significa apenas verde.

– Estranho – disse a garota, imersa em pensamentos. – Isso significa que a cidade das esmeraldas realmente existe...



– Do que você está falando? – Leonid perguntou.

– Oh, apenas... Você sabe. – Ela olhou para o músico novamente. – Vou procurar por ela agora, sua cidade. E algum dia vou encontrá-la.

Homero balançou a cabeça; o velho não acreditou em Leonid quando ele disse que sentia muito.

Sasha ficou imersa em pensamentos durante todo o tempo, sussurrando para si mesma de vez em quando, suspirando algumas vezes. Então ela olhou para Homero,

inquisitiva:

– Você escreveu sobre o que aconteceu comigo?

– Eu... estou trabalhando nisso.

Ela assentiu com a cabeça.

– Que bom.

\*\*\*

Em Dobrynskaya, algo acontecia. Hanza dobrara seu número de guardas, e os soldados silenciosos e sombrios na entrada recusavam-se a deixar Homero passar. Nem

os cartuchos do músico ou a simples razão não podiam impressioná-los. Finalmente,

ele teve uma epifania: ordenou que o contatassem com Andrey Andreyevich.

Após uma longa meia hora, finalmente o operador de rádio cambaleou até eles, arrastando um cabo atrás dele. Homero falou no aparato, ameaçador; o velho disse que

eram a primeira tropa da Ordem. Esta afirmação semiverdadeira foi o suficiente para

que fossem levados imediatamente pela estação. Na metade da estação, o ar ficou

quente, como se alguém tivesse bombeado todo o ar para fora da estação. Ainda que

fosse noite, ninguém parecia importar-se, porque todos estavam acordados e em pé.

Finalmente, eles pararam na antessala do comandante da Dobry ninskaya. Ele recepcionou-os, com suor escorrendo, olheiras escuras e um cheiro desagradável. O

ajudante não era visto em lugar algum. Andrey Andreyevich olhou ao redor, nervoso,

e grunhiu quando não avistou Hunter.

– Quando eles chegam?

– Logo. – Homero prometeu.

– Há uma revolta em curso na Serpukhovskaya. – O comandante secou a face e andou de um lado para o outro da antessala. – Alguém deixou escapar algo sobre a

epidemia. Ninguém sabe o que deveria temer, e agora dizem que as máscaras de gás

não funcionam.

– É verdade. – Leonid confirmou.

– Nos tuneis do sul que levam para Tulskeya, a guarda inteira abandonou seus postos. Porcos covardes! No outro túnel onde fica o trem dos aliados, a guarda ainda

não se moveu, embora os fanáticos tenham começado um cerco, gritando algo sobre o

Juízo Final. E em minha própria estação, o caos pode explodir a qualquer momento.

Onde estão eles? Eles são nossa última esperança!

De repente, alguém gritou um insulto na estação. Depois outro, e então era audível a guarda vociferando. Como ninguém respondeu sua pergunta, Andrey Andreyevich voltou para seu escritório. Pouco depois, ouviram o som fraco de um

gargalo contra um copo. Como se tivesse esperado o comandante deixar a sala de

espera, a luz vermelha de um dos telefones que estavam em cima da mesa a ordenança

começou a piscar. Era o telefone com o nome Tulskeya escrito. Homero hesitou por

um, dois segundos, em seguida aproximou-se da mesa e respirou fundo.

– Dobry ninskaya falando!

\*\*\*

– O que eu devo dizer? – Artyom olhou confuso para o comandante.

Mas ele estava inconsciente. Os olhos vidrados, como se sobre eles tivera descido uma cortina, rolaram para cima diversas vezes, sem fixarem-se em nada. De

vez em quando ele tossia, sacudindo todo o corpo. A baioneta perfurou seu pulmão.

– Ainda estão vivos? – Ele gritou para o receptor. – Os infectados fugiram!

Neste momento, ele entendeu que ninguém ali sabia o que acontecia em

Tulskeya. Ele precisava explicar o que estava acontecendo desde o começo. Da plataforma, era possível ouvir os gritos de uma mulher, seguidos pelos tiros de uma

metralhadora. Os sons passaram pela abertura da porta, não era possível escapar

deles.

Alguém do outro lado da linha perguntou alguma coisa, mas ele não conseguiu realmente entender.

– Precisam barricar as saídas! – Artyom disse apressadamente. – Atire neles. E mantenha sua distância!

Mas eles não sabiam como os doentes pareciam. Como ele os descreveria?

Criaturas inchadas, rebentadas e fedorentas? Os que acabaram de ser infectados pareciam totalmente normais.

– Atire em todos eles! – Ele disse mecanicamente.

Mas e quando ele mesmo tentasse deixar a estação? Atirariam contra ele também? Ele proferira sua própria sentença de morte? Não, ele não sairia mais. Todos

estavam contaminados. Artyom sentiu-se completamente sozinho.

– Não desligue. – Ele implorou.

Artyom não sabia sobre o que deveria falar com o homem desconhecido no fim da outra linha. Ele com suas tentativas desesperadas de tentar contactá-los, disse que

temia que não houvesse mais nenhuma estação viva no metrô. Ele pensou que telefonava para um futuro onde ninguém sobrevivera. Tudo isso ele contou para o

estranho. Ele não temia mais envergonhar a si mesmo. Ele não temia mais nada. O mais

importante é que ele falava com alguém.

– Popov! – De repente ele ouviu a voz rouca do comandante atrás dele. –

Conseguiu contactar o posto do norte? O portão... está fechado?

Artyom virou-se e balançou a cabeça.

– Idiota! – O comandante cuspiu sangue. – Não serve para nada... Escute. Sobre nós existe um rio subterrâneo. Eu posicionei algo ali... Quando explodirmos, toda esta

estação será inundada. O botão está aqui, na sala das comunicações. Mas você precisa

fechar o portão norte, e verificar se o portão sul ainda está fechado. A estação não pode

ter um único vazamento, entendeu? Não vou afogar o metrô inteiro. E quando tudo

estiver feito, me informe... A conexão com o posto da guarda ainda funciona?

– Sim. – Artyom confirmou com a cabeça.

– E tente sair a tempo. – O comandante tentou sorrir um sorriso torturado, mas tossiu outra vez. – Não seria justo de outro modo...

– E o que será de você? Ficar aqui?

O comandante enrugou a testa.

– Reconponha-se, Popov! Cada um de nós nasceu com um destino. O meu é afogar estes porcos. O seu é fechar a escotilha e morrer de velhice. Entendido?

– Sim, senhor!

– Então seja rápido.

\*\*\*

O telefone estava silencioso outra vez. Os deuses da telefonia precisavam agradecer a Homero por entender a maior parte das palavras do soldado em Tulskaia.

Ele não ouviu as últimas sentenças, mas entendeu a maior parte delas, antes de a

conexão parar de funcionar. O velho olhou para cima. Sobre ele estava a imensa barriga

de Andrey Andreyevich. Sob as axilas de seu uniforme azul, Homero viu manchas

escuras, e suas mãos tremiam.

– O que está acontecendo por lá? – Ele disse inexpressivo.

– A situação está fora de controle. – Homero engoliu em seco. – Mande todos os homens disponíveis para Serpukhovskaya.

– Não posso fazer isso. – Andrey Andreyevich retirou sua pistola Makarov do bolso. – Estão em pânico aqui. As poucas pessoas em quem posso confiar estão reunidos na entrada da linha anel, para que ninguém fuja para cá.

– Você pode acalmá-los. Nós temos... Você pode curar a febre. Através da radiação. Diga à eles...

– Radiação? – O comandante fez uma careta. – E você acredita nisso? Claro.

Dou minha permissão! – Ele saudou jocosamente, fechou a porta ruidosamente atrás

dele, e trancou seu escritório.

E agora? Homero, Leonid e Sasha não poderiam sequer correr dali. Falando nisso, onde eles estavam? Parecia que eles haviam fugido! Homero correu pela passagem, apertando o coração acelerado com uma mão. Ele correu para a plataforma

e gritou por seus nomes. Eles desapareceram.

Em Dobryninskaya, o caos reinava. Mulheres, crianças e homens com sacos enormes bloqueavam as saídas. Atrás das tendas derrubadas, rondavam alguns indivíduos suspeitos, mas ninguém prestava atenção neles. Homero vira isso

antes:

começaria com um soldado chutando alguém que pisara em seu pé, e no fim eles

atirariam em pessoas desarmadas.

De repente, um lamento chegou através do túnel. O barulho e os gritos

silenciaram; em seu lugar, surgiram exclamações de surpresa. Novamente pode-se

ouvir o som estridente, como centenas de trombetas das legiões romanas que vagaram

por séculos e finalmente chegaram em Dobryninskaya...

Rapidamente, o soldado empurrou as barricadas para fora do túnel, porque algo

massivo aproximava-se. Um batalhão de armaduras. Na frente dos crânios pesados,

foram montadas placas de aço, com apenas uma pequena fenda nelas. Em suas costas

estavam metralhadoras pesadas. Nem mesmo Homero já havia visto algo tão

monstruoso. Ídolos sem rostos estavam em suas armaduras, negras como corvos. Eles

usavam trajes de corpo inteiro, feitos de fibra Kevlar, máscaras de gás, e mochilas

militares de um tipo desconhecido.

Eles não pareciam pertencer a este lugar e tempo, ou a este mundo. O batalhão

parou. Os recém-chegados fortemente armados na plataforma não se preocuparam com

a multidão, e formaram três fileiras, uma ao lado da outra. Então viraram-se como se

fossem um só homem, e pisaram no túnel da Serpukhovskaya como uma máquina

trovejante. Sua marcha poderosa soava acima das conversas dos adultos e dos gritos

das crianças.

Homero correu atrás deles e tentou identificar Hunter entre as dezenas de soldados. Mas todos possuíam a constituição larga, e os trajes moldavam seus ombros,

como se fossem feitos especialmente para eles. Todos possuíam a mesma arma terrível:

lança-chamas e fuzis Vintorez franco-atiradores com silenciadores. Sem insígnias, sem

emblemas. Talvez Hunter estivesse entre os três homens da primeira linha?

Homero passou pelo grupo, acenou com a mão e olhou pelos visores das máscaras de gás. Mas ele recebeu apenas o mesmo olhar inflexível de descaso. Nenhum

deles reagiu, ninguém conhecia Homero. Seria Hunter um deles? Precisava ser! Ele

precisava aparecer!

Homero não conseguiu encontrar Sasha ou Leonid em seu caminho pelo túnel.

Teria seu juízo ganhado, e o músico levou a garota para um lugar seguro?

Esperançosamente, eles estariam em segurança até o banho de sangue terminar. Mais

tarde Homero tentaria barganhar uma solução com Andrey Andreyevich, se o gordo

não tivesse colocado uma bala entre seus próprios olhos até lá.

Como a batida de um martelo, a formação caminhou através da multidão e

marchou a uma velocidade surpreendente. Ninguém se atreveu a entrar em seu



caminho, e mesmo os guardas da fronteira de Hanza recuaram em silêncio.  
Homero

decidiu seguir o batalhão; ele precisava certificar-se que Sasha não tentaria nada.

Nenhum dos soldados o enxotou. Para eles, o velho era como um cão que corria atrás de uma dresina. Quando entraram no túnel, as três fileiras ligaram suas lanternas

e iluminaram a escuridão à frente. Suas luzes eram tão brilhantes como mil velas.

Homero não conseguia parar de pensar que os corpos destes humanos eram como ferro,

mas suas almas estavam mortas há muito tempo. À frente dele, estava uma máquina

assassina perfeita; suas partes não possuíam qualquer vontade própria. Apenas um

deles, que não distinguia-se do restante, sabia o que aconteceria: quando ele comandasse fogo! o restante iria incinerar o caminho até Tulskeya, e as outras estações.

Pelo menos não foram pelo túnel com o trem dos cristãos. Aquelas pessoas desafortunadas ainda podiam esperar até a chama eterna buscá-las. Primeiro seria

Tulskeya, depois...

De repente, como se eles reagissem a um sinal invisível, o batalhão diminuiu a velocidade. Um minuto depois, Homero entendeu por que: eles estavam aproximando-

se da estação, e era possível ouvir os gritos à distância. Então algo surpreendente chegou aos ouvidos do velho, que o fez questionar a própria sanidade: uma melodia

sublime.

\*\*\*

Homero escutou como sob um feitiço. Ele não ouvia nada além da voz que saía do receptor, e de repente Sasha soube que era o melhor momento para partir.

Ela deslizou para fora da antessala esperou Leonid e arrastou-o com ela.

Primeiramente, para o túnel da Serpukhovskaya, em seguida o túnel que os levaria onde

precisavam da ajuda deles. Onde poderiam salvar vidas. Também, o túnel que levaria

até Hunter.

– Não está com medo? – Sasha perguntou a Leonid.

Ele sorriu.

– Sim. Mas tenho a impressão de que finalmente estou fazendo algo importante.

– Não precisa vir comigo. A morte pode estar à nossa espera. Podemos também ficar aqui e ir para outro lugar.

– Ninguém sabe o que o futuro aguarda. – Leonid respondeu com o indicador levantado e as bochechas infladas zombeteiramente.

– E eu pensei que nós mesmos decidíamos o futuro.

– Ah, pare com isso. – Leonid sorriu ironicamente. – Somos apenas ratos em um labirinto. Há pequenas portas que os pesquisadores abrem e fecham para nós. A porta

de Sportivnaya está fechada e você pode arranhá-la o quanto quiser, não abrirá por

nada neste mundo. E atrás da porta está uma armadilha, e você cai nela, mesmo que já

esperasse por isso. Porque não existe outro caminho. Você tem apenas uma

escolha:

continuar em frente ou morrer em protesto.

Sasha enrugou a testa.

– Não sente raiva por viver desta maneira?

– Não, o que me dá raiva é minha espinha. Não consigo levantar a cabeça o suficiente para ver a face de quem faz o experimento.

– Não há experimento. Se necessário, os ratos podem roer o concreto.

Leonid começou a rir.

– Você é uma rebelde. Eu sou um oportunista.

Sasha balançou a cabeça, negando.

– Não é verdade. Você também acredita que pode mudar as pessoas.

– Gostaria de acreditar nisso.

Sasha passou pelo posto, que aparentemente fora abandonado às pressas. Na fogueira ainda ardiam algumas brasas, e ao lado dela, velhas revistas caindo aos pedaços de mulheres nuas estavam jogadas. Na parede, um estandarte esfarrapado

estava abandonado.

Cerca de dez minutos depois, encontraram o primeiro corpo. Era difícil reconhecer nele um ser humano. Os braços e pernas estavam esticados, tão inchados

que as roupas caíram. Sua face era mais horrenda que de qualquer monstro que Sasha

já vira.

– Tenha cuidado! – Leonid a empurrou para longe do cadáver. – Este é

contagioso.

– E daí? Existe cura. Onde estamos indo será ainda mais contagioso.

De repente eles ouviram tiros e gritos distantes.

– Chegamos bem a tempo – disse Leonid. – Parece que eles não querem mais esperar seu amigo...

Sasha encarou-o assustada, mas em seguida respondeu.

– Não importa! Precisamos apenas dizer à eles. Eles pensam que estão todos sentenciados à morte. Precisamos dar à eles esperança!

O portão de segurança da estação estava completamente aberto. Outro cadáver estava estendido, com o rosto virado para o chão, mas pelo menos sua aparência era

humana. Ao seu lado estava uma caixa de metal que chiava, como se o rádio tentasse

acordar o guarda morto.

No final do túnel, alguns homens abrigaram-se apressadamente atrás de alguns sacos de areia. Um homem com uma pesada metralhadora, e alguns soldados com fuzis.

Não havia outra barreira.

Em frente à eles, as paredes estreitas do túnel terminavam na plataforma de

Tulskaya, onde começava uma terrível multidão agitada que encarava os guardas. Eram

infectados e sãos, monstros horríveis misturados com silhuetas humanas, alguns com

lanternas e outros que não mais precisavam de luz.

Os soldados à frente deles defendiam o túnel. Suas balas acabavam e os tiros

soavam cada vez mais esparsos. A multidão aproximava-se cada vez mais. Um dos

soldados virou-se para Sasha.

– Vocês são o reforço? Rapazes, eles conseguiram contatar Dobryninskaya! O reforço está aqui!

Também o monstro de muitas cabeças reagiu, e adiantou-se preocupado.

– Pessoas! – Sasha gritou. – Existe uma cura! Nós a encontramos! Vocês não vão morrer! Paciência! Apenas um pouco de paciência!

Mas a multidão sufocou suas palavras, gritando insatisfeita, e adiantou-se. A metralhadora atirou outra salva colérica, e alguns caíram no chão, gemendo, enquanto

outros responderam com alguns tiros. Sem deter-se, a massa moveu-se para frente,

pronta para pisotear tudo em seu caminho, guardas, e Sasha, e Leonid também.

Então algo aconteceu. Primeiro hesitante, depois com mais autoconfiança, o som da flauta flutuou através do túnel. Nada parecia mais impróprio, até mesmo estúpido,

mas a multidão grunhiu, surpresa em um primeiro momento, em seguida movendo-se

debochando. Mas Leonid não importou-se. Provavelmente não tocava para eles, mas

para si mesmo. Era a mesma melodia que enfeitiçara Sasha e atraíra dezenas de ouvintes.

Pensando bem, era um método inoportuno de parar o motim. Talvez fosse apenas a tocante inocência deste ato desesperado, e não a mágica da flauta, que desacelerou a

marcha da multidão. Ou talvez o músico fora capaz de fazer aqueles que os rodeavam,

que estavam prontos para despedaçá-los, lembrarem de algo. Algo que...

Os tiros pararam e Leonid andou para frente sem retirar a flauta dos lábios. Ele agia como se aquela fosse sua plateia habitual, que aplaudiriam a qualquer momentos

e atirariam suas balas para ele. Por uma fração de segundo, Sasha pensou que entre os

expectadores estava seu pai, que sorria suavemente. Ele havia esperado por ela... Ela

pensou sobre o que Leonid havia dito: esta melodia era capaz de levar embora a dor.

\*\*\*

Atrás da porta hermética, começou a ressoar repentinamente. Realmente cedo demais. Teria a equipe de busca atravessado mais rápido que o esperado? A situação

em Tulskeya não era tão complexa? Talvez os ocupantes abandonaram a estação sem

abrir as portas?

A tropa espalhou-se e os soldados protegeram-se atrás dos segmentos do túnel.

Apenas quatro homens permaneceram ao lado de Denis Mikhailovich diretamente em

frente ao portão. Todos prepararam seus rifles. Chegara a hora. Logo a porta seria

aberta e após alguns minutos, os quarenta homens armados da Sevastopolskaya entrariam na Tulskeya, quebrariam qualquer resistência e ocupariam a estação em

poucos momentos. Havia sido mais fácil do que o coronel pensara.

Denis Mikhailovich respirou fundo para ordenar que seus homens colocassem as máscaras de gás.

Mas não chegou a fazê-lo.

\*\*\*

O grupo reformulou-se e espalhou-se, de modo que seis homens criaram uma fileira e preencheram a largura total do túnel. A linha de frente segurou seus lança-

chamas à frente deles, a segunda enfileirou os fuzis. Como uma lava negra, eles seguiram em frente, gradual e incontrolável.

Homero olhou através das costas largas dos homens. Na luz branca de suas lanternas, ele podia ver o cenário todo: o punhado de soldados que ainda manejava a

estação e duas silhuetas menores, Sasha e Leonid, e a horda de criaturas terríveis que

aproximavam-se deles. Ele encarou horrorizado.

Leonid ainda tocava. Esplêndido. Inacreditável. Encorajado como nunca. A

terrível horda absorvia a música, e os defensores do túnel levantaram-se para olhá-lo

melhor. Sua melodia dividia as duas facções inimigas como se uma parede invisível

estivesse entre eles. Era a única coisa, a melodia, que os impedira de correr uns para os

outros em uma última luta mortal.

– Pronto!

A ordem veio de alguém no grupo negro. Mas de quem? A primeira fileira

ajoelhou-se imediatamente, e a segunda mirou por cima dela.

– Sasha! – gritou Homero.

A garota virou-se, fechou um pouco os olhos e estendeu a mão à frente deles, porque estava olhando para um oceano de lanternas.

A multidão grunhiu e gemeu sob os raios resplandecentes. Eles aproximavam-se mais e mais.

Os soldados permaneceram imóveis.

Sasha estava em pé quase à frente da formação negra.

– Onde você está? – Ela gritou. – Preciso falar com você. Por favor!

Ninguém respondeu.

– Encontramos uma cura! Podemos curar a doença! Não é preciso matar ninguém!

A legião escura permaneceu em silêncio.

– Eu imploro! Sei que não quer fazer isso. Apenas quer salvá-los... e salvar a si mesmo...

Subitamente, de uma das fileiras de soldados, ouviu-se uma voz rouca;

– Vá embora. Não quero matar você.

– Não precisa matar ninguém! Existe uma cura! – Sasha repetiu desesperada, e andou de um lado para outro, de um mascarado para outro. Buscando aquele que ouviria.

– Não existe cura.

– A radiação! Radiação ajuda contra ela!

– Não acredito em você!



– Por favor!

– A estação precisa ser descontaminada.

– Você não quer que algo mude? Por que está repetindo o que já fez? Com os mutantes! Por que não procura por redenção?

Os soldados permaneceram em silêncio. As massas chegaram mais perto.

– Sasha! – Homero gritou suplicante, mas ela não o ouviu.

Finalmente as palavras bramiram.

– Nada nunca mudará. Não restou ninguém para me perdoar. Eu levantei a mão contra... contra... Eu fui punido.

– Está tudo dentro de você! Você pode se libertar! Pode provar! Não vê? É um espelho! Um reflexo do que fez há um ano! Mas agora pode fazer diferente... você

pode ouvir... Dê à eles uma chance e mereça a sua!

– Precisamos exterminar o monstro. – A formação inteira disse em uníssono.

– Não pode fazer isso! Está em mim, o monstro dorme em todos nós! É parte do corpo, da alma. E quando acorda, não é possível matá-lo, ou cortá-lo fora! Pode-se

apenas fazê-lo descansar, e embalá-lo de volta ao sono...

Neste momento, um soldado jovem e sujo passou pela multidão, espremeu-se pelas fileiras negras imóveis, passou pela porta hermética, agarrou o microfone do

comunicador, alojado na caixa de ferro, e começou a falar algo. Imediatamente, um

silenciador foi ouvido, e ele colapsou no chão. A multidão sentiu o cheiro do sangue,

e uivou raivosamente.

Outra vez o músico começou a tocar seu instrumento, mas imediatamente a mágica desaparecera. Um tiro foi disparado, e a flauta caiu de suas mãos quando ele

foi atingido.

As bocas dos lança-chamas dispararam fogo.

Sasha correu até Leonid, sem preocupar-se com a multidão. A falange agora era formada apenas por canos de incontáveis armas. Eles deram um passo pra frente.

– Não! – Ela gritou. Ela levantou-se sozinha contra centenas de criaturas terríveis... contra uma legião de assassinos... contra o mundo inteiro. – Eu quero um

milagre!

Subitamente, um trovão soou distante. A tumba chacoalhou-se; a multidão estremeceu e mesmo a formação de soldados recuaram. Finos córregos começaram a

fluir do chão, do teto caíram as primeiras gotas, cada vez mais alto o rio corria em

direção às pessoas...

– Uma inundação! – Gritou uma voz.

Os soldados retiraram-se apressadamente para o portão hermético. Homero correu com eles, mas enquanto olhava, Sasha permaneceu parada. Ela colocou as mãos

e o rosto embaixo da água que caía sobre ela, e riu.

– É chuva, – ela gritou. Vai lavar tudo e deixar limpo! Podemos recomeçar!

O batalhão negro estava parado atrás do portão. Homero quase não conseguiu

chegar à tempo, pois alguns soldados espremiam-se contra o portão para fechar Tulskeya e segurar a água – a porta começou a ceder devagar. Ao dar-se conta, Homero

começou a correr para pegar Sasha, que estava parada no meio da estação, mas alguém

o segurou e o atirou ao chão.

Em seguida, um dos soldados pulou para a porta, colocou a mão pela abertura que estreitava-se, enquanto gritava para a garota:

– Aqui! Preciso de você!

A água já estava em seus joelhos. O cabelo loiro de Sasha desapareceu debaixo da água.

O soldado retraiu a mão e a porta fechou-se.

\*\*\*

A porta não abriu. O túnel chacoalhava, e do outro lado o eco de uma explosão bombardeou a chapa de metal. Em seguida distanciou-se novamente.

Denis Mikhailovich colocou o ouvido na porta, ouviu por um momento e olhou cautelosamente para o teto molhado.

– Vamos regressar! – Ele ordenou. – Já está terminado.

## **Epílogo**

Homero suspirou e virou a página. Havia apenas um pequeno espaço sobrando em seu livro, apenas algumas páginas. O que ele escreveria nele e o que ele estava

disposto a sacrificar? Ele colocou as mãos perto do fogo, para aquecer os dedos frios,

e para acalmá-los.

O velho pedira para ser transferido para o posto sul. Ali, a visão do túnel fazia-o trabalhar melhor que em casa, na Serpukhovskaya, entre todos os jornais mortos.

Mesmo que Yelena se esforçasse para deixá-lo em paz.

Homero olhou para cima. O brigadeiro estava sentado longe dos outros guardas, no limite extremo entre a luz e a escuridão. Por que ele escolhera a Sevastopolskaya,

de todas as estações?

Devia haver algo de especial sobre esta estação...

Hunter nunca contara o que aconteceu em Polyanka. Mas Homero sabia agora: não era uma profecia, mas um aviso.

Após uma semana, a água em Tulsкая lentamente recuou. O restante foi bombeado por bombas gigantes da linha anel, e Homero voluntariou-se imediatamente

com a equipe de reconhecimento da estação. Esta catástrofe clamara quase trezentas

vítimas. Enquanto Homero virava os corpos, ele não sentiu aversão. Ele não sentiu

nada. Ele procurava por ela, procurava por Sasha de novo e de novo...

Após isso, ele sentou-se no mesmo lugar por um longo tempo, onde ele vira a garota pela última vez. Onde ele hesitara, ao invés de lutar, de correr para ela. Para

resgatá-la ou morrer com ela.

Uma corrente interminável de doentes e sãos vagaram por ele, em direção à Sevastopolskaya e para o túnel curador da linha Kakhovskaya. O músico não mentira:

a radiação realmente impedia a doença.

E quem sabe, talvez ele não mentira em nenhum momento.

Talvez a cidade das esmeraldas existisse em algum lugar, e só era necessário encontrar a entrada. Talvez ele tenha ficado bastante tempo em frente à ela e simplesmente não mereceu sua entrada.

Agora ele nunca mais saberia até a “água recuar”.

Mas a cidade das esmeraldas não era uma arca; a verdadeira arca era o próprio metrô. O último refúgio que protegera tanto Noé quanto Sem e Cam de águas escuras

e turbulentas, também protegera tanto o justo quanto o ímpio e o indiferente. Um casal

de cada espécie animal. De todos aqueles com contas pendentes: ambos os credores e

devedores.

Eles eram muitos. Aparentemente, nem todos poderiam estar em sua novela. O caderno do velho não tinha mais páginas em branco restantes, Não era uma arca, mas

um pequeno pedaço de papel; não seria capaz de levar todos os humanos a bordo. Mas

ainda assim, Homero sentiu que ele conseguira, com linhas cuidadosas, trazer algo

importante para aquelas páginas.

Não sobre aqueles humanos. Mas sobre todos os humanos.

As memórias de todos que partiram antes de nós não desapareceriam, ele pensou.

Nosso mundo é tecido pelas das ações e pensamentos das outras pessoas: somos feitos

de incontáveis peças de mosaicos, que herdamos de milhares de nossos antepassados.

Todos eles deixaram seu rastro, uma pequena parte de sua alma em cada um de seus

descendentes. Somente era necessário olhar de perto.

Mesmo o barquinho de Homero, feito de papel, pensamentos e memórias,

flutuaria por toda a eternidade no oceano do tempo, até alguém pegá-lo outra vez,

observasse e percebesse que a humanidade nunca mudara, que permaneceria fiel a si

mesmo até o fim do mundo. O fogo divino que uma vez recebemos, lutava contra o

vento, e sua chama não extinguiria jamais. Os gols de Homero foram contabilizados.

Ele fechou os olhos e encontrou-se na estação resplandecente, inundada de luz.

Nas plataformas com milhares de pessoas. Elas usavam roupas elegantes, como aquelas

dos tempos em que ninguém o chamava de Homero. Mas, desta vez, entre elas estavam

também as pessoas que viviam no metrô. Nenhuma multidão foi surpreendida pela

presença da outra. Algo conectava todos eles...

Eles esperavam e olhavam preocupados para o túnel escuro.

E de repente Homero reconheceu suas faces. Eram sua esposa e seus filhos, seus

colegas, amigos de escola, seus vizinhos, melhores amigos, até Achmed, seus atores

favoritos... Todos que ele lembrava-se estavam ali.

E então, o túnel acendeu-se com a luz do trem silencioso entrando na estação,

com janelas acesas, paredes polidas e rodas lubrificadas. A cabine do operador estava

vazia, com apenas um uniforme novo e uma camisa branca pendurados nela.

Este é meu uniforme, pensou Homero. E meu lugar.

Ele entrou na cabine, abriu as portas dos vagões e deu o sinal. A multidão

empurrou-se para dentro do trem, e tomaram seus lugares. Sorriam calmamente. E

Homero sorria também. Ele sabia: quando escrevesse o último ponto de seu livro, do

papel este trem cintilante lotado de pessoas felizes deixaria a Sevastopolskaya, em

direção à eternidade.

Subitamente algo o retirou de seu sonho mágico. Não longe de onde estava,

ouviu um som rouco, quase antinatural. Ele piscou e alcançou seu rifle... Era o

brigadeiro que produzia o som. Homero levantou-se e hesitou em ir até o brigadeiro,

mas ele murmurou outra vez, desta vez um pouco mais alto... e outra vez.. um pouco

mais baixo. Homero ouviu e imediatamente começou a tremer. Ele não acreditava em

seus ouvidos. Roucamente, falhando, o brigadeiro tentava encontrar a melodia. Ele

parou, voltou ao começo e repetiu pacientemente até acertar. Ele cantou quase

silencioso, como uma música para embalar o sono, uma canção de ninar. Era a canção

sem nome de Leonid.

Homero não encontrou o corpo de Sasha em Tulskeya.

O que mais encontrava-se adiante?